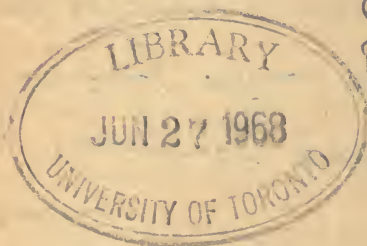
LOURENÇO RODRIGUES

ANEDOTAS
E
EPISÓDIOS DA VIDA
DE
PESSOAS CÉLEBRES

Ao meu querido amigo Amadeu do Vale
a quem devo toneladas de
obrigações

O autor
Lourenço Rodrigues

Junho 196[illegible]

LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO
14, RUA DE BARROS QUEIRÓS, 18 LISBOA

INTRODUÇÃO

Parece-nos que este livro vem na hora própria. O mundo, espicaçado pelo sencionalismo jornalístico, espiolhou as intimidades das pessoas que foram consagradas na Arte ou na Política.

E o público devora com apetite, as frívolas informações sobre as estravagâncias de Mussolini ou a inconstância de Rita Hayort.

Graças à amabilidade de um editor, aparecem agora reunidas em volume, quatrocentas ou quinhentas anedotas de pessoas célebres. E embora as perturbações no nosso planeta, aumentem e se multipliquem nas cinco partes do mundo, o relógio ainda marca uns minutos de frivolidade para se tomar conhecimento dos menús de Churchill, das liberalidades do Conde de Farrobo, das bizarrias da Princesa Margarida ou da volubilidade da nossa Ângela Pinto.

Os editores, especialmente os americanos, não descansam na gulosa tarefa de fornecer aos seus leitores, livros e livros de Memórias.

E a verdade é que, mercê de inconfidências, discretas ou indiscretas, não nos custa a acreditar que haja fans *que saibam, por exemplo, quantas pestanas tem a Marylin Monroe ou se o actor Bob Hop, sofre dos calos ...*

Claro que não vai tão longe, a bisbilhotice deste livro. Graças a uma paciente investigação feita em ilustrações

nacionais ou estrangeiras, o coordenador teve ensejo de oferecer aos espíritos ávidos de novidades, este despretencioso hors-d'œuvre. *Que ele abra o apetite de quem o ler para obras de maior fôlego.*

Por hoje, contentamo-nos em saber que o grande Eça de Queirós usava bentinhos ao pescoço e que o autêntico Charlot, concorrendo uma vez clandestinamente a um concurso de Charlots para se decidir qual se aproximava mais do verdadeiro, ficou classificado em quarto lugar...

O AUTOR

I PARTE

PERSONALIDADES PORTUGUESAS

Adelina Abranches

Adelina foi uma das últimas grandes desaparecidas do Teatro Português. No drama, na comédia, na revista, as suas criações ficaram célebres. Aos 4 anos de idade, começou a pisar o palco, para só o abandonar com a morte.

Embora sem grande cultura, a sua convivência com os «grandes» da época, deu-lhe uma personalidade e um convívio apetecido. Vicente Arnoso, Afonso Lopes Vieira, Aníbal Soares e tantos outros foram da sua intimidade. Marcelino Mesquita escreveu para ela *A Anedota*, ainda hoje prato forte dos clubes recreativos.

O talento de D. João da Câmara, ergueu para a genial actriz a sua imortal *Rosa Engeitada*. As suas criações, desde o irrequieto *Gaiato de Lisboa* até à pitoresca peixeira da Nazaré, no *Tá-Mar*, de Alfredo Cortês, constituem uma galeria infindável, como intermináveis são os episódios curiosos da sua longa vida.

Há ainda quem se recorde daquele que vamos contar. Há uns dezasseis anos, Adelina fora contratada para o Apolo, teatro da sua especial predilecção. A artista morava então em Palhavã. Como estávamos em plena guerra (1940), a gasolina começava a escassear.

Chegaram a pedir-lhe cem escudos para a levar de *táxi* a Palhavã! Adelina teve, então, uma ideia luminosa. Na estrada das Laranjeiras havia um homenzinho que tinha uma carrocita e um burro. E por 15 escudos, Adelina iria todas as noites do Apolo para casa na incómoda carrocinha ...

Lisboa teve conhecimento do caso. E ela conta: «O povinho todo queria mostrar-me o seu carinho e o seu interesse pela minha viagem. Quando partimos, eu, o homem e o burro, até tive palmas! Desde essa noite, nunca mais deixei de ver uma multidão à espera da minha entrada na carroça. Aos sábados e domingos, até metia polícia, porque o trânsito ficava impedido ...».

E a simpática Adelina, de quem Eça de Queirós, ao vê-la na *Rosa Engeitada* perguntara ao conde de Arnoso: «Quem é esta pequena grande actriz que ninguém conhece?», nunca mais teve outro transporte para a levar e trazer do seu velho *Príncipe Real* que o camartelo camarário demoliu, sacrificando-o às exigências da Lisboa moderna.

*

Uma noite, em Gouveia, representava-se o *Amor de Perdição*. A certa altura, devia ser trazido para cena um tacho onde Simão Botelho tinha de comer um caldo, segundo a rubrica da peça.

E quando Adelina esperava receber o tacho das mãos do contra-regra, aparecem-lhe os braços de um bombeiro, com um caldeirão incrível, dizendo: «Eu trago-o, porque isto pesa muito».

Adelina ficou desconcertada e mais ainda quando o actor Carlos Santos lhe perguntou em voz baixa: «Isto é para eu tomar banho?».

A actriz começou a rir perdidamente, e o público mimoseou-a com uma formidável pateada. Mas o prestígio de Adelina era enorme. Pediu licença ao público para lhe explicar o imprevisto da cena. E o público, entre grandes gargalhadas, fez-lhe uma estrepitosa ovação.

*

Adelina tinha o pavor de entrar em peças onde estivessem animais vivos. E tinha razão, pelo episódio que passo a contar.

No Teatro da Trindade representava-se uma peça de um escritor conhecido. Em cena, numa gaiola, um pintassilgo vivo e irrequieto. Havia um diálogo rápido entre marido e mulher. Perguntas e respostas. Pois no final de cada pergunta da mulher, antes que o marido respondesse, o pintassilgo aconselhava da gaiola: Pio! Pio! A terceira vez que o inconveniente passarinho deu a sua opinião, o público principiou a rir, e a cena dramática foi-se pelo buraco do ponto!

*

Nos princípios do regime republicano, Adelina afirmou em conversa a sua fidelidade ao regime deposto.

Os ânimos andavam exaltados. No Porto, receberam-na friamente e no dia seguinte à estreia da companhia, uma comissão de republicanos esturrados procurou-a no hotel, dizendo-lhe um deles, de má catadura: «A senhora tem de sair imediatamente daqui. De *talassas*, estamos nós fartos».

Adelina retorquiu: «Mas que mal faço eu à República? Não conspiro ... não escrevo nos jornais, só represento, bem ou mal, os papéis que me distribuem ...».

Mas o defensor do regime novo não desarmava, ripostando: «A senhora é tão *talassa*, que até os rótulos das suas malas de viagem são azuis e brancos!».

Claro que estes exageros amorteceram. O próprio Dr. Afonso Costa, então Presidente do Conselho e admirador da actriz lhe disse um dia ao felicitá-la no seu camarim:

— «Queremos esse grande coração para a nossa República, Adelina».

Ela fiel às suas ideias respondeu-lhe a sorrir: «Não será fácil, doutor, meti-o na malinha do D. Manuel, e lá seguiu com Sua Majestade a caminho do exílio ...».

Era assim Adelina Abranches. Há artigos que se terminam com mágoa. Este, é um deles. Quantas coisas interessantes ficam por contar, da vida acidentada daquela que foi uma glória da cena portuguesa!

D. Afonso

D. Afonso, condestável do Reino, irmão do penúltimo rei de Portugal, mesmo no período agitado que levou à implantação da República, nunca teve ódios de ninguém. O povo sorria ao vê-lo passar. Tinha uma expressão calma, um bigode farto e uma boa disposição que o popularizava. Automobilista *enragé*, chamavam-lhe *o Arreda*, alcunha pouco própria para uma pessoa real, mas nada ofensiva pela sua origem.

O seu automóvel, por vezes abusando das prerrogativas, excedia a velocidade normal da cidade. O transeunte afastava-se, menos ao toque da busina, que à sacramental frase do duque do Porto:

«Arreda!».

E não consta que atropelasse ninguém. Alguns toques sem importância, mas desastre mortal nenhum.

*

Em pequeno, eram constantes as birras com o irmão mais velho que nascera dois anos antes e acabara tràgicamente, vítima do atentado de 1908.

A mãe, rainha D. Maria Pia, aturava aos dois os seus alvoroços de crianças. No íntimo, eram bastante amigos, mas o pequeno Carlos, quando queria impôr a sua autoridade, dizia ao irmão: «Olha que eu hei-de ser rei, e tu não!».

Logo o mano Afonso, lhe respondia, por pirraça: «Tu não chegas a governar! Vem a República ...».

Havia correrias nos corredores do Paço, e a esposa de D. Luís achava graça a ambos.

*

Já homem, tinha a paixão do Monte Estoril. D. Maria Pia possuia lá uma vivenda que ele adorava. Simples, de camisola azul, casaco e calça da mesma cor, assim andava, da manhã à noite. Tratava todos por tu, como o irmão, e os barqueiros olhavam com grande sim-

patia o simpático infante que não era de grandes falas. À noite, tocava guitarra, na companhia de alguns amigos. Dizem que João Franco, quando lhe contaram esta predilecção do condestável, sorrira e comentara, bonacheirão: «Aí está uma prenda que eu invejo ao D. Afonso ...».

*

O Entrudo no Teatro de S. Carlos foi dos mais divertidos da época. Ali se juntava a nobreza, e D. Afonso pontificava nos torneios carnavalescos.

Certo dia, um governador-civil teve a infeliz ideia de proibir os habituais folguedos. Nada de brincadeiras de camarote para camarote, e abolidas as serpentinas.

Quando o infante entrou no seu camarote, ao ter conhecimento da proibição, sorriu e dispôs-se ao *combate* do costume. Mas, como não estavam à venda os saquinhos e as serpentinas, em virtude da ordem do governador-civil, mandou trazer do bufete do teatro toda a qualidade de pastéis que por lá existissem. De nata, de creme, de camarão, de carne, uma reserva monumental. E o tiroteio começou. As famílias nobres, dos camarotes, ao verem a desobediência do infante, entr garam-se à rebeldia. Chamado o governador-civil, correu furioso ao teatro, mas teve de desistir de qualquer procedimento. Limitou-se ao silêncio, e a batalha continuou mais *feroz* que nunca ...

*

Ainda voltando a D. Afonso petiz, uma tarde desceu numa bicicleta as escadas do Palácio Real da Ajuda e veio de escantilhão, ficando com uma enorme brecha na cabeça. A mãe, aflita, olhou para o irrequieto infante, cheio de sangue, e ele explicou à rainha:

— Jurei que havia de descer a escada nesta «caranguejola» e desci!

— Só doidos é que fazem isto! Podias morrer, ralhou D. Maria Pia.

Resposta do infante:

— E depois? Ia para S. Vicente de Fora, a toque de música, as armas em funeral, e salvas de artilharia, que tenho direito a elas!

Uma nota: Quem ensinou o pequeno D. Afonso e os outros infantes a andar de bicicleta foi Nobre Martins, mais tarde jornalista do *Diário de Lisboa.*

*

Um dia, em Mafra, disseram-lhe que havia um soldado no regimento, com bons ditos a propósito e a despropósito de tudo. Mandou-o chamar e travou-se o seguinte diálogo:

— Olha lá. Tu és de Mafra. Dizem-me que lá na terra, há raparigas bonitas.

— Saberá V. Ex.ª que sim, disse o soldado, piscando o olho ao infante. Só visto.

— Vê como falas, que estás em frente de Sua Alteza, lembrou um dos oficiais.

— Havemos de as ir ver, e tu vais connosco, observou D. Afonso divertidíssimo.

— Não há dúvida. E depois V. Ex.ª leva-me ao Paço, a ver as boas mulheres que também lá deve haver.

O capitão pensou em mandá-lo prender, ao que D. Afonso se opôs, dizendo:

— Não metam o rapaz no calabouço. Ele não é nada lorpa. Na verdade tem tanto direito de ver as damas que vão ao Paço, como eu de visitar as raparigas da terra dele.

*

Uma tarde procurou no Palácio das Necessidades, D. Carlos, que havia duas horas se encontrava em conferência com o Presidente do Conselho.

Espanto do infante:

— Duas horas? Então o rei tem paciência para estar duas horas a ouvir anedotas?

*

Tinha a paixão do sobrinho, o infeliz rei D. Manuel. Mais de uma vez, afirmou:

— Se o matarem, quero ser rei uma hora, mas nessa hora, hei-de mandar!

Veio do exílio, onde fez um casamento infeliz, para o Panteão de S. Vicente. Nessa ocasião, o bom povo de Lisboa prestou a última homenagem a quem sempre fora estimado pelos seus compatriotas, pela sua franqueza e pelo seu bom coração.

Afonso Costa

A República teve em Afonso Costa um dos seus mais vibrantes paladinos. António José de Almeida foi o tribuno romântico da revolução. Afonso Costa foi o lutatador audaz que, no Parlamento ou nos comícios de propaganda, disse tudo quanto quiz.

Proclamado o novo regime, teve a situação de destaque que os seus conhecimentos autorizavam. Admirado, odiado, não é a sua história política que vamos fazer, mas apenas relembrar alguns traços da sua figura.

*

Há um episódio quase inacreditável, mas de que foi testemunha visual o agente Pereira dos Santos que o relata nas suas memórias. Em pleno consulado de João Franco, quando era raro o dia em que um deputado republicano não desencadeasse, na Câmara dos Deputados, as suas iras contra o regime, a vigilância policial às vedetas da política era rigorosa.

Em 1907, Afonso Costa, como sempre, era o «ás» do ataque. O juiz Veiga ordenou a Pereira dos Santos

que não abandonasse a residência do ditador, que morava na Rua do Olival. Numa noite escura, um trém parou em frente da porta de João Franco. Calcule-se o espanto do agente, quando viu sair da carruagem o Dr. Afonso Costa!

Alarmado, avançou para o deter, receando qualquer conflito entre o deputado republicano e o chefe do Governo, quando viu, cada vez mais espantado, o próprio João Franco à porta, recebendo cortêsmente o Dr. Afonso Costa e dizer-lhe:

— Estava a ver que não vinha. Ia começar a jantar...

— Tive uma conferência com o António José. Desculpe-me ter vindo um pouco mais tarde...

E a porta voltou a fechar-se. Aqueles dois homens, que horas antes se tinham digladiado com a maior violência, estavam ali, em frente um do outro, com a maior cordialidade!

*

A audácia do chefe do Partido Democrático não conhecia limites. Mas, como pessoa inteligente, não soçobrava a uma boa resposta, por mais inesperada e violenta que fosse.

Uma tarde, em Guimarães, num julgamento em que ele era advogado, tentou brincar com uma testemunha, por sinal um cónego piadista, que não tinha papas na língua. Esgrimiam os dois com ironias várias, até que Afonso Costa, pretendendo embaraçá-lo, lhe disse a sorrir:

— A testemunha tem a habilidade de meter uma no cravo outra na ferradura ...

Resposta imediata do cónego:

— É que o Sr. doutor não está com o pé quieto ...

Afonso Costa achou graça e o tribunal riu com gosto.

*

Homem de resoluções inabaláveis, ninguém o convencia a fazer o contrário dos seus pensamentos. Num

dia de Novembro de 1606, em plena questão dos «adiantamentos», disse friamente a Lopes de Oliveira:

— Aqui só há uma coisa a fazer. São cinco horas. Amanhã a esta hora estou no Parlamento a insultar o rei.

E assim foi. Nessa tarde memorável, o fogoso deputado disse a frase que ficou arquivada nos anais da vida parlamentar do tempo:

— Por muito menos crimes que os cometidos por D. Carlos I, rolou no cadafalso, a cabeça de Luís XVI!

Junqueiro definia pitorescamente o autor da Lei da Separação, dizendo:

É uma epilepsia dentro de uma sorveteira ...

*

Houve uma altura da sua vida, em que ele, vivendo em Paris, era constantemente assediado pelos seus partidários, para voltar a Portugal, a fim de retomar as rédeas do Poder.

Afonso Costa era natural de Manteigas e, a propósito o Dr. Tito Arantes escreveu então uma quadra espirituosa onde o político, entristecido na hipótese de sair da França, dizia a Paris:

Suivez-moi dans mon village,
Je vous dirai *coisas meigas.*
La vie, lá bas, c'est fromage
Fromage *não*. C'este *Manteigas* ...

Alexandre Herculano

Esse rijo lutador que em vida se chamou Alexandre Herculano de Carvalho Araújo e que a morte arrebatou, quando muito ainda havia a esperar do seu talento (Herculano morreu com 68 anos), foi uma das glórias da sua geração.

As suas pugnas literárias ficaram célebres. Ramalho alfinetara-o nas *Farpas* e, quando um íntimo perguntara

a Herculano por que não lhe respondia, o historiador retorquiu, desdenhosamente: «Não atiro a pardais».

E Ramalho foi alguém na literatura nacional.

Há uma carta em que Herculano diz ao então director da Torre do Tombo: «Começaram a bombardear Castilho para o demolir. Agora, tratam de me demolir a mim. O pior é que eu não me chamo Castilho e este «osso» tem mais que roer ...

*

A sua casa da Ajuda, a que os íntimos chamavam «O Eremitério» era um cenáculo de intelectuais. Às 6 da manhã, Herculano estava a pé, tomando o seu pão saloio barrado de bela manteiga fresca.

O historiador não desdenhava a culinária, tal como Bulhão Pato, seu íntimo, e especialmente a doçaria. Atribuiram-lhe o segredo de preparar um compota dos botões das roseiras de todo o ano e ninguém como ele sabia conservar os figos.

*

Um dia confidenciou aos seus queridos amigos Rebelo da Silva e Bulhão Pato:

— Aqui onde me vêem, já cometi dois roubos! Foi no cerco do Porto. E um, com assassínio premeditado. Eu e três dos meus camaradas, estávamos cheios de fome. Entrámos numa propriedade de onde os habitantes tinham fugido. Lembrei-me de ir ao forno. Havia lá uma broa do tamanho da roda de uma azenha. Pois os nossos estômagos esfaimados, fizeram-na desaparecer.

De outra vez, fiz, uma batida nos arredores do sítio da luta e senti um ruido singular ...

— Gemidos de algum ferido, lembrou Rebelo da Silva.

— Não. Os grunhidos de um porco. E que soberbo cevado! Apontei a arma, os camaradas apareceram, um deles sangrou a vítima e esfolou-a num ápice. Depois, cada um assou o seu pedaço e nunca mais na minha vida, tornei a comer carne de porco que me soubesse tão bem!

*

Como já dissemos, Herculano era madrugador. Quando tinha visitas, ia aos quartos acordá-las com a sua cantilena favorita:

Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é tanto,
Seis o estudante,
Sete o viajante,
Oito o porco,
E nove o morto!

*

D. Pedro II, do Brasil, tinha pelo erudito escritor uma grande veneração. Em Portugal tentou visitá-lo. Herculano alarmou-se dizendo que tinha uma casa modesta demais para receber um Imperador. Mas este não desistiu da visita. Até que, esgotadas todas as evasivas, telegrafou à esposa nestes termos:

«Não pude convencer o homem. Vamos no comboio da manhã. Caleche na estação».

D. Pedro II almoçou em Vale de Lobos, onde esteve perto de três horas deliciado por ver o famoso autor do *Eurico*.

Mais tarde, já próximo do fim da sua existência atribulada, Herculano retribuiu a visita ao soberano.

*

E para terminar, outro episódio passado com o solitário de Vale de Lobos. Num Inverno rigoroso, as inundações torturaram a região de Santarém, como ainda hoje sucede.

Das inundações resultou a fome dos infelizes trabalhadores. E o caseiro escreveu para Lisboa, onde Herculano se encontrava acidentalmente, o seguinte cartão: «Patrão: os pobres assaltam os batatais e roubam as

batatas todas. Peço-lhe, quando vier, que me traga uma espingarda para os meter na ordem».

O autor do *Bobo* não demorou a resposta. E no dia seguinte, o caseiro, pasmado, lia este bilhete do patrão:

«Enquanto não levo a espingarda para os chumbar, manda amassar mais pão, para lhes matar a fome».

*

Era assim, o glorioso lisboeta que, em um dia de Primavera de 1810, viu a luz do dia na nossa cidade. Um biógrafo diz dele: «O maior vulto das Letras lusitanas do século XIX e talvez de todos os tempos, se exceptuarmos Camões.

Morreu estoicamente, mandando sair do quarto algumas serviçais que o acompanharam nos últimos momentos, dizendo, já com a morte na garganta: «Saiam daqui, porque mulheres não devem ver estes espectáculos».

Um gigante na Vida e na Morte.

Alfredo Keil

Já lá vão setenta anos. A 11 de Janeiro de 1890. Portugal era sacudido por uma nota agressiva de um Governo com quem tinha um tratado de aliança que já vem dos tempos do rei D. Fernando.

O sonho de um ministro de gabinete de Fontes Pereira de Melo (Barros Gomes), que pensara conseguir, com o chamado mapa cor-de-rosa, a união das nossas ricas províncias de Angola e de Moçambique, alarmou os ingleses.

Explorações de António Maria Cardoso, Serpa Pinto, Capelo e Ivens procuraram dar realidade àquela ilusão de diplomatas, mas o Governo Português foi forçado a ceder ante a reclamação britânica. A Inglaterra receava pelo futuro das suas colónias e Portugal tinha de curvar-se.

Entre nós, todo o País vibrou, mas apenas com resultados sentimentais. Os jornais não publicavam anúncios ingleses, nem os hotéis queriam receber hóspedes dessa nacionalidade. A estátua de Camões amanheceu coberta de crepes, muitos civis e militares devolveram as condecorações com que haviam sido agraciados pela Grã-Bretanha.

É, então, que aparece Henrique Lopes de Mendonça, de uma família de patriotas, futuro autor de obras que deram lustre ao teatro português. O poeta, que morava num último andar da Rua do Loreto, fervia em entusiasmo. No velho *Café Martinho*, Lopes de Mendonça discursava por vezes e chegou a fazê-lo em cima de uma mesa, aplaudido por patriotas irrequietos. Grande foi, portanto, a sua alegria quando, uma tarde, ele foi procurado por um descendente de prussianos, filho de um alfaiate elegante, muito conhecido em Lisboa e que havia de ficar ligado à nossa história: Alfredo Keil.

Trazia este uma música em compasso quartenário. Executou-a para Lopes de Mendonça. Era uma heróica marcha, uma espécie de hino arrebatador, capaz de fazer vibrar as multidões. O poeta ouviu-a e abraçou Alfredo Keil. Era a obra que se impunha para o momento doloroso por que Portugal estava passando.

Keil convidou Lopes de Mendonça a escrever os versos e, de novo, tocou aquela música, sempre com o mesmo fogo. Era preciso não deixar arrefecer o entusiasmo da população. *A Marselhesa*, o hino francês, inspirava os futuros autores de *A Portuguesa* e, o poeta, tirando a medida da música, começou a escrever os versos. Daí a dias, ao terminar a sua composição literária perguntou a Keil:

— «E, agora, que isto está pronto, que nome daremos à marcha?

E acrescentou:

— Como o nosso propósito, livre de qualquer espírito faccioso, consiste em juntar todos os portugueses

no ideal do levantamento da Pátria, não há título melhor que «*A Portuguesa*».

Keil deu novo abraço a Lopes de Mendonça.

Fizeram uma edição paga por ambos, que depois repetiram duas vezes. Ao todo, vinte e dois mil exemplares, o que prova o interesse com que foi recebido o novo hino.

Popularizou-se a marcha, e sempre que a peça de Lopes de Mendonça intitulada «*As cores da bandeira*», se representava com êxito no teatro da Rua dos Condes, *A Portuguesa* era ouvida de pé e aplaudida em delírio.

Pouco depois, *A Portuguesa* foi proíbida, porque o Governo Português achava que era um hino revolucionário. Na verdade, quando na revolta de 31 de Janeiro desse ano, a guarnição do Porto tentou proclamar a República, os revolucionários saíam dos quartéis cantando *A Portuguesa*.

Mais tarde, quando, em Outubro de 1910, a República foi de facto proclamada, o Ministro da Guerra determinou imediatamente que a marcha de Alfredo Keil e Lopes de Mendonça passasse a ser o Hino Nacional.

Na sessão de 19 de Junho de 1911, pouco mais de oito meses após a implantação do novo regime, Braamcamp Freire, então presidente das Constituintes, exclamava com a voz embargada de comoção: «O hino nacional é *A Portuguesa!*».

O entusiasmo foi enorme. Aclamações sem fim ecoaram na sala, onde, mais tarde, tanto episódio curioso se iria passar. No próprio dia 5 de Outubro, quando o novo regime era proclamado ao povo, das varandas da Câmara Municipal de Lisboa, a filarmónica da Concentração Musical 24 de Agosto, percorria as ruas da cidade tocando o novo hino.

Por uma crueldade do destino, Alfredo Keil, autor da música, não assistiria à consagração da sua bela página musical, porque faleceu três anos antes do advento da República. Mas o seu nome ficou ligado ao que foi, e é hoje, o hino nacional português.

Amália Rodrigues Já uma vez se disse que Amália Rodrigues tem tornado Portugal mais conhecido no estrangeiro do que muitos diplomatas. Assim é na verdade.

Pouco falta à grande fadista nacional para dar a volta ao Mundo, espalhando o encanto triste da nossa melopeia nostálgica pelos variados locais do Mundo. Muito se tem dito e escrito acerca da Amália, mas alguma coisa há ainda decerto a acrescentar.

Amália não esconde nunca a sua proveniência humilde e tal é uma das atracções dessa mulher singular que não precisa de reclames para ser quem é. Amália cresceu no Fundão até que seus pais, tinha ela sete anos, vieram morar para Lisboa. E aqui começou ela a sua vida, primeiro vendendo frutas aos marítimos e embarcadiços nos cais. Agora, Rainha do Fado, corre o Mundo, sempre a cantar.

*

Em pequena, já sua mãe nela estranhava algo de diferente e o pai chamava-lhe *dengosa*. Mas o pai tocava guitarra e a pequena Amália não o abandonava nunca.

Quando o pai lhe lembrava que ela estava na idade de ir para a escola, ela não se dava por vencida, dizendo sempre:

— Não é mal nenhum cantar. O pai não toca?

Foi realmente para a escola, mas o convívio com rapazes e raparigas da sua idade não lhe modificou o feitio, que ficou o mesmo pela vida fora. E essa modesta pequena que aprendeu a ler numa escola da Rua da Tapada, perto da sua casa de então, na Rua 1.º de Maio, apaixonou-se aos 18 anos por um guitarrista, que foi, sem dúvida, o seu primeiro romance de amor.

*

Amália perde tudo. As jóias, o dinheiro e o tempo. Só ao jogo gosta de ganhar. Quem a tem visto jogar,

em casa dos condes da Torre, por exemplo, vê o interesse com que ela se dedica à *canasta*.

Alguém lhe disse um dia:

— Isso é que é sorte! O pior é que quem tem sorte ao jogo, é infeliz aos amores...

— Deixem lá, ripostou Amália. Há horas para tudo. Agora prefiro ter sorte ao jogo.

*

Amália não bebe. Enquanto os seus amigos esvaziam garrafas de *whisky*, ela sorri, canta e bebe capilé ou, raras vezes, *champagne*.

Certa vez, foi cantar numa agremiação modesta. A respectiva direcção resolveu oferecer-lhe um «Porto de Honra», em que se sucederam os discursos ingénuos de admiração e gratidão. Amália, então, sentindo-se cumulada de atenções, resolveu restituir o dinheiro do seu *cachet*, para ser distribuido pelos pobres da colectividade.

*

Um dia, o pintor Eduardo Malta quis retratá-la. Depois do retrato concluido e admirado por várias pessoas, nma tarde alguém lhe bateu à porta. Vinha da parte de um senhor que lhe queria comprar aquele retrato. Malta lamentou não o poder vender, visto tratar-se de uma encomenda.

A pessoa insistiu e apareceu uma larga soma de dinheiro.

Malta correu a casa da Amália. Ela resolveu o assunto, decidindo que ele lhe pintasse para ela outro igual. E assim se fez.

O retrato da Amália, aquele de que se conhecem reproduções, não é o primeiro que Malta pintou. Esse foi vendido em grande confidência a uma pessoa da sociedade, em cuja residência ainda se encontra.

*

Em Lisboa, não há motorista que a não conheça. Distraída como é, acontece-lhe a miude pagar contas exorbitantes, porque se esquece e deixa os *táxis* à espera.

Na manhã seguinte, vão lá a casa buscar o dinheiro, que ela paga sempre com um sorriso. Uma vez, já há uma meia dúzia de anos, Amália teve de comparecer numa festa que lhe dedicaram no Estoril. Foi para lá de manhã, almoçou num hotel do parque e não mais se lembrou do *táxi*. Depois do almoço, foi no carro de uma pessoa amiga até Sintra e à hora do espectáculo, regressou ao Estoril. Andou pelo Casino, dançou e na manhã seguinte, quando iam levá-la a casa, lembrou-se de que tinha deixado o casaco no hotel. Subiu a correr as escadas do hotel, mas no alto da escadaria, o *chauffeur*, cujo taxímetro ficara a noite inteira a marcar, perguntou com a maior calma:

— E agora, para onde vamos, D. Amália?

*

Um pormenor pouco conhecido do grande público: Amália faz versos. Um dia organizou-se um almoço de homenagem ao saudoso Nascimento Fernandes, de quem Amália era sincera amiga; e, depois dos habituais discursos, ela levantou-se, dizendo apenas.

— Como não tenho jeito para discursos, vou dizer uns versos que estive aqui a compor:

Dizem-me a todo o momento
que o Manuel do Nascimento
teve muitas mulheres belas.
Minh'alma em desgosto arde
De ter nascido tão tarde
E não fazer parte delas ...

Ângela Pinto A grande actriz portuguesa, que os maiores de quarenta anos ainda conheceram e aplaudiram pode dizer-se que trazia Lisboa no sangue.

Naquela modesta casinha da Rua do Arco da Graça, onde Ângela viu pela primeira vez a luz do dia, veio ao mundo uma das artistas mais multiformes do teatro português. Boémia, irrequieta, coração de oiro, pode dizer-se que nunca levou a vida a sério. Conta-se que um dia, apoquentada com dores de garganta, resolveu consultar um especialista. O médico sossegou-a, receitando-lhe um remédio para gargarejos e pediu-lhe que voltasse daí a duas semanas.

Ao vê-la de novo, o clínico disse-lhe:

— Ora vê como o remédio lhe fez bem? Hoje está até com muito melhor parecer.

— Engana-se, doutor, — retorquiu Ângela. — É que este chapéu que hoje trago, fica-me muito bem à cara!

*

As suas faltas de dinheiro eram constantes. Uma tarde trabalhava a grande actriz no Teatro D. Amélia e começou a folhear, inquieta uma lista dos telefones.

— Que aconteceu Ângela? Parece que estás preocupada? — perguntou-lhe um colega.

— Pudera. Preciso hoje, sem falta, de quinhentos mil réis e não sei a quem os hei-de pedir.

E continuou a procurar nomes na lista, dizendo em voz baixa: «Este não serve... este ainda menos... este, coitado não tem vintém..., até que fixou um nome, e sorridente, explicou ao colega:

— Este é muito bom, mas é melhor guardá-lo para o Inverno ...

Conta Campos Monteiro um episódio enternecedor que revela o coração de Ângela Pinto. No escaparate de uma loja do Porto uma linda capa era a tentação de todas as senhoras que ali passavam. Ângela também a ia namorar. Um dia inquiriu do preço, que era exorbi-

tante. Desistiu; mas o namoro continuou. Ou ela não fosse mulher ... Na tarde seguinte, o dono da casa, que muito apreciava a actriz, ao vê-la de novo a mirar a capa, aproximou-se e disse-lhe:

— Se a senhora D. Ângela gosta da capa porque não a compra?

— Porque não tenho dinheiro — respondeu ela. — O empresário só me paga no fim do mês.

— Mas ninguém desconfia de V. Ex.ª Faça favor de levar a capa. Quando quiser, pagará.

Calcula-se a alegria da Ângela ao ver se envolta na capa dos seus sonhos. O espelho não teve descanso. Mas à noite, ao começo do espectáculo, a costureira não parava de chorar. Tinha dois filhos doentes e sem um real, nem para médicos nem para remédios. Ângela abriu a carteira para a socorrer, mas encontrou-a pouco menos que vazia. E quase a entrar em cena, pegou na capa e deu-a à costureira, dizendo:

— Toma. Vai amanhã empenhar a capa e traz-me a cautela!

*

Fatigada por uma *tournée* à província, resolvera um belo dia fechar-se no hotel onde se hospedara, indiferente a toda a legião de admiradores que a procurasse. A certa altura, o médico da terra insistia em cumprimentá-la. E ela, para a costureira:

— O médico? Diz-lhe que estou doente, não o posso receber.

*

Doutra vez, uma peça desagradara em cheio. O grande Marcelino Mesquita não conquistou dessa ocasião o favor do público e a plateia vinha abaixo com pateada. Só Ângela Pinto continuava serena. O nervosismo apoderara-se de todos. Um dos frequentavam o palco, no desejo de amenizar o fiasco, ainda disse:

— Mas parece que também há alguns que dão palmas ...

— Pois há — confirmou Angela. — Há os que dão palmas a aplaudir os que pateiam ...

*

E para fechar, um episódio pouco conhecido que marca o feitio endiabrado da talentosa actriz. Num Verão de 1915, Angela, com alguns colegas, resolveu dar um espectáculo com a *Severa*, de Júlio Dantas. O nome do escritor e da artista encheram o teatro de lés-a-lés. Apenas o empresário — um arrivista — se negava a entregar ao falecido actor Luís Pinto, gerente do grupo, a importância do contrato.

A conversa entre os dois ia-se azedando, até que surge Angela que, com a maior desfaçatez, intervem assim:

— Não te rales, Luís. Liga aí o telefone para o meu compadre Afonso Costa, que eu conto-lhe o caso e ele dá ordem ao governador-civil para nos entregarem o dinheiro.

O estratajema deu o resultado desejado. O empresário empalideceu, dizendo:

— Não vale a pena incomodar o Sr. Presidente do Conselho.

E liquidou a dívida.

Sem a intervenção engenhosa do pseudo-compadre da Angela, o caso não se teria resolvido tão fàcilmente.

António J. de Almeida

Este homem honradíssimo que, na sua qualidade de Chefe de Estado, sofreu agruras quando numa noite trágica mataram o herói da causa que o levara ao poder — Machado Santos — teve mais dissabores quando viu o seu ideal político realizado que nos tempos agitados da propaganda republicana.

*

É curioso saber-se que a sua fama de orador eloquente, começou numa tarde triste. Rafael Bordalo Pinheiro, um mestre da caricatura, ia a enterrar. No cemitério dos Prazeres, apareceu um homem de vibrantes olhos negros e de barba comprida, a elogiar num vigoroso discurso, o exímio caricaturista. Era António José de Almeida. João Chagas, seu companheiro da luta, depois de o ouvir falar, disse para Rocha Martins:

— «Sabia que ele era um grande orador, mas nunca o ouvira».

Já muitos anos antes, no funeral de José Falcão, ele arrebatara a assistência. D'aí a dias, ao falar dum modesto caixeiro, seu correligionário, exclamou:

— «Ontem, José Falcão. Hoje, um desaparecido modesto. Mas que importa, se águia ou andorinha seguem a mesma rota, caminham para o mesmo ideal?!»

*

Um dia, o Juiz Veiga que foi nos últimos anos da Monarquia, uma figura de destaque, convidou-o a ir ao Governo-Civil, onde o recebeu muito amàvelmente, pedindo-lhe que aconselhasse os republicanos a absterem-se de manifestações políticas. E acrescentou: — «O senhor tem prestígio e é honesto. Empregue todos os seus esforços para que se evitem distúrbios com os quais ninguém lucrará».

E o tribuno esclareceu: — «Senhor Conselheiro. Eu, sendo revolucionário, detesto chinfrins e desordens. V. Ex.ª não tem à sua frente, um conspirador vulgar. Sou revolucionário, na ampla e humanitária acepção da palavra. Antipatizo com a violência. Detesto o sangue. O meu partido tem larga consciência dos seus actos. Fará o que entender e a mim só me cumpre seguir a sua larga inspiração.

*

Ficou memorável o arroubo exaltado em que numa célebre sessão do Parlamento defendeu o seu colega Afonso Costa que lançara uma frase irreverente para o rei D. Carlos.

António José de Almeida, fiel ao que dissera ao Juiz Veiga, não teria sido tão violento. A prova é que já no curto reinado do rei D. Manuel, exclamou:

— «Eu nunca tive ódio ao rei D. Carlos, nem ódio activo, porque sempre o julguei mais um produto do meio dissoluto em que vivia do que o autor único e autónomo dos malefícios que na história ficam registados sob a chancela da sua mão real»

Em plena Câmara, pouco depois do regicídio, declarou: — «A dor da Rainha, toda a gente a respeita. Tenho demonstrado em diferentes combates que sei tratar os meus adversários, quando eles são homens, com lealdade. Mais uma razão para tratar com nobreza a Rainha que é uma Senhora!».

Era assim o paladino que aos 63 anos deixou de existir, amargurado e desiludido.

*

Em plena efervescência da revolução triunfante de 1910, o povo, alucinado, assaltara o palácio dos Navegantes, onde morava o Conselheiro José Luciano, então com 76 anos, vulto de grande categoria que servira lealmente três reis. A multidão ululava e receava-se um desacato irremediável.

António José de Almeida, que era então Ministro do Interior, soube do caso e para lá se dirigiu apressadamente de automóvel. O povo, sabendo que o seu ídolo estava ali, correu a aclamá-lo. E ele de pé, gritou:

— «Prèguei sempre a generosidade para com os vencidos. Peço o máximo respeito para eles. Que ninguém ataque um cidadão! Que ninguém ataque uma casa! Dou

a minha palavra de honra que rasgo o meu diploma de Ministro, se os que mo conferiram, fizerem o contrário! ».

E o povo dispersou ordeiramente. Ficaram apenas uns vidros partidos no rés-do-chão do palácio.

*

Quando em Março de 1916, o Ministro alemão em Portugal, declarou guerra ao nosso País, António José de Almeida propôs um ministério nacional que ficou sendo conhecido pela União Sagrada. Novos e patrióticos discursos tornou a fazer. Até que em 1919, assumiu as funções de Presidente da República.

A sua viajem ao Brasil foi um êxito clamoroso. A sua eloquência arrebatou os brasileiros. No Parlamento carioca, onde falou, um deputado numa explosão de galanteria disse-lhe:

— «V. Ex.ª Sr. Presidente, retire-se da nossa Terra o mais depressa possível, porque com esses dons oratórios, o Brasil arrisca-se a perder de novo a sua independência ... ».

Houve sorrisos e aplausos.

*

Já em 1929, retirado da vida política, recordou com o falecimento de João Franco, uma época agitada em que fora um dos principais protagonistas. E comentou:

— «Para que foi tudo aquilo? Para que foi tanta luta?».

Os tempos eram outros. Na casa de saúde das Amoreiras, Magalhães Lima, um paladino da República, mandava saber do estado de um doente que estava num quarto próximo. Esse doente era Paiva Couceiro, um paladino da Monarquia.

Augusto Rosa

Há dinastias de artistas, como se provou com a família Bordalo Pinheiro. Também a família Rosa marcou uma época intelectual na vida portuguesa.

Filho de um grande actor, Augusto Rosa não desmereceu do apelido. Seu pai, simultâneamente pintor, escultor e actor, elevou a cena portuguesa às culminâncias da glória. O filho, dedicando-se apenas à última profissão, não foi menos pintor nas suas composições das célebres figuras do *Amigo Fritz*, de *Henrique III*, e de tantas outras personagens. Quando se escrever um dia a história do teatro português no último quartel do século XIX, o nome ilustre de Augusto Rosa será dos primeiros o ser citado.

Temos nas nossas mãos um contrato em que o empresário do Teatro do Ginásio se obrigava a pagar trinta mil réis mensais ao distinto artista. Como isto tudo vai longe! Quanto ganharia actualmente este renovador, director e mestre de artistas, espírito cultíssimo do seu tempo?

*

Augusto Rosa não tem grande tradição anedótica, mas é fértil em episódios a sua longa vida artística. Só a idade é que era difícil saber-se qual era. Um velho admirador disse-lhe certa vez:

— «O senhor está sempre bem conservado e, pelos meus cálculos, deve ter aí uns... (e disse a idade calculada).

Resposta do actor: «Olhe, meu amigo, já nasci há muito tempo para lhe dizer ao certo a idade, mas tenho a certeza de que sou mais novo que o senhor ...».

Já o pai Rosa, sempre que aparecia algum indiscreto a perguntar-lhe quantos anos tinha, respondia invariàvelmente:

— «Porquê? Você quer-me comprar alguns? Não vendo!».

*

Augusto Rosa estreou-se no Porto em 1872. O seu êxito foi logo enorme. Intrepretou o *Morgado de Fafe*, de Camilo Castelo Branco. Mais tarde, as suas noites brilhantes sucediam-se ininterruptamente no Teatro do Ginásio. Foi ali que o grande actor Taborda, conhecendo a esposa de Augusto Rosa, lhe ofereceu um retrato, que teve uma dedicatória curiosa. Dizia assim: «Oferece para a sua colecção de antiguidades, o velho actor Francisco Taborda».

Foram sempre dois inalteráveis camaradas.

*

Madame Ratazzi que ficou célebre na vida mundana e literária de Paris, ofereceu certo dia no seu luxuoso palácio, um banquete a imensos convidados. Apenas se esqueceu de indicar o número ao seu *maitre d'hotel* e lá apareceram todos ... menos o jantar!

Todos passaram fome e resolveram ir a um restaurante próximo atenuar a debilidade. Augusto Rosa foi um dos convivas e, como nos jardins de Ratazzi se representou uma comédia numa noite chuvosa, o Rosa e um amigo fizeram uma cadeira com as mãos, a fim de a transportar do jardim para o palácio.

Esta madame Ratazzi, que o escritor Pailleron ridicularizou numa comédia, esteve também em Portugal e tão levianas foram as suas apreciações que Camilo afirmou que ele viu a nossa Terra «à voo da pássara ...».

*

Quando se ensaiou o *Doente de Sisma*, de Moliére, o visconde de Castilho, o tradutor, assistia ao ensaio e não concordou com uma inflexão de Augusto Rosa, para a qual lhe chamou a atenção. Perguntou Augusto a Castilho: «Então como deseja V. Ex.ª que eu diga?».

— Talvez — dizia Castilho — seja melhor ... de outro modo ... Sim ... a inflexão não está bem ... Não é assim ... E calou-se.

O grande actor continuou a dizer como sempre dissera, insinuando que era fácil, mesmo aos grandes homens, achar uma coisa má, sem indicar a forma de ela ficar boa.

*

Quando Jeanne Hardiny esteve em Lisboa, o visconde de S. Luiz de Braga convenceu o actor, com bastante custo a intervir num dos actos da peça *A Estrangeira*. Se ele tão bem criara o papel do «Duque de Septmonts» em português, porque não havia também de o representar em francês? Não se calcula o espanto da ilustre actriz quando ouviu Augusto Rosa declarar, no mais puro francês parisiense, esse papel tão cheio de dificuldades.

Nessa noite, a plateia entusiasmada ouviu um actor português contracenando com a eminente intérprete do teatro francês.

Augusto Rosa ganhara mais uma batalha e esta difícil.

Já com o célebre «D. Cezar de Bazan», ele vencera outra, pois insistira em representar uma peça que já outros tinham representado. Mas a sua interpretação foi notável. Estamos a vê-lo, de capa traçada, olhar altivo, chapéu da época, enfrentando o público, que nunca pôde esquecer esta criação, fixada para a posteridade numa aguarela do grande Columbano.

Bernardino Machado

Uma vida agitada. Conselheiro na Monarquia, chefe de Estado na República, o douto professor da Universidade de Coimbra foi, na política, tudo quanto quiz. A sua amabilidade fez época e algumas *boutades* se popularizaram. Bernardino Machado tinha

uma prole numerosa. Conta-se que, estando um dia a trabalhar, no seu escritório, chamou um dos seus filhos:

— Sebastião!

Ninguém respondeu e ele voltou a chamar:

— Sebastião!

Após um pequeno silêncio, apareceu a esposa que interrogou o distraído catedrático:

— Por quem é que tu chamas?

— Pelo meu filho Sebastião.

— Mas nós não temos nenhum filho Sebastião.

— Então manda-me um qualquer.

*

A sua gentileza tocava as raias do *record*. Um dia, seguia com a mulher pela Avenida, e viu um cavalheiro sorrir-lhe cordialmente. Ele correspondeu e a senhora pergunta-lhe quem era.

Ele disse-lhe que não sabia, mas ao abraçá-lo, apresentou-lhe a esposa nestes termos:

— Minha mulher e este senhor... este Senhor nem é preciso dizer dizer quem ele é! Saiu desta forma airosamente do embaraço...

*

Certa manhã passeava em Matosinhos e viu uma mulher do povo que lia, com bastante dificuldade, uma carta a outra mulher.

Bernardino Machado, cumprimentando-as, ofereceu os seus préstimos:

— Se quiserem, eu leio a carta.

— E quem o mandou ao senhor meter aqui o nariz?

O futuro chefe do Estado saudou-as e retirou com a sua serenidade habitual. Junqueiro dizia dele:

— «Bernardino não é de ferro. É de borracha, Pode passar-lhe um cilindro de estrada por cima, que ele levanta-se logo, todo lépido, a tirar o chapéu».

*

Na sua casa da Cruz Quebrada, aparecia a miudo um um seu correligionário e compadre que ia pedir para apanhar uma couve no quintal do Sr. doutor.

— Vá Joaquim, vá, dizia o Dr., explicando à pessoa que o acompanhava. «É meu compadre e um bom democrata. Coitado! Vem buscar a sua couvinha».

*

Em Belém, apareceu-lhe um dia, o jornalista Silva Passos a pedir-lhe que o nomeasse cônsul. O Dr. reparou no fato coçado do pretendente e aconselhou-o:

«Está bem, meu caro Silva Passos, mas como um representante de Portugal se deve apresentar bem, trate de me aparecer com um fato digno de si e do cargo». Silva Passos, com sacrifício, lá arranjou um fato novo e voltou, todo janota. O Dr. olhou-o muito contente e disse-lhe:

— «Ainda bem, meu caro Silva Passos. Pelo que vejo, já não está em dificuldades e, portanto, não precisa do emprego».

Mas afinal, lá o nomeou como ele queria.

*

No Verão de 1925, foi veranear às Pedras Salgadas. Acompanhava-o Nuno Simões, Ministro do Comércio.

Discutiam o probelama da mendicidade. Era preciso tomar providências. Mas os pobres não paravam pelo caminho, pedindo esmola. O Ministro dava a esmola. E o Chefe do Governo, exclamava sempre:

— «É impossível. Tem de se tomar providências urgentes». Mas os pedintes continuavam e Nuno Simões esvaziou a bolsa. Então, Bernardino, mudando de tom, sentenciou:

— «Isto é demais! Não pode uma pessoa dar um passo, que não apareça logo uma nuvem de pedintes!».

*

Bernardino Machado saía do Ministério às duas e três da madrugada. Uma vez, duas mulherzinhas aguardaram a altura de serem recebidas, mas alta madrugada ao retirar, uma delas dirigiu-se-lhe:

— Sr. Ministro. Ainda cá estamos para fazer um pedido a V. Ex.ª.

— «Já é tão tarde! Tenham paciência. Venham amanhã que serão atendidas».

A mais velha, desalentada, protestou:

— «Dessa está o senhor doutor livre! Às três da madrugada só se o Sr. Ministro nos der de jantar e almoçar!».

Brito Camacho

Este homem, que deixou nome na história da República passou a vida a satirizar amigos e inimigos. Talento não lhe faltava. Chefe do partido unionista, teve a seu lado alguns dos intelectuais que abraçaram o novo regime. Algumas das embaixadas estrangeiras foram prenchidas por correligionários seus. E como os ditos de espírito do director de *A Luta* enchiam volumes, a sua escolha é difícil.

*

Camacho, quando foi Ministro do Fomento, também teve o seu guarda-costas. Os tempos eram agitados e os homens públicos andavam vigiados constantemente Mas o seu feitio despreocupado aborrecia-se com a vigilância aturada. Olhava para o homem que o perseguia com uma sensibilidade de pedra. Uma tarde, o agente seguiu-o tão de perto nas escadas do Ministério, que Brito Camacho parou e perguntou-lhe hostilmente:

— Que anda você aqui a fazer?

— Ao serviço de V. Ex.ª, Sr. Ministro.

— Não sei para quê!

— Cumpro as ordens dos meus superiores,

— Diga-me cá: que diabo podia fazer, se alguém me quisesse matar? Bem me basta a fatalidade de ser Ministro. Ainda por cima, passo a vida perseguido como um criminoso.

*

Camacho era médico e um dia apareceu-lhe um marítimo com o estômago derrancado. Mandou-o hospitalizar e dar-lhe, a par de uma dieta rigorosa, uma colher de sopa com um líquido amarelo-escuro, dissolvido em um copo de água. O remédio fez efeito e o homem ficou grato ao doutor, querendo saber o nome da droga que o curara. Camacho não disse, mas riu-se com os colegas e explicou:

— O marinheiro tinha apenas o estômago cansado das comezainas que ingeriu por esse mundo fora. O remédio que lhe receitei, foi capilé que é uma coisa que não faz mal nem bem ...

*

A esposa de Brito Camacho, que era filha de outro grande republicano — Jacinto Nunes — dizia a respeito do marido:

— O Manuel têm os bigodes muito republicanos e os cabelos muito conservadores... É que, desde muito novo, conservava o cabelo o mais que podia, porque detestava ir ao barbeiro.

*

E já que falamos em barbeiros, damos nota de uma *blague*. Estava-se em pleno Parlamento. Para as Constituintes, em 1911, foi eleito deputado um barbeiro de profissão.

Homem humilde, sem grandes voos intelectuais, não fugia à discussão dos vários problemas, apesar da sua fraca preparação.

Uma tarde, discursando na Câmara, disse:
— Senhor presidente, é necessário frisar ...
E logo Camacho em àparte:
— ... barbear e pentear!

*

Uma senhora que guardava avaramente o segredo da sua idade, embonecava-se com certo ridículo. Uma vez, na redacção da *Luta*, um seu correligionário dizia dela:
— Fulana não diz a ninguém o ano em que nasceu.
— Ao menos podia dizer o século ...
Nenhuma mulher, de resto escapava às suas ironias.

*

Certa dama, mulher de um diplomata, tinha uma boca rasgadíssima.
— É uma vantagem — comentava Camacho — Ao menos assim, pode falar ao seu próprio ouvido ...

*

Uma frase da sua lavra inesgotável:
«Quando se diz a um homem com fome que escolha entre o pão e a liberdade, ele escolhe o pão, mas assim que o come, começa a gritar pela liberdade!».

*

Camacho esteve em África em missão oficial. Por lá arranjou os seus amigos, que deliravam com as suas *boutades*. Uma noite, numa tertúlia, falava-se de animais ferozes e um dos companheiros sentenciou:
— Há um processo que dizem ser infalível para evitar o ataque das feras. É um homem ter uma vela acesa na mão.
— Concordo, mas o êxito depende especialmente da velocidade com que a pessoa fugir de vela na mão ...

Claro que a respeito deste assunto, a conversa ficou por ali ...

*

Como dissemos no início desta secção, são incontáveis os seus comentários. Não poupava ninguém a um dito de espírito e há anedotas impublicáveis pela liberdade de expressão.

Para terminar, conta-se que uma senhora terrìvelmente nutrida entrou em um carro eléctrico (era no tempo em que os homens davam o seu lugar às senhoras). Ao verem-na de pé, três cavalheiros ofereceram-lhe gentilmente lugar. Camacho, vendo a gordura da dama, bichanou para o amigo:

— Não era preciso levantarem-se três. Duas pessoas chegavam ...

Bulhão Pato Este simpático bilbaíno que desembarcou em Lisboa, num lugre dinamarquês, rápidamente assentou arraiais entre a *jeunesse doré* da nossa capital. Fidalgos e literatos, todos o acolheram de braços abertos, e com a maior facilidade entrou nos salões mundanos. Nas corridas de aristocratas, o «Patinho» nunca faltava, e parece que a vida movimentada que levou, em nada influiu na sua longevidade, pois só ao fim de 83 anos deu a alma ao criador. Júlio Dantas teve espírito quando referindo-se ao velho poeta, desaparecido, escreveu:

«Se é certo que a morte nos ilumina, nos transfigura, estou a vê-lo, fidalgo, sumptuoso, exagerado, espanhol, como se vestisse um gibão preto de Velazquez, sacudir a juba cofiar a pêra de fauno velho, avançar na luz ofuscante de além-túmulo, pôr a mão sobre o ombro formidável de Deus e perguntar-lhe familiarmente:

— Rapaz, como vais tu?»

*

No ambiente ingénuo do tempo, fez furor uma poesia de Bulhão Pato, intitulada *Se coras não conto*. O próprio título denuncia a simplicidade da ideia. Numa corrida abrilhantada pelos melhores nomes da nossa nobreza, o «Patinho» quis colaborar, toureando. Mas quando o autor do poema *Se coras não conto* se preparava para espetar duas bandarilhas no cachaço do novilho, o conde de Vimioso gritou estentòreamente :

«Se marras não brinco!»

A gargalhada foi geral.

*

Bulhão Pato detestava conflitos, quando o bom senso indicava evitá-los. Numa tourada memorável, Lopes de Mendonça, ao fazer uma pega, teve a infelicidada de se ferir numa das mãos, com o ferro de uma farpa. Saiu da arena a escorrer sangue, as senhoras comoveram-se, menos uma Infanta açodada que gritou em voz alta: «Deixem correr, que é sangue patuleia. Não se perde nada».

O episódio deu origem a um irónico folhetim de Lopes de Mendonça; a Infanta tornou a enfurecer-se e só o autor da *Paquita*, pondo água na fervura, evitou novos dissabores.

*

Bulhão Pato era um *gourmet* cem por cento. Ainda hoje, as ementas dos restaurantes o recordam numa receita de ameijoas. Um célebre italiano de nome Simão, estabelecido no Corpo Santo, recebia amiudadas vezes a visita do nosso herói, que ali, por 480 réis, se banqueteava principescamente. Um dia, incumbiram o poeta de preparar umas ostras para um ágape de categoria. Mas a peixeira que lhas vendeu, ou porque embirrasse com as longas barbas de Bulhão Pato, ou porque fosse totalmente malcriada, começou a lançar dichotes ao fre-

guês. Tantas incorrecções iraram o comprador dos moluscos que este ripostou desdenhosamente: Que faria eu a esta peixeira que em vez de peitos, têm dois pés de meia com um pataco no fundo?»

Ardeu Tróia! A vendedeira, rubra de raiva, desapertando o corpete, provou que o poeta não tinha razão, ante a hilaridade de todos, incluindo dois guardas que, em vez de intervirem, se limitaram a rir.

*

Bulhão Pato era supersticioso. O último ano que Herculano festejou o seu aniversário, eram 13 à mesa. Para quebrar o enguiço, foram buscar a filha do caseiro, mas a rapariga, pouco habituada a grandes comezainas, teve um ameaço de indigestão e os convivas voltaram a 13. Daí a meses, a 13 de Setembro de 1877, Herculano entrava na Eternidade. A partir de então, a superstição de Bulhão Pato aumentou.

*

Pato tinha a paixão da caça. Um dia, numa caçada em que entrara o grande Herculano, um aguaceiro obrigou-os a retrodecer, não sem o protesto do historiador, rijo como ferro, que os criticava:

— «Estes janotas do Chiado, em os tirando do *Marrare*, estão desgraçados!»

*

E por último, um desabafo poético do autor das *Flores agrestes*:

Eram frequentes as caturras entre ele e um médico de nome Fernando Melo, de Penacova. Trocavam as suas ironias e de uma das vezes, o doutor disse com ar chocarreiro ao seu antagonista pacífico: «Mas você que é poeta, porque é que não me responde em verso?»

O «Patinho» não tremeu. Fitou-o por momentos e rápidamente ripostou:

«É filho de Penacova
Este doutor transcendente
Arredem de lá tal Pena
que traz a Cova ao doente ...

De Penacova saiu
Francisco de Melo um dia
Sabem que fez? Quem diria?
A quantos doentes viu
Co'a Pena a Cova lhe abriu».

Mas o médico achou graça e continuaram bons amigos.

Camilo

«Formidável corda de risos, formidável corda de lágrimas», como lhe chamou Silva Pinto, Camilo Castelo Branco ofereceu à literatura portuguesa páginas imorredouras.

Se a cegueira o não conduz ao desespero da morte, Camilo teria talvez duplicado a sua obra. Vida aventurosa, amoroso irrequieto, espírito irreverente, raro da sua boca saía um elogio.

Uma tarde, em São Miguel de Seide, o glorioso autor do *Amor de Perdição* vergastava tudo e todos. Um amigo disse-lhe: «Sempre me refugio em Vítor Hugo, para ver se você também diz mal dele».

E logo Camilo: «Esse velho não era nada tolo!».

*

Um filho começou dando indícios de loucura. E o implacável ironista explicava: «Coitado! Era um rapaz inteligente. Ficou assim desde que leu as obras do Teófilo Braga ...».

Camilo, no alvor da sua brilhante carreira literária, era brigão. Detestava os pusilânimes. De um camarada com quem cortara relações, disse um dia:

«É um homem tão cobarde que a gente cospe-lhe no rosto, limpa-lhe depois a cara com o bico da bota e ele ainda nos diz: Muito obrigado!».

*

As suas irreverências ficaram célebres. Um pintor, no Porto, convidou-o a ir a uma exposição. O pintor tinha mais jactância que talento. E apontando um retrato a óleo, explicou a Camilo: «Agora só me dedico a retratos. Veja o mestre, este. Que lhe parece?».

Resposta de Camilo: «Na verdade, está parecidíssimo. Quem é?».

*

As suas permanentes dificuldades de dinheiro levaram o desventurado romancista a lutas constantes com os editores. Propõe escrever um livro acerca de Lisboa antes do terramoto de 1755, mas como o livro não mete brasileiros nem amor, os editores dão-lhe apenas 150 mil réis.

*

Na obra de Camilo, diz Junqueiro, não há uma árvore. Mas é um perdulário de talento. O seu feitio azedo era certamente filho da desgraça que raro o abandonava.

*

Um dia, ao tomar a diligência na Praça da Batalha, para ir visitar um amigo que morava nos subúrbios do Porto, cumprimentou delicadamente duas damas. Uma delas disse para a outra:

— Olha Maria Isabel, este é que é o Camilo que escreve livros.

— Por sinal uma boa peste — comentou a outra — Uma peste enjoativa!

Camilo ouviu, mas disfarçou. Daí a momentos encarou com a dama que o alcunhou de peste, dizendo com a maior desfaçatez:

— Oh! Maria Isabel, desculpa. Há bocado não te reconheci.

A interpelada, de semblante carregado, protestou:

— Vossa senhoria está enganado. Chamo-me na verdade Maria Isabel, mas não o conheço!

E o diálogo continuou assim:

— Ah! minha ingrata! Não te lembras do teu antigo namorado? O teu Camilo como tu me chamavas na intimidade?

— O meu Camilo? — exclamou a dama, furiosa.

— Depressa te esqueceste dos nossos amores, quando eras cozinheira da estalagem do Manuel Domingos ...

— Cozinheira eu? Ó seu insolente, seu grande malcriado!

— Que belos petiscos tu me fazias! E quando a tua patroa nos apanhou a darmos as nossas beijocas?

— Sr. Camilo Castelo Branco! — acabou por dizer a senhora, colérica.

— Ah! Já me conheces?!

A companheira fez ver à dama ofendida que ele certamente ouvira tratá-lo por *peste* e vingou-se cruelmente. Já na carruagem, ainda Camilo lhe disse, com uma gargalhada:

— Adeus, Maria Isabel. Dá beijinhos ao nosso petiz ...

*

Próximo de um *café* frequentado por Camilo, vivia uma senhora brasileira de nome Iracema. Trocista, alcunhou o escritor de *Flautinhas* e de *Pernalta*, devido à circunstância de ter as pernas altas e magras. O romancista sabia do caso, ria-se e não ligava importância.

Mas a senhora, solteirona, quando soube de quem se tratava, abandonou as alcunhas e começou a lançar-

-lhe olhares doces. Os amigos, sabedores da reviravolta da formosa Iracema, felicitaram o herói. Ele, risonho, elucidou:

— Vou escrever à apreciadora do meu admirável focinho bexigoso...

E mandou-lhe por um moço, duas quadras. A primeira era assim:

Diz-me, oh! jovem caipira,
Gostas muito do Flautinhas?
Minha linda, minha Ira-
cêmea boa p'rás galinhas...

A segunda quadra é impublicável. E assinou. «Teu Camilo, o Flautinhas».

Daí a uma hora, apareceu no café um rapazito magro, a tremer muito, e perguntou quem era o malcriado de um tal Camilo que lhe queria partir a cara.

Camilo levantou-se logo e quando o brasileirinho, irmão da ofendida, ia dar-lhe um soco, ele travou-lhe o braço, dizendo sorridente:

— Espere meu amigo. O senhor é fraquíssimo, com poucas carnes, etéreo, quase gasoso. Se eu lhe desse um tabefe, ia parar à Foz.

E contou-lhe as troças da mana.

O rapazito concordou, dizendo:

— Não deixa vossa senhoria de ter razão, mas aqueles versos são muito fortes, Sr. Camilo.

O escritor sorriu, abraçou-o e pregou no corpo do mano da Iracêmea uma formidável bebedeira de vinho do Porto.

Por fim, o escritor pegou no rapazinho e foi levá-lo a casa, dizendo à brasileirinha que estava à janela:

— O seu mano, apesar de não se lamber com a bebedeira em honra da nossa amizade ainda terá forças para dar a V. Senhoria, um beijo de reconciliação em meu nome.

A senhorinha bateu-lhe com a janela na cara e assim terminou a picaresca aventura.

*

Em 1861, Camilo e Vieira de Castro moravam na Rua de S. Julião, onde recebiam raras visitas. Uma noite, Camilo deu ali uma ceia memorável que se prolongou até altas horas. Quando o criado o avisou que despontava a aurora, o romancista irritou-se:

— O dia nasce para o merceeiro e para o alfaiate ali defronte. Para nós, não. Fecha as portas das janelas e deixa as luzes acesas!

D. Carlos O penúltimo rei de Portugal teve o trágico fim que todos conhecem. A História, desapaixonadamente, se encarregaria de o julgar. Carlos de Bragança, foi um portug ês cem por cento. Vários episódios curiosos revelam o seu bom humor.

*

O actor Carlos Santos quis convidar o monarca para ir à sua récita e, certa noite, vendo-o no camarote real, teve a audácia de o ir procurar, vestido e caracterizado como entrava em cena. O diálogo foi curto:

O ACTOR — Vossa Majestade desculpará eu não ir à Ajuda pedir que honre a minha récita com a vossa presença ...

O REI — Fizeste muito bem. Não faltarei. E não indo à Ajuda, sempre metes na algibeira três coroas da tipóia, o que não deixa de ser uma pequena *ajuda*.

D. Carlos foi ao espectáculo e o artista foi à cidadela de Cascais agradecer. O Conde de Ficalho quis opôr-se à desenvoltura com que Carlos avançava, fazendo-lhe ver que era preciso respeitar o protocolo. Mas o rei viu-o e deu-lhe ordem para se aproximar.

Contou-lhe o actor o episódio. D. Carlos riu-se e à saída disse-lhe:

— «Olha lá. Se vires por aí o protocolo, dá-lhe saudades minhas!»

*

Na 15.ª récita dos *Peraltas e Sécias*, que foi um êxito estrondoso, o rei mandou chamar Marcelino Mesquita ao camarote para o felicitar. O autor, muito contrariado, lá foi e quando o monarca pediu licença para o agraciar com o oficialato de S. Tiago, Marcelino com o seu feitio impulsivo, exclamou:

— Agradeço a Vossa Majestade a honrosa distinção, mas vejo-me forçado a decliná-la porque sou republicano.

D. Carlos sem se desmanchar, ripostou, sorridente:

— Que pena, pelo menos nesta ocasião, não ser seu correligionário ...

Marcelino voltou para o palco, dizendo aos artistas, a propósito do rei:

— Que tipo tão simpático!

*

D. Carlos, a caminho da Alemanha, conversou com os componentes do seu séquito a respeito do Imperador Guilherme II, das suas atitudes teatrais e dos seus largos gestos de dominador.

Ao chegar à estação, o Kaiser avançou para ele, com uma grande capa branca, as guias do bigode erguidas como em continência militar, e logo D. Carlos para os seus, disfarçadamente:

— Lá vem o tipo! (omitimos o vocábulo verdadeiro, para não ferir certos ouvidos conservadores ...).

*

Um episódio lisonjeiro para a memória de D. Carlos.

Disseram-lhe, certo dia, que estava ao serviço do Paço, um empregado republicano.

— Dos assanhados? — perguntou o soberano sorrindo.

— «Sim real Senhor. Vai aos comícios e lê o *Mundo.*

— Ir aos comícios pode ser curiosidade e ler o *Mundo* também eu leio. Se ele é honesto, deixa lá sossegado o homenzinho republicano que é casado e tem filhos. Nada de tirar o pão a quem trabalha para sustentar a família».

*

Como é sabido D. Carlos foi pintor e de certo mérito. Os seus inimigos chegaram a acusá-lo de assinar como se fossem dele, uns quadros pintados pelo pintor espanhol Henrique Casanova. Um dia, o facto chegou ao seu conhecimento e logo ele:

— «Entre mim e o Casanova há uma grande diferença. É que eu pinto mal e ele pinta bem. Portanto, é fácil descobrir quais são os meus trabalhos e quais são os dele».

*

Uma delicadeza fidalga:

Era hábito, quando os reis veraneavam em Sintra, almoçar na sua mesa o oficial que comandava a escolta de serviço. Um dia, um oficial desastrado, entornou o seu copo de vinho sobre a toalha. O pobre rapaz fez-se de mil cores, totalmente vexado, e D. Carlos e D. Amélia fingiram um percalço igual, salpicando também a toalha com vinho dos seus copos. O oficial, coitado, lá serenou ...

*

Finalmente, uma profecia trágica:

O rei D. Carlos teve uma febre tifóide que o atacou com bastante gravidade. Depois de curado, começou a engordar demasiadamente. Um ano antes de ser assassinado, disse para um amigo da corte:

— Esta minha gordura é um belo alvo, se algum se lembra de atirar contra mim, não te parece?

— Quem sabe! Tenho já casos desses na minha família.

Referia-se ao seu tio materno, o rei Humberto de Itália, assassinado em 1900.

A João Franco, também uma vez disse em ar de chacota:

— João, disseste há dias que também caçavas no terreno dos republicanos. E se eles *caçam* a minha pessoa e a tua?

— Pessoa alguma se atreveria, meu Senhor.

— Eu sei lá, João, eu sei lá!

Na tarde de 1 de Fevereiro de 1908, deu-se o regicidio.

Chaby Está feita e refeita a biografia deste grande artista, que nos deixou uma viva, uma grande saudade. Actor culto, exímio declamador, espírito cintilante, o seu talento glorificou uma geração. Se nem todos conheciam o alto valor do grande Chaby, ninguém o ignorava pelo seu aspecto físico avantajado. As *tourneés* rendosas, levaram o seu nome e a sua Arte a todos os recantos de Portugal. Ele próprio tirava partido da sua gordura. Conta-se que, regressando de uma das suas digressões ao Brasil, um forte temporal agitava o paquete, como se fosse um brinquedo sobre as ondas. Pânico a bordo e uma das senhoras, ansiosa pela resposta, perguntou sorridente, ao grande actor:

— Se fôssemos ao fundo, a qual de nós dois, os peixes comeriam primeiro?

Resposta rápida de Chaby:

— Questão de gostos: os gulosos a V. Ex.ª, os glutões a mim! ...

*

Conta o Dr. Oliveira Guimarães que, ao construir-se o Cinema Tivoli, tratando-se da escolha de cadeiras para a plateia, alguém da empresa embaraçado com a quanti-

dade de modelos apresentados, pediu a opinião de Chaby. Cadeira que lhe agradasse, seria ao mesmo tempo, a mais ampla, a mais cómoda e a mais resistente.

Chaby acedeu ao pedido e, em troca, foi-lhe oferecido um cartão de entrada permanente naquele cinema.

*

Anedotas passadas com o formidável *diseur*, são aos montes. A dificuldade está em escolhê-las.

Uma noite, na cidade de S. Paulo, num velho teatro já desaparecido, representava-se o *Kean*, mas a chuva era tanta que, batendo no zinco do tecto, não deixava ouvir uma palavra do que se dizia em cena.

Chaby propôs ao público que se interrompesse o espectáculo, até a chuva abrandar.

Logo que o temporal amainou a representação prosseguiu, e quando Chaby que fazia o papel de *Salomão*, dizia para a plateia uma das frases da peça, saiu-se com esta:

— Meus senhores. O grande actor *Kean*, endoideceu. O espectáculo não pode continuar!

Um incrédulo da geral, gritou com voz potente:

— Mas agora não chove!

Chaby dizia que raras vezes ouvira uma gargalhada tão estrondosa.

*

O actor era, por vezes cruel. Uma vez no Rossio, faltou a energia e num eléctrico que ficara parado, um passageiro ignorante protestava, pois lhe parecia impossível que o carro não andasse. Logo Chaby alvitrou:

— Porque é que o senhor não vai lá fora dar uma ajuda?

— Eu não sou nenhum animal! Não tenho força para arrancar com um carro.

— É uma questão de experimentar. Olhe que a estupidez pode muito!...

*

Um grupo de académicos de Faro mandou-lhe ao camarim estas quadras que ele guardou, como primor de irregularidade da métrica:

Ó grande Chaby Pinheiro
Rei do riso e da gargalhada
Nós não temos dinheiro
Por favor atenda a rapaziada.

Somos só dez gerais
que não nos deveis negar.
Falando de cabedais
nem sabemos onde os procurar.

*

Há quarenta anos, representou-se pela primeira vez, no Politeama, o *Conde Barão*, inolvidável criação do célebre artista.

A estreia foi de apoteose e a alegria era geral. No final do último acto. Chaby dizia a Ernesto Rodrigues, um dos autores da aplaudida comédia:

— Eu só queria ver, agora, a cara do teu colega Molière!...

*

E para terminar, uma peripécia ocorrida em Espinho. Ainda é, felizmente, viva uma das personagens: Lucília Simões.

Chegara ali uma companhia com artistas de categoria, em *tournée* proveitosa. Contudo, nenhuma pensão lhes quiz dar hospedagem.

Reuniu-se a companhia, junto ao Casino. Todos estavam muito irritados e Lucinda Simões teimava em retirar-se para o Porto, não dando os espectáculos anunciados. O empresário arrepelava-se, pois tinha a certeza de três enchentes, até que apareceu um conhecido boémio d. Porto, oferecendo a sua *república*, onde vivia com

o famoso Alexandre Braga, Lucinda, Lucília, Henrique Alves, Jesuína e Chaby aceitaram a oferta. Foram três dias de pândega. Iam, de manhã, às compras, tratavam das refeições e Chaby abençoou a atitude dos donos das pensões que lhes proporcionaram tão pitoresca variante.

Soube-se, depois, a razão da recusa. Dias antes, tinham estado em um dos hotéis dois artistas os quais saltando, com as malas, pela janela do rés-do-chão, *esqueceram-se* de pagar a conta ...

Columbano

Columbano pintou os seus melhores retratos no Páteo do Martel. O seu nome dispensa adjectivos. Columbano tinha, naturalmente, de figurar nesta despretensiosa antologia. Pelo seu *atelier* passaram os maiores homens da nossa terra. Ali, mandou a rainha chamar Oliveira Martins, que pousava para o mestre, na altura do ultimato.

*

Um dia bateu-lhe à porta um homem de aspecto cansado e sapatos grossos, agarrado a uma bengala. Calçava meias grossas de lã. Parecia um cavador. E disse a Columbano: «Disseram-me que gostava de fazer o meu retrato; aqui estou».

Era Antero de Quental.

*

Contava o grande pintor que um dia, aparecera a seu pai um colega da repartição, dizendo ter lá em casa, na cocheira, um quadro velho e muito sujo. Manuel Bordalo quis vê-lo. Limpou-o do pó, lavou-o e calcule-se a sua surpresa quando viu que se tratava de uma tela preciosa, com o retrato do rei Carlos I, de Inglaterra, pintado por Van Dyck. Está hoje na galeria do Paço da Ajuda.

*

Columbano sofria, quando vendia os seus quadros. Era avaro da sua arte. E de uma sensibilidade espantosa. O rei D. Manuel convidou-o a pintar o seu retrato oficial. No dia combinado, foi a Belém. Apareceu o desditoso D. Manuel, de uniforme de generalíssimo, condecorações e capacete de plumas. Ao fim de meia hora, o rei começava a dar mostras de impaciência e perguntou delicadamente ao pintor:

— Mestre, isto ainda demora muito?

— Não, meu senhor. *Isto* já não demora nada.

E, pegando num pano, cobriu o esboço e retirou-se numa vénia. Nunca mais voltou ao Paço.

Um ricaço encomendara-lhe dois quadros para a sala de jantar do seu palacete. Seriam duas naturezas mortas. O segundo quadro estava prestes a concluir-se, quando o argentário, impaciente por terminar a decoração da casa, interpelou Columbano:

— Então *essa coisa* quando está pronta?

— Essa coisa? — estranhou o mestre — Não sei ainda. Talvez nunca mais.

E desapareceu, melindrado.

*

Um pintor incipiente gozava da estima do mestre que apenas lhe censurava a sua lentidão. E dizia:

— F., tem vocação para a pintura, mas é tão mandrião que, se um dia for consagrado, só pinta árvores no Inverno, para evitar de lhes pintar as folhas...

*

Encomendaram-lhe uns quadros para o Museu de Artilharia. E ele conta:

— Pagavam-me ao mês. Se me encontravam na rua, ralhavam-me como se eu fosse um operário. «Então o senhor anda por aqui a passear, e a obra por concluir?». Aborreci-me e não pintei mais.

*

Um dia foi visitar Raul Brandão, que então morava no Parque Eduardo VII, num prédio de mau gosto. Columbano viu uma graciosa casa portuguesa e ali foi bater. Uma mulherzinha indicou-lhe a casa onde morava o escritor. Columbano reagiu, comentando:

— Pois quê?! O Raul Brandão mora naquele prédio pintado de feijão encarnado? Não pode ser. Um artista não pode morar naquela casa.

Conde de Arnoso

A nobreza do Conde de Arnoso não era só do sangue. Dava-lha a fidalguia do seu coração. Bernardo Pinheiro Correia de Melo, que, aos 53 anos de idade, teve o maior desgosto da sua vida, quando mataram o seu Rei e o seu Príncipe, foi também um escritor distinto que acamaradou com o Conde de Sabugosa, num livro intitulado *De braço dado.*

*

Na sua vida palaciana, em contacto com os grandes da sociedade portuguesa, não era dado a ironias, mas tinha conceitos onde o seu espírito sobressaía.

De um conto de Eça de Queirós extraiu um drama que se chamava, como o conto, *Suave milagre.*

Uma condessa das suas relações perguntou-lhe um dia se não gostava de representar, como faziam os fidalgos nos *saraus* das Laranjeiras. Arnoso sorriu e respondeu prontamente:

— Ao trabalho do *Suave milagre* ainda me aventurei, mas se eu pensasse em representar, seria um *milagre* nada *suave* para os olhos e ouvidos dos infelizes espectadores ...

*

Escreveu certo dia uma comédia intitulada *A primeira nuvem.* Também esse título se prestava às suas

observações, quando o incitavam a escrever novos originais.

E dizia:

— À *Primeira nuvem* cheguei eu, mas se começo a acumular *nuvens* no meu firmamento literário, arrisco-me a uma borrasca e eu não tenho feitio para tempestades. Receio complicações atmosféricas ...

*

Uma definição do autor das *Jornadas pelo Mundo*: «A principal razão por que Eva e Adão foram felizes, à excepção do episódio da maçã, é terem vivido num Paraiso deserto. Se a mãe Eva vivesse hoje, sofria se não tivesse um bom casaco de peles, como as suas amigas ricas, e o pai Adão lamentar-se-ia de não lho poder dar, a menos que fosse banqueiro ou coisa semelhante».

Aqui têm o que o elegante fidalgo, pensava dos pais da criação ...

Amigo dedicado do rei D. Carlos, sofria quando nos últimos anos da monarquia, se procurava enxovalhar o monarca que trouxe a Portugal, os primeiros chefes de Estado da Europa. Há desabafos irreproduzíveis. Depois do atentado de 1 de Fevereiro, a sua voz não se calou a pedir justiça. Mas nos bastidores do regicídio, muito ficou encoberto. A justiça que Arnoso pediu, só o tempo a conseguiu fazer, reabilitando a memória do rei-artista que desenhava sem a intervenção do pintor Casanova e estudava as faunas marítimas, sem precisar das sugestões do príncipe de Mónaco. As paixões políticas dão razão à conceituada frase de António Vieira que dizia que quando se vê com ódio, *o cisne é negro.*

*

Havia um visconde, já de certa idade, que sabendo apenas cinco ou seis anedotas as impingia sempre aos ouvintes. Por cerimónia, todos escutavam com paciência

as histórias sediças, até que um dia, nas proximidades de um Entrudo, o conde de Arnoso idealizou uma partida. Mandou imprimir as anedotas e distribuiu-as por um grupo de amigos que breve teriam de as escutar pela vigésima vez ao visconde. Reunidos à sua volta, o irrequieto anedotista ia começar a sua cantilena, quando a um sinal de Arnoso todos tiraram do bolso as anedotas impressas, dizendo um deles:

— Não se incomode senhor visconde, que nós temos aqui as histórias que V. Ex.ª nos vai contar!

O visconde achou graça e não se agastou com a partida, culpando a sua cansada memória da constante repetição das suas graças.

*

O espaço desta despretenciosa secção força-nos a não prolongar o que ainda havia a dizer deste inteligente fidalgo que, no dizer de alguns palacianos, era ainda *mais monárquico que o rei*, talvez por ter nascido no berço da monarquia porque era natural de Guimarães.

Ditos de espírito deixou alguns. Inimigos, cremos que nenhum.

Conde de Farrobo

As façanhas e as liberalidades deste famoso argentário português atravessaram as fronteiras. Ainda hoje, quando alguém se quer desculpar de alguma despesa exorbitante, é vulgar ouvir dizer-se: «Eu não sou o Farrobo».

Há perto de cento e cinquenta anos, herdou vinte e oito milhões de cruzados, metade em dinheiro e o resto em propriedades. Ora, doze mil contos, em 1817, dava para justificar todas as loucuras que o celebrizaram.

O pai foi um dos mais activos comerciantes de Lisboa. Daí, a formidável fortuna que o filho esbanjou perdulàriamente. Na crónica da alta roda, ficaram memo-

ráveis os bailes, *saraus* e récitas da Quinta das Laranjeiras.

*

Uma noite jogava-se em sua casa. A um dos parceiros caíram algumas moedas de prata miúda. O convidado baixou-se para as apanhar, mas apesar da deslumbrante iluminação da sala, não conseguia encontrá-las. Então, o conde de Farrobo acendeu uma nota de vinte mil réis e encontrou os míseros pintos. Este episódio aparece narrado no *Último Marquês de Nisa*, do saudoso escritor Eduardo Noronha.

*

Em 1858, houve um *sarau* nas Larangeiras a que assistiram D. Pedro V, a infeliz rainha D. Estefânia e toda a corte.

O atractivo da noite era o solista de trompa Vivier, celebridade recomendada por Rossini ao opulento milionário. O êxito foi enorme. Farrobo ofereceu-lhe uma valiosa abotoadura cravejada de brilhantes. Mas o artista achou pouco e devolveu-a ao conde dizendo que o artista Vivier, ou toca de graça para os seus amigos, ou então recebe quarenta libras.

Quintela não hesitou e respondeu-lhe serenamente em um cartão:

— «Aí vai o dinheiro para si e os botões para o seu criado».

*

No dia 9 de Setembro de 1852, o conde jantava sossegadamente na sua casa de campo. Um dos criados entregou-lhe um telegrama. Farrobo leu, guardou-o no bolso e continuou a jantar com a mesma fisionomia tranquila. Ao café, depois de acender um charuto, disse com o ar mais natural deste mundo:

— «Calcula que ardeu o Teatro das Larangeiras!

— Ardeu o teatro? — repetiu a esposa, alarmadíssima.

— «É verdade. Os operários, por qualquer descuido, pegaram fogo á casa. Perdeu-se tudo. O cenário e o guarda-roupa. Mas tudo se há-de recompor».

Infelizmente, tal não sucedeu, mas esta impassibilidade numa hora tão adversa, revela a raça do fidalgo.

*

Depois de uma caçada, Farrobo preparou um lauto jantar numa das suas quintas, encomendando a um pirotécnico estrangeiro vistoso fogo de artifício. O caseiro, prudentemente, aconselhou o a mandar colocar guardas á roda das vinhas, para evitar que o povo as invadisse ansioso de ver o fogo, inutilizando assim grande porção de vides.

— Deixa lá. Eu gosto que o povo se divirta», respondeu o Conde.

Á hora do fogo de artifício, uma multidão enorme acorreu de toda a parte, para admirar o apetitoso espectáculo. Apareceu novamente o caseiro, aterrado:

— «Senhor Conde, sucedeu o que eu previa... O povo entrou pela fazenda dentro, pisou as vinhas e o prejuízo já é enorme.»

— «O mal não será irreparável. Se te parecer que estragaram nove ou dez pipas de vinho, vem então cá avisar-me».

E as girândolas continuaram a sua trajectória colorida ...

*

Um dia, em Paris, assistiu a um espectáculo na Ópera Cómica. Representava-se uma peça em que se falava em todas as Nações da Europa, menos em Portugal. Um assomo de patriotismo subiu-lhe nas veias. E na noite seguinte, comprou a lotação inteira do teatro, dando entrada gratuita a todos os parisienses.

No dia seguinte, Paris inteiro, falava do Conde de Farrobo e de Portugal.

*

Era assim este multi-milionário a quem D. Miguel proibiu que utilizasse um coche de prata e tartaruga, que ofuscava a magnificência régia, e que na cerimónia do casamento de D. Maria II apresentou os cavalos da sua carruagem, com ferraduras de prata!

Com 68 anos de idade, nesta Lisboa que ele pôs em alvoroço, finou-se, já com a fortuna desbaratada, aquele que ainda hoje vive na tradição do povo português.

Correia de Oliveira

Este altíssimo poeta, que a morte recentemente veio buscar, ficará por direito de conquista na antologia lírica portuguesa.

Quando foi eleito sócio da Academia fez em verso o seu discurso de saudação. Nunca acontecera coisa semelhante na nobre casa do Duque de Lafões, mas a categoria do escritor permitia-lhe essa bizarria intelectual.

Em novo, o Chiado conhecia-o familiarmente. À porta das livrarias, o seu paradeiro era certo.

Um dia, o irmão, dramaturgo, apareceu-lhe a fumar cachimbo. E explicou:

— Deixei o cigarro por causa da mortalha. Um charuto ou um cachimbo, sempre são outro luxo ...

— Fumaças do João — comentou o consagrado poeta.

*

Quando do regicídio, em 1 de Fevereiro de 1908, Correia de Oliveira atravessava o Terreiro do Paço, de chapéu alto. Esteve para ser morto. Na confusão daquela tarde trágica, só um milagre o salvou a ele, partidário ferveroso do antigo regime e que, por ocasião

da substituição da bandeira azul e branca pela actual, escreveu esta quadra:

— Bandeira das cinco chagas
Tu caiste? Isso que tem?
De mais alto caiu Cristo
P'ra se erguer como ninguém!

*

Já que estamos em maré de quadras, contaremos que numa noite, na província, uma criança de tenra idade o interrogou, procurando saber a razão por que o Sol não era visível durante o período nocturno.

O poeta sorriu e, fugindo a uma explicação científica, fez uma linda quadra, que depois meteu num dos seus livros:

— Olha o Sol, fogueira d'oiro.
Onde esteve a noite toda?
Talvez no Céu onde os Santos
bailaram à sua roda ...

Poeta até à raiz dos cabelos, uma vez depôs, num inquérito, contando a sua forma de trabalhar. Acabara de escrever um novo volume. E disse: «O meu último livro, *A Árvore*, escrevi-o em vinte dias. Não sou eu que escrevo. Sinto-me levado e impelido nessas ocasiões por uma força misteriosa».

*

Um dia — há quautos anos isso vai! — gostou de uma mulher e escreveu então os seus primeiros versos, já impregnados daquele misticismo que nunca o abandonou. Calcule-se o entusiasmo com que ele os escreveu. Chamavam-se *Ladainhas*. Os amigos riram das suas veleidades e Correia de Oliveira ficou desgostoso. Ouçamos o poeta:

— Eu não sabia o que eram versos, nem medir versos, saiu-me aquilo ... Troçaram-me tanto que estive

para endoidecer. Sabem o que me valeu? Um artiguinho do Trindade Coelho. Essas palavras salvaram-me!

*

Teve uma triste mocidade. Para auxiliar a mãe, empregou-se num escritório de tabelião e mais tarde foi recebedor em Sesimbra. O que o seu bom coração lá sofreu! Pelo seu emprego, tinha de ouvir e atender as mulheres dos pescadores a pedir-lhe que lhes perdoasse as décimas, coisa a que a lei o não autorizava. Em apuros, perplexo diante dos papéis, dos pobres e da desgraça, pouco se demorou naquela ocupação, que não estava nada de harmonia com o seu feitio bondoso.

*

Por último e para fecharmos com chave de ouro esta secção, demos a palavra a um gigante da prosa — Raul Brandão —, que com ele conviveu bastantes anos. Era assim que o vigoroso prosador o definia: «António Correia de Oliveira, ossos nervos e a pele necessária para os cobrir — com um chapéu alto e lustroso em cima — grande poeta, com raízes frofundas na Natureza, tem na Beira uma tia que passa a vida em diálogos estranhos com as árvores e as pedras.

E, mal chega a noite, começa a cumprir o seu fadário. Leva até à madrugada a dar de beber indistintamente às plantas do seu quintal e às dos quintais vizinhos, numa piedade que se estende até às ervas ignoradas e ruins.

Monologando sempre, vai e vem — que não fique alguma com sede, com o regador nas mãos, até que a manhã a encontre exausta, feliz, encharcada até aos ossos e ainda embebida naquele sonho frenético de ternura. Toda a emoção do poeta está aqui, do grande poeta que diz: «Sinto em mim uma força da Natureza. Hei-de aproveitá-la».

Os avós deram cabo da casa. O pai, ninguém o arrancava às suas árvores e um tio, personagem de Camilo, morreu cosido de facadas».

*

Assim falou Raul Brandão do eminente lírico que escreveu com a sua simplicidade, aquela quadra inspirada:

> Fôra a vida um mês de Junho
> Bem se levara a contento:
> São Pedro a abrir-nos o céu,
> Santo António o casamento.

Eça de Queirós

No dia 23 de Julho de 1866, um jornal de Lisboa inseria a seguinte notícia:

«Vem de Coimbra para Lisboa, com a sua recente carta de formatura o novo bacharel, Dr. José Maria Eça de Queirós».

Ia lançar-se no profissionalismo da advocacia, aquele que mais tarde havia de ser um dos grandes da literatura nacional. É possível que o seu talento o tivesse celebrizado também no fôro, mas abençoada a hora em que a caneta de Eça de Queirós, em vez de escrever contestações e minutas, deliberara escrever romances, artigos, contos, sueltos, numa orgia de talento que inundou o século.

*

Em 1889, entra triunfante nos Vencidos da Vida. As suas definições são labaredas de aspírito. Alguém junto dele elogia a função da indústria bancária no desenvolvimento da riqueza e logo Eça, irònicamente:

— Sim, na verdade os Bancos seriam instituições perfeitas, se nós pudéssemos ir lá buscar dinheiro, sem primeiro o termos lá posto.

*

Eça, com o seu ar catedrático, era encantador no convívio. Só a doença o forçou a abdicar da sua categoria de *gourmet* incorrigível. Adorava fazer bacalhau de cebolada e já no fim da vida, quase sustentado a uma água termal francesa, de vez em quando, não resistia a uma salada de lagosta. Seguiam-se dias de sofrimento.

Uma vez, esteve hospedado num hotel do Porto, e ao pedir a conta, verificou que estava excessivamente «salgada». Eça chamou o gerente:

— Esta conta está incompleta. Foi, de certo, esquecimento.

— V. Ex.ª dirá, Sr. Dr., é possível ...

— É que esta madrugada, quando eu entrei, elucidou o romancista, o porteiro deu-me as boas noites, e eu não vejo cá isso metido na conta.

O gerente embatucou.

*

Fialho, que não morria de amores pelo autor do *Primo Basílio*, escreveu a seu respeito: «Conheci-o há pouco mais de um ano, num gabinete do restaurante, onde ele ia cear todas as noites. Espírito adorável bordado de infantilidades sàbiamente permitidas para os efeitos cénicos da sedução, e sobretudo esse previlégio sagaz de não perder um milímetro da estatura pela intimidade e pela franqueza, prodigalizados em volta».

Mais tarde, o autor dos *Gatos* escrevia:

«De ano para ano, Eça de Queirós vem a Lisboa, observar de quantos séculos Portugal retrogradou desde a última visita que lhe fez. E das suas janelas do Rossio, vê arrastar-se em baixo a miserável gente, amarela e morna que vai para o emprego público ou vem da casa de penhores».

*

Em 1898, festeja-se o quarto centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia. Eça escreve uma longa carta à esposa, ausente de Lisboa. Alguns períodos: «A família Apolónia de tais cuidados me cercou, que quase me incomodou. Logo pela manhã os almoços eram temerosos — porque o prato mais insignificante era sempre um imenso peru! A etiqueta é comer de tudo, e eu cumpro. No último dia houve um jantar festivo. Então foi tremendo! Só arroz, havia de três qualidades. De todos tive de provar — depois de repetir.

. . . .

«Lisboa está em pleno centenário. Dizem que vieram da província, mais de cem mil pessoas. Ainda apanhei o cortejo cívico que não tinha civismo nenhum, e onde apenas ofereciam interesse, um bando de pretos de Moçambique. Entusiasmo nenhum. O povo ainda não percebeu, quem era este Vasco da Gama».

A prosa do Eça, mesmo íntima, é sempre saborosa.

*

Da mulher, dizia: «O homem tem para fazer o drama, a guerra, a revolução, o duelo, o livro e o teatro. A mulher confinada no mundo do sentimento, tem apenas — o Amor».

E censurava-as maliciosamente explicando:

«A mulher não aceita o corpo que a Natureza lhe dá. Procura aquele que se vende nas modistas».

Preguntando qual era em seu entender, a mulher mais apetecida, Eça não hesitou:

«As mulheres querem-se como as peras, maduras e de sete cotovelos ...».

*

O genial escritor sempre teve grande inclinação para as letras. Mais tarde, já consagrado, a sua velha

ama comentava: «E lembrar-me eu que me queixava do papel que ele consumia a escrevinhar coisas quando era pequeno»! E para terminar, um pormenor que marca o ambiente de ternura e de gentileza que havia na sua casa.

Eça adorava flores. A esposa, sempre solícita, nunca deixava a sua mesa de trabalho, sem uma jarra.

— Em que mês estamos nós? Perguntou um dia a D. Emília, a dedicada companheira do escritor.

E ela esclareceu: Estamos em Abril. Não vês os lilazes?

Logo Eça, sorrindo:

— Tens razão. Aquela jarra é o nosso calendário!

Eduardo Garrido

Setenta anos andou este notável lisboeta na grata missão de fabricar gargalhadas que se estenderam de Portugal ao Brasil. Rei do trocadilho, só mais tarde teve em João Bastos, outro desaparecido, um digno sucessor. Garrido brincava com as palavras, descobria-lhes ligações pitorescas, inventava cacafonias estranhas e o público, divertidíssimo, delirava com as suas produções teatrais.

Não era alegre como Gervásio. Redondinho, baixo, de bigode grisalho e ventre elevado, tinha uma grande qualidade: a paciência nunca o abandonava.

Ganhou fortunas. Dissipou fortunas.

Houve uma ocasião em que todos os teatros do Rio de Janeiro representavam peças assinadas por ele. E apesar disso, as dívidas não o abandonavam.

Um agiota assegurava que o fecundo escritor tinha artes de arrancar dinheiro a um morto. E dizia muitas vezes:

— Este senhor Garrido dá-me cada aflição... Os cabelos brancos que tenho, devo-os a ele!

*

O seu grande desejo, cremos que nunca o chegou a realizar. E afinal era bem simples, para quem ganhou tanto dinheiro. Era ter um casebre no campo, duas árvores num retalho de horta viçosa e uma nora no fundo do quintal. E não escrever uma linha. Seria uma reforma justa e bem ganha.

Mas Garrido era rebelde a economias. Dizia que só quem é rico, é que pode fazer economias. E as moedas evaporavam-se do bolso pródigo.

*

Amigo do grande homem de teatro Luís Galhardo, uma tarde mimoseou-o repentinamente com esta quadra espirituosa:

De inveja não ardo
p'lo teu apelido
Se tu és GALHARDO
Eu cá sou GARRIDO

Se este nosso simpático escritor tivesse nascido em França, com a facilidade que tinha em fazer *jeux de mots*, talvez conseguisse o tal casebre modesto a que sempre aspirou.

Contava-nos Carlos Borges, empresário que conviveu com todos os autores e artistas do seu tempo, que Eduardo Garrido, quando assinava uma letra, muitas vezes dizia:

— Veja lá se é certo descontar-me a letra, porque em branco sempre vale o dinheiro do selo. Se eu a assino, nem isso vale ...

*

Um dia meteu-se a empresário no Brasil. Foi pouco feliz. Pôs em cena uma opereta chamada *O barbeirinho de Sevilha*. O teatro estava sempre vazio. Mesmo assim

mandou imprimir a peça e ofereceu um exemplar a Sousa Bastos com esta dedicatória:

Pobre empresário, amigo teu
Um *Barbeirinho* aqui te envia
que, com respeito a freguesia
Só teve aquela em que nasceu...

*

No Brasil chamam *quinzena* a um casaco curto de homem. Ainda na empresa de Eduardo Garrido, que corria o pior possível, os atrasos da companhia eram alarmantes. Chegou a dever 6 e 8 quinzenas. Certa tarde, no escritório, passou-se este diálogo entre o empresário e um artista:

— Dá-me licença, Sr. Garrido? Eu desejava pedir-lhe um obséquio.

— Queira dizer.

— Eu creio que não sou exigente, Sr. Garrido, e sou cumpridor dos meus deveres.

— Ora essa! O senhor é um artista exemplar. Pode contar com a minha amizade.

— Muito obrigado. A sua amizade honra-me muito, mas a família lá em casa é que não se contenta com isso.

— E tem razão. Deseja, provàvelmente, assistir hoje ao espectáculo. Quererá levar-lhe um camarote?

— Não é isso, senhor Garrido. Eu precisava muito duma *quinzena*.

— O quê? Pois o senhor traz aí um *frack* novo que lhe fica tão bem e quer mudar para uma *quinzena*?

O actor riu-se e saiu sem um real, mas contente.

*

Uma vez, em Paris, Eduardo Garrido procurou com grande eloquência impingir uma peça para o Teatro D. Maria, cujo gerente estava nessa ocasião na capital da França. A certa altura, o actor Carlos Santos per-

guntou-lhe o nome da obra. E o autor, ràpidamente, elucida: *A Pantera de Java.*

Gargalhada estridente do artista e do gerente do D. Maria pelo título estranho e logo Garrido, apontando o rolo que sobraçava, respondeu resignado:

— Já vejo que a *Pantera de Java,* para vocês é mais uma peça lançada às feras ...

Emília das Neves

Esta secção refere-se hoje mais a episódios do que a anedotas. De facto, Emília das Neves, grande figura da cena portuguesa, era pouco menos que analfabeta. Mulher de rara beleza, aos 18 anos iniciou a vida artística e a sua ascensão foi fulgurante. Incensada pelos críticos, lisonjeada pelo favor do público, só os empresários reagiram às suas exigências, incomportáveis para a época.

Nunca nenhum artista do seu tempo teve os honorários da «linda Emília», como lhe chamavam. E a verdade é que, quando num chuvoso dia de Dezembro de 1883, a grande actriz entregou a alma ao Criador, deixava oitenta contos, quantia enorme para a época. Era conflituosa e o seu feitio obrigou-a a várias *tourneés* pelo País, uma vez que os empresários de Lisboa com Francisco Palha à frente, se negavam a aturar as suas impertinências.

*

Uma noite, no Porto, Emília das Neves regressava de uma digressão pouco feliz. O público recebeu-a com frieza, indo ao ponto de atirar com moedas de cobre para o palco, pensando com esse gesto desorientar a actriz.

Mas Emília das Neves, serenamente, veio à boca da cena, dizendo para a plateia com um sorriso desdenhoso:

— Se é para os pobres, podem atirar mais ...

A plateia ovacionou o sangue-frio da artista e tudo acabou em bem.

*

Dizia-se que o Rei D. Pedro V tinha uma grande simpatia pela «linda Emília». Nunca se soube até que ponto essa simpatia se exteriorizou, mas o desditoso monarca binoculava-a com uma insistência que não passou despercebida aos colegas, e num dos ensaios em que Emília das Neves parecia distraída, João Rosa, chamou-lhe a atenção nestes termos:

— Ó Emília, estás a pensar no teu papel ou em Sua Majestade?

A actriz sorriu e à noite, brincando, disse ao director da orquestra:

— Se é verdade o que dizem, quando eu entrar em cena, exijo o Hino da Carta!

*

A sua popularidade era enorme. Ao passar nas ruas de Lisboa, todos a miravam e nma vez, no Chiado, um elegante da velha Havaneza fitava-a com demasiada insistência.

— Nunca me viu? — perguntou a actriz.

E o elegante sem se desconcertar, respondeu-lhe:

— De graça é a primeira vez, minha senhora.

*

Em certa peça representada no D. Maria, havia uma figuração de fidalgos que apareciam em cena com umas luvas tão encardidas que mal se lhes conhecia a cor, o que levou Emília das Neves a protestar. Santos Pitorra, o director de cena, explicou-lhe bondosamente:

— As luvas são, realmente, muito ordinárias, mas repare que estes fidalgos ganham doze vintens e só os recebem quando representam.

*

O seu talento era intuitivo. Nos primeiros tempos, como não sabia ler, liam-lhe os papéis, que ela decorava com incrível rapidez.

Os críticos nunca estiveram em absoluto acordo quanto ao seu autêntico mérito. Assim, o Fialho de Almeida, cuja pena era mais dada á censura que à lisonja, elogiou-a bastantes vezes.

Júlio César Machado, escreveu a seu respeito: «Defeitos de dicção, incorrecções, tudo quanto quiserem, mas é a mais bela voz e a organização mais rica que temos visto nos nossos palcos. É uma linda mulher e não falemos mais nisso!».

Já Ramalho Ortigão foi mais cruel, escrevendo nas *Farpas*:

«Como actriz, Emília das Neves, é a coisa mais imperfeita que se conhece. O seu processo é todo de acaso. Imaginem, por exemplo, dois sacos. Dentro de um saco, estão as palavras de «Margarida Gautier» ou da *Joana, a Doida*, e dentro do outro estão as inflecções da D. Emília das Neves. Tira-se de um saco uma frase e do outro uma inflecção, e têm o desempenho de um papel, tal como o compreende a exímia actriz. Ouve-se um grito estridente e vai-se ver o que é. É uma *cocotte* que agradece um copo de água com açúcar. Outra vez, surpreende-nos uma voz fresca, risonha, matinal como uma pérola de orvalho. Que é? É o grito de raiva de uma mulher a quem apunhalaram o filho!».

Fialho de Almeida

Um dos grandes da literatura portuguesa da época. Espírito rebelde, os 57 volumes dos seus *Gatos* arranharam meio mundo, não poupando ninguém aos seus sarcasmos.

Fialho teve uma adolescência cruel, que o deve ter azedado. Tendo necessidade de ganhar a vida, traba-

lhou numa botica modesta, que ele descreve na sua prosa brilhante :

«Durante esses sete anos de emplastos e de pílulas, ninguém pode imaginar os tormentos que eu passei. Davam-me três horas aos domingos, para oxigenar os pulmões, cansado de respirar drogas. A minha alimentação era uma berundanga que sobrava do jantar do patrão. A botica para mim, só teve a vantagem de me pôr em contacto com o povo, de me mostrar a existência dos bairros pobres e de me ensinar o preparo dos venenos, arte de que me tenho servido com êxito para rebentar diversas *ratazanas*.»

*

A tendência irónica, raro o abandonava. Uma vez, crítico de teatro, esqueceu-se de ir à estreia de uma peça que subira à cena no velho Ginásio. Entretido no Café Martinho, rodeado de amigos, conversou toda a noite, e só tarde se lembrou do encargo. E, como não encontrou ninguém que lhe contasse o enredo da peça, inventou-o. Calcule-se a cara do autor, quando no dia seguinte, ao ler o jornal, protestava : «Mas isto não é a minha peça! Lá não há nenhuma condessa!» enquanto Fialho ria da partida.

*

A certo tradutor que o autor do *País das Uvas* zarguncháva a miude, aconselhou um dia : «Quanto ao Sr. F., deixe-se de verter peças. E se tiver necessidade de verter alguma coisa, poderá, quando muito, verter águas ... »

A par de Camilo, foi um grande batalhador das letras. E queixava-se amargamente dos parcos resultados obtidos. «Não logro auferir da pena o sustento necessário, ganhando menos que um carpinteiro ou um pedreiro. Basta dizer que tendo publicado até hoje alguma coisa como mil novecentas e oitenta páginas compactas, os editores deram-me por toda esta bagagem,

seiscentos mil réis, o que representa uma paga de três tostões por página, menos de metade do salário do mais reles tradutor do *Ponson du Terrail* ou Xavier de Montepin! ».

Era justificado o queixume de Fialho de Almeida. Viver das letras em Portugal, sempre foi obra difícil.

*

Fialho tinha ciumes de Eça de Queirós, a quem davam uma consideração diferente da que lhe davam a ele. Fialho nunca entrou nos *Vencidos da Vida.* E quando, no Largo do Quintela, se inaugurou o monumento ao glorioso autor dos *Maias*, a pena de Fialho, num jornal de então, *A Tribuna*, inventou várias *blagues*. entre elas, uma entrevista sufismada com o dono do palácio que fica em frente da estátua.

— Diga-me, Sr. Monteiro Milhões, o que pensa V. Ex.ª do monumento?

— Penso que tenho de voltar a frontaria da minha casa para o Teatro D. Amélia. Imagine que os meus netos estão constantemente a perguntar quem é aquela senhora sem camisa. Já no outro dia lhes disse que era D. Maria II, mas com estes frios, os pequenitos, educados na compaixão, não me largam para que lhe mande um cobertor.

*

Apesar das suas irreverências, D. Carlos apreciava-o. O rei artista dizia de Fialho: «É pena que esse homem de tanto valor intelectual, seja um inabordável. Gostaria imenso de o ouvir e de o ter por amigo».

Fialho soube do elogio régio e limitou-se a dizer ao rei: «Também eu gostava de o conhecer, mas ele mora muito alto».

Gualdino dizia da livraria que o grande escritor legou à Biblioteca Nacional:

«Chama a estes livros as onze mil virgens. A maioria deles está por abrir. Há aqui Balzac e Zola, Eça,

Ibañez e Ponson du Terrail. Fialho tinha muito Ponson na sua biblioteca. Nas suas horas de amargura, esta literatura de costureiras e guarda-portões era a predilecta do talentoso escritor».

*

Columbano pintou um soberbo retrato a óleo do conde de Arnoso. E logo Fialho, analizando-o: «Este Columbano é tão cortezão que pôs no Arnoso um olho do Eça de Queirós».

*

Grande parte das irreverências de Fialho são hoje impublicáveis. Republicano na Monarquia, monárquico na República, o seu temperamento escaldava. Um mistério pairou sobre a sua morte. Mas as suas páginas imortais não podem deixar de figurar em todas as antologias de classe.

Num pequeno cemitério de Cuba, nesse seu Alentejo, que tão belas obras lhe inspirou, o autor da *Cidade do Vício* e das *Pasquinadas* encontrou, finalmente, o sossego que em vida nunca teve.

Gago Coutinho

A biografia de Gago Coutinho está feita. Herói nacional, a quem foram concedidas honras mundiais, sempre a sua modéstia cativou quantos com ele privaram. Como é sabido, não morreu novo.

Ele mesmo dizia com o seu ar brincalhão:

— «Na minha família não se morre cedo. Meu pai morreu com 92 anos».

*

Em Outubro de 1886, um grupo de rapazes transpunha o portão da Escola Naval.

No pátio, os alunos respondiam à chamada.

O professor gritou:
— 10! Carvalho de Almeida, filho do Conde de Azambuja!
E a seguir: «número 6! Carlos Viegas Gago Coutinho!
Respondeu um rapazote de rosto imberbe e ar acanhado. Perguntaram-lhe se era aparentado com os Braganças. Gago Coutinho elucidou: «Não senhor. Sou filho do escrevente da nau «Vasco da Gama». Meu avô era livreiro em Faro. O resto é gente do povo». Mais tarde, em Belém, onde fora baptizado, uma mulher de virtude quis-lhe ler a sina. Profetizou-lhe um casamento, em 1900, que lhe daria dois fiilhos. Nada disso aconteceu.

*

O herói nunca se interessou pelo casamento. Apenas aventuras sem consequências. E explicava:
«Não casei em novo. Agora, o casamento com uma velha não tem graça. Casando com uma rapariga, corria o perigo de suspeitarem que não era eu o pai da criança ...».
Dizia ainda:
«Nunca me apaixonei. Gostei de muitas mulheres e evitei a paixão porque, geralmente, ela leva o homem ao casamento. A vida, que é curta, deve ser vivida, ao passo que a morte, que é um espectáculo perpétuo, sempre degrada. Nunca tive filhos, legítimos ou naturais, e por isso só tenho motivos para me julgar muito feliz».
Registe-se a opinião.

*

Um episódio pouco conhecido: Gago Coutinho foi um herói anónimo da guerra de 1914.
Encarregaram-no da missão de fazer rotas secretas, para que os nossos navios pudessem fugir aos submarinos alemães. E, na hora do triunfo, ninguém se lembrou do homem oculto nos seus cálculos, que passou

meses a organizar roteiros desconhecidos, protegendo assim centenas de vidas.

Quando, ao lado do malogrado Sacadura Cabral, chegou ao Brasil no seu minúsculo avião, o entusiasmo foi formidável.

Uma casa de pasto carioca, anunciou dois pratos: «Bacalhau à Gago Coutinho» e «Bacalhau à Sacadura Cabral».

O êxito foi espantoso. Todos queriam comer o bacalhau, regado com vinho português ...

Em Lisboa, um grupo de pescadores, com umas raparigas à frente, cantavam junto da casa do herói, na Madragoa, ao som de guitarras:

> Não há bairro com mais raça,
> Tem mais graça até que a Graça,
> mais luz que a Estrela.
> Aqui viveram
> Sempre os bravos mareantes,
> Semp e aqui os navegantes
> fizeram ninho.
> Muitos morreram
> mas há um que ainda cá mora.
> Esse herói que o povo adora:
> Gago Coutinho!

*

Na sua casa da Rua da Esperança, destacavam-se dois quadros. Um representava madame Pompadour e o outro a Beatriz Costa, que foi grande amiga do Almirante.

Confessava este que choraria a vida inteira se a sua casa ardesse. A partir de 1923, foi aumentado o prédio. Mandou fazer umas escadas como as de bordo, para tornar mais fácil a comunicação dos diferentes pavimentos. O que ganhava como Almirante reformado, chegava-lhe para viver num bom hotel. Nunca tal quis. Desde 1900 fez vários testamentos. Família, quando morreu,

já não a tinha. Os seus livros que valem contos de réis, pensou em oferecê-los às Bibliotecas. O resto, todos o sabem ...

Garrett João Baptista de Almeida Garrett, poeta, político, escritor, orador, a todas as portas onde o seu talento bateu, foi recebido com as honras devidas a um grande senhor. Aos 13 anos, ensaiava a sua primeira obra teatral.

Amoroso impenitente, deve-se a um precalço de conquistador, uma das suas melhores obras.

*

Numa aventura das muitas de que foi herói teve de saltar um muro, para escapar a um desforço de um marido ofendido. Mas com tanta imprevidência o fez, que partiu nma perna, e esse desastre obrigou-o a estar mês e meio de cama. Aborrecido, foi durante esse repouso forçado que Garrett escreveu *Frei Luís de Sousa*. «Abençoado trambulhão!». — diria mais tarde Herculano.

Garrett frequentou amiude o Paço e D. Maria II apreciava o talentoso escritor. Conta-se que uma vez, depois de falarem de política, de literatura e de teatro, a rainha perguntara ao autor das *Viagens na minha terra*:

— Como se chama a sua nova peça, Visconde?

E logo Garrett, gentilíssimo, respondeu:

— Chama-se *D. Maria II, fundadora do Teatro Nacional* ...

— É uma honra imerecida — responderia a soberana.

— Pelo contrário, justísima. E consta que Vossa Magestade escreveu ou vai escrever uma peça — inquiriu Garrett. — Será indiscrição perguntar como se chama?

E D. Maria II, para pagar a galantaria do escritor, respondeu, sorrindo:

— *Frei Luís de Sousa.*

*

Garrett tinha dentes postiços e cabelos postiços e, quando vestia calção e meia, usava umas almofadinhas na barriga das pernas.

Um criado lorpa, chegado da província e pouco afeito a estas falsidades da civilização, viu uma noite o patrão despir-se. Ao vê-lo pôr os dentes num copo, o rapaz embatucou. Perante o chinó, empalideceu. As falsas barrigas das pernas foram para ele uma alucinação.

Garrett, que seguira o alvoroço do criado, disse-lhe com o ar mais grave deste mundo: «João. Agora, desatarracha-me a cabeça e guarda-a no guarda-vestidos!».

O homenzinho fugiu do quarto, para nunca mais aparecer.

*

O *Divino*, como lhe chamavam os seus condiscípulos de Coimbra, adorava o Parlamento. Aí, o seu espírito brilhante recreava-se, gozando os antagonistas. Um deputado, de nome Leonel Tavares, fizera algumas observações a um discurso de Garrett e ele prometeu vingar-se. Passados dias, entra na Câmara no momento em que o Leonel dizia:

— Senhor presidente! Dizem todos os publicistas ...

Garrett que não sabia do que se tratava, observava com veemência:

— «Não são todos!».

O deputado, em sobressalto, emendou:

— «Senhor presidente! Dizem muitos publicistas ...».

— «Também não são muitos», — dizia o interruptor a caminho da sua cadeira.

A Câmara começara a rir, e o pobre deputado pretendia emendar, dizendo:

— «Senhor presidente! Dizem alguns publicistas ...».

— «Diga quais são! — volvia inexorável o impiedoso Garrett.

O deputado já não sabia o que dizer e terminou:

— «Pois bem, Sr. presidente! Digo eu ...».

— «Ah! Isso agora é outra coisa. O senhor pode dizer o que quiser ...».

Não foi possível manter a gravidade do lugar. Presidência, Câmara e galerias romperam em estrepitosas gargalhadas.

*

Certa vez, um escritor incipiente, pediu a José Estêvão que o apresentasse a Garrett para ouvir a sua opinião sobre uma peça que tinha escrito, pedindo-lhe também que o autor de *D. Branca*, pusesse uma cruz, nas passagens que achasse más. Garrett devolveu a peça sem nenhuma cruz, o que fez rejubilar o jovem autor. Mas José Estêvão, desconfiado, falou no caso a Garrett, que lhe respondeu:

— «O' homem, se eu pusesse cruzes em tudo que achei mau, fazia da peça um cemitério».

*

Já perto da morte, Garrett dizia a Bulhão Pato: «Amei as mulheres e a política, porque as mulheres e a política são o drama e a comédia da vida».

E já na agonia, torturado com fricções e vesicatórios ainda tinha ânimo para dizer:

— «Estou quase como São Lourenço. Não me resta por queimar senão esta última costela, que deve ser a que tenho do meu parente São Gonçalo de Amarante».

Gervásio Lobato

Este infatigável comediógrafo, que fez rir Lisboa inteira, merecia um busto nesta cidade, pouco grata aos seus ídolos. O seu humorismo marcou uma época. Ninguém o igualou e os teatros encontraram neste homem alegre, de barba cerrada e de lunetas simples, um milionário do riso.

*

Gervásio era um hábil pianista e cantava menos mal em concertos que frequentava com satisfação. Certo Visconde brasileiro, seu amigo, oferecia bailes faustosos a que ele nunca faltava e onde encontrou ridículos pretextos para gisar uma comédia intitulada *Os Grotescos*. Nesta peça entrava a maioria do elenco do Teatro D. Maria, desempenhando António Pedro o papel do «Visconde».

Uma frase infeliz fez cair redondamente o trabalho do fecundo autor, e uma tremenda pateada fez enfiar a comédia pelo buraco do ponto. Não foi por ser mal escrita, asseguraram os críticos e os protestantes, mas por ser imoral.

*

O autor do *Comissário de Polícia* era um exemplo de alegria, de franquesa e de simplicidade. Schwalbach, outro grande das Letras, biografou-o sentidamente nas suas memórias. Em toda a sua obra literária, não há uma cena ou capítulo que possa melindrar os mais inocentes ouvidos.

Aos domingos, a sua casa da Rua das Trinas chegava a dar ideia de um manicómio.

*

No quintal da sua residência havia touradas hilariantes. Uma tarde, foi recebido no redondel um cavalheiro enluvado, de aspecto formal, chapéu alto na mão direita e uma carta de recomendação de Pinheiro Chagas.

Gervásio leu a epístola, prometeu ser-lhe agradável e quando ele, todo contumélias, risonho e cumprimentador, se preparava para sair, foi convidado para assistir à lide taurina e na cobertura da capoeira, à torreira do Sol, sentado num banquinho, dirigiu a corrida tratando os artistas como o *toiro*, com a maior correcção.

Gervásio ficou radiante e quando o visitante, numa nova roda de cortesias, se retirava, o espirituoso escritor

lastimava-se, dizendo: «Que pena! O que eu devia era tê-lo feito boi!».

*

Num ambiente de alegria, fundou-se certa tarde um país imaginário que se chamou *O reino dos carrapatos*. Elaborou-se uma Carta Constitucional e Gervásio ficou com o cargo de Presidente do Conselho e Ministro do Reino.

Criaram entre gargalhadas a corte dos Carrapatos, leram-se decretos mirabolantes e a tia da esposa do autor do *Em boa hora o diga*, mãe do grande Eça de Queirós, ao ver tanta loucura, pensou sair dali, dizendo atarantada: «Daqui a nada, vamo-nos embora. Tenho medo que isto se pegue e acabamos por ir parar ao hospital dos doidos!».

Imagina-se por isto o que era aquele lar gervasiante.

*

Pouco durou o Reino dos Carrapatos, que até chegou a ter a sua revolução com o ministro preso na casa de banho e o trono prestes a ser subornado por uma dúzia de pastéis de Belém.

O saudoso autor da *Bisbilhoteira*, grande amigo de Gervásio, folgazão como ele e que nunca faltava a estas ingénuas diabruras, recordava esta camaradagem, dizendo: «O bom-humor e o bem-estar aliavam-se para constituir um lar feliz com a figura simpática e bondosa dessa eterna criança que também riu e fez rir, a quem S. Pedro, ao recebê-lo às portas do Céu, entregou uma bola e um arquinho para se entreter com os anjinhos mais pequenos ... Era ali, naquele risonho viveiro, que ele criava, para depois a joeirar, a graça ingénua e sábia espalhada pela sua interessada e límpida obra literária».

*

Viveu apenas 45 anos o chistoso escritor. Numa das suas peças, um ex-fanqueiro, com fumaças de fidalguia,

ao fugir-lhe a boca para a verdade dizendo: «Quando eu era marçano...», corrigiu a *gaffe*. explicando a uma velha fidalga: «É que na minha terra, chamam marçanos a todos os que nascem em Março ...».

Gomes Leal Este presidiário da pena que durante 73 anos deambulou pelo mundo, opulenta e miseràvelmente, não teve nas letras pátrias a merecida consagração.

Génio fulgurante, em Lisboa nasceu e morreu, renegando no último quartel da vida, a sua obra revolucionária.

Seu pai, um humilde empregado da Alfândega, odiava a literatura e mandou o filho praticar no escritório de um tabelião. Mas Gomes Leal não se subordinava. Só a literatura o tentava. A sua sensibilidade era enorme. Sempre amante das flores dizia: «As rosas, como as camélias têm as suas predilecções intelectuais. As violetas são doçuridas. Há violetas que sabem de cor, versos inteiros de Soares de Passos».

*

Como panfletário mais de uma vez conheceu o presídio. Certa ocasião escreveu um soneto chamando *tigre* ao Conselheiro Arrobas. Foi preso e condenado a oito dias de prisão. O julgamento foi sensacional. Lá apareceu o réu com a sua flor ao peito, respondendo com insolência às perguntas do juiz. Interrogado por este se não calculava que o soneto insólito iria ofender uma autoridade, Gomes Leal respondeu serenamente:

«Na verdade, esperei que o Conselheiro Arrobas tivesse a lealdade de se desforçar com armas iguais, isto é, que ele me respondesse também com um soneto ...».

*

Até ao fim da vida, conservou o seu indomável orgulho de poeta e as suas veleidades de conquistador.

Uma senhora ilustre que o protegia, quando um dia se referiu a uma das suas baladas, ouviu-lhe esta resposta.

«Sim minha senhora. Fiz essa balada por uma mulher. Foi uma balada que a deixou bastante abalada.

*

Boémio cem por cento, quando tinha dinheiro não era dele. E se nessa altura ninguém lhe aparecia, metia-se numa taberna da Rua Fernandes da Fonseca e ali fazia um cacharolete de bebidas até se embriagar. Uma tarde foi para as hortas. O programa era comer passarinhos, metidos em uma gaiola, á espera do holocausto. Foi bebendo com os amigos para despertar apetite. Apenas a certa altura, Gomes Leal abriu a gaiola e deu-lhes a liberdade, prejudicando o jantar. Claro que os passarinhos fugiram todos. Diz Boavida Portugal, um dos companheiros da boémia: «O poeta entendera que seria crueldade devorar a inocência e libertou-os».

*

Rafael Bordalo no seu imortal *Album de Glórias*, caricaturou com a sua graça pessoal, o autor das *Claridades do Sul*. De 1873 a 1916, o seu talento dispersou-se em odes, panfletos, versos e sátiras.

Gervásio Lobato descrevia-o assim: «Cara oval e estranha, os seus cabelos ásperos e quase sempre em pé, os bigodes retorcidos insolentemente, os olhos grandes, um pouco espantados, a sua perpétua gravata branca e a sua enorme camélia, impando da carcela do seu casaco claro».

*

A senhora Duquesa de Palmela, senhora de grandes dotes de fidalguia, recebia o poeta cavalheirescamente. Em casa de D. Tomás de Melo, que Gomes Leal também frequentava, deixou cair, sem reparar, a ponta do charuto acesa, sobre a cauda do vestido de uma senhora que estava a seu lado.

Começou a cheirar a queimado e os que foram acudir à infeliz senhora, logo reprovaram a desastrada conduta do poeta. Este, porém, não se desmanchou, muito risonho e desfazendo-se em desculpas, redarguiu:

«É sina minha. Quando estou ao pé de senhoras, incendeio-as sempre ...».

*

Colaborador de quase todos os jornais de Lisboa, a sua derrocada foi dolorosa. Mas as dezassete preciosas quadras da *Senhora Duquesa de Brabantes* são dignas de uma antologia.

Mais de cem anos passaram sobre o seu nascimento. Muito há ainda a apreciar e a investigar na obra heterogénea do formidável poeta que foi Gomes Leal.

Gualdino Gomes

Gualdino Gomes, que não deixou uma obra literária, encheu Lisboa de ditos de espírito durante a sua larga existência. Os cafés do Chiado ainda recordam com saudade as suas *blagues*.

*

Na Brasileira do Chiado, que foi durante anos o seu paradeiro favorito, era certo vê-lo rodeado de admiradores, ávidos da sua conversa bizarra e pitoresca.

De uma vez, desconfiado de uns bolos, interrogou o criado:

— Os bolos estão frescos?

— Ora essa, Sr. Gualdino. Vieram agora mesmo da pastelaria.

— Isso não quer dizer nada. Também eu vim agora mesmo de casa e já tenho 78 anos.

*

Um dia, os jornais noticiaram a sua morte, com retrato e elogio necrológico. Um seu velho amigo, com-

panheiro da Biblioteca, correu a sua casa, a dar pêsames à *viúva*.

— Os meus sentimentos, minha senhora. Ele foi o que se chama um grande boémio, mas uma excelente pessoa.

A *viúva* protestou, dizendo que o seu marido nunca fora boémio. Fora, sim, o modelo dos esposos.

E o amigo não se conformava:

— Ora essa, minha senhora. Fui seu companheiro de muitas boémias literárias.

— O meu marido saía da retrosaria e vinha logo para casa. Faça favor de sair! Não o quero ouvir mais!

No dia seguinte, os jornais desfizeram o equívoco. Quem morrera, fora um brasileiro também chamado Gualdino Gomes.

Gualdino, quando soube, comentou:

— Posso morrer descansado, que já sei o que os jornais vão dizer de mim, quando eu for desta para a melhor ...

*

Uma vez um amigo apresentou-o a um sujeito das suas relações. Passados tempos, o apresentado passou junto de Gualdino, não tendo correspondido ao cumprimento deste. Gualdino embezerrou e uma tarde encontra no Martinho o mesmo cavalheiro com o amigo que os apresentara. E, assestando o monócolo, diz ao amigo:

— Fazes favor, *desapresenta-me* a este senhor.

*

Uma tarde, à porta da Mónaco, passam Ramalho e o Conde de Arnoso. Ramalho, de botas até aos joelhos, atacadas de lado com botões amarelos. Gualdino comentou para uns amigos a bizarria do escritor. Este percebeu e pediu ao Arnoso que investigasse a natureza do comentário.

Gualdino explicou:

— Fui eu que estava a dizer a estes meus amigos

que o Ramalho Ortigão anda a desfazer com os pés o que até aqui tem feito com a cabeça.

*

E para terminar, um episódio pouco conhecido. No velho Leão de Ouro, reunia-se aquele grupo que o génio de Columbano celebrizou num quadro famoso. As tertúlias eram animadíssimas e, às vezes, lá aparecia o Gualdino.

Na mesa ao lado era certa a presença de um velhote simpático, que roía furiosamente as unhas, enquanto ouvia risonho, as *blagues* da mesa ao lado.

Um dia, o velhote deixou de aparecer. Souberam por um criado que ele tinha morrido. Todos lamentaram o seu ouvinte desconhecido e um do grupo propôs que, na noite seguinte, cada um trouxesse uma quadra de homenagem. Gualdino quis esquivar-se.

— O que posso eu dizer de um homem que só conhecia por saber que roía as unhas?

Mas os outros insistiram e na tertúlia seguinte todos leram a sua quadra. Gualdino quis ler a sua em último lugar, por se considerar o que tinha menos estro. Mas o êxito foi grande quando o chistoso conversador declarou:

«Roeu as unhas primeiro,
Depois, os dedos roeu.
Foi roendo o corpo inteiro
Roeu-se todo e morreu!».

Guerra Junqueiro

Guerra Junqueiro, foi indiscutìvelmente o maior poeta do seu tempo. Abstraindo a sua feição combativa e revolucionária, o seu lirismo tem a marca inconfundível de um talento excepcional.

Junqueiro, conversando, espalhava génio às mãos cheias. Gostando de se divertir com a ignorância alheia, só uma vez no Porto, os seus planos se frustraram.

Numa roda de amigos e após um belo almoço (o poeta era um gastrónomo impenitente) Junqueiro pediu a conta, que era um amontoado de erros de ortografia: peixe com CH, freta por fruta e no fim, em frente da importância, a palavra *ÇÓMA*. Junqueiro riu e ao galego que lhe trouxera a conta, o poeta disse: «Esta soma não está bem». O criado levou a conta e daí a momentos voltou a soma na mesma. «O patrão pede desculpa ao Sr. Dr., mas diz que a soma está certa». Nova intervenção de Junqueiro, que assegurava que a *çoma* não estava bem. E então, o criado voltando, diz: «O patrão agradece muito, porque afinal o Sr. Dr. tinha razão. Faltava meter o queijo».

*

O poeta viveu largas temporadas no Porto. Certa tarde, passeava em um dos jardins da cidade invicta, na companhia de um seu amigo, catedrático da Universidade de Madrid que contou este episódio:

«O grande poeta é um místico. Só prega a piedade e o amor. Uma vez, uns rapazinhos penduravam uns balões para uma festa e um dos balões caiu na cabeça do Sr. Junqueiro que deu uma bengalada no petiz. E depois continuámos o nosso passeio e o Sr. Junqueiro sempre a pregar a piedade e o amor».

*

Junqueiro procurou um dia o irreverente Camilo e fala-lhe em Deus. É na última fase da vida do imortal autor do *Amor de Perdição*. O poeta tenta convencê-lo, e quando já o julga abalado, Camilo responde-lhe: — «Sim Junqueiro, você convencia-me se eu não sentisse ainda no estômago, três pastéis de bacalhau que estão aqui como três Voltaires ...».

E o rosto do grande romancista «esboçado numa argila cor de mel», na frase de Ricardo Jorge, sorriu tristemente.

*

Da sua casinha de Branca d'Alva, diz: «A minha sala de jantar, tem uma mesa e cadeiras de pinho. Depois de comer, quando quero um palito, corto-o da mesa».

*

Do seu exame de Matemética, conta um episódio pitoresco. O professor perguntou-lhe o que era «um coseno».

Junqueiro embatucou e o examinador era implacável: — Pelo que vejo, o senhor não sabe o que é um *coseno*. Estou satisfeito. Não sabe o que é um *coseno*, não preciso mais nada. E reprovou-o. Mais tarde, Junqueiro dizia ao Dr. Augusto de Castro: «Olha que já lá vão quarenta anos e ainda hoje, não sei o que é um *coseno!*».

*

As suas opiniões sobre arte tinham sempre a garra do génio. Rubens, o famoso pintor de carnações fortes mereceu-lhe um dia este espirituoso comentário: Quando vejo um quadro de Rubens, dá-me vontade de gritar:

— Rubens. Traz me meia tonelada de coxas de deusas. Rubens é um marchante de carne olímpica».

*

Nos bons tempos. Junqueiro tinha o prazer da mesa. Uma vez, telegrafou a Bernardino Machado, então em férias em um hotel da Foz. O telegrama dizia o seguinte: «Diz se posso ter aí ao jantar, galinha gorda, morta da véspera, metida em cinza, com penas, vinte e quatro horas».

Bernardino Machado acedeu, e, no dia seguinte, Junqueiro descia do comboio de Viana do Castelo. Quando o Dr. Bernardino Machado ainda estava nos

prelúdios da refeição, já o poeta tinha devorado a galinha. Era assim o seu apetite.

*

Certa tarde, uma holandesa gentil que lera a *Holanda* do nosso Ramalho Ortigão, perguntou a Junqueiro:

— Ramalho Ortigão c'est un grand escrevain portugais, n'est ce pas?

— Sim, sim, tem um metro e oitenta — respondeu o poeta.

*

Junqueiro dizia: «Quem criou o Mundo, não foi Deus, foi o Diabo. Deus só pode criar coisas perfeitas e no Mundo tudo é imperfeito e o homem é mau. O homem, no Paraíso, já tinha em si o germe do mal. Deus, que é divino, não podia colaborar em imperfeições. Portanto não criou o homem, nem as plantas, que também são más, porque roubam o sustento e o sol aos próprios filhos. Desiludam-se. Quem criou tudo isto foi o Diabo»!.

D. João da Câmara

Aos 55 anos, a morte arrebatou um dos nossos mais fecundos dramaturgos. Desde a comédia em um acto *Ao pé do fogão*, até aos seus clamorosos êxitos do *Alcácer-Kibir*, dos *Velhos* e da *Triste Viuvinha*, a carreira de D. João da Câmara é um constante galopar a caminho da glória.

*

Na noite da décima quinta representação do drama *Alcácer-Kibir*, uma linda noite de Março de 1891, D. João da Câmara fora aplaudido em delírio pela assistência que esgotara o Teatro D. Maria. Os amigos prepararam-lhe uma lauta ceia num restaurante já hoje desaparecido, *o Águia Roxa*, e, a meio do banquete,

Henrique Lopes de Mendonça deu a Carlos Harrington, improvisador de mérito, uma quadra alusiva ao triuufo daquela noite memorável. Era assim:

> Se foi Alcácer-Kibir
> A perda da nossa glória
> Tal norma, hoje representa
> a mais completa vitória.

A glosa, que pela sua extenção, não podemos reproduzir, provocou um delírio de aplausos.

*

O imortal dramaturgo adorava a noite. E dizia: «Não me importava ter catorze filhos em vez de sete. São todos, muito meus amigos. Só no teatro, eu tenho sofrido. Numa noite, o *Pantano* caira. Saí do teatro a pensar no que havia de empenhar no dia seguinte. De manhã, fui com uma casaca debaixo do braço. Numa casa, disseram-me com secura: «Não emprestamos sobre casacas». Chovia a potes. Nesse tempo eu jogava muito. Punha sempre de lado um tostão para o carro. Mas, às vezes, um velho fidalgo pedia-me o tostão para um cálice de vinho do Porto, e eu lá ia a pé até à Junqueira, a sonhar nas peças, molhado até aos ossos ...».

*

O bondoso D. João repartiu com os netos de Camilo Castelo Branco, os direitos de autor do *Amor de Perdição.* Os filhos de Nuno, não tinham pão no dia em que, inesperadamente, receberam esse dinheiro. Ele juntou duzentos e tantos mil réis e mandou metade à viúva. Nesse dia, disse ela enternecidamente, não tinha que lhes dar de comer.

*

Um dia, disse à mulher: «Sabes? Convidaram-me hoje a entrar para a política. Prometeram-me um lugar de deputado nas próximas eleições. Que dizes?

E a mulher, tristemente, abanou a cabeça e murmurou:

— Ó João, mal por mal, antes o Teatro».

D. João da Câmara sorriu e concordou. A política deixou de o tentar. Só a paixão do Teatro se manteve fiel até ao fim da vida, que, afinal, foi bem curta.

*

Nos seus tempos, ainda existia a boémia. Rafael Bordalo, o irmão Columbano, Ciríaco Cardoso, Eduardo Garrido e outros, eram inseparáveis companheiros do autor da *Triste Viuvinha.*

Uma noite, pelas duas da madrugada, um enorme grupo saía de uma taberna do Beco do Forno.

Fervia a gargalhada e a algazarra era atroadora. O polícia de serviço, vendo que era gente fina, não se atrevia a intervir. Mas um cabo que ia a passar interrogou o guarda:

— Que vem a ser isto?

— São uns pândegos que estão a fazer uma bulha de seiscentos diabos. Já os repreendi, mas eles fazem ouvidos de mercador.

— É fazê-los calar à força — replicava o cabo.

— Nessa não caio eu. Estes são dos tais que, em chegando ao Governo Civil, o nosso comandante manda-os embora, dizia o polícia.

— Pois vou lá eu, que não tenho medo. Mas ao reparar em D. João, recuou e recomendou ao guarda: «Olha, 173, faz o que quiseres, mas tem cautela. Um deles é o D. João da Câmara, irmão do Conde da Ribeira e camarista da rainha». E dizendo isto, retirou-se. Mas o polícia, cheio de curiosidade, dirigiu-se ao grupo, perguntando: «Qual dos senhores é que é o D. João da Câmara»?

Uma voz respondeu: «Somos todos»!

O polícia retirou-se e a algazarra continuou.

*

E o festejado autor de *D. Afonso VI*, que numa fria manhã de Dezembro de 1852 vira a luz do dia no palácio de seus pais, em boa hora trocou o curso de condutor de obras públicas, pelas glórias do tablado. Ainda hoje se recorda a criação do grande Rosa Damasceno nos *Velhos*. Nessa Primavera de 1893, com este drama sentimental, D. João da Câmara entrava definitivamente na antologia dos autores dramáticos da primeira fila.

João de Deus

O imortal autor da *Cartilha Maternal*, ergueu a sua geração numa apoteose de amor. Quando, em 1830, nasceu no Algarve o futuro autor do *Campo de Flores*, as antologias portuguesas iam receber novas e inspiradas obras poéticas.

Para as crianças havia de criar um método. Para os adultos arrancaria à sua lira cristalina versos de beleza e espontaneidade.

*

A rainha D. Amélia dominava já, então, o idioma português e lia-o. O seu entusiasmo foi tão grande que várias vezes dizia aos seus íntimos:

— João de Deus foi o grande jardineiro do meu coração.

*

Em Coimbra, onde com dificuldade se faz bacharel, Sanches da Gama, seu companheiro, dizia a propósito da bondade do poeta:

— O João nunca diz que não, seja a quem for. Se alguém lhe aparecer a pedir o Sol para o meio-dia, João de Deus, sem ironia, responde bondosamente: «Para o meio-dia é um bocadinho apertado, mas por volta das duas da tarde, talvez eu lhe possa arranjar o Sol».

*

João de Deus levou dez anos a doutorar-se. Dizia ele:

— Tantos quantos durou o cerco de Tróia.

*

Quando apareceu em Coimbra, não levava exame nenhum. Passado um mês, faz seu exame de instrução primária. Depois, de uma assentada, faz os preparatórios e em Outubro entra para a Universidade e faz com brilho o primeiro ano de Direito. A seguir, volta para o seu Algarve, sem tenção de regressar a Coimbra. Inteligência não lhe faltava, mas os livros, os lentes, os actos, aborreciam profundamente o grande lírico.

Por instâncias do pai, voltou para a Universidade. Faz o segundo e o terceiro anos, mas o quarto perdeu-o por faltas.

Uma tarde, João de Deus, de olhos no chão, passeava em Santo António dos Olivais. Encontrou o sobrinho de um lente que lhe perguntou:

— Que andas tu aqui a fazer, João? Perdeste alguma coisa?

— Perdi o ano, respondeu. Ando a ver se o encontro.

*

Um lente da Universidade, bastante palavroso, gastou um dia uma aula a provar a existência de Deus.

Então, o poeta fez-lhe esta quadra:

Ora a provar que há Deus, Nuno, isso é teima.
Pois há alguma ovelha no rebanho
que não saiba que só a mão suprema
Criava um animal desse tamanho?

*

João de Deus gostava de desenhar. Um seu colega pediu-lhe um desenho num album. E o poeta fez o esboço de um Cristo.

O colega elogiou-lhe o trabalho, pediu que acabasse o esboço e retirou-se

Quando saiu à porta da rua, João de Deus chamou-o da janela, dizendo:

— Anda cá, Sanches, já está pronto.

— Pronto o quê?

— O desenho, então que há-de ser?

O colega pasmou da rapidez da execução mas tornou a subir a escada e ficou atónito quando percebeu que o amigo apagara com uma borracha, o esboço que tinha feito, deixando o papel em branco.

— Mas então onde está o Cristo?

— Ressuscitou!

*

Para terminar, um episódio em que João de Deus só interveio no retrato.

Num camarim do velho Ginásio, uma atriz tinha na parede, emoldurado, um belo retrato do poeta, do *Campo das Flores*.

Certa noite, aproveitando o espaço que a artista estava em cena, uns frequentadores boémios desenharam uns óculos e uma farta bigodeira sobre o vidro que defendia o retrato do poeta.

Quando a actriz voltou da cena, ao ver a «partida» que lhe fizeram, exclamou desolada:

— Ai, o que os malvados fizeram ao meu rico Camões!

João Franco

João Franco tem mais episódios dramáticos na sua vida agitada do que pròpriamente anedotas. O último ministro de D. Carlos, que sucumbiu polìticamente, vítima de

um sonho que não pôde realizar, retirou-se da política após o regicídio, na fôrça da vida. Tinha 54 anos. Trindade Coelho conta que, na véspera dos trágicos acontecimentos que levaram ao trono o infante D. Manuel, o Conselheiro consultara uma bruxa transmontana que, sob um pseudónimo francês, fez furor e fortuna em Lisboa.

No estrangeiro, dizia a todos ter morrido em Fevereiro de 1908. Nunca ninguém lhe arrancou uma palavra. Só a um amigo velho disse um dia:

— Tinha previsto tudo. Tinha previsto a minha morte. Tudo menos o assassínio do rei. Isso é que nunca me passou pela cabeça.

*

João Franco não era homem para ser mandado. Só a chefia o tentava. Inflexível, cortando a direito, uma tarde encontrou nas Arcadas do Terreiro do Paço o grande republicano Dr. Magalhães Lima que fora condiscípulo dele. Este perguntou-lhe com um sorriso:

— Ó João Franco, quando é que você vem para a República?

— Para presidente? — respondeu ele ràpidamente.

A amizade entre ambos foi sempre grande, embora batalhando em c mpos opostos.

*

No período movimentado das incursões monárquicas, quando Paiva Couceiro sonhou restaurar o regime que sempre servira, delegados dos conspiradores tentaram trazê-lo para a luta. Na sua casa de Biarritz, Aires de Ornelas, que fora Ministro da Marinha do seu govêrno, palpitara-o. A sua resposta era inalteràvelmente a mesma:

— Ressuscitem-me o rei e o príncipe.

E desta atitude nunca se afastou. Muito mais tarde, quando lhe fizeram uma homenagem, João Franco, fiel à sua renúncia, explicava:

— Não é a idade que me assusta. Clemenceau, já no último quartel da vida, salvou a França.

*

Poucos estadistas foram caricaturados no Teatro como ele. No extinto Teatro Apolo, apareceu vestido de Nero, deitando fogo a Lisboa. Era na revista *Ó da guarda!*, que fez uma larga carreira. O Ministro soube do caso e riu-se. O público divertia-se e a empresa ganhou dinheiro.

*

Diziam os seus íntimos que ele gostaria de saber tocar guitarra. E nas horas de boa disposição, quando as preocupações políticas lhe davam algum descanso, dizia aos amigos:

— É a única prenda que invejo ao Infante D. Afonso ...

*

Schwalbach teve um dia uma questão com João Franco e mandou-lhe uma carta atrevida e violenta. Quando morreu Luís Palmeirim, Urbano de Castro teve este diálogo com o Ministro:

— A quem convinha o lugar de director do Conservatório, sei eu, mas não pode ser. Vocês estão a ferro e fogo ...

— A quem era? — interrogou João Eranco.

— Era ao Schwalbach — concluiu Urbano.

Franco sorriu e disse-lhe:

— Mande-o cá falar comigo às seis horas. Está nomeado.

Imagine-se a admiração do autor da *Bisbilhoteira* quando lhe deram a notícia! Foi num pulo a casa do Conselheiro, que o recebeu de sorriso nos lábios:

— Nós somos dois gatos assanhados!

Ficaram amigos. Mais tarde, deu a Schwalbach o hábito de Santiago. O novo director do Conservatório ficou comovido com tanta gentileza e, dias depois, João Franco recordava-lhe:

— Você estava tão nervoso naquela tarde, que deixou no meu cinzeiro, a ponta de um charuto que ia a fumar, e levou-me um dos meus!

Era assim na intimidade o fogoso homem político que em 1855 viu a luz do dia em Alcaide, nas faldas da Serra da Estrela.

José de Alpoim

Político dos mais falados nos últimos anos da monarquia, chefe do partido Dissidente,/nunca conseguiu pollticamente aquilo que ambicionou: o poder.

Homem de incontestável valor, faltou-lhe aquele *não sei quê* que torna os homens grandes.

Raul Brandão descreve-o primorosamente nas suas *Memórias*, dizendo: «Este homem imenso e loiro não tem um minuto de seu. Escreve cinquenta ca tas por dia, corre ao Parlamento, faz a crónica do *Primeiro de Janeiro* enche uma página de jornal, recebe toda a gente, encanta e domina todos num sorriso aberto: «meu querido amigo»; e, mais se fecha por dentro, arranca pelos do bigode e cai exausto, exclamando num pranto: «Não posso mais! Eu morro! Nem para ser rei de Portugal, valia a pena semelhante esforço!».

*

Pretendia saber tudo e estar ao corrente de tudo quanto se passava nos bastidores da política e do Paço.

Na verdade, não era tanto assim. Na sua vida, como em todas as existências de luta, havia um trabalho de sapa que nem sempre lhe dava informações certas.

Na tarde de 4 de Outubro de 1910, em pleno período revolucionário, Alpoim profetizou: — «Os revolucionários devem perder, mas a monarquia não se

salva. Como resistir aos ódios e aos julgamentos que hão-de fatalmente ser os processos dos últimos reinados?». Como se vê, José Maria de Alpoim, desta vez como em outras, enganara-se.

*

Alpoim era violento nos seus ataques. O Conde de Burnay era alvejado a miúde. Mas um dia, José Luciano pensou dar a pasta da Justiça ao irrequieto político. Alarme de Alpoim, que estava processado por abuso de liberdade de Imprensa. E, com uma audácia invulgar, dirigiu-se ao Conselheiro António Cabral pedindo-lhe um favor que, segundo ele e com razão, só a um irmão se pedia. O *Primeiro de Janeiro* tinha inserido sete cartas políticas, desagradáveis para o Conde de Burnay que o mandara processar. E Alpoim, angustiosamente, explicava ao amigo íntimo:

— «Compreendes que uma pessoa que está processada, não pode tomar conta da pasta da Justiça. Tive uma ideia. É que assumas tu a responsabilidade dessas sete cartas, o que não causará grande estranheza porque já várias vezes tens escrito em meu lugar, correspondências políticas para o *Janeiro*. E como o jornal é obrigado a apresentar as cartas em Juízo, peço que as copies com a tua letra, a fingir que são tuas. Eu me encarregarei do resto». António Cabral sorriu e fez-lhe a vontade.

Alpoim abraçou-o com lágrimas nos olhos e Burnay, vendo que não podia atingir José de Alpoim, desistiu do processo, sendo o habilidoso autor do estratagema, nomeado à vontade Ministro da Justiça!

*

A atitude de José de Alpoim, depois de assumir a direcção dos Dissidentes, foi mais ou menos de rebelião contra os partidos constituídos. Dizem que uma vez afirmou:

— «O rei é boa pessoa e patriota. Seria um lindo gesto se ele aderisse à República tornando possível o advento do novo regime».

É possível que tenha dito a *blague*, mas dado o temperamento de orador tribunício, sempre de sangue ardente, não é difícil supor que a frase do político foi verdadeira.

*

Alpoim fora um acérrimo defensor do seu chefe José Juciano de Castro, que uma vez, manifestando-lhe a sua dúvida sobre os chamados deputados independentes, dizia irònicamente ao seu subordinado:

— «Isto de deputados independentes, vão perdendo as sílabas à medida que se embrenham nas realidades da política. Entram no parlamento *independentes*. Depois com os contactos habituais, ficam *dependentes*, a seguir, comprometem-se e ficam *pendentes* e por fim ficam só os *dentes*, indispensáveis para os seus apetites ...».

*

José Maria de Alpoim, de nobre família, era generoso, com os simples e altivo com os jactanciosos. A um frequentador de saraus elegantes que constantemente se dizia descendente de Vasco da Gama, ele dizia certa vez:

— Sabe onde é a Índia? Já lá foi?

— Sei pelos mapas geográficos. De resto nunca lá fui.

— Pois tenho muito maior admiração pelo seu antepassado, porque foi lá parar sem saber onde se encontrava.

José Estêvão

Em 1809, nascia em Aveiro, José Estêvão Coelho de Magalhães. Soldado valoroso, foi o Parlamento o campo de acção que o tornou célebre e, émulo de Garrett, as suas intervenções parlamentares, os seus discursos violentos, os seus apartes espirituosos marcaram uma época.

A espantosa agudeza da sua inteligência permitia-lhe as respostas repentinas que surpreendiam a Câmara.

*

Um velho Marquês, deputado por um círculo do Norte, não simpatizava com o grande tribuno. José Estêvão pouca importância lhe dava. O Marquês pintava o cabelo e, um dia, o nosso herói, disse-lhe trovejante:

— «Quem pode acreditar num homem que traz estampada a mentira sobre a sua fronte?».

É cruel, mas decisivo. Não havia diques capazes de fazer estancar tão formidável eloquência. Verdadeiro homem *Sans peur et sans raproche*, como o cavaleiro de *Bayard*, no seu dicionário pessoal, a palavra «Medo» não existia.

Costumava dizer que um homem covarde é aquele que, no momento do perigo, pensa com as pernas.

*

Era Ministro o espertíssimo Rodrigo da Fonseca. O rijo aveirense conclue um discurso com as seguintes palavras:

«O povo não conhece os seus direitos. Se os conhecesse, agarrava no Ministério, vestia-lhe uma alva de condenado, punha-lhe uma corda ao pescoço e levava-o ao patíbulo».

O Ministro, numa voz frìgidamente magoada, procura embaraçar José Estêvão, dizendo:

— «É pena que o ilustre orador, tendo paramentado tão bem a vítima, se esquecesse de lhe pôr um crucifixo na mão ...».

Preparava-se a Câmara para rir, mas o orador responde fulminantemente:

— «Não me esqueci. Se não lhe puz o cruxifixo na mão, é porque o Ministério morre impenitente!».

*

De outra vez, Almeida Garrett defendia com o seu brilho inexcedível as prerrogativas da Coroa. José Estêvão, referindo-se a determinada princesa que a História dizia não dever nada à beleza, exclamou a certa altura do seu discurso:

«A formosa princesa ...

O *Divino*, com o seu ar solene, atalhou ràpidamente:

— «Que por sinal era bem feia ...»

— «Bem sei, replicou José Estêvão, mas tive medo de ofender as prerrogativas da Coroa, chamando feia a uma princesa de Portugal».

*

Rebelo da Silva, o grande historiador e romancista, contemporâneo de José Estêvão, escreveu a propósito dos seus discursos célebres:

«Há períodos em que o auditório suspenso, pode julgar que é a própria Pátria que fala».

*

A sua caligrafia era horrível. Quando lhe faltava o seu secretário habitual, perguntava a qualquer amigo:

— «Sabes escrever? Eu não sei. Se sabes, faz-me a obra de caridade de escrever as tolices que te vou ditar».

A meio do artigo, se o ditava de noite, acontecia-lhe amiude ter um ataque irreprimivél de sono, que o levava a bradar invariàvelmente:

— «Lá vem ele! Lá vem o diabo!».

O diabo era o sono. Mas bastavam dez ou quinze minutos de repouso para lhe restituirem o brilho da sua palavra privilegiada.

*

As suas aventuras políticas levaram-no ao cárcere, mas a sua ânsia de liberdade não tinha limites. Ele dizia:

— «Prefiro as privações ao ar livre, a todas as abastanças do Mundo, vendo-me enclausurado».

*

As sessões parlamentares em que o tribuno discursava esgotavam a grande lotação da Câmara. Havia um deputado palavroso que, ao defender a sua próxima candidatura ameaçada, iniciou o seu discurso com largas frases de retórica:

«Sei que vou morrer, gostaria porém, de morrer como Mirabeau. Ouvindo as mais lindas e inspiradas músicas, aspirando os perfumes mais raros e inebriantes, vendo em riquíssimos vasos de alabastro, as flores mais esquisitas ...».

José Estêvão não pôde mais e atalhou circunspecto:

— «Se o ilustre deputado deseja morrer, pede-se o favor de morrer mais barato, porque no orçamento não há verba para tanto!».

A Câmara delirou.

*

Mesmo na sua vida particular, era sempre original. Gostava de toucinho e, no clássico *cozido à portuguesa*, era o toucinho a primeira coisa que procurava.

Uma noite, ao jantar, perguntou ao criado pelo toucinho, que não encontrara no seu prato predilecto. O criado calava-se. José Estêvão insistia, até que percebeu que, tanto ele como o cozinheiro, se tinham esquecido de o comprar. O tribuno, puxando de uma moeda, disse para o António, o criado:

— «Toma lá um cruzado. É metade para ti e metade para o cozinheiro, porque duas bestas assim são raras ...».

*

Assim foi o homem que a morte levou aos 53 anos. O seu assistente, Dr. Tomás de Carvalho, vendo a eminência de um desenlace, aconselhou uma junta médica. José Estêvão, na antecâmara da eternidade, ainda gracejou:

— «Ó Tomás, então, já precisas de contramestre ao leme?».

José Luciano

Este estadista, que serviu três soberanos, foi uma figura de grande relevo na última fase do antigo regime. Chefe respeitado, José Luciano era espirituoso e irónico. Da sua boca, murada de farto bigode, saía a graça bem portuguesa, essa graça a que correspondia o apetitoso da nossa cozinha, por ele tão apreciada.

Teixeira de Queirós, «acusava-o» de ser grande apreciador de peru enterrado em arroz tostado no forno, e as famosas cabidelas de tradições abaciais e os saborosos estufados, nadando em gorduras rescendentes.

*

O velho político era inexorável nas suas atitudes. Derrubado, em 1906, o seu Governo, Hintze Ribeiro subiu ao Poder. Como era da praxe, os Ministros demissionários foram ao Paço apresentar ao rei as suas despedidas. José Luciano, já encostado a uma bengala, pois as pernas traiam-no, disse solenemente a D. Carlos:

— Uma circunstância desejo fazer notar a Vossa Majestade. É que com o Sr. Hintze Ribeiro eu hei-de ajustar as minhas contas ... Passe Vossa Majestade muito bem e dê-me sempre as suas ordens.

Comovido, o soberano apertou-lhe a mão e de lá seguiram para junto da rainha, que recebeu o estadista

com grandes demonstrações de estima. Mas ele, imperturbável, repetiu a D. Amélia:

— Uma coisa quero dizer a Vossa Magestade, e que já disse a el-rei. É que com o Sr. Hintz Ribeiro hei-de ajustar as minhas contas ...

— Ora! — respondeu-lhe a rainha —. Quem são os nossos amigos? Você e o Hintze.

— Sim, real senhora, tudo isso é muito bonito, mas com o Sr. Hintze Ribeiro hei-de eu ajustar as minhas contas ...

Realmente, ao fim de dois meses, Hintze tinha de deixar o Poder.

*

Uma tarde, um irmão de José Luciano passou por uma mercearia da Calçada do Combro, e, por cima de uma enfiada de chouriços, leu este reclamo: «Chouriços fabricados pela minha cunhada».

Logo Francisco de Castro comentou:

— Também hei-de arranjar uma montra com uma porção de retratos e pôr-lhe este dístico: «Deputados fabricados pela minha cunhada».

Parece que esta ironia era injusta, pois D. Maria Emília, esposa de José Luciano, não se metia na política do marido, embora tão acusada tivesse sido.

O chefe do Partido Progressista adorava um gato que vivia enroscado aos pés do dono. Era gordo, com malhas brancas e depressa conseguiu popularidade entre os partidários de José Luciano. Certa vez, sua esposa, senhora de fino espírito, ao vê-lo humildemente aconchegado junto ao marido, disse-lhe sorrindo:

— Se todos os progressistas fossem assim, que admirável seria o teu partido!

*

Depois da morte de Fontes Pereira de Melo, houve que escolher o seu sucessor. José Luciano conta pitorescamente o que se passou:

— Querem saber como fui escolhido para chefe? Nunca me levantando de onde estava. Os meus correligionários corriam de um lado para o outro, e eu, sempre quieto, sem fazer o mais pequeno gesto de me levantar. Morre o Braamcamp, olham em volta e só eu estava no meu lugar. Fui eu o chefe escolhido!

*

Um dos últimos episódios da vida do famoso político merece ser contado. No ardor revolucionário das primeiras horas da República, uns exaltados assaltaram a sua residência, o palacete da Rua dos Navegantes, em Lisboa. Contava, nessa altura, setenta e seis anos.

Procurou a família, receosa, escondê-lo, mas ele recusou. Queria receber, frente a frente, os que o acusavam. Eram quatro horas da tarde do dia 6 de Outubro de 1910. Na sua poltrona de rodas, o político da monarquia não perdera a serenidade. A família rodeava-o e a multidão, exacerbada, ameaçava o velho tribuno. Uns destruiram uma fotografia do príncipe D. Luís Filipe, outros tiravam papelada de uma arca, pensando, talvez, em descobrir documentos de importância. O tumulto continuava, até que apareceu Feio Terenas, deputado republicano, a aconselhar serenidade.

Contudo, a notícia do assalto propalara-se e daí a pouco, António José de Almeida, Ministro do Interior do novo regime, grande coração que mais tarde tanto sofreu, exclamou, à porta do palácio, na sua ressoante voz de tribuno:

— Prèguei sempre a generosidade para com os vencidos. Peço o máximo respeito para eles e pelas liberdades individuais, tanto de estrangeiros como de portug eses. Que ninguém ataque um cidadão. Que ninguém

ataque uma casa! Dou a minha palavra de honra que rasgo o meu diploma de Ministro, se os que mo conferiram fizerem o contrário do que lhes peço!

E a multidão debandou. Dois adversários dignos um do outro: António José de Almeida e José Luciano de Castro.

José Ricardo

O grande actor José Ricardo divertiu mais de uma geração de espectadores. Cultivou todos os géneros de teatro e as suas criações contam-se pelos papéis que desempenhou.

Conversador disputado, tinha inúmeros ditos de espírito, dos quais a maior parte se perdeu. As suas cavaqueiras de «café» ficaram célebres num tempo em que a boémia se cultivava bastante mais que actualmente.

José Ricardo morava ao alto da Rua da Alegria, no mesmo andar mais tarde habitado pelo empresário Alberto Barbosa, no mesmo edifício onde morou o escritor teatral Almeida Amaral. Um prédio talhado para residência de gente de teatro.

*

Conta o Dr. Oliveira Guimarães que o simpático actor era colecionador de bengalas. Vulgarmente, os seus amigos sabendo desta predilecção, presenteavam José Ricardo, de forma que a sua colecção já subia a algumas dezenas. Quando em qualquer antiquário aparecia uma bengala de feitio original, logo o actor a adquiria, radiante.

Certa vez, comprou uma, mas quando ela chegou a casa, levada por um empregado, notou que era bastante curta.

E a esposa interrogou-o:

— Não notaste isso quando a compraste?

Logo José Ricardo respondeu:

— Não, porque estava sentado quando a comprei.

*

Frequentava o Teatro Avenida, um engenheiro rico e pretencioso, falador incorrigível, com quem o artista nada simpatizava.

Um dia, um deplorável desastre de automóvel teve, como triste consequência, a amputação dos dois braços do referido indivíduo.

No camarim de José Ricardo, comentou-se o acidente e o actor disse aos seus amigos:

— Coitado do rapaz! O que eu especialmente lamento é ele ficar mudo.

— Mudo não. Apenas lhe amputaram os braços.

— Pois, por isso mesmo. É que ele falava pelos cotovelos ...

*

Havia um maestro compositor, aliás inspirado, que tinha pelo Deus Baco uma especial devoção. Era banal chegar, à tarde, aos ensaios, vermelho e transformado pelo álcool.

Uma tarde, José Ricardo passava nas traseiras do Teatro Nacianal, onde então havia uma casa de iscas, e o maestro entrava numa das locandas do sítio.

Um colega do actor, vendo o maestro entrar para a taberna, lamentou-o, dizendo-lhe:

— Parece impossível, estou admirado de ver o maestro X entrar para aquela casa.

— Mais admirado ficarás se o vires sair de lá.

Este maestro, filho de uma professora distinta que tem o nome na esquina de uma das ruas da cidade de Lisboa, tinha uma tentação que lhe apressou a morte. Algumas das suas canções se popularizaram e todos os seus admiradores lastimavam o terrível vício que o vitimou.

*

No velho Teatro Eden, onde o empresário Galhardo organizou, com os melhores elementos de então, uma

bela companhia de opereta, José Ricardo era uma das primeiras figuras. Ali se representou o saudoso repertório vienense e era *soubrette* a actriz Julieta Soares, felizmente viva, e que tinha uma larga corte de admiradores, fiéis à sua radiosa gentileza.

Entre os admiradores, um jovem oficial, sempre que podia, entrava na *caixa* do teatro, na ânsia de ver a graciosa artista.

Uma noite, o admirador preparava-se para bater à porta do seu camarim, mas José Ricardo deteve-o, dizendo-lhe:

— Perdão. O senhor neste momento não pode entrar no camarim da D. Julieta, porque ela está descalça.

— Isso não tem importância, retorquiu o galã.

— Tem, porque ela está descalça até ao pescoço...

*

Era assim, José Ricardo. Sempre uma piada engatilhada, um dito de espírito a propósito. Tinha um ouvido terrível. Mas o seu engenho de meter as letras nas músicas e as suas *notas parolas* eram notáveis.

Um maestro do seu tempo, Filipe Duarte, nome ilustre, rico de inspiração e que deu a revistas e a operetas estribilhos que deram a volta a Portugal, dizia:

— Este José Ricardo, em assuntos de música é assombroso. Confunde *A Portuguesa* com o hino da *Maria da Fonte* e não sabe diferençar *A Marselhesa* do *Fado do Ciúme*...

Júlio César Machado

Este alfacinha da gema, que tinha Lisboa no sangue e que acabou tràgicamente a sua existência num triste dia de 1890, escreveu a sua primeira peça aos 14 anos. Representou-se no extinto Teatro do Salitre e chamava-se *Umas calças de lista*. A imprensa aplaudiu a precocidade daquele que havia de ser o grande folhetinista dos ridículos da cidade.

*

Companheiro inseparável dos que nesses felizes tempos do Rei D. Carlos cultivavam a boémia, quantos ditos de espírito se perderam nos velhos restaurantes e nas animadas tertúlias hoje totalmente desaparecidas!

Fialho de Almeida chamou-lhe o poeta dos costumes patuscos do alfacinha. Grande camarada de Rafael Bordalo Pinheiro, com ele trabalhou no livro *Os Teatros de Lisboa*, obra magistralmente ilustrada pelo genial caricaturista.

Rafael morava então num prédio da esquina da Travessa de Santa Justa. Lá aparecia, muito janota, o nosso César Machado, de gravata à *Lavaliére*, calças claras com lista preta, chapéu alto, bengalinha na mão e um grosso charuto na boca. Chegado a casa do colaborador descalçava os sapatos de polimento, substituindo-os por uns chinelos inverosímeis. Uma vez, a esposa de Bordalo entrou inesperadamente na sala e o folhetinista, muito comprometido, puxou ràpidamente uma poltrona para diante de si, para que não o vissem naquele á-vontade.

*

O eterno feminino teve em César Machado um ardente devoto. Ficou célebre um rapto que deu escândalo em Lisboa. Uma bailarina que trabalhara em S. Carlos e no Teatro da Rua dos Condes, embaciava os binóculos dos elegantes da época. Júlio César, tal como o seu émulo histórico, chegou, viu ... e venceu. Foi um ano de infatigante lua de mel.

Nessa época, quando se via aflito de dinheiro, embrulhava um *paletot* e lá ia a caminho do prestamista, dizendo aos conhecidos que o encontravam: «Vou ali ao carvoeiro ... ».

*

Sim, porque o nosso herói apreciava o puro sumo da uva e as boas petisqueiras. Gabava-se da sua mes-

tria em fritar ovos. Na Rua do Jardim do Regedor havia uma casa de pasto, conhecida pelo *Penim*, onde Tasso que mais tarde ascenderia ao estrelato da arte dramática, serviu à mesa como criado. O austero Alexandre Herculano perdeu-se por lá muitas vezes. Também o poeta Bulhão Pato, outro apreciador de boa mesa, mais conhecido pela sua receita de amêijoas que pela obra literária, por lá passava a miúde, chefiando um grupo de boémios do tempo.

*

César Machado chamava à adolescência, a idade em que o corpo da mulher lhe sobe à cabeça. Já nesse tempo estranhava a pouca permanência em casa, das raparigas que tinham no Passeio Público o seu divertimento predilecto, em prejuízo dos arranjos domésticos. E comentava :

«Educar as raparigas de hoje, que não param em casa, deve ser pior que ensinar a remar por correspondência...».

*

Mais tarde, apenas a dez anos do seu desfecho trágico, nova complicação sentimental surgiu no coração sensível do gracioso humorista. Borghi-Mamo, que foi durante duas épocas a *coqueluche* dos frequentadores de S. Carlos, também se deixou enredar nas teias do ardoroso apaixonado. E não ficaram por ali os seus arrubos amorosos.

Certamente, o seu espírito, que não o seu dinheiro, conferia-lhe esses apetecíveis triunfos amorosos. César Machado era muito agradável no convívio. Pediram-lhe um dia uma definição da modéstia. Respondeu : «A modéstia é a vaidade de não ser vaidoso».

*

Na casa onde o escritor se suicidou e cuja rua tem hoje o seu nome, havia um galego que lhe levava barris

de água, fazia as compras e todos os domingos apresentava o rol do que lhe deviam pelos serviços prestados durante a semana.

Um dia, mandaram a César Machado um bilhete de benefício para o teatro da Rua dos Condes. Como não pudesse ir, ficou com o bilhete mas deu-o ao galego para ele ir gozar o espectáculo. Calculem o seu espanto, quando, ao verificar o rol do domingo seguinte, leu: «Por ir à Rua dos Condes — 500 réis».

Explosão do amo:

— Ó grande mariola, então eu dou-te um bilhete para ires ao espectáculo e tu ainda por cima me exiges cinco tostões?

— E olhe que foi barato, patrão. Demoraram-me lá até à meia-noite. Antes queria fazer um frete bem pesado que estar ali a noite toda a ouvir tanta asneira!

Latino Coelho

Quando, em 1899, morreu em Sintra, que ele tanto amava, Latino Coelho, Portugal perdeu um dos seus valores mais representativos. General de Engenharia, Ministro do Estado, lente da Escola Politécnica, Latino, foi tudo quanto quis. Classificava a matemática como «uma das mais gratas voluptuosidades do entendimento» e adorava as ciências naturais que «alargavam o homem até aos confins do Universo».

*

Latino morou defronte da Alameda de S. Pedro de Alcântara. A sua casa era o espelho da sua modéstia. No chão, uma alcatifa modesta, na janela, uma cortina de juta, seis cadeiras de palha, uma mesa pequena, tendo em cima um busto em gesso do bispo de Viseu e nas paredes duas cartas geográficas.

*

Herculano, dizia dele: «Latino sabe tudo e o que não sabe, adivinha».

*

Da sua memória espantosa, vamos relembrar dois factos :

Um notável matemático português descobriu, a poder de estudo e de trabalho, determinadas propriedades comuns a certas curvas. Foi a casa de Latino, radiante de alegria pela descoberta, Latino ouviu-o, dizendo apenas no fim :

— «Olhe, meu amigo, o seu trabalho é magnífico e o processo é engenhoso, mas tudo isso já foi descoberto há três anos pelo professor X, da Universidade de tal».

*

De outra vez, a Escola Politécnica adquiriu uns modelos de madeira que tinham pertencido a um mineralogista português, falecido em Paris. Quando mais tarde se quis fazer um catálogo, nenhuma das pessoas encarregadas de o elaborar se lembrava do nome do mineralogista. Era necessário remover montanhas de papelada para investigar. Alguém lembrou que talvez Latino se recordasse. E mal lhe perguntaram, ele respondeu imediatamente :

— «Chamava-se Francisco de Paula Monteiro».

*

Uma tarde, à porta da casa do sábio, apeou-se dum trem o marechal Saldanha. Ia pedir-lhe que redigisse uns decretos ampliando as liberdades públicas e convocando as Constituintes com amplos poderes. Nessa noite, Latino não dormiu. Com um amanuense do Ministério, redigiu os decretos que no dia seguinte, o próprio Duque de Saldanha foi buscar pessoalmente.

Mas alguém preveniu o rei, nestes termos:

— «O Saldanha vai trazer-lhe uns decretos. Vossa Majestade não os assine, senão está perdido».

Quando Saldanha chegou ao Paço, o monarca abraçou-o, dizendo:

— «Então o Duque ajudou-me a conquistar o trono e não quer que os meus filhos reinem?».

Os decretos não se publicaram. Mais tarde, Latino dizia a Saldanha:

— «Ora V. Ex.ª não podia deixar-me dormir, naquela noite, sossegado?...»

*

Um comentário de Latino:

— «Em Portugal há coisas muito curiosas. Quando se quer engrandecer qualquer coisa, chama-se-lhe «real». Armada Real, Real Academia, Real Teatro de S. Carlos, etc. Mas quando se trate de calote, então chama-se-lhe Dívida Nacional ou Dívida Pública.

*

A um amigo aconselhava: «Quando uma pessoa tem razão, deve argumentar como homem. Quando não tem, deve discutir como mulher».

*

Latino, quando já não tinha mais que estudar, resolveu aprender húngaro. Também teve os seus amores, que Brito Camacho descreve num livro curioso e, apesar do seu talento multiforme, não escapou à pecha da alcunha. Chamaram-lhe *o Latinório dos Coelhos* ou *o Coelho da Latinidade.*

Mas, com alcunha ou sem alcunha, Latino Coelho foi um nome que todos respeitaram, na literatura, na cátedra ou no Parlamento.

Por isso Herculano, parco em elogios, tendo lido um artigo que Latino escrevera ainda na juventude, disse a seu respeito:

«Este rapaz é extraordinário. Começa por onde muitos acabam».

Lobo de Ávila

Este «vencido da vida», que foi dos primeiros a desaparecer teria sido neste País tudo quanto lhe apetecesse devido às suas qualidades de inteligência e ao seu poder de insinuação.

Atacado, como em geral acontece a todas as pessoas de mérito, era a paixão de João Franco que teve com a sua morte «um dos maiores desgostos da sua vida».

Os «Vencidos da Vida», esse grupo *jantante* como lhe chamava Fialho com uma ponta de despeito, chamavam a Lobo de Ávila, o *Benjamim* do grupo, por ser o mais novo de todos.

*

Director do jornal *O Tempo* que era órgão oficioso do grupo, ali se deram alfinetadas políticas que tiveram êxito. No seu jornal definia assim a política que o fez Ministro duas vezes, ele que morreu apenas com 35 anos:

— «A política é uma arte muito especial. Vive de oportunidades e bambúrrios. Há homens notáveis que falham pela sua timidez e há medíocres que triunfam pela sua audácia».

Assim foi, assim é e assim será.

*

Carlos Lobo de Ávila abandonara o Partido Progressista, levando consigo o grande orador António

Cândido e a campanha que sofreu do partido que abandonara, foi terrível. Diz Rocha Martins:

«Rebentava uma campanha de Imprensa contra o moço talentoso que procurava formar um Ministério com gente nova. Menoscabavam-lhe os sentimentos, alcunhavam-o soezmente e andava o seu nome nos jornais republicanos em troças que a *Folha do Povo* consubstanciava na sua secção intitulada *Os Ridículos*.

Nessa altura agitada da sua vida política, *O Tempo* que ele fundara e agora pertencia ao Conselheiro Dias Ferreira, dizia em grosseira referência ao jovem Lobo de Ávila, Ministro das Obras Públicas:

— «Passando ontem nas Arcadas do Terreiro do Paço, notámos com espanto, que ainda não estivessem colocadas as respectivas tabuinhas verdes nas janelas do gabinete do Sr. Ministro das Obras Públicas».

Até onde podia chegar a ferocidade política!

*

No *Correio da Manhã*, jornal dirigido por Pinheiro Chagas, havia uma secção que deu brado intitulada *Perfis parlamentares*. No auge dos ataques a Lobo de Ávila, chegou-se a escrever nesta cruel secção:

— «É tão velhaco que alguém disse de Sua Excelência: não é ele que sai ao pai. O pai é que sai a ele».

O pai de Lobo de Ávila era o Conde de Valbom, figura grada da Monarquia.

*

«Nos Vencidos da Vida», onde pontificavam Eça, Ramalho, Junqueiro, Sabugosa, e tantos homens ilustres, Lobo de Àvila aparece retratado ao lado de Oliveira Marttns. Chamavam-lhe «um prodígio de pouca idade que tanto urdia uma trama como volteava num baile».

Quando fez anos, «Os Vencidos» festejaram a data, tendo o Conde de Sabugosa, escrito o hino dos «Ven-

cidos da Vida» que nessa noite os amigos entoaram desafinadamente. A música era a da *Rosa Tirana*, então popularíssima. A primeira estrofe era dedicada ao antifrião:

— Aqui estão os dez vencidos
Oh! Carlos
Cumprimentos escolhidos
Trolaró laró laró ...

Depois de variadas oferendas em que Eça de Queirós, revelou a receita de um bacalhau de cebolada, o autor dos versos, fechava com esta estrofe:

— Sabugosa arrebatado
Oh! Carlos
Tirano!
Um verso de pé quebrado
Trolaró, laró, laró ...

Em 1895, Lobo de Ávila, na flor da idade desapareceu, levando consigo alguns segredos da política do seu tempo.

Esta evocação de hoje, mais de episódios que de anedotas, recorda um rapaz que, como dissemos, teria sido neste País tudo quanto tivesse querido, se a morte o não tem levado tão novo.

Lucinda do Carmo

Não é preciso ser muito idoso para lhe lembrar dessa grande actriz que encheu com o seu talento os palcos nacionais. Estrela de opereta, vedeta de declamação, brilhou alto, no tempo em que duas Lucindas enchiam de prestígio os nossos tablados: Lucinda Simões e Lucinda do Carmo. Todos quantos a conheceram dão conta de ter sido uma mulher inteligente e espirituosa. As suas respostas desconcertantes, os seus àpartes oportunos fizeram época.

*

Havia uma actriz pretenciosa, com a pecha de se embonecar e sofrendo do mal muito frequente no chamado sexo frágil: roubar alguns anos à verdadeira idade. As opiniões divergiam. Um dava-lhe trinta anos, outro trinta e três e um jornalista presente declarou que a artista dizia com uma grande sem-cerimónia que tinha apenas vinte e um!

É então que Lucinda intervém, dizendo maliciosamente:

— Ah! Ela diz que tem vinte e um? Então basta multiplicar por dois, que dá certo ...

*

Havia um admirador mesureiro que não largava o camarim da actriz. Cada vez que anunciavam a sua visita, Lucinda tremia de pânico. Já sabia que era a noite toda a ouvir banalidades. Mas *noblesse oblige* e lá o ia aturando. Numa noite de estreia, naquela lufa-lufa natural do nervosismo de uma primeira representação, lá apareceu, com a sua inconsciência, o indigesto *habitué*. Lucinda transpirava por todos os póros e, quando ele saiu, a espirituosa actriz comentou para um colega:

— Este homem é tão massador que, quando se lhe pergunta que horas são, começa por nos contar como se fabricam os relógios.

*

O teatro é um meio onde a vaidade e a intriga fervem na mesma caldeira. Os medíocres, em geral, julgam-se talentosos e a formosura está sempre presente na imaginação das mulheres que pisam os palcos. Fialho de Almeida, que também era mestre na ironia, dizia que a língua de Lucinda do Carmo se assemelhava a uma lâmina de Toledo ...

Uma dessas belezas de camarim falava-lhe de um dos seus apaixonados, lisonjeada pelos seus galanteios, dizendo orgulhosamente para a implacável artista:

— É muito amável. F. ainda ontem me dizia que eu era bonita e inteligente.

E, logo, a Lucinda:

— Que falso que é esse homem. Começa logo a enganar-te, mesmo antes de casar contigo.

*

O seu espírito era devorado por uma multidão de admiradores atentos. Jornalistas, homens de letras, todos disputavam o encanto da sua conversa, onde sempre um fino sarcasmo temperava qualquer comentário malicioso. Outra colega arranjara uma situação desafogada, mas parece que a sua ambição não se sentia suficientemente recompensada com o afectuoso D. Juan que a cumulava de presentes de toda a espécie. As censuras choviam, e, achando estranho que a privilegiada da sorte não se conformasse com os favores recebidos, Lucinda observou:

— Estão enganados, meus amigos. Fulana conforma-se absolutamente com aquilo que tem. Com o que ela não se conforma é com aquilo que não tem...

*

São inúmeras as intervenções espirituosas e quantas se perderam na trivialidade das conversas de todos os dias!

Para terminar, um episódio pitoresco: Lucinda teve uma criada, pobre labrega que se divertia com as suas respostas despropositadas. A actriz achava-lhe graça e raro se zangava. Uma bela manhã, ordenou-lhe:

— Rosa, vai ao salsicheiro e vê se ele tem lá pés de porco.

A criada hesitou, olhando aparvalhada para a patroa, que repetiu o recado.

— Eu vou, minha senhora — acabou por dizer.

Saiu e parece que se demorou mais tempo do que era para desejar. Lucinda já estava preocupada com a demora, quando apareceu a serviçal com o xaile pelos ombros e um daqueles olhares inexpressivos onde a inteligência nunca se podia albergar.

— Então? — perguntou Lucinda, com curiosidade de saber o resultado.

— Desculpe, minha senhora, mas não consegui ver se o salsicheiro tinha pés de porco.

— Ora essa. Porquê?

— Porque ele estava de botas.

*

Uma *boutade* da grande actriz:

— A leviandade das mulheres evidencia-se no próprio dia do casamento. Sobem ao altar com um homem e descem com outro.

D. Luís I

Foi relativamente calma essa época em que el-rei D. Luís reinou perto de 28 anos, entretendo-se a aturar o «roulement» dos governos e a traduzir burguêsmente Shakespeare. A sem-cerimónia com o monarca bonacheirão era espantosa.

Uma vez, D. Luís foi à Tapada caçar e matou três coelhos. Assim que chegou ao Paço da Ajuda, quis mostrá-los à rainha, mas já tinham desaparecido dois em tão curto percurso.

O derespeito pelos seus charutos era tal que o rei chegava a não encontrar na caixa um só para fumar! Mas, a condescendência impedia-o de protestar com a autoridade das suas funções. Limitava-se a sorrir com um bondoso encolher de ombros ...

*

Este monarca português, que entrou na História con o cognome de Bom, conhecia os clássicos musicais, mas, como estudava pouco, tocava mal. Tal não impediu que, por lisonja, o grande Rossini lhe dissesse:

— Vou organizar um concerto em minha casa, para que Vossa Majestade, que é um dos melhores músicos que conheço, seja ouvido e apreciado.

Não sabemos se D. Luís acreditou na hipocrisia do talentoso maestro ...

*

Raul Brandão conta que, certa vez, uma personagem ilustre furtara do Paço um célebre punhal, que passava por ter sido de Benevenuto Cellini.

A polícia descobriu o furto e entregou o punhal ao rei. Pois o bondoso D. Luís calou-se, entregou-o a um particular, recomendando que não o apresentasse senão depois da sua morte, para não se saber quem fora o ladrão.

*

Este feitio bonacheirão de D. Luís não lhe tirava, entretanto, as qualidades de bom diplomata, mesmo em ocasiões difíceis e melindrosas.

Quando do casamento de D. Carlos com a princesa Amélia de Orleans, que tanto havia de sofrer em Portugal, o Ministro da França em Lisboa, fora incumbido pelo seu Governo de representar o seu país no consórcio principesco.

Mas, por outro lado, o Governo de Paris ia expulsar do território francês a família Orleans. A situação era embaraçosa. O Ministro fez um pequeno discurso de velada cortesia. D. Luís, compreendendo a dificuldade, respondeu, sorrindo, nestas duas dúzias de palavras:

«Agradeço ao Governo Francês tê-lo escolhido para me exprimir os afectuosos sentimentos que vindes

de interpretar. O casamento de uma princesa francesa com meu filho só pode ser útil à França e a Portugal».

E nada mais se disse.

*

O Governo do Duque de Loulé, em 1869 foi derrubado por uma revolta militar chefiada pelo Marechal Saldanha.

D. Luís, ao receber, no Paço da Ajuda, o vencedor, declarou-lhe que desejaria que aquele movimento militar redundasse em benefício da monarquia e abraçou o Marechal com tanta violência que os óculos caíram-lhe no chão.

Conta-se que Saldanha, sorridente, disse a D. Luís:

— Sim, meu senhor, penso salvar a monarquia, mas permita-me Vossa Magestade que primeiro salve os meus óculos ...

E apanhou-os do chão.

*

Como se sabe, o enterro de D. Luís proporcionou a Fialho de Almeida uma das suas mais belas páginas.

A sua agonia foi lenta, D. Maria Pia, com raro estoicismo, assistiu à morte de seu marido e imediatamente, aproximando-se do príncipe Carlos que soluçava, beijou-lhe a mão, dizendo:

— Saúdo-te como soberano e abençoo-te como descendente. Desejo-te que sejas rei tão justo como tens sido bom filho.

Ia começar um novo reinado, que acabou tràgicamente numa tarde de Fevereiro de 1908.

Machado Santos

Este valoroso oficial da marinha, justamente apodado de «Fundador da República», criminosamente assassinado numa sombria noite de Outubro, foi sempre uma pessoa de bem e um pitoresco comentador dos

acontecimentos. Idealista sincero, tipo Cândido Reis, Manuel Arriaga, António José de Almeida e tantos, viveu sempre uma vida modesta e só a aventura da Rotunda o celebrizou pela sua audácia e pela sua coragem.

*

Houve um momento, no dia 4 de Outubro, em que os revolucionários acampados perto da Feira de Agosto começam a desanimar. A Guarda Municipal crivava de balas todo o terreno. O bravo comissário naval, a cavalo, corria de um lado ao outro. O fogo era violento e todos se escondiam em covas. Aconselharam Machado Santos a fazer o mesmo. Ele recusou severamente, dizendo: «Não faço. Tenho de dar o exemplo».

Era este o homem que na terrível noite em que o mataram, ao ver-se obrigado a sair da sua casa, perante a ferocidade dos captores, estendeu o pulso a um deles, dizendo-lhe tranquilamente: «Podes ver que as minhas pulsações não se alteram com as vossas ameaças».

*

Combateu pela República, tinha 35 anos incompletos. Comissário naval de terceira classe, ar nada marcial, óculos de lentes grossas, foi ao Terreiro do Paço retribuir a visita que o Governo Provisório lhe fizera ao acampamento da Rotunda.

Teófilo Braga, então presidente do Ministério, recebeu-o com o seu ar despretensioso e, pedindo desculpa da ausência dos outros ministros, disse ao *Pai da República* pitorescamente:

— O senhor é como um bom sapateiro que, depois de acabar a obra, a vai entregar ao freguês, mas tem o direito de ver o seu nome à esquina de uma rua.

Machado Santos riu-se e respondeu a Teófilo Braga.

— Olhe, senhor doutor. Eu estou a achar muita piada a tudo quanto se tem passado depois do 5 de Outubro ...

*

A respeito da sua intervenção no movimento revolucionário de 1910, escreveu:

— Julgo ter sido o único oficial que se preparou para a morte como quem se prepara para um casamento. Digo-o com legítimo orgulho e estou convencido de que, ao menos uma vez, o objectivo decorativo — dragonas — produziu qualquer coisa de importante.

Os exploradores do inimigo, ao verem-me à frente da guarda avançada na Rua Alexandre Herculano, imaginaram que a coluna revolucionária era numerosa, pois à sua frente vinha... um oficial general! O resultado foi o de fugirem espavoridos... Efeitos das dragonas...

*

Quando na Escola Naval teve de prestar juramento, compromotendo-se a defender a monarquia, não abriu a boca e os condiscípulos, sabendo-o republicano, chamavam-lhe irònicamente *Presidente da República do Cartaxo.*

Mas a integridade do seu carácter era notável. Poucos meses depois da República, que ele ajudara a proclamar, várias vezes disse a alguns amigos.

— D. Carlos foi um grande rei, e o rapaz — referia-se a D. Manuel — era simpático. A mim chamam-me herói, mas se me matassem o pai e o irmão, eu nunca mais aparecia.

*

Depois do regicídio, os cadáveres foram para a morgue. Um exaltado foi ao Necrotério e conseguira apertar disfarçadamente a mão ao professor Buiça, que matou D. Carlos.

Contou o caso ao grande republicano Machado Santos, que lhe pergunta com repugnância:

— Com que mão lh'a apertaste?

— Com a mão direita — respondeu o outro.

— Então, de hoje para o futuro, passa a cumprimentar-me sempre com a mão esquerda — respondeu o futuro herói da rotunda.

*

Onze anos e dezasseis dias depois do acto que o integrou na História, um rancho de alucinados subiu a escada da Rua José Estêvão, um lar modesto e carinhoso de onde em 19 de Outubro de 1921, foi levado para a morte, o infeliz comissário naval.

Marcelino Mesquita Este *D'Artagnan* da literatura teatral, se um dia descesse o Chiado, tendo à direita Ramalho Or igão, e à esquerda Jorge Colaço, formaria uma trempe que faria tremer o burgo.

Nascido há cem anos, na risonha vila do Cartaxo, o seu temperamento inconformista marcou uma época. Bexigoso, barba com muitas brancas, chapéu desabado e capinha curta, Marcelino explicava:

«A gente quando chega a certa idade vive em perpétua irritação. Vivo no Cartaxo, num descampado: a quinta fica entre duas estradas. Não passa lá ninguém. Leio, fumo e trabalho. Tinha um moinho. Primeiro acrescentei-lhe uma cozinha, depois um quarto, agora tenho lá uma casa. E já não posso viver sem o ruído das mós. O meu quarto fica mesmo em cima. Daqui a oito dias, com as macieiras em flor, aquilo é adorável!».

Nesta meia dúzia de frases o homem fica retratado.

*

Uma noite, no Teatro D. Maria, representava-se um drama histórico em verso. O produto do espectáculo destinava-se a fins beneficentes. Caaa acto era festejado com demonstrações calorosas. No final, apareceu no palco um rapaz imberbe, de cabeça erguida e olhar

altivo. O drama que tinha nessa noite a sua consagração chamava-se *Leonor Teles*. O poeta que a escrevera era Marcelino Mesquita.

*

Marcelino passou fugidiamente pela Escola Médica. Superiormente inteligente, não estudava, não observava doentes, e os professores convencidos de que ele nunca faria clínica, deixavam-no passar ... por direito de matrícula.

De uma vez um professor mandou-o auscultar um doente atacado de pleurisia. Marcelino pôs o ouvido nas costas do doente e ouviu ... os risos do curso.

— Diga ao doente que pronuncie em voz alta «trinta e três».

Marcelino, sempre com o ouvido colado à pele do doente, disse-lhe que pronunciasse três vez.s: «trinta e três».

— Que ouviu? — perguntou-lhe o professor.

Marcelino endireitou-se e saiu-se com esta:

— Noventa e nove!

*

Um dia, na sala das autópsias, rodeado do curso, procurava num cadáver a confirmação do diagnóstico que fizera.

Marcelino estava ao lado do mestre.

Que pulmão é este?

E Marcelino, sem hesitar:

— É o direito!

— Porquê?

— Porquê? Se aquele que está além é o esquerdo, este tem de ser o direito.

Gargalhada geral, a ninguém causando admiração que Marcelino desconhecesse que o pulmão direito tem três lóbulos e o esquerdo só dois, para nele se alojar o coração.

*

Um dia, na aula de Filosofia, Marcelino foi chamado. E o mestre perguntou-lhe:

— Como se classificam os fenómenos anímicos?

— Em fenómenos da inteligência, da sensibilidade e da vontade.

— A fome, que espécie de fenómeno é?

— É um fenómeno da vontade.

— Ó senhor, veja o que está a dizer. Então a fome é um fenómeno da vontade?

— Exatamente, da vontade ... de comer — concluiu Marcelino.

*

Um dia, encomendaram a Marcelino uma peça para inauguração da época. Chamava-se *O Rei Maldito* e era um drama histórico.

Marcelino deu o primeiro acto para ensaiar e não pensou mais em acabar a peça.

Uma tarde, Pedro Cabral, que era o ensaiador, encontrou o dramaturgo no Camões e perguntou-lhe angustiado:

— Ó Marcelino, então o resto da peça?

— Vocês desculpem, mas ainda bem que te encontro. Eu tenho querido continuar o segundo acto, mas não me lembro o que fiz à ingénua.

— A ingénua morreu no primeiro acto — elucidou o ensaiador.

— Não faz mal. Eu arranjo outra para o segundo.

E assim foi.

*

Na época brilhante do teatro português, o talento de Marcelino encheu-o de dádivas preciosas. Este insigne dramaturgo que *suava* teatro, vai ser agora consagrado na perpetuidade de um monumento, no seu ridente Cartaxo. A sua vila natal tinha para com ele essa dívida de gratidão.

Maria Matos

Maria Matos, a grande actriz que deixou insubstituível o seu lugar no nosso teatro, merece bem ser recordada nesta singela parada de pessoas ilustres. O velho Ginásio, hoje demolido, foi um dos seus campos de luta, onde durante anos valorizou a obra de tantos escritores. Lisboa inteira por lá passou, aplaudindo com eutusiasmo a artista que lhe proporcionava momentos tão agradáveis.

Aluna do Conservatório, ali chegou a professora. O seu estranho exame de admissão, embora já tenha sido relatado, merece ainda ser recordado.

*

Maria Matos, bastante jovem, apareceu diante dos examinadores, muito pálida. A sua timidez foi notada. O encantador Schwalbach pediu à menina acanhada que disssesse uns versos. Ela hesitou, declarando não se lembrar de nenhuns. Pediram-lhe então que recitasse um trecho de prosa. Igual resposta, perante o espanto do júri, que, perante tal escassez de recursos, só tinha uma coisa a fazer: mandá-la retirar. Então, o bondoso D. João da Câmara, não se dando por convencido, perguntou à futura actriz:

— «E a Avé-Maria, também não sabe?

Ela disse a oração de tal forma que, com o acordo dos membros do júri, ficou logo admitida. Não se pode negar originalidade à sua entrada nessa vida artística que tanto havia de honrar.

*

Maria Matos era espirituosa e por vezes repentista nas suas observações.

Certa vez, uma estreante esforçava--se, numa companhia de comédia, por dar relevo a um pequeno papel que lhe haviam distribuído. Simplesmente, as inflexões saíam-lhe todas erradas. E a pequena, muito baixa, mostrava-se atarantada. Maria Matos assistia, numa frisa, ao ensaio da «debutante».

O ensaiador, já desanimado, disse à sua colega :

— «Tenho de desistir. Uma *miuda* que não diz uma frase certa e, ainda por cima, com aquele tamanho, é impossível».

— «Na minha opinião, o defeito não está na altura ! Bem pequena é a Adelina Abranches e chega onde não chegam as outras muito mais altas. O que prejudica aquela pequena, não é o tamanho. É a falta de habilidade».

O comentário era acertado.

*

Maria Matos gozava de um excelente apetite. Uma vez, em Braga, num alegre almoço a que assistia o empresário António do Macedo, seu grande admirador, apareceu na mesa uma suculenta travessa de pastéis de bacalhau. Um primor da culinária. A actriz comeu com satisfação, prestando ao acepipe esta homenagem :

— «Estes *croquettes* estão tão bons, que eu gostaria de comer um, por cada papel que tenho desempenhado».

O António Macedo, rindo, tirou-lhe por graça, a travessa da frente, dizendo :

— «Nem pense nisso, D. Maria, um pastel em homenagem a cada uma das suas criações, provocava-lhe a maior indigestão da história !

*

Um episódio inédito passado ao pé de quem escreve estas linhas.

Num dos teatros de Lisboa, um actor cómico, hoje reformado e que tinha a sincera estima dos seus colegas, resolveu fazer o seu benefício. No desejo de arranjar um acto de variedades, teve uma ideia pitoresca. Os principais artistas da companhia aprenderiam uns versos que seriam cantados em estilo de desgarrada.

Os colegas riram-se e olharam todos para Maria Matos que, também risonha, disse ao artista:

— Ó senhor Fulano, tenha juízo. Já não tenho dezoito anos e a minha idade já não me permite entrar em cégadas. Porque não contrata você a «Dança da Luta»?

A voz expressiva de Maria Matos deu tal realce a este comentário que ele foi saudado com uma gargalhada geral e o simpático actor muito ruborizado, desistiu do empreendimento...

E muito mais haveria ainda que contar da talentosa artista, que a morte arrebatou dos nossos palcos.

D. Maria Pia

Quando a Rainha D. Maria Pia veio da Corte de Turim para Lisboa, trouxe vários criados italianos. Tinha uma grande nobreza de porte e era superiormente elegante. Grandes desgostos a esperavam no País, onde o céu tem a cor igual ao da sua doce Itália. A princesa era sardenta, defeito que mais tarde lhe desapareceu por completo.

A infeliz rainha, que se despediu de Portugal, quando na praia da Ericeira, o *iate* real a levou ao exílio, era muito supersticiosa. Era vulgar perguntar às suas damas que vestido havia de levar a um passeio. Bastava que uma só lhe respondesse: «Acho que Vossa Majestade devia levar o vestido azul». Para logo a Rainha dizer: «Já tinha pensado em levá-lo, mas como vocês me falaram nele, não o levo!».

E tudo isto porque tinha enguiço em levar um vestido que as suas açafatas lhe tinham aconselhado.

*

D. Maria Pia tinha a paixão do bilhar. Jogava-o no Paço da Ajuda e nas veligiaturas de Vila Viçosa. Era uma Rainha em todas as suas atitudes. O Conselheiro

José de Almada chamava-lhe «uma Rainha admirável para um País rico».

Uma manhã ouviu uma vendedeira de queijos a apregoá-los. Mandou comprar. Pagou-os por uma libra, porque a criadagem ficou com a diferença que vai de doze vintens — o preço autêntico — à libra que a soberana esportulara...

Certa vez, numa praia do Norte, uns pescadores reconheceram D. Maria Pia e pediram-lhe esmola. A rainha mandou-lhes dar uma avultada quantia e como alguém, lhe fizesse ver o exagero da dádiva, logo ela respondeu com altivez:

— O verbo *dar* tem de ser conjugado pelos reis duma forma diversa da outra gente.

E acrescentou: «Quem quer rainhas, paga-as!».

*

D. Maria dava algumas das suas *toilettes* a empregadas do Paço que depois as vendiam a particulares e a artistas. Uma noite foi ao Teatro D. Maria e, ao regressar, disse a uma das suas damas de honor, sorrindo:

«Esta noite no teatro vi uma actriz com um *robe-de-chambre* que era meu!».

*

Contava nestes termos o seu consórcio real:

— Combinado pelas chancelarias o meu casamento, meu pai mostrou-me o retrato de el-rei D. Luís. Deu-me bondosamente oito dias para reflectir. Eu respondi que não contrariava a vontade de meu pai e assentei no casamento. Mas a verdade é que cheguei a Lisboa e gostei mais de el-rei do que no retrato.

*

D. Carlos era, em criança, teimoso e recalcitrante. Uma vez, disse ao médico do Paço, referindo-se às aias: «Estas raparigas têm cabeça de galo!».

A mãe castigava-o, a ele e ao irmão D. Afonso, mais dócil, mas menos inteligente que D. Carlos.

O castigo da Rainha consistia em obrigar os pequenos a estarem duas horas de pé, ao canto de uma sala. Para fazer arreliar o príncipe D. Carlos, o infante D. Afonso dizia-lhe:

— Tu não chegas a reinar. Vem a República!

D. Carlos ficava exaltado e corria para o irmão para lhe bater. Era então que a rainha intervinha, pondo termo ao conflito.

*

Por uma curiosa coincidência, D. Maria Pia chegara a Lisboa num dia 5 de Outubro. E foi também num dia 5 de Outubro que a filha de Vítor Manuel, avelhentada, morto o filho e o neto, destronado o neto mais novo, embarcou num batel, com um grande pão debaixo do braço, figura de tragédia, o olhar vago, depois de 48 anos exactos de permanência no nosso País, onde conheceu mais tristezas que alegrias.

*

D. Maria Pia nunca deu valor ao dinheiro. Quando nasceu D. Luís Filipe fez uma larga distribuição de relógios de ouro por vários fidalgos da Corte. Foi ela também quem fez montar em Mafra o primeiro elevador que houve em Portugal. Podiam subir nele dez pessoas, mas eram precisas outras tantas para o puxarem à corda. Pela Páscoa, toda a gente pobre das imediações da Ajuda tinha amêndoas régias. Pelo Carnaval, na Avenida, levava para o corso sacos de seda com a coroa real cheios de chocolates. Dava-os a quem lhos pedisse.

*

Para terminar, um episódio passado com o Papa Leão XIII, em Roma.

Disse-lhe a Rai. ha: «Tive durante muito tempo superstição com o número 13. Vossa Santidade convenceu-me de que o número 13 é um número felicíssimo...».

Leão XIII sorriu e abençoou a espirituosa italiana de nascimento e portuguesa pelo coração.

Mariano de Carvalho

Mariano de Carvalho foi principalmente, um notável jornalista. Este homem, que chegou a estar empregado numa tosca botica da velha Mouraria, foi mais tarde tudo quanto quis. Como Ministro da Fazenda, criou o Banco Emissor e fez a reforma aduaneira. Na Câmara, versava todos os assuntos com uma espantosa maleabilidade de inteligência. Dele dizia Fontes Pereira de Melo: «Nunca há grandes maiorias, quando o Mariano de Carvalho está na oposição.

A sua capacidade de trabalho não tinha limites. Em casa, no seu escritório, passava horas e horas a encher tiras de papel para o jornal. A esposa, por vezes, tentava interrompê-lo com qualquer assunto caseiro. O jornalista, escravo da caneta, ficava inalterável. Nem levantava a cabeça. Fúria da senhora, tomando por desprezo o que nele era só preocupação dos seus labores.

Vendo-se sem resposta, gritava-lhe indignada aos ouvidos:

— És um estúpido!

Nesta altura, ele olhava para ela com inalterável serenidade:

— Têm-me chamado tudo, mas estúpido é a primeira vez!

E continuava a escrever.

*

Despretencioso na forma de vestir e tendo a satisfação de tratar os humildes como seus iguais, os cari-

caturistas do tempo reproduziam o grande jornalista e parlamentar com um fato de fadista, melenas sobre os olhos semi-cerrados e a ponta de um cigarro espreitando do canto da boca.

Na sala da redacção, tudo trocava por uma partida de *bridge* e muitas vezes, aparecia o chefe da tipografia, aflito, porque faltava o artigo de fundo e tinha o pessoal parado. Mariano não se perturbava. Um quarto de hora bastava-lhe para sair das suas mãos o artigo criticando um projecto em discussão ou qualquer acidente parlamentar. E voltava tranquilamente para o *bridge.*

*

A esposa de Mariano preferia o jornalista ao político. Não gostava de o saber envolvido nas questões parlamentares, e várias vezes lhe observava:

— Olha que a política é como o café. Sabe bem mas faz mal.

Mariano sorria e ia tomando o seu café.

*

Uma definição do ilustre parlamentar:

— Quem vem para a política e tem algum valor é logo acusado pelos adversários. Se é tão honrado que ninguém pode acreditar qne seja capaz de se apoderar do que lhe não pertence, tratam-no de ignorante e de parvo.

Certa vez, era Ministro da Fazenda e fazia a leitura do orçamento geral do Estado. Era uma leitura monótona e João Arroio, então na oposição, interrompia-o de vez em quando:

— Basta! basta!

Mariano não se perturbava, mas à segunda intervenção fez um gesto de enfado.

— V. Ex.ª está incomodado? — perguntou com ironia, João Arroio.

— Não senhor, respondeu o Ministro. É que me dói muito este ombro ...

E curvando o braço e a mão direita, esboçou um gesto pouco parlamentar. Gargalhada da Câmara e nova intervenção de Arroio, que não sabia se havia de rir ou zangar-se :

— Peço a V. Ex.ª que seja mais Ministro da Coroa e menos Mariano de Carvalho ...

*

Em 1878, no Largo da Abegoaria, estava instalado o Casino Lisbonense. As conferências haviam sido proibidas. Mariano teve, na sala do casino, uma autêntica noite de glória e veio para a rua aos ombros de uma multidão entusiasmada.

O talento do conferencista igualava o génio do político e a arte consumada do jornalista.

Marquês de Nisa

Na Lisboa aristocrática, política, artística e boémia do século passado, o Marquês de Nisa figura como estrela de primeira grandeza.

Ao lado do Conde de Farrobo, D. Domingos Teles da Gama deixou justificada fama. Nas pateadas e nas ovações de S. Carlos, nas aventuras galantes da época, nas movimentadas esperas de touros, o ilustre fidalgo, descendente do descobridor do caminho marítimo para a Índia, estava sempre presente. A sua proeza, raptando a grande actriz Emília das Neves, chegou aos corredores do Paço.

Esta talentosa artista, que foi uma glória da cena portuguesa, detestava o titular, por motivos pouco conhecidos. E uma noite, à porta da caixa do Teatro D. Maria, a actriz entrou descuidadamente para o trém que habitualmente a levava a casa. Apenas a cocheiro era outro, contratado pelo Marquês, para a estranha aventura. E bateu a toda a brida para a Quinta das Ca-

mélias, no Lumiar, onde o fidalgo, com alguns amigos, esperavam a preciosa raptada.

Um criado de libré agaloada anunciou:

— A senhora D. Emília das Neves.

A impressão dos convidados foi de pasmo. A formosa actriz, mal contendo os nervos, perguntou: «Estou em casa de um fidalgo ou num covil de ladrões?»

— Na sua casa, minha senhora — respondeu o Marquês, que não perdia a serenidade fàcilmente.

— E porque me forçou a vir aqui? É indigno de um fidalgo da sua estirpe. Que me quer?

— Desejo associá-la a uma obra de caridade.

A actriz, cheia de espanto, retorquiu:

— Uma obra de caridade ... praticada pelo Sr. Marquês ... em tais circunstâncias ...

— Sei que entre as pessoas do seu convívio procura só atribuir-me defeitos, negando-me o favor de qualquer qualidade.

— Não desminto — disse com arrogância a insigne comediante.

— Se no seu camarim ou na sua casa lhe pedisse que entregasse aos seus pobres cinquenta moedas penso que recusaria.

— Certamente.

— Pois trouxe-a aqui, talvez um pouco bruscamente, para lhe pedir esse favor.

E ao proferir estas palavras, o Marquês tirara do aparador um rolo com cinquenta libras, quantia avultada para o tempo.

Depois de muito instada, a linda Emília afirmou:

— Aceito as cinquenta moedas, para que a pobreza não fique lesada. Amanhã todos acreditarão num ultraje que não existiu. Eu posso acolher-me ao abrigo da minha consciência. O Sr. Marquês nem para esse refúgio tem o direito de apelar.

Finda esta cena, o Marquês e os seus amigos formaram alas até à porta da carruagem. D. Domingos despediu-se com estas palavras: «Afasta-se de mim, odiando-me ainda mais?»

— Mais não é possível — retrucou a artista secamente.

No dia seguinte, a façanha do estouvado Marquês, era o assunto de todas as conversas em Lisboa.

*

As aventuras do Marquês não têm conta. Encheriam volumes. Nesta rápida resenha de «anedotas e episódios», só mais um ou dois desses episódios podem ser relatados.

Depois de uma ceia, copiosamente regada, o incorrigível boémio viu na Rua de S. Roque um anão muito conhecido em Lisboa. Convidou-o a ir a sua casa, onde conseguin embriagá-lo. Daí a pouco, o anão dormia a sono solto. Nesta altura, apareceu uma condessa com todas as roupas de uma criança recémnascida. O anão media apenas meio metro. O endiabrado Marquês mandou-o vestir com aquelas roupas e pô-lo na roda da Misericórdia.

A partida foi saudada com uma grande gargalhada. E D. Domingos, radiante, comentava: «Dava de boa vontade, vinte moedas, para ver a cara da ama, quando despir o menino ...

*

Igualmente ficou na histôria estardia desse século galante a célebre escalada do Castelo do Queijo, no Porto. D. Domingos, com alguns dos seus íntimos, organizou uma cavalgada à qual juntou algumas graciosas bailarinas da companhia de ópera do S. João, daquela cidade. E depois da meia-noite tudo marchou a caminho do Castelo do Queijo, simbòlicamente guardado por meia dúzia de veteranos, que, ao verem aquele grupo de estroinas, esbogalharam os olhos de espanto.

Fechados os pobres velhotes numa das dependências do castelo, aí lhes foi dado champanhe em profusão e as iguarias mais finas e apetitosas. Depois, os convivas festejaram alegremente, com uma ceia opípara, a «tomada do castelo».

O Porto resmungou, reprovando a audácia, mas o Marquês juntou mais uma façanha ao seu interminável *palmarés* ...

Marquês de Soveral

Em 1853, nasceu em S. João da Pesqueira um português que teve a honra de entrar na intimidade da Corte inglesa. O Marquês de Soveral, ilustre *Vencido da vida*, árbitro de elegâncias, Ministro dos Estrangeiros, representante de D. Carlos na coroação do Rei Eduardo VII, conselheiro de Estado, homem de prestígio raramente igualado.

O monarca inglês, seu grande amigo, dizia de Soveral :

— *Portuguese through and through !*

*

Depois de proclamada a República, o Marquês não saiu de Londres e pouco falava de política. Da jovem República dizia apenas :

— Esperemos serenamente as provas políticas dos seus chefes.

Um dia, alguém, possìvelmente mal intencionado, lisonjeou o antigo Ministro de Portugal em Inglaterra, amesquinhando certos vultos do novo regime. Logo Soveral protestava :

— Não concordo. Os doutores Manuel de Arriaga e António José de Almeida são dois homens honestos e dignos, que merecem o meu respeito e a minha consideração. Não sejam injustos nem facciosos. É na adversidade que se conhece o carácter das pessoas ...

*

Quando Ministro dos Negócios Estrangeiros, pediram-lhe que não nomeasse para determinado cargo um indivíduo, apesar de ter dado excelentes provas no con-

curso, só porque era conhecido pelas suas ideias republicanas.

Diálogo entre o Ministro e o acusador:

— Então o rapaz é assim tão jacobino? — perguntou Soveral sorrindo.

— V. Ex.ª não pode imaginar o perigo que pode haver em admitir na Secretaria de Estado um homem tão perigoso!

O Ministro, indiferente, nomeou o republicano, dizendo ao seu interlocutor:

— Esse pobre rapaz a quem pretendem prejudicar é tão republicano como um gato que tenho lá em casa. Não posso concordar com processos indignos que tendam a inutilizar quem merece que se lhe faça justiça.

*

Uma vez, o Marquês de Soveral surpreendeu um seu criado a surripiar-lhe um charuto. Não o repreendeu mas, no dia seguinte, deu-lhe um e disse-lhe que o fumasse. Espanto do criado que se lisonjeou com a delicadeza do amo. E, à noite, perguntou-lhe:

— Então, que tal achaste o charuto que te dei?

— Muito bom, senhor Marquês.

— Pois, aqui tens os restantes — disse Soveral, dando ao criado a caixa quase cheia. — Os charutos não chegam para nós dois ...

*

Os seus detractores, quando não tinham fortes motivos de censura, entretinham-se a criticar o corte impecável da sua sobrecasaca, o nó da gravata, as suas polainas, etc. Soveral não se irritava. Há até uma caricatura que Celso Hermínio publicou num jornal humorístico da época, onde o elegante Ministro aparece exagerado nos primores da sua indumentária. O Marquês achou imensa graça ao caricaturista e ria-se dos ataques dos maldizentes, afirmando:

— Quando se conquista um lugar de alguma importância, o ataque vem logo e muitas vezes injusto. A

minha pessoa pouco valor tem. Sou até o primeiro a reconhecer o facto. O que não admito é que ponham em dúvida a boa vontade em servir o meu País.

Na verdade, o amigo de Eduardo VII, soube servir a Monarquia e soube calar-se na República. Os desgostos — e certamente os teve — amachucou-os dentro de si e nunca deixou de ser um diplomata.

*

Alguns políticos puseram-lhe a alcunha do *macaco azul*.

Soveral riu-se gostosamente e explicou:

— Na verdade, eu adoro a cor azul. Nas hortenses, nas gravatas, nos fatos e até no papel das cartas. Sou fiel a essa tonalidade. Ser hoje azul, amanhã amarelo e depois encarnado, não. Isso era ser inconstante. A cor serve-me à maravilha e não a mudarei. Quanto a macaco, não. Nunca *saltei*.

A 6 de Outubro de 1922, doze anos depois do aniversário do segundo dia da República Portuguesa, o ilustre homem de Estado falecia em Paris.

Pina Manique

Diogo Pina Manique ficou na História. O adiposo intendente da Polícia que num dia de Outubro de 1733 nascera para o Mundo, celebrizou-se, em especial, pelos rigores da moralidade que decretou e impôs, pela perseguição aos liberais e colonização do Alentejo.

Se, porém, o moralista, servo de D. José I e de D. Maria I, vivesse na actualidade, morreria fulminantemente, tão impotente se sentiria para conter as liberdades do nosso século. Duzentos anos passaram sobre o seu domínio, os tempos de hoje são diferentes, mas a sua obra ainda hoje é citada. O nosso formoso teatro lírico foi inspirado pelo dinâmico intendente.

No dia da Imaculada Conceição do ano de 1792 iniciavam-se as obras do Teatro de S. Carlos, da sua ins-

piração. A cidade com o terramoto de 1755, ficara privada de um teatro lírico e logo a energia de Pina Manique reuniu fundos para erigir uma casa de espectáculos, rival das melhores do estrangeiro. E nos fins de Junho de 1793, seis meses depois do início dos trabalhos, a alta aristrocacia do reino elogiava a iniciativa, assistindo enlevada à inauguração do Real Teatro de S. Carlos.

*

Um dia, entra no seu gabinete de trabalho, um *moscardo*, nome dado aos investigadores de então, e exclamou esbaforido:

— Senhor intendente, a mulher de um italiano anda a passear no Passeio Público, com um trajo quase semelhante ao da mãe Eva.

Claro que havia um razoável exagero na informação, mas Pina Manique deu um formidável murro na mesa e ordenou:

— Traga-me cá essa descarada!

Daí a dias, o intendente oficiava ao Ministro de Estado D. Rodrigo Sousa Coutinho, noticiando que «o marido da dama em questão, assinara um termo de responsabilidade, mediante o qual se obrigava a nunca mais consentir que sua mulher, voltasse ao Passeio Público com a *toilette* lacónica com que lá se apresentara».

*

De outra ocasião, o seu furor assentou arraiais na pessoa de uma francesa de categoria — madame Entremeuse — e mandou-a prender. Ao ver-se livre da cadeia, meteu-se numa sege e seguiu para Queluz, no intuito de protestar, junto do futuro D. João VI, da arrogância de Pina Manique. O veador de serviço recebeu-a e ouviu as queixas.

O intendente exasperou-se e concluiu que uma mulher não podia tomar semelhante expediente. Tornou a encarcerá-la e correu ao regente, dizendo-lhe:

— Vossa Alteza procedeu bem em não lhe conceder audiência. Gente dessa nunca alberga bons desígnios.

E, para tirar dúvidas mandou um médico à cadeia, a fim de examinar se a tal madame Entremeuse, pertencia de facto ao sexo feminino...

Era assim Pina Manique.

*

D. Maria I, persuadida por alguns dos seus conselheiros, proibiu o sexo feminino de intervir em espectáculos públicos. Na inauguração do Teatro de S. Carlos, houve uma novidade de sensação. Pina Manique fechou os olhos e consentiu que cantasse a célebre Luísa Todi.

Esta famosa portuguesa, como outra de nome Lourença Correia, alfacinha da gema, correram os melhores teatros de Itália.

O sucesso cá foi enorme e o intendente não se arrependeu da condescendência: a moral não sofrera ultraje.

*

Lisboa era, no final do século XVIII, um velhacouto de mendigos, gatunos e criminosos da pior espécie. Então, Pina Manique pensou em criar a Casa Pia que ainda hoje é um estabelecimento de ensino modelar.

Começou por instalar a piedosa instituição no Castelo de S. Jorge, onde recolheu vagabundos de ambos os sexos, sendo as despesas custeadas pelos cofres da Intendência.

Inicialmente era uma espécie de recolhimento penitenciário, mas a pouco e pouco o intendente modificava a ideia primitiva e surgia o grande estabelecimento, onde não faltavam mestres de todas as artes e ofícios.

Só por este empreendimento, Diogo Pina Manique valia uma palavra de gratidão.

*

E para terminar, um episódio passado com o Marquês de Angeja, então Ministro do Reino. Lisboa era pèssimamente iluminada e os crimes sucediam-se. Pina Manique pediu uma verba para a iluminação da cidade. Vinte contos.

O Ministro estremeceu, mas o intendente retorquiu:

— E não se ilumina metade do que seria necessário.

Resposta do Ministro:

— Isso é uma excentricidade, um dispêndio sem nenhum proveito. Que têm os moradores que calcurrear de noite, pelas ruas?

— Bom — redarguiu Pina Manique. — O que V. Ex.ª me recusa vou eu fazê-lo por minha conta e risco.

E, chegando à Intendência, chamou os seus colaboradores, inquirindo o número de quantos latoeiros havia em Lisboa. Eram cento e vinte e nove.

— Intime cada um deles a fazer dentro de uma semana, seis candeeiros deste modelo. — E apontou um lampeão. — Cada morador que fique com a casa iluminada pagará cem réis. É mais um imposto, mas assim é que é.

Na noite de 17 de Setembro de 1780, aniversário da rainha D. Maria I, a cidade apareceu iluminada com 774 candeeiros. O Marquês de Angeja amuou, mas a população da capital bendisse Pina Manique.

Pinheiro Chagas

Este inacreditável Pinheiro Chagas, que aos 6 anos de idade fez com distinção o seu exame de instrução primária estava destinado para entrar na galeria dos grandes escritores da sua época. Aos dez anos, entrava para o Colégio Militar em Mafra e essa precoci-

dade havia de rivalizar com os vários Pierinos Gambas que apareciam um século mais tarde.

*

O aluno distinto que só *chumbara* em caligrafia, dando razão à opinião de Alexandre Dumas que considerava o bom talhe requisito deprimente para a inteligência, teve um dia um episódio curioso na sua vida escolar.

O professor passou um tema em português para os alunos traduzirem em latim. O pai de Pinheiro Chagas, que era um latinista distinto, deu algumas explicações a um colega do seu filho. Era um trecho de Cícero. O rapaz transmitiu aos colegas e nessa tarde, todos obtiveram boas notas. Todos ... menos Pinheiro Chagas, a quem seu pai, que facilitara a vida aos outros, se obstinara a coadjuvar seu filho na tradução.

*

Aos dez anos, Pinheiro Chagas escreve um drama histórico, *Miguel de Vasconcelos*; aos 14 anos, jura bandeira no Regimento 16, e, já com as divisas de sargento aspirante, matriculou-se na Escola do Exército. Era uma ascensão vertiginosa.

*

Uma ocasião, uns aspirantes franceses chegam a Lisboa e relacionam-se com Pinheiro Chagas no Teatro de S. Carlos.

Os franceses oferecem vários jantares a bordo que o futuro escritor gostaria de retribuir, mas o dinheiro não abundava. E só o Silva, agiota, penhorista de fama, estabelecido na Rua dos Correeiros, onde está hoje o Banco de Portugal, salvou a situação, emprestando algumas libras esterlinas ao juro mensal de dois tostões

por cada libra. E no restaurante de João Mata, da Rua do Ouro, onde está hoje o Montepio Geral, a hospitalidade portuguesa fez boa figura.

*

Pinheiro Chagas tinha uma velha ama a quem dedicava uma particular ternura. E sempre que ia ao teatro, descrevia-lhe com a sua prodigiosa memória a peça com todos os seus pormenores. A velhota raro se entusiasmava, terminando sempre com a seguinte observação:

— O teatro agora já não vale nada! Se o menino visse o *Alcaide de Faro* ...

*

D. Pedro V concedera-lhe uma mesada para continuar os seus estudos. Uma noite, o infeliz Bragança, do seu camarote em São Carlos, viu Pinheiro Chagas com ar estouvado e soube que ele ficara reprovado em Economia Política e acamaradava com boémios do tempo.

O monarca fez-lhe saber que lhe retiraria a pensão, e o futuro autor da *Morgadinha de Val-Flor* respondeu que regulava o seu comportamento conforme lhe apetecia, não aceitando, pois, imposições.

A resposta foi a suspensão da mesada. E então, Chagas começa o seu formidável labor literário, chegando a director do *Diário da Manhã*. O Rei D. Luís aprecia a sua conversação e o ministério espera o final da *causerie*, apressada por Fontes Pereira de Melo, que ousadamente lembra ao monarca:

— «Já é tempo de acabarmos com essas literaturas e de nos ocuparmos com os negócios do Estado».

Mas D. Luís estimava o fogoso jornalista.

A propósito de determinado decreto que o Rei iria assinar dentro de dias, Chagas escreve: «Vossa Majestade pode assinar o decreto. Está no seu direito. Mas dessa hora em diante deixarão na Europa de lhe chamar Rei de Portugal para lhe chamarem rei de copas!».

E o Rei não assinou.

*

Doutra vez, a *Lanterna Mágica*, jornal de *blagues*, alfinetava o jornal de Pinheiro Chagas, *A Discussão*. E escrevia: «O programa de Chagas está na divisão das sílabas do seu jornal DIS-CU-SÃO».

E logo o jornalista: «Quem lhes manda aos senhores, meter o nariz nas sílabas do meu jornal ...».

*

Em Madrid, numa velada literária, o grande poeta Nuñez de Arce acabara de fazer um magistral discurso, Não havia na sala um português capaz de lhe responder. Pinheiro Chagas faltara. Mas nisto, uma carruagem para à porta. É ele que chega atrasado.

Schwalbach precipita-se e pede-lhe que suba. Nuñez de Arce está a acabar de falar e não há quem lhe responda. Pinheiro Chagas, sem conhecer o discurso do insigne orador, entra na sala e responde-lhe num improvizo aplaudido com louco entusiasmo.

*

Em Paris, começado a ouvir sem interesse, arrebata a multidão, terminando o seu maravilhoso discurso com uma frase teatral: «A França é muitas vezes um incêndio, mas um incêndio que ilumina o mundo inteiro!».

Em São Carlos, numa festa de caridade promovida pela Rainha D. Maria Pia, o grande Pinheiro Chagas, com o laço da gravata a fugir-lhe da casaca, dirige-se à soberana com requintada galanteria: «Vós, Senhora, que sois desse grande País, dessa bela Itália, onde não se sabe se são as mulheres que copiam as estátuas, se são as estátuas que copiam as mulheres ...». Uma grande ovação premiou este arroubo de eloquência.

*

E para terminar. Pinheiro Chagas visitou um dia o Asilo dos Velhos, em Runa. Um inválido disse-lhe:

— «V. Ex.ª é que é o Sr. Pinheiro Chagas que fez a *Morgadinha de Val-Flor*?».

— «Sou eu mesmo».

— «Vi a sua peça mais de uma vez. Sim senhor, V. Ex.ª não é nenhum *fura-paredes*, mas vai a pé onde os outros vão de burro ...».

Rafael Bordalo O príncipe da caricatura em Portugal não podia faltar a esta chamada de pessoas ilustres. Conta Júlio Dantas que os filhos da família Bordalo desenhavam em volta da mesa até à hora do chá, mas a predilecção paterna inclinava-se para o mais endiabrado, o mais vivo, «incapaz de qualquer disciplina mental, impersistente e extremamente impressionável, com uma tendência manifesta para surpreender o lado inédito e pitoresco das coisas». Era Rafael Bordalo.

*

Um dia, deslumbrado pelo talento histriónico dos Rosas, disse à queima-roupa para o pai que o olhou com espanto:

— Meu pai, quero ser actor!

Ao pasmo paterno que o mandou com severidade, retirar da sua frente, o jovem Bordalo não desanimou e chegou a representar num pequenino teatro que funcionou na Costa do Castelo. Mas a mania passou, porque parece que a habilidade era reduzida.

*

Em 1866, a igreja dos Jerónimos assiste ao seu casamento. Apadrinhou-o o folhetinista Júlio César Ma-

chado. Foi um drama para chegar a este lógico desfecho. A mãe da noiva achava que um rapaz que desenhava bonecos, nunca podia dar um bom marido. Enganou-se. Sua filha foi uma grande amiga do genial caricaturista e conta-se que, inquietada com o quase constante fastio do esposo, imaginava pratos saborosos, na ânsia de lhe abrir o apetite fugidio. E Rafael dizia a miudo :

— «Como esposa é a mais adorável das cozinheiras e como cozinheira é a mais adorável das esposas !»

*

A sua grande colecção de caricaturas deu-lhe um renome nunca igualado por nenhum artista do género. Quando Castilho teve conhecimento de que ia ser caricaturado no «Calcanhar de Aquiles», chamou a sua casa o pai Bordalo, de quem era velho amigo, suplicando-lhe com comoção :

— «Peça ao seu filho que não se meta comigo».

*

Em 1880, representou-se no saudoso Teatro Príncipe Real — o demolido Apolo — uma revista intitulada *O Vale em Lisboa.*

O grande êxito da peça foi uma colecção de caricaturas em tamanho natural, pintadas por Rafael em grandes ventarolas chinesas. Primeiro, entrava em cena um garoto, trazendo o começo da ventarola com os pés e o princípio das pernas de uma figura. Seguia-se outro mais crescido, com a continuação das pernas que ia pôr no seu lugar. E assim suce sivamente, até a caricatura e a ventarola ficarem completas. O público rompia em aplausos, porque o «clou» da revista era a originalidade do trabalho do criador dos «Pontos nos ii» e do «António Maria», alusão aos primeiros nomes do Ministro Fontes Pereira de Melo.

*

A sua fama atravessou fronteiras. O director de uma grande ilustração inglesa quis levar Rafael para Londres com um ordenado faustoso. Não aceitou e, mais tarde, em uma das suas crises, confessou-se arrependido. Já com filhos, parte para o Brasil em 1875, onde é recebido com as maiores honrarias. Sempre amigo de fazer partidas, uma delas deu brado no Rio de Janeiro.

Vale a pena contar. O Imperador do Brasil, assim que chegava ao Teatro, metia-se no camarote e descalçava as botas, calçando regaladamente uns chinelos. Uma noite, o nosso Rafael teve a ideia de abrir a cortina do camarote e roubar as botas ao Imperador que não se desconcertou. Saiu em chinelos, cumprimentou a multidão que o vitoriava e meteu-se na carruagem ... de chinelos.

*

No Brasil, as mulheres adoravam Rafael mas os políticos não morriam de amores por ele. Um dia, um senador na Câmara, declarou que a sua Pátria acolhia de bom grado os portugueses, quando eles iam de jaleca de briche de trinta botões oferecer o seu trabalho e não precisava de janotas que pagassem a hospitalidade com o escândalo.

Dois dias depois, Rafael Bordalo aparecia em plena tarde na concorrida Rua do Ouvidor, com um extravagante casaco de mescla azul e branco e abotoado com trinta exagerados botões. A capital carioca não falou de outra coisa.

*

Mais tarde, em 1889, como ceramista, concorreu à Exposição Universal de Paris. A olaria das Caldas da Rainha fez um êxito, batendo a moderna faiança dinamarquesa. Adquiriu a medalha de oiro para a sua fábrica e, em Paris, o velho Charcot, ia todas as tardes

tomar um cálice de Madeira, às instalações portuguesas na companhia de Rafael de quem dizia, simpàticamente: *C'est un type, le portugais!*

Ramalho Um príncipe da literatura portuguesa, elemento de relevo dos *Vencidos da Vida,* esse célebre *onze* intelectual que revolucionou a vida pacata de Lisboa do século passado. O *onze* da actualidade celebriza-se conforme o número de golos e *penaltyes* marcados ...

Ramalho é toda uma época. Esse gigante das letras que Junqueiro definia como «um pinheiro tendo uma melancia em cima», é uma recordação sempre viva de um período brilhante das letras nacionais.

Criticando a nossa raça, dizia: «O português não sabe andar. A andar educa-se a espinha, enrijece-se os rins, tempera-se a alma. O português corcova e arrasta-se». E a Antero de Figueiredo, Ramalho, em voz de comando, bradava:

«Esse peito para a frente! Olhe esses ombros, Antero! Respire, respire melhor». E, desolado, comentava: «É o que eu digo. O português, se é magro, trota. Se é gordo, desliza ... ».

E lá seguia, imponente, majestoso D'Artagnan que só teve um émulo em Marcelino Mesquita, terror do Chiado, português cem por cento.

*

Na sua auto-biografia, Ramalho diz: «Cumpri o melhor que pude o meu destino, criando o filho e escrevendo o livro. Faltou-me plantar a árvore, e é já agora tarde para o fazer, com alguma probabilidade de lhe apreveitar a sombra».

Foram perto de quarenta anos consagrados à profissão das letras. Ramalho era pouco atreito a boticadas, e nas raras ocasiões que se sentia adoentado, procurava na Natureza o seu restabelecimento.

E explicava: «Em geral, o médico trata o doente segundo as suas posses e não segundo os seus males. Se é menina rica, filha de abastado capitalista, o médico aconselha-lhe mudança de ares, dieta de aves, agasalhada em peles de marta, no fundo de um *coupé* suavemente balouçado em flecha e oito molas. À vizinha do seu terceiro andar, filha de um empregado modesto, o mesmo médico prescreve ùnicamente um pouco de óleo de fígado de bacalhau, um bife na grelha e um ou outro passeio ao Sol. Subindo mais uns degraus, chamado para ver a engomadeira de camisas que habita no sótão, sempre o mesmo médico, aconselha simplesmente uma camisola de flanela, um copo de leite e duas horas de descanso por dia. O resultado de todas estas diferenças na cura é que todas as três doentes, a do primeiro andar a do terceiro e a do sótão, morrem aproximadamunte no mesmo prazo de tempo».

*

Certa senhora de Lisboa elegante do seu tempo, tinha prosápias de intelectual, e a sua conversa era uma alfinetada constante em todas as suas relações.

Ramalho não a tolerava. Até que um dia, em casa de um dos «Vencidos da Vida», a pretenciosa dama disse ao espirituoso escritor:

— Sabe que F., (aqui o nome de um pintor já falecido) pretende que eu seja o modelo de um grando quadro que vai pintar.

E como se chama o quadro? — inquiriu Ramalho.

— *Cleópatra e a Serpente.*

— E quem é o modelo da Cleópatra? — perguntou maliciosamente o autor das *Farpas.*

Claro que a senhora cortou relações com Ramalho.

*

Um dos últimos episódios espirituosos da sua vida, passou-se em Fevereiro de 1908. A efervescência po-

lítica asfixiava o País. Com o atentado do Terreiro do Paço, em que o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro perderam a vida, a atmosfera enegreceu e o tormentoso reinado de D. Manuel foi a antecâmara da República.

Um dos regicidas, o professor Buiça, que os polícias acutilavam, depois do atentado, ia repousar na morgue, ao lado de Alfredo Costa. Cinco ou seis dias depois, Ramalho viajava num *eléctrico* com um amigo. E a seu lado, um vermelhaço com ar de satisfação ostentava uma berrante gravata encarnada. Logo Ramalho comentou para o amigo da direita: «Que um republicano não vista luto pela morte do rei, ainda se percebe. Agora que não ponha uma gravata preta pela morte do Buiça, isso é que não se compreende».

Ramalho morreu pouco depois.

Rodrigo da Fonseca

Este político astuto, que hoje tem o seu nome na esquina de uma das ruas de Lisboa, deu que falar nos anais parlamentares e na vida social do nosso País.

Chamavam-lhe a *Raposa* e, conhecida como é a fama de manha do ardiloso mamífero, pode por aqui aquilatar-lhe a conta em que era tido este político sagaz que, trinta anos depois do terramoto, viu a luz do dia em Condeixa-a-Nova.

A investida das hostes napoleónicas encontrou-o estudante universitário. Escreveu uma ode à Restauração de Portugal e um dos seus biógrafos diz: «Se os versos não são um prodígio de imaginação, o sentimento que os ditou, denunciam o patriotismo mais veemente.

*

Um dia, sabendo que conspirava, a polícia andava-lhe no encalço. Morava então na Rua Formosa, hoje Rua do Século. Uma tarde, já com a noite a querer romper, desceu à escada em mangas de camisa, com

um candeeiro de três bicos na mão e esbarrou com uns belenguins. Estes, tomando-o por um criado, perguntaram-lhe:

— O Rodrigo da Fonseca Magalhães?

E o próprio, com impecável atonação galega, respondeu:

— *Allá arriba!*

Os agentes subiram precipitadamente a escada. O nosso herói safou-se e, disfarçado de moço de fretes, conseguiu embarcar para Pernambuco, onde conheceu a sua futura esposa. Só em 1822 regressou aos pátrios lares.

*

Representava-se no Teatro do Ginásio, uma revista do ano. Rodrigo da Fonseca, já Ministro, ouvia um comissário da polícia que lhe participava que ia proibir a revista, porque o Ministro aparecia lá ridìculamente caracterizado,

— Ah! Sim? E o público gosta?

— Ri a bandeiras despregadas. É um desaforo!

— Então não proiba o espectáculo. A mim não me importa nada o papel que ali desempenho. Talvez vá lá melhor que aqui ...

*

Dia de interpelação no Parlamento. Rodrigo da Fonseca, esgotados todos os seus argumentos, declara ao interpelante:

— Vou satisfazer os desejos de V. Ex.ª. Vou mandar ao meu gabinete, buscar os documentos pedidos para os ler à Câmara.

O ingénuo deputado acreditou. Na verdade, daí a pouco, apareceu o contínuo com uma pasta a deitar por fora de papelada. Rodrigo da Fonseca pôs os óculos e começou a folheá-la. Mas antes de ler, discursa e coloca os óculos em cima da mesa. Depois, num repto de eloquência dá nm murro nos óculos e todos os vidros ficaram partidos.

E o *Raposa*: «Estes documentos envolvem segredos de Estado. Só eu os posso ler, e como não tenho óculos, amanhã os lerei à Câmara».

Escusado será dizer que no dia seguinte, embrulhou as coisas de tal forma que a leitura prometida nunca mais se efectuou.

*

Que conste, só uma vez foi intrujado. Havia um ratão que tinha a alcunha do *Pomada Florestal* e que, por amizade antiga, passava a vida a pedir dinheiro ao Ministro. Um dia, o *Raposa*, impaciente, recusou: «Tenho-te dado dinheiro centos de vezes. Agora acabou-se. Nem mais um ceitil».

E o outro, tentando comovê-lo, ripostou:

— Se o senhor Conselheiro não me vale nesta ocasião, suicido-me!

— «Pois mata-te à tua vontade. É um descanso para os dois ...».

E assim acabou este diálogo. No dia seguinte, quando o Ministro entrava no Ministério, parou na sua frente uma senhora de luto carregado, a soluçar:

— Senhor Conselheiro, acuda-me pelo que tem de mais sagrado! O meu marido, o Figueiredo Guimarães, matou-se!

Rodrigo da Fonseca fez-se pálido. A final o pobre *Pomada Florestal* não o enganara. E boa pessoa como era, mandou entregar à viúva uma avultada quantia bastante superior à que o defunto lhe pedira na véspera.

À tarde, quando passava na sua carruagem à porta do Arsenal, lá viu o *morto* que, em vez de ficar embatucado, cumprimentou o logrado com o melhor dos seus sorrisos. Rodrigo da Fonseca comentou para um amigo. «Desta vez enganou-me, mas teve graça!».

Era assim o discutido político, a quem um dia a rainha D. Maria II agraciou com uma Grã-Cruz a permiar-lhe os serviços prestados. Ele sorriu e agradeceu nestes termos: «Que mal faria eu a Vossa Magestade para me fazer uma coisa destas?

Rodrigues Sampaio

Este mestre do jornalismo foi ao mesmo tempo um incansável batalhador. A sua indomável energia removia montanhas. Tendo vivido numa época em que a política se agitava no torvelinho das paixões partidárias, Rodrigues Sampaio nunca soube o que era o medo.

Desejaram os pais que ele abraçasse a carreira eclesiástica, mas o sangue fervia-lhe nas veias. O absolutismo de D. Miguel levou-o à cadeia, onde esteve dois anos. No cárcere escreveu os seus primeiros artigos.

Depois da convenção de Évora Monte, passa fugidiamente pelo Governo Civil de Bragança. E então, funda a *Revolução de Setembro*, iniciando com a publicação desse jornal, que ficou célebre na Imprensa portuguesa, a sua vida de jornalista.

Vem uma lei que exige a habilitação do periódico. Sampaio não obedece.

O Governo manda assaltar a redacção, prende os vendedores, sela as portas, mas a *Revolução de Setembro* continua a sair com uma regularidade que desorienta as autoridades.

*

O Espectro é a sua consagração de lutador. É um panfleto que ninguém sabe onde é composto. Os Ministros encontram o jornal em casa sem saberem quem lá o tenha posto. Mãos invisíveis distribuem o misterioso panfleto nos teatros. Soube-se depois que *O Espetro* era composto e impresso, ora no Tejo, a bordo dos navios, ora em subterrâneos, em sótãos e até ao ar livre.

Quando mais tarde, sendo Ministro, um deputado lhe recordou a carreira aventurosa do seu panfleto, Rodrigues Sampaio respondeu:

— «Prefiro à honra de ser Ministro a glória de ter escrito aquele panfleto!».

Esta resposta define o homem.

*

O grande jornalista teve vários duelos. Um deles com Santana de Vasconcelos, um intrépido ilhéu que também desconhecia o medo. E numa manhã de 1854 que ia ficando célebre, Sampaio por pouco não atravessa com uma bala o seu fogoso adversário.

Mais tarde, dizia a Bulhão Pato:

— «Se a minha bala dá um nadinha mais dentro, o Santana era um homem morto e eu ficava toda a minha vida com uma sombra no coração».

Este comentário mostra os sentimentos daquele que foi um dos maiores jornalistas portugueses.

*

Certa tarde, discutia-se no Parlamento, sendo Ministro do Reino Rodrigues Sampaio, a reforma da instrução primária.

Um deputado dirige se-lhe dizendo:

— «Acerca do seu projecto da reforma da instrução, é preciso que o Sr. Ministro responda categòricamente, sem *embrages*».

Logo Sampaio:

— Sr. Presidente. O ilustre Deputado terminou o seu discurso falando em *ambrages*. Esta palavra justifica a necessidade do projecto da lei que se encontra em discussão!».

De outra vez, um parlamentar exigia a demissão do governador civil de Viana do Castelo.

Sampaio declarou que não o demitia.

— «Pois há-de morrer com ele! diz-lhe o Deputado.

A resposta não se fez esperar:

Il m'est plus doux de mourir avec lui, que de vivre avec vous!

Com esta citação de Racine, fechou-se a discussão...

*

Barros Gomes era um homem muito inteligente e de uma grande cultura, mas, como todos os que lêem e estudam muito, susceptível de qualquer confusão.

E num dos seus discursos disse:

— «Se o Sr. Sampaio me dá licença, direi como Tibullo ...

E citou.

Observa o Ministro:

— «Não dou licença porque esse trecho não é de Tibullo, é de Ovidio!».

Barros Gomes sorriu e deu a mão à palmatória. Eram dignos um do outro.

*

Após 76 anos de vida intensa, desapareceu do número dos vivos este rei do jornalismo, pessoa simples e afectuosa no convívio, que dizia espirituosamente:

«Um homem que acha que o Mundo gira em volta dele, ou é muito vaidoso ou bebeu demais».

São Bartolomeu do Mar, sua terra natal, ergueu-lhe um monumento. O seu retrato devia figurar em todas as redacções. O jornalista perfeito precisa de reunir em si uma grande soma de qualidades. António Rodrigues Sampaio reunia todas as qualidades indispensáveis à esta espinhosa profissão.

Rosa Araújo

Num dia de Inverno de 1840, nasceu em Lisboa um rapazinho gordo que foi baptizado na Igreja de S. Nicolau. Na rua com o nome do santo, o pai abriu uma confeitaria que ràpidamente alcançou grande freguesia e dentro em breve começava a ser conhecida por pastelaria do *Cócó*. Dizia-se que o dono da casa *o pai do futuro herói de Lisboa*, homem bondoso que vira a luz do dia em Fama-

lição, chegava várias vezes á porta da loja e sorria para os petizes que passavam ao lado das mães:

— Venha cá menino. Venha cá comer um *cócó* ...

*

Rosa Araújo, apenas com o exame de instrução primária, começou a trabalhar na pastelaria do pai. Amigo íntimo do jornalista Rodrigues Sampaio, foi mais tarde, apesar da sua gordura, tudo quanto quis no xadrês calmo da vida nacional. Vereador da Câmara Municipal, presidente, deputado e par do reino.

Mas a sua coroa de glória foi a abertura da Avenida da Liberdade, o primeiro passo para a expansão da cidade no sentido Norte.

O Passeio Público era então o «Ai Jesus» dos lisboetas. Arrasar este divertimento era de uma audácia sem limites. O público, tendo conhecimento de que Rosa Araújo era o pioneiro dessa ideia, troçou-o e crivou-o de diatribes. Pretendendo ridicuralizá-lo, chamavam-lhe *Barão dos Pastéis* e outros o *Haussman-cócó*. Mas o confeiteiro era de rija têmpera e nada o detinha no seu plano temerário. Assim no dia 24 de Julho de 1879, começou a demolição do Teatro de Variedades e da velha praça do Salitre. Vinte e dois contos deu Rosa Araújo do seu bolso para a expropriação desses dois edifícios.

No fim do ano de 1882, as grades do saudoso Passeio Público começaram a tombar. Novos protestos, reclamações, etc.. mas hoje lá está a linda Avenida com o progressivo metropolitano, rainha das artérias de Lisboa. Um pequenino busto consagra a obra de Rosa Araújo, a quem o Município deu o nome de uma rua, que aliás, nem termina na sua Avenida.

Estava realizado o sonho. Rosa Araújo podia morrer descansado que ninguém mais o esqueceria.

*

Até aqui a história. Agora a anedota. Rosa Araújo todo entregue á urbanística e ao progresso social da

cidade que o vira nascer, era fraco amador de música. Chega a á noite cansado. Esgotava-se, entre a Câmara Municipal, a Sociedade Homoepática, a Companhia dos Tabacos e a Irmandade de S. Nicolau. Não faltava a nenhum destes sítios. Sempre sorridente, fechava-se muitas vezes na loja e adormecia num sofá.

Uma noite, convidaram o vereador a ir a S. Carlos ouvir a *Traviata*. Logo ele se escusou, dizendo ao seu interlocutor.

— Não vou. Eu ressono muito alto e tenho receio de ir acordar as pessoas que costumam ir para lá dormir ...

*

Em 1893, morreu pobre. Esse homem, que herdara cento e cinquenta mil libras, deixou a confeitaria arrestada no Tribunal da Comércio. Tudo sacrificou á cidade que o viu nascer. Ramalho Ortigão brincou com ele. Não foi um homem de génio mas teve firmeza e deixou o seu nome ligado á velha Lisboa. O seu aspecto chegava a ser caricato. Um dia, num baile com trajo de rigor, teve de dançar com a rainha D. Maria Pia. Todos se riam ao ver aquele homem bojudo nas contradanças do baile. Ele foi o primeiro a rir-se. E comentava:

— Antes me quero ver metido nas danças da Câmara do que nos bailaricos reais.

*

Em 1886, inaugurou-se o monumento dos Restauradores. O passeio Público desaparecera. Rosa Araújo, a sete anos da sua morte, passou nesse dia uma tarde feliz. Dizia, sorridente:

— Afinal, eu tenho alguma afinidade com o D. Antão de Almada. Ele, do palácio do Largo de São Domingos, ajudou à Restauração de Portugal. Eu do palácio da Câmara Municipal, ajudei à restauração de Lisboa, dando-lhe uma nova Avenida.

*

Rosa Araújo era pouco dado a *bonnes fortunes.* Uma vez, ainda ele era caixeiro do estabelecimento do pai, apareceu na loja uma freguesa gulosa, que sorria enternecidamente para o simpático pasteleiro. O namorico pegou e a lisboeta não deixava uma só tarde de frequentar a confeitaria. Rosa Araújo era doce como a massa dos seus pastéis afamados.

Um belo dia, a senhora desapareceu misteriosamente. Ninguém mais a viu. Rosa Araújo não teve grande desgosto e dizia aos que sabiam daquele *flirt* adocicado:

— Afinal os nossos amores duraram o tempo que levaram a comer cem dúzias dos meus pastéis.

Foram oito ou nove meses de gulodices que apenas fizeram crescer água na boca ao futuro pai da Avenida da Liberdade ...

Schwalbach Esse encantador Schwalbach que atravessou uma longa vida, sempre com inegável bom humor, é impossível que não esteja na eternidade escrevendo novas peças e gozando novos triunfos.

O teatro foi a sua grande paixão. *A Bisbilhoteira,* obra curiosa que ainda de vez em quando renasce nos nossos palcos, foi escrita em três noites. Das dez da noite às dez da manhã, nascia um acto.

Um dia, Albino Forjaz de Sampaio entrevistou-o no gabinete do Conservatório, onde foi director; e ficou pasmado com a desordem da sua mesa de trabalho. Relatou: Montes de papéis empilhados, brincando uns com os outros e onde a confusão é extraordinária. Originais em todos os tamanhos, com letras de todos os feitios, uma confusão diabólica!

Era este o método de trabalho do autor dos *Postiços.*

*

Escreveu o seu primeiro artigo, animado por Gervásio Lobato. E conta que nesse dia saiu de casa, às oito da manhã, ansioso por comprar o jornal. Lá estava na última coluna, na primeira página, e Schwalbach exultou. À tarde, calcurriou o Chiado, sôfrego por receber parabéns que ninguém lhe deu. Os amigos do Martinho igualmente se calaram. E no Rossio, deu de cara com Gervásio que igualmente se calou. Ele então, ofegante, investigou:

— Então ? Que tal achou o folhetim ?

— Sabes, diz-lhe o bondoso Gervásio. Quando to ouvi, pareceu-me melhor que ao lê-lo. — Conta o incipiente jornalista que nessa noite não dormiu. E mais tarde concordou que Gervásio tinha razão.

*

Schwalbach andou na Escola do Exército. Um seu colega do curso, de Cavalaria, era mestre a tocar trompa. Ele, entusiasmado, tentou aprender também ; mas o seu ouvido sempre o traiu. Dizia Filipe Duarte que ele era incapaz de diferençar, pelo som, se um balde estava cheio ou vazio. E a trompa padecia tormentos na sua boca. O mestre olhava-o piedosamente, até que um dia, ouvindo-o tirar do instrumento um som irritante, tirou-lhe a trompa da mão dizendo :

— Agora é que acertaste! Zurrastes como quem és ! Essa é que é a tua vocação!

E tudo ficou por ali...

*

Schwalbach nem sempre teve uma existência de rosas :

Um dia, não havia dinheiro para comprar papel para o jornal, porque o fornecedor fechara o crédito. De repente, olhou para um dos redactores que escrevia, tendo

à frente o seu magnífico relógio. Traçou um plano maquiavélico. Mandou-o fazer a reportagem «de um crime de Alcântara».

Santonillo, que assim se chamava o redactor, aprestou-se para partir, metendo o relógio no bolso, mas Schwalbach pediu-lhe, carinhosamente :

— Não leves o relógio que não há cá outro. Por onde nos havemos de guiar, para a saida do jornal ?

Santonillo acedeu e seguiu para Alcântara. Logo que ele saiu, o relógio foi empenhado, para comprar papel para o jornal. Mas o redactor regressou desolado, porque em Alcântara não se dera nenhum crime.

— Tens razão, disse-lhe o colega que estava dentro do *complot*. Enganaram-me. Não foi em Alcântara. Foi no Lumiar.

O pobre rapaz lá marchou para o Lumiar e, no regresso, já o jornal se apregoava na rua. A venda dera para tudo e o relógio voltara ao bolso do seu possuidor !

*

Schwalbach estava no *Jornal do Comércio*, quando forjou uma diabrura que deu brado em Lisboa. Entrou na redacção um proprietário de um *atelier* de modas, homem ridículo e jactancioso. Ia casar uma sua filha, e o pai pedia a publicação de uma notícia farfalhuda, em que se dava nota do nome dos padrinhos, do Ministro da Marinha. Era tudo fantasia. A vaidade do pai ia ao ponto de pedir autorizacão a pessoas de destaque, para publicar os seus nomes nos jornais. A redacção riu-se, e, ao mesmo tempo, caiu na mesa a notícia de uma tentativa de agressão ; um homem quisera agredir a sua vítima com uma verruma, etc.

E Schwalbach disse para o Cristóvão Aires :

— Ó Cristóvão; se nós forjássemos uma troca de granéis ?

Cristóvão Aires não concordou, mas fingiu não saber nada. Schwalbach saiu radiante para a tipografia e em poucos minutos, entrava na máquina, a notícia com os

granéis misturados. No dia seguinte, o jornal lá noticiava o pomposo casamento, dizendo: «Da parte do noivo, foi padrinho o Sr. Ministro da Marinha, munido de uma verruma que lhe queria arrombar a porta. Apareceu a Polícia que o prendeu».

Tableau!

Sousa Martins

Este médico ilustre, recordado em um monumento no Campo dos Mártires da Pátria, não foi apenas um sábio. Foi também uma pessoa de muito espírito. Os limites desta pequena antologia obrigam o condensa os inúmeros ditos espirituosos que durante toda a vida espalhou a rodos.

Sousa Martins tinha o prazer da mesa e nos constantes jantares com colegas e amigos, era sempre a «vedeta» da *verve* e do bom humor.

*

Um dia, o Dr. Bento de Sousa, falando de civilizações já extintas e desligadas, asseverou que os Portugueses têm muitas vezes andado para trás, não acompanhando as conquistas da época.

— Isso prova que a lei do progresso é verdadeira — responde Sousa Martins.

— Como assim? interrogou espantado o Dr. Bento de Sousa.

— Parece impossível que V. não saiba que o progresso das leis é não se cumprirem.

Então, o grande médico, seu contendor replicou:

— Sim, o que é o mesmo que dizer: *In medio consistit virtus.*

Ao que o nosso biografado respondeu:

— Se V. pensa que eu me rendo com o seu latim, engana-se. A *virtus* nunca está no meio. Está no fim, como pode estar no princípio. Também pode estar ao lado. Ao meio, é que ela nunca está!

*

Um dia discutia com um velho colega que o contrariava obstinadamente, repetindo várias vezes:

— Não é nada disso. Se o senhor tivesse prática, não tinha essa opinião.

Sousa Martins, já irritado fechou a discussão, dizendo:

— Diga-me uma coisa. O meu caro colega antes de ter prática, era só tolo?

— Terminou a discussão.

*

O grande médico era uma bela pessoa com um excelente coração. Uma tarde, um alcoólico pediu-lhe esmola e ele deu-lha. O amigo que o acompanhava censurou-o ao que ele respondeu:

— Deixá-lo! Antes enganar-me dando uma esmola que vá alimentar o vício, do que negá la a quem dela precisar para matar a fome.

*

Uma vez notou em um dos seus doentes — que eram numerosos — uma larga cicatriz, proveniente de uma grande queimadura.

— O que foi isto? perguntou o médico.

— Quando era criança, entornei chá a ferver e fiquei assim.

— Chá? — disse Sousa Martins. Aí está uma cicatriz que faria honra a muitos fidalgos.

*

Um estudante de Medicina ministrava clorofórmio a um doente que ia ser operado. Vigiado pelo professor mostrava-se trémulo e inquieto.

Sousa Martins percebeu o nervosismo do rapaz e, quando o doente já estava meio anestesiado, bate no ombro do aluno e disse-lhe:

— Oh homem, não se atrapalhe. Olhe que na pior das hipóteses não é nunca você que morre».

*

Em uma das suas enfermarais, um doente chamou estúpido a outro e provocou conflito. Intervem Sousa Martins que termina a questão, dizendo:

— Oh! senhor da cama 36, fique sabendo para seu governo, que aqui na enfermaria quem faz prognósticos sou eu!

*

A respeito de um médico muito distinto mas que embaralhava muito as ideias, ele dizia:

— Aquele meu colega sabe muito mas tem a cabeça como a gaveta de um sapateiro de escada. Lá dentro há tudo. Mas quando mete a mão para buscar o serol, tira a sovela e quando precisa da sovela, tira a turquês.

*

Sousa Martins foi ao palacete de certa viscondessa, senhora bastante pretensiosa e que estava cheia de febre. O Visconde, ao analisar a receita, observou:

— A senhora Viscondessa está bastante febril. Não percebo porque é que o senhor doutor não lhe receitou quínino.

— Olhe, Sr. Visconde, acredite que visconde toda a gente pode ser, agora médico é só o que estuda para isso.

*

Numa das suas enfermarias, apareceu um dia um provinciano com um grnade abcesso no pescoço. O homem vinha desolado:

— Isto será uma *nascida*, Sr. Doutor?

— Não, não. Isto é uma *crescida*.

O homem ficou na mesma ...

*

Para terminar este pequeno feixe de ditos graciosos, ouçamos este conceito do mestre:

«Muitos médicos só querem começar a tratar de condes para cima. O grande Pasteur, sábio mundial, contentou-se em ter, como seu primeiro doente, um bicho de seda. Aí fez as suas primeiras experiências».

Tasso Joaquim José Tasso foi uma das últimas glórias do Teatro português. Os seus galãs ficaram célebres. Elegante, esbelto, de cabeça leonina, só uma enorme falta de memória o atormentava. Algumas das suas partidas ainda hoje se contam atribuídas a outros.

Um exemplo: antigamente, os actores recebiam todas as noites uma vela para o camarim. Tasso vestia-se no camarim do actor Teodorico e, como poupavam as velas, costumavam vendê-las. Mas a certa altura, as velas do Tasso começaram a desaparecer. O actor andava intrigado, especialmente por pouparem as velas do seu colega de camarim, e ser apenas ele a vítima do furto. E resolveu fazer polícia por sua conta. Aproveitou uma peça em que tinha pouco trabalho e escondeu-se por baixo da bancada da caracterização. Passado certo tempo, vê entrar no camarim um alfaiate (nome dado em teatro, aos encarregados de vestir os artistas) que, olhando para o corredor, estende o braço para o caixote onde o actor guardava as suas velas. Então, Tasso, com uma voz cavernosa gritou:

— Essas não, que são as minhas!

O larápio, pensando em almas do outro mundo, deu um grito de pavor e fugiu, vertiginosamente ... Claro, que nunca mais desapareceram as velas ...

*

Outra partida, até certo ponto cruel, mas engenhosa. Tasso passava em Belém, quando viu um colega seu namorando uma donzela que morava num rés-do-chão. O actor, fingindo-se preocupado, deu-lhe um encontrão.

— O Sr. Tasso por aqui? — perguntou o colega.

— É verdade, e bem aflito. Meu pai estava em minha casa e, de repente, manifestou-se-lhe uma quebradura. Preciso urgentemente de uma funda.

— Isso é perigoso. Vá já tratar disso.

— Você é que me podia fazer um grande favor.

— Diga, Sr. Tasso. Se estiver ao meu alcance...

— Daqui à Baixa é longe e você podia emprestar-me uma das suas fundas.

— Eu? Mas eu não sou quebrado...

Então Tasso, fingindo que não reparara na rapariga, disse para o colega:

— Ó diabo, desculpe a indiscrição. — E foi-se embora.

A namorada, tomando a sério a partida de Tasso, deu com a janela na cara do pobre galã e acabou o namoro.

Esse actor, que se chamava António Caetano, e dele não reza a história, esteve de relações cortadas com o autor da partida, até ao fim da vida.

*

Procurado no seu camarim para os assuntos mais estranhos, uma vez, o alfaiate veio anunciar-lhe que determinado sujeito o queria convidar para almoçar. Tasso, não reparando que o cavalheiro já estava à porta, disse ao alfaiate:

— Diga a esse imbecil que amanhã não posso ir almoçar com ele!

Mas, ao vê-lo, dourou instantâneamente a pílula, dizendo:

— Diga a esse imbecil que amanhã não posso ir almoçar com ele... porque vou almoçar com este senhor!

E o artista lá teve de participar num almoço que não lhe interessava aceitar.

*

Tasso era um artista aprumado, vivendo nessa época romântica, que hoje só raros recordam, incendiando corações e provocando suspiros apaixonados.

No período áureo da sua vida, chegou a ter um lindo cavalo, que montava donairosamente. Certo dia, foi à manjedoura e deixou cair meia libra que trazia no colete. O moço da cavalariça encontrou-a e guardou-a.

Quando Tasso deu por falta da moeda, voltou atrás e perguntou ao moço se a tinha visto.

— Não vi, Sr. Tasso. Quem sabe se o animal a comeu juntamente com a palha...

Tasso percebeu na cara do moço o comprometimento e disse-lhe:

— Provàvelmente foi isso. Mas tu hoje vais ficar na cocheira, junto do cavalo, e não sais de lá, até que ele deite a meia libra cá para fora.

O moço obedeceu e no dia seguinte, apareceu ao actor, dizendo lorpamente:

— Dez tostões já ele deitou!

— Que coisa extraordinária! — replicou Tasso — O cavalo tem na barriga uma máquina de trocar dinheiro! Então volta para lá e não venhas, enquanto ele não deitar o resto do troco...

O criado *enfiou* e, para não passar outra noite na cocheira, rosolveu entregar os restantes mil duzentos e cinquenta réis.

*

Como sucede com tantos artistas da sua geração, a série de partidas que lhe atribuem é interminável. Limitamo-nos a recordar, nestes escassos minutos de leitura, o bom humor de um grande artista, que a morte levou em 1870, vitimado por uma doença que, ainda hoje, os progressos da Ciência, não conseguem dominar.

Teófilo Braga

O presidente do Governo Provisório da República, foi sempre um modelo de simplicidade. Poliglota ilustre, fez sensação, quando, na primeira recepção do Ano Novo ao Corpo Diplomático, falou aos vários Ministros Plenipotenciários nos respectivos idiomas, com alusões à literatura dos países de cada um deles.

Era este o sábio que, muitas vezes, à porta da Academia de Ciências, conversava democràticamente com o porteiro.

*

Um dia, Silva Passos, surpreendeu Teófilo na estação do Cais do Sodré, subindo para uma carruagem de terceira classe. Julgando que se tratava de um equívoco, aproximou-se do escritor e observou :

— V. Ex.ª vai em terceira classe ?

E Teófilo olhou-o, sorridente :

— Porquê ? Há quarta ?

*

A caneta do mestre era mais que primitiva. Talhava um tronco da roseira do quintal, metia um aparo na incisão que fazia e amarrava-a. Quanto ao papel, tudo lhe servia. Desde o chamado papel de impressão, ao avesso dos sobrescritos das cartas que lhe enviavam !

Mas a letra era muito nítida e sempre igual. Assim trabalhava o homem que num frio Fevereiro de 1843, viu a luz do dia.

*

A casa de Teófilo era aconchegada e o seu gabinete vinha abaixo com o peso de tanto livro. Parecia um estudante de Coimbra, aquecendo o seu chàsinho no vidro de um candeeiro de petróleo.

Raros o procuravam na sua residência, apenas um ou outro erudito ou estudioso. Mas a revolução triunfante de 1910, fez Teófilo Braga, que nunca conspirara, presidente do Governo. Então a sua casa passou a ter a concorrência dos pretendentes a lugares. E ele dizia, piscando os olhos espertos:

— A minha casa parece outra. Só oiço bater a porta. Parece a campainha de um animatógrafo ...

*

Uma tarde, parou à sua porta um carro do Estado com um esquadrão de cavalaria.

Teófilo tinha de ir a Belém em missão oficial, mas sem estadão. Todavia, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, que morava perto, lembrou-se de lhe mandar um carro com a escolta de honra.

O presidente chegou à janela e amuou com o cerimonial. Contou depois a Rocha Martins o que se passàra:

— Apareceu-me um capitão de botas até ao pescoço e disse-me, todo perfilado, que me vinha buscar para me levar a Belém. Declarei que mandassem os soldadinhos embora, pois, de contrário, não sairia de casa. Ameacei-os de vestir o guarda-pó e despir o fraque. O esquadrão retirou. Lembrei-me de uma mulher em Alcântara dizer: «Olha o Bernardino Machado a fingir que é rei ...». E eu ia ao lado dele. Ficou-me de emenda.

*

Teófilo Braga vivia o mais só possível. Uma vizinha dedicada ia a sua casa fazer as limpezas habituais e, com a idade, o original académico começava a sofrer de falta de vista.

A comida vinha de um restaurante próximo da rua onde ele morava, ao tempo Travessa de Santa Gertrudes, mas que se chama hoje muito merecidamente, Rua Dr. Teófilo Braga. A refeição era farta: sopa e três pratos. O terceiro prato, porém, destinava-se a resolver o almoço do dia seguinte, e assim vivia solitàriamente o homem que fugia sistemàticamente a pompas e honrarias.

Na manhã de 28 de Janeiro de 1924, a bondosa vizinha, ao entrar em casa do escritor, como era habitual, encontrou-o sem vida. Daí a um mês, completaria 81 anos.

*

Dezasseis anos decorreram desde a tentativa de revolta de 28 de Janeiro de 1908 até esse triste dia 28 de Janeiro de 1924. A Câmara Municipal de Ponta Delgada, adquiriu a bela livraria do que foi Presidente da República.

No arrolamento dos seus bens, há esta nota curiosa que vale a pena transcrever:

«Um guarda-chuva de seda preta, com os panos rasgados em partes diferentes, mas pelo falecido Teófilo Braga, grosseiramente cosidos. Ao referido guarda-chuva foi preso um cartão, onde se escreveu: 1924. Do espólio do Presidente do Governo Provisório e segundo presidente eleito».

O seu inseparável guarda-chuva era conhecido pela denominação da «malva do Teófilo». Foi avaliado pelos peritos em dez escudos!

Vasco Santana Em Junho de 1958, já fez portanto, dois anos, que desapareceu da vida um dos artistas mais populares e mais inteligentes na sua geração.

O teatro, o cinema, a rádio e até a televisão tiveram em Vasco Santana um príncipe do êxito permanente. O seu bom humor era um forte cartão de visita da simpatia que inspirava a todos. Os seus ditos de espírito são incontáveis e muitas definições suas se celebrizaram.

No meio teatral, onde ele foi incontestável *vedeta*, recordam-se muitas das suas apreciações espirituosas, que, já se vê só podem ser plenamente saboreadas por quem tenha conhecido ìntimamente os visados.

*

Num domingo de Outubro de 1917, um facto inesperado alarmou o empresário Luís Galhardo, tio do Vasco. No Teatro Avenida representava-se com êxito uma revista e, com a casa esgotada, o *compére* adoecera. Só havia que restituir o dinheiro aos espectadores.

Ora o Vasco, que tinha então 19 anos, era frequentador assíduo do teatro do seu tio. E alguém lembrou que ele substituisse o intérprete doente, evitando assim o prejuízo.

O futuro grande actor sorriu, duvidoso do resultado, mas com a sua exuberante mocidade acedeu. E assim, numa *matineé* de há quarenta e quatro anos, pisou inesperadamente o palco, esse inimitável Vasco Santana a quem o público tanto havia de querer.

*

Quando começou a falar-se em subsídios teatrais, subsídios que na verdade, foram concedidos, Vasco,

com a paixão do teatro nas veias, escreveu estes versos, pouco conhecidos:

«O subsídio é deprimente,
Torna as almas pequeninas.
É sustentar um doente
A injecções de vitaminas.

De mais, o público acorre,
Há espírito audaz, moderno
E o Teatro não morre
Porque o Teatro é eterno.

Há-de vencer a anemia
E, com as bênçãos do Céu
Inda espero qualquer dia
Vê-lo tão gordo como eu!»

*

O seu *Zèquinha*, nos microfones da Emissora, aumentou ainda a sua espantosa popularidade.

Como a verba para a realização do programa era reduzida, só por amizade com o poeta Silva Tavares, funcionário superior da Emissora Nacional, ele aceitou o convite. Mais tarde, entrou radiante no gabinete do poeta, dizendo-lhe:

— Venho pedir-te um favorzinho. Não te esqueças cá do rapaz quando precisares de mim. Mesmo que não disponham de muito dinheiro, eu venho de borla!

— A que devo atribuir essa reviravolta? — perguntou Silva Tavares, espantado.

— É que eu sou actor há não sei quantos anos e nunca recebi tantas cartas e cartões de parabéns como pelos vinte minutos que estive em frente dos microfones da Emissora.

*

Há uns bons trinta anos, Vasco, que andava em *tourneé* ao Algarve, foi abordado num café de Faro por

um simpático velhote que o cumprimentou respeitosamente, dizendo ter uma grande alegria em conhecer um *actor gordo* de quem o seu falecido avô tanto lhe falava.

Vasco achou estranho e perguntou ao algarvio há quantos anos morrera o seu avô.

— Em 1895 — explicou o outro.

— Nesse caso — retorquiu Vasco — conheceu-me ainda antes da minha mãe, porque eu nasci três anos depois ...

O velhote ficou embatucado.

O *actor gordo*, que o avô dele tanto apreciava, era Chaby.

*

Nunca o espaço desta secção nos pareceu tão pequeno. Os ditos de espírito do Vasco encheriam uma página do jornal ou mais. Fique ao menos, nesta fugaz evocação, a saudade de todos quantos tiveram a satisfação de privar com ele.

Vicente Arnoso Quantos se lembram ainda do Arnoso, esse encantador rapaz que a morte cedo arrebatou ao convívio dos seus! Era difícil ser-se mais fidalgo e mais boémio! A sua primeira paixão foi a cidade universitária de Coimbra; e, quando o Teatro Nacional lhe pôs em cena a peça *Coimbra, Terra de Amores*, teve uma das maiores alegrias da sua vida.

A propósito dessa linda e aliciante cidade, escreveu ele um dia: «Quantos rapazes que por lá andaram, ao lembrarem-se desse alegre e festivo S. João de Coimbra, hão-de sentir os olhos orvalhados de lágrimas, na doce evocação de algum beijo furtado a uns frescos lábios de mulher, de uma jura de amor eterno, que não teve mais que a curta vida das rosas!»

*

Um dia, Aníbal Soares e o infortunado «Pad-Zé» lembraram-se de fundar um jornal humorístico, intitulado *O Vira*. Não foi longe e o Vicentinho, assim conhecido na roda dos amigos e que era um *blagueur* irremediável, apareceu em casa de Adelina Abranches, onde o grupo se reunia, vestido de luto rigoroso e com um molho de couves, envolto em crepes que pôs nos braços do «Pad-Zé», para este ler o discurso fúnebre ao jornal que tão curta vida tivera. Todos acharam muita graça à pilhéria, menos os dois fundadores do jornal. E, naquele ambiente, o «Pad-Zé» atou as mãos do Vicente, com uma gravata, enquanto Aníbal Soares lhe amarrava as pernas com o cordão de um reposteiro. Puseram-lhe os crepes à laia de lenço e foi condenado a assistir à ceia dos outros ... Para os acalmar, fingiu-se adormecido. Quando terminou a ceia, soltaram o prisioneiro, que logo se dirigiu à casa de banho, para compor o cabelo todo esguedelhado. Quando voltou à mesa, na esperança de ainda encontrar alguns restos dos petiscos, viu apenas meio pastel de bacalhau com um cartão: «Do *Pad-Zé*, com os melhores agradecimentos», e, ainda, numa pequenina forma, um dedal de linguíça, com outro cartão: «Do Aníbal, eterna gratidão».

*

Talvez muitos desconheçam que Vicente Arnoso esteve apaixonado pela cantadeira Maria Vitória, outra boémia que a morte levou em plena mocidade e fez furor em Lisboa. Parece que o idílio se chegou a consumar. Ora, uma bela noite, quando o nosso amoroso estava tranquilamente em casa da sua diva, ouviu-se uma chave na porta e, entre a simulada indiferença de Maria Vitória e a inquietação de Vicente, entrou um homem, alto como uma torre e com vigorosos braços de lutador. Este, enfurecido com aquela presença imprevista e importuna, pegou no Arnoso ao colo como

se fosse um *bébé* (sempre pesou pouquíssimo) e atirou-o pela escada abaixo! Pois, apesar do trambulhão, achou imensa graça ao sucedido e parece que não lhe ficou de emenda ...

*

Columbano pintou-lhe o retrato. Está vestido de moço-fidalgo e os seus olhos negros têm uma expressão admirável. Quando casou foi viver para a Beira, onde conseguiu restaurar o solar, mas as saudades de Lisboa atormentavam o seu temperamento boémio. É ainda Adelina quem nos conta:

Um dia, ele pediu-lhe que lhe mandasse um telegrama urgente, solicitando lhe que viesse à capital. Ao chegar, mais magro ainda, explicou à artista: — «Já não podia mais! Queria vir a Lisboa, respirar-lhe o ar e não tinha nenhum pretexto. Por isso te pedi que mandasses aquele telegrama».

Ambos riram e, nessa noite, numa alegre e ruidosa ceia e com os velhos camaradas da sua vida de solteiro, Vicente escreveu estas duas quadras:

Quanto ao jantar, Adelina
Eu só te digo — ouve bem:
Que sopa assim não provou,
nem o Cristo, nem ninguém ...

Quanto ao resto, só me resta,
mais uma vez afirmar:
— Se o Padre Santo soubesse,
éramos dois a jantar!

*

Vicente Arnoso foi sempre uma fraca figura, em contraste com as suas grandes qualidades. Eça de Queirós, amigo íntimo do Conde de Arnoso, frequentava muito a sua casa. O Vicentinho nascera havia pouco.

Quando todos esperavam o grande Eça no salão de chá, foram encontrá-lo junto do berço, contemplando o pequenino Vicente.

— Que estás a olhar com tanta atenção? — perguntou-lhe o Conde.

E o Eça, que também era muito magro, explicou, ajeitando o monóculo:

— Perco-me na contemplação de um ser ainda mais magro que eu!...

II PARTE

PERSONALIDADES ESTRANGEIRAS

Adelina Patti Em 1836, era o Conde de Farrobo empresário do Teatro de S. Carlos, contratou a soprano Catarina Barili, mulher bonita e cantora de fama, por quem se apaixonara um tenor de apelido Patti. Em fins de 1842, Barili vai para Madrid e, em Fevereiro do ano seguinte, nasce Adelina Patti, não no camarim da mãe como se asseverou, mas na *calle* da Fuencarral. Aos 17 anos, estreia-se na *Lucia de Lammermour*, depois de já ter cantado em inúmeros concertos.

Paris acolheu com delírio a grande Patti, que como todos os cantores da sua categoria, tinha a tendência de ornar de floreados as músicas consagradas.

Conta-se que Rossini, amuado por ouvir trinados que não escrevera, perguntara irònicamente a Adelina Patti:

— De quem é essa música?

*

Vida de mil aventuras teve a famosa cantora. Os seus proventos eram fabulosos. Um dia, em São Francisco, um irreflectido indignado com os ordenados da diva, resolveu atirar para o palco uma garrafa que continha uma matéria explosiva. Afinal, ele próprio foi atingido e o atentado ficou por ali, voltando-se o feitiço contra o feiticeiro.

*

Já consagrada pela crítica e pelo público, insistiu com Berlioz que lhe escrevesse um pensamento no seu album. O grande compositor era indiferente a autógrafos. Mas Adelina teimava e uma noite, disse-lhe:

— Maestro, escreva um pensamento no meu album, que eu concedo-lhe duas recompensas à sua escolha. Ou canto só para si, um dos trechos que mais apreciar, ou mando-lhe um suculento *paté* de *fois-gras* que me ofereceram.

Berlioz sorriu-se e escreveu duas palavras latinas que, segundo explicou à cantora, queriam dizer: *Prefiro o paté.*

Patti não gostou da gracinha, mas disfarçou hàbilmente ...

*

Adelina recebia vinte e cinco mil francos, de cada vez que cantava. Uma noite, o emp esário em apuros, mandou-lhe dar apenas quatro mil. Não os quis aceitar. O secretário da empresa, aflito, procurou convencê-la. Nessa noite, cantava-se a *Traviata*, cartaz de grande interesse. Patti lá foi para o Teatro, vestiu-se para cantar a ópera, o Teatro abriu e a bilheteira tinha *bicha*. Reuniram-se alguns milhares de francos que foram entregues à artista. E Adelina calçou um sapato declarando que só calçaria o outro, quando acabassem de lhe pagar o resto do *cachet*. Assim aconteceu e, daí a pouco, o espectáculo começou com o êxito habitual.

*

A sua categoria levava-a a impôr condições quase incomportáveis. Chegava a exigir metade da receita bruta, além de viagens para ela, marido, criada e dois cozinheiros. Queria, também, duas carruagens disponíveis a qualquer hora do dia, fausto principesco que manteve, enquanto a sua aura o permitiu.

Um empresário americano pretendeu contratá-la, mas Patti pediu-lhe 50.000 dólares por mês. E como ele lhe exprimisse grande espanto, desabafando que isso não ganhava o Presidente da República dos Estados Unidos, logo ela respondeu desabafada:

— Então, faça cantar o Presidente!

*

Mas, talvez o mais curioso dos episódios passados com a célebre cantora, vamos recordá-lo:

Em um rigoroso Inverno, Patti devia seguir de Paris para Bucareste, onde era aguardada com a costumada ansiedade. Mas a *diva*, ao ter conhecimento que na capital da Roménia nevava, recusou-se a partir.

Grande aflição do empresário, desolado com o enorme prejuízo que tal resolução lhe acarretava. Até que uma ideia salvadora lhe ocorreu ao espírito, mandando a Patti o seguinte telegrama:

— Nobreza romena prepara soberba reacção. Delegados do Governo irão caminho de ferro em trens com banda militar. Telegrafe hora da chegada.

Envaidecida com esta gentileza, lisongeada na sua vaidade, a cantora participou a hora da chegada a Bucareste. Realmente, na estação, lá estavam esperando a cantora, representantes do exército romeno com uma banda militar e na *gare*, um membro categorizado da nobreza romena pronunciou um discurso entusiástico. Patti estava radiante. Depois soube-se que tudo isto fora um audacioso estratagema do empresário. As personagens ... eram figurantes do teatro!

Quando, mais tarde, teve conhecimento da partida a cantora achou graça.

*

Morreu com 76 anos. A sua voz ficou gravada em discos que estão guardados nos subterrâneos da Ópera de Paris e que só serão ouvidos no ano de 2008, isto é, um século depois de terem sido gravados.

Afonso XIII O último soberano da Espanha que faleceu no exílio, sentiu várias vezes a morte a rondá-lo.

Durante a primeira viagem que fez à capital da França, viu morrer a seu lado um capitão de couraceiros vitimado por uma bala que lhe era destinada.

No dia do seu casamento, uma bomba lançada de um prédio abriu uma clareira no cortejo. Também houve mortes, mas o monarca espanhol saiu ileso.

No meio do enorme tumulto, Afonso XIII bastante pálido, afirmou num sorriso triste que aquilo eram os seus ossos de ofício.

Da última vez, regressava o rei de um juramento de bandeiras e só devido ao seu sangue frio, fazendo empinar o cavalo que montava, salvou a vida, sacrificando a montada.

Afonso XIII, cheio de mocidade, erguera um *viva* à Espanha, contando no Paço tranquilamente à esposa e à mãe, o infausto acontecimento.

Esta coragem deu grande simpatia ao monarca. Mas a fórmula do regime expulsou-o da Espanha e no exílio nunca causou entraves à marcha da política do seu país.

*

Afonso XIII nasceu rei. Tratado com todas ao honras, só não podia deixar de ser criança como todas.

Uma tarde foi com a família real a uma cerimónia religiosa. Sentado em uma cadeira especial, assistia com a indiferença própria da idade à festividade que ia longa e demorada.

Começou o sermão. O pequeno reinante olhava desconfiado para tudo quanto via, e, já sem forças para resistir a tanto, no meio do natural silêncio que se observava no templo, atirou ao chão o pequeno boné, que tinha no colo e gritou na sua voz débil para a prègador:

— Senhor Bispo. Eu estou muito aborrecido!

Calculem o embaraço da assistência ...

*

O Marechal Carmona foi a Espanha ainda no tempo de Afonso XIII. Recebido com o característico cavalheirismo espanhol, o povo saudava o nosso Chefe do Estado, gritando:

— Viva el-rei!

O Marechal Carmona hesitava em agradecer, pensando que era ao seu soberano que os madrilenos se dirigiam. O rei, sorridente, explicou:

— Estas vivas são para si. Viva o rei é a mesma coisa que viva o Presidente.

O Marechal sorriu também e agradeceu.

*

Um episódio curioso. O rei era muito popular e castiçamente espanhol. Os artistas mereciam-lhe grande simpatia e a vida teatral acompanhava-a como podia no intervalo dos seus afazeres oficiais.

Uma noite, admirador da grande artista Raquel Meller, foi ao camarim felicitá-la e com ela manteve uma alegre conversa de bom camarada.

Raquel, que era uma *violetera* desenvolta, a certa altura deve ter-se esquecido que estava falando democràticamente com o rei de Espanha. E começou a tratá-lo por *usted*.

O monarca sorriu e sem se desmanchar, advertiu-lhe com galanteria:

— Olha Raquel. Trata-me por magestade ou então trata-me por tu.

Raquel Meller corou, mas a amizade não ficou diminuida por este gracioso episódio.

*

Um episódio da sua bondade:

Estava de serviço no palácio real um tenente que acabara de receber um telegrama, anunciando-lhe o falecimento da mãe.

Perturbado, pediu autorização ao general para se ausentar. O general, embora consternado, fez-lhe ver que não podia dispensá-lo sem autorização do rei.

O desolado oficial conseguiu falar a Afonso XIII, que imediatamenle lhe disse que partisse, pondo o seu automóvel às ordens.

— Mas, meu senhor disse o tenente, é que eu estou de guarda esta noite.

E o rei, nobremente, ordenou ao seu oficial:

— Parta, já disse. Fico eu em seu lugar.

O tenente beijou enternecidamente a mão do soberano e saiu.

*

Várias anedotas se contam atribuídas ao último rei de Espanha. Medo nunca teve. Já em grande efervescência política, houve um atentado de que resultou a morte do seu primeiro Ministro.

Afonso XIII, indiferente ao perigo, acompanhou a pé o coche mortuário, prestanto uma homenagem e dando um exemplo.

Quando o movimento revolucionário o depôs, aceitou nobremente o caminho do exílio, dizendo para os seus correligionários:

— O povo tem o direito de escolher o seu regime. Se, na verdade, o povo espanhol prefere a fórmula republicana à monarquia, só me resta obedecer-lhe desejando à minha querida Espanha as maiores felicidades.

Aga-Khan

Um conhecido romancista francês viajava, um dia, pela Síria e encontrou um grupo de nativos, rezando em frente de um retrato, numa capela erguida à beira da estrada.

O romancista, era Maurice Barrés, viu o retrato e comentou, assombrado:

— Mas, este homem é o Aga-Khan, que eu conheci no Hotel Ritz?! Então, este homem é Deus? Encontrei-o, muitas vezes, nas corridas em Paris...

O sacerdote que presidia às orações, ripostou, muito digno:

— E porque razão não pode um Deus ir a Paris, às corridas ou aonde ele quiser?

A lógica desta resposta explica muitas coisas que a mentalidade ocidental nunca entendeu.

*

Deve esclarecer-se que AGA, significa, no nosso idioma, o «Excelentíssimo Senhor» e kHAN é uma palavra mongólica com o significado de «Chefe».

Este Aga-Khan, morto, ainda há pouco, já septuagenário, era um homem vigoroso, que se levantava cedo e tinha a paixão do *golf*, que jogava todas as manhãs.

Diziam que a água para o seu banho era engarrafada e vendida aos seus súbditos, os quais a consideravam um elixir infalível contra a má sorte e os maus espíritos. E o Aga-Khan irritava-se quando lhe transmitiam essa herança absurda.

*

Outra história, que também o entristecia, era dizer-se que, todos os anos, era pesado a ouro ou diamantes. Só duas vezes assim foi pesado — uma pelos seus fiéis, na Índia, e outra em África, por ocasião do seu jubileu. Em Bombaim, a balança registou 110 quilos e meio, isto é, o equivalente a dois milhões e duzentos mil dólares. Exceptuando algumas gemas, que guardou como recordações, o ouro e os diamantes eram devolvidos aos ofertantes, para o custeio de escolas e hospitais.

*

Aga-Khan tinha também, a paixão dos cavalos de corrida. Quatro deles, das suas coudelarias, ganharam o *Derby* em Inglaterra. E, apesar da manutenção lhe

custar cerca de um milhão de dólares, por ano, nunca se arrependeu desses gastos e afirmava:

— Só a venda dos cavalos e o preço cobrado pela fecundação de animais alheios, dão-me mais do que aquilo que eu gasto com eles!

Ali-Khan, seu filho e de uma bailarina italiana, nascido em Junho de 1911, é hoje quem dirige e administra essas coudelarias, aliás já reduzidas.

*

Foi proclamabo imã aos oito anos de idade. A mãe, mulher severa e decidida, ilustrou-o e educou-o para os deveres do seu alto cargo. Um dia, uma peste dizimava a Índia. Todos tinham horror à vacina, chamando-lhe *peste ocidental*. Aga-Khan fez-se vacinar, por várias vezes, em público, para provar aos seus súbditos que esse segredo do Ocidente merecia confiança. Este gesto celebrizou-o junto do seu povo.

A lei maometana permitia-lhe quatro esposas, mas nunca as teve. Dizia:

— Como homem ocidentalizado, repudiu esse direito por motivos de bom-gosto e de sabedoria.

Quando seu filho mais velho casou com uma conhecida vedeta do cinema ele não gostou e disse então:

— A princípio, este casamento foi muito desagradável para mim, mas depois de a conhecer, achei-a encantadora. E entendo que ela deve, de vez em quando, ir fazer um filme, se não Ali perde o interesse pela esposa.

— Afinal, parece que foi ela quem perdeu o interesse por ele ...

*

A morte de Aga-Khan confirmou as suas dúvidas sobre a sucessão. De Ali, o seu filho mais velho, dizia:

— Nunca foi grande estudante. Teve uma educação inteiramente ocidental. O seu árabe não é suficiente-

mente bom para o tornar aceitável na sociedade dos países orientais.

Durante a guerra, o filho serviu no exército francês, com os ingleses, na África do Norte, e com os americanos, durante os desembarques no Sul da França.

Quando começou a perceber que o seu fim se aproximava, as suas preocupações avolumaram-se. E afirmava:

— Não é possível prever o que sucederá, após a minha morte. Ali é louco a guiar automóveis e aviões. Há anos que anda a diligenciar suicidar-se!

*

Por estas e outras razões, nomeou, em testamento, o filho mais novo, como seu herdeiro espiritual. É possível que a vida do jovem Aga-Khan não tenha a projecção daquele que já entrou na Eternidade, mas a fidelidade dos seus subditos continua firme. A História dirá o resto.

Alfredo Nobel

Estamos em 1861. Num escritório luxuoso de banqueiros franceses, um sueco franzino, nervoso, de aspecto doentio, jovem ainda, dirigiu-se, em alvoroço, aos magnates da finança, dizendo:

«Meus senhores, descobri um óleo capaz de reduzir a estilhas o globo terrestre».

Uus riram-se, outros fixaram com espanto o intruso, mas todos encolheram os ombros em sinal de desprezo pela ideia dramática.

Ele insistiu, descrevendo pormenorizadamente o novo explosivo, mas tudo aquilo parecia fantástico, aos banqueiros. Pessoas habituadas a manejar milhões, nada lhe interessava a destruição do globo. E Alfredo Nobel retirou-se desalentado.

*

Já seu pai inventara uma mina naval utilizada pela Rússia na guerra da Crimeia. Napoleão III, a quem chegou aos ouvidos a história do jovem sueco, conseguiu impressionar um financeiro e assim Nobel pôde dispôr de um crédito de 100 000 francos. Daí, proveio a imensa fortuna que mais tarde teria uma aplicação generosa e e humanitária.

*

Nove milhões de dólares deixou Alfredo Nobel. Mas a sua existência foi recheada de grandes contrariedades. Um dos seus irmãos morreu numa explosão. A bordo de um navio atracado no canal do Panamá, pouco depois, explodiam setenta caixas de nitroglicerina, perecendo no desastre 60 pessoas. Duas semanas depois, nova explosão deu-se em S. Francisco, com o desmoronamento de vinte e tantos prédios. Esses incidentes amarguraram a vida de Nobel.

*

Um dia, Nobel chega a Nova-York e o ambiente, a seu respeito, é de terror. Os hotéis não o querem receber, com medo das suas malas carregadas de explosivos. Para tranquilizar os timoratos, fez uma demonstração pública numa pedreira. Nobel entornou sobre uma chapa de aço um pouco do seu óleo terrível. Todos os assistentes tremiam. Nobel produziu apenas com um martelo um grande estrondo, ao contacto do ferro com o líquido. Acendeu depois um fósforo e fez chegar a chama ao líquido. Este ardeu, mas não explodiu. As provas tinham sido completas,

Alfredo Nobel tinha veleidades literárias. Chegou a escrever peças de teatro e sabe-se que falava correctamente cinco idiomas.

Foi amigo de Vítor Hugo.

Nunca o casamento o tentou. A sua fortuna, excepto dois milhões de coroas suecas deixadas à família, que tentou impugnar a validade do testamento, foi aplicada em fabulosos prémios para aqueles que mais se distinguissem na Literatura, Física, Química, Medicina e Paz. Nobel, no seu testamento, especificou que não queria recompensar músicos, pintores ou escultores. Nunca se soube bem porquê.

*

Já multimilionário, viveu o resto dos seus dias na doce paz de San Remo. Ali trabalhava em borracha sintética e seda artificial. Ao sentir-se mal do coração, recorreu a especialistas e, comparando um espigmógrafo, observava a linha que marcava a irregularidade do seu pulso e mostrava aos amigos, extremamente sereno, o grau de variação de que resultaria a sua morte. Na verdade, a duas semanas do Natal, quatro anos antes do fim do seu século, Nobel desaparecia do Mundo.

*

Aos quarenta anos, Alfredo Nobel era um homem solitário e melancólico. Chegavam a chamar-lhe «o mais rico vagabundo da Europa».

Tentou mudar de ambiente, mas sem resultado. Comprou uma linda vivenda em Paris, tentou despertar o coração, mas com a obstinada ideia que as mulheres só o queriam pela sua fortuna, nunca teve um lar que lhe desse felicidade. Na sua solidão, começou a escrever dois romances que nunca terminou e um drama que chegou a estar no prelo, mas que a família, após a sua morte, queimou, guardando apenas três exemplares.

*

Em 1876 — dizem as biografias — houve uma Condessa (cujo primeiro nome era Berta) que se apresentou a um anúncio posto por ele. Uma simpática mulher

de trinta anos, de boas maneiras e que chegou a impressionar a sensibilidade do pai da dinamite. Mas afinal, ela optou pelos amores de um jovem fidalgo e o riquíssimo Nobel continuou sem solução sentimental.

*

Esta meia dúzia de episódios, que anedotas nunca as teve, definem o benemérito que anualmente, mercê da grande fortuna acumulada, distribui prémios de mil contos a cada laureado, além de uma medalha de ouro, de gosto discutível, e de um renome universal. Nobel dizia: «As minhas fábricas contribuem mais para a paz que todos os congressos pacíficos».

Bernard Shaw

Bernard Shaw é um nome que dispensa apresentação. O irrequieto irlandês, que passou a existência a divertir-se com a Humanidade, e que aos 80 anos fazia um seguro de vida, para receber aos cem, espalhou bom humor e talento pelas cinco partes do Mundo.

A sua irreverência era incorrigível, como o prova o seguinte episódio:

Shaw nunca deveu nada à beleza, mas a sua celebridade criou-lhe várias admiradoras. Uma delas, mais audaciosa, mandou-lhe um dia um cartão perfumado, onde se lia: «Sei que sou bonita. Como seria feliz, casando consigo! Penso que deliciosa filha poderia sair do novo casal, se ela tivesse o seu talento e a minha formosura».

E logo Shaw, maliciosamente, respondeu:

«Devemos desconfiar da Natureza. Imagine se, ao contrário dos seus desejos, o filho saísse com o seu talento e a minha formosura?».

*

Quando um admirador inconveniente lhe perguntou se a sua inteligência se manifestara muito cedo, o autor de *Santa Joana* explicou:

«Levei quinze anos para descobrir que não tinha o menor talento para escrever, mas não pude desistir porque, nessa altura, eu já tinha bastante fama».

*

Shaw, talvez porque a idade avançada lhe fosse traindo a memória, contava a miúde histórias que os seus admiradores já conheciam, mas que ouviam respeitosamente.

Uma tarde, quando o escritor contava a um amigo uma das suas histórias repetidas, este reparou que a esposa de Shaw fazia nervosamente *crochet*.

— Está muito interessada no seu *crochet*, perguntou-lhe o visitante.

— Nem por isso, respondeu ela. Mas como já ouvi as histórias do meu marido mais de cem vezes, tenho de ter as mãos ocupadas, para evitar que me dê alguma fúria!

*

Bernard Shaw gostava de viajar. O Mundo para ele era um motivo de ironia permanente e as suas melhores *blagues* ficaram de certo desconhecidas.

Um dia, depois de uma das suas viagens periódicas, alguém lhe perguntou que livro levaria para se entreter, se fosse condenado a viver numa ilha deserta.

Logo o escritor respondeu, sem hesitar: «O manual do fabricante de navios».

*

Os pedidos de autógrafos eram a obsessão de Shaw. Vinham de todos os continentes. Ele atendia-os ou não, conforme a disposição do momento.

Uma tarde recebeu da América, do Comité da Acção Feminina Pró-Paz, um pedido para ele autografar vários livros que seriam vendidos em leilão. Estava num dos seus dias de mau humor. E como não respondesse, veio nova insistência das senhoras da sociedade novaiorquina, ansiosas por obter fundos para a sua simpática, mas ingénua obra.

Então, o espirituoso irlandês respondeu que não autografava os livros, porque achava a causa das Nações Unidas grande de mais, para o pequeno Comité da Acção Feminina.

Desanimadas, as senhoras não desistiram do leilão. E, enquanto o livro que atingira maior preço ao ser leiloado não passou de 70 dólares, a carta de Bernard Shaw foi arrematada por 170!

Desta vez, Shaw, inadvertidamente, caíra na armadilha. Quando teve conhecimento do facto, não se irritou, limitando-se a comentar: «As mulheres são obra do Diabo, ao passo que os homens são obra de Deus. E como o Diabo é manhoso, não admira que elas nos vençam a miúde».

*

Há um dito bastante espirituoso que muitos atribuem a Alexandre Dumas, mas que se sabe ter saído do manancial inesgotável dos comentários de Shaw.

Manifestava, numa roda de amigos, a sua descrença na fidelidade da maioria das viúvas jovens e atraentes. E um deles, lembrou-lhe a mágoa da rainha Artemisa, soberana de Halicarnasso, que mandou edificar um magnífico monumento funerário para perpetuar a memória do seu saudoso marido Mausolo. (Esse túmulo, uma das sete maravilhas do Mundo, deu origem ao actual nome genérico de mausoleu). Mas o escritor não se compadeceu nem se deu por vencido, afirmando:

— Outros tempos! Se fosse hoje, quando o monumento estivesse pronto, a viúva casava com o arquitecto ...».

*

Espíritos como o do genial irlandês fazem falta para amenizar a monotonia do Mundo. O talento devia ter o condão da eternidade. Nesta época atribulada de explosões atómicas, de preocupações diárias e de tratados entre as nações que não passam mais tarde de *chiffons de papier*, se a palavra é de prata, o silêncio devia ser de oiro!

Caruso Em 1921, desaparecia da face da Terra um dos mais afamados cantores de todos os tempos. Foram dezoito anos de triunfos consecutivos. Ana Caruso, sua mãe, teve 21 filhos. O décimo nono foi Eurico Caruso, que viria a cantar triunfalmente na ópera de Nova-York.

Os seus admiradores americanos seguiam-no por toda a parte. Quando entrava num restaurante, levantavam-se para o aplaudir. Para fugir a tal excesso de popularidade, Caruso comia em geral, em casa.

*

O seu nome ficou ligado a milhares de artigos comerciais. Sabonetes, charutos, esparguete, gravatas, uma infinidade de bugigangas ... Até alguém teve a ideia de dar o seu nome a um formoso cavalo. O cantor, que achou graça a essa ideia, apostava nele sempre que o animal corria, mas o quadrúpede *Caruso* nunca saíu vencedor de nenhuma corrida ...

•

Extremamente asseado, Caruso era um fanático da limpeza. A porta da sua casa de banho estava sempre aberta e na sala ao lado um pianista tocava as partituras predilectas do cantor.

Todas as manhãs, o maçagista, a calista e a «manucure» o visitavam profissionalmente.

Inflexível nas suas opiniões acerca da higiene, mais de uma vez se lamentou de certa cantora com quem tinha de contracenar, dizendo:

«E pavoroso cantar com uma pessoa que não toma banho, mas é ainda muito pior entoar uma ária ao lado de uma cantora que cheira a alho».

*

Os seus princípios foram tristes, como sucede a tantos que, à custa de esforço e sorte, atingem a celebridade. A primeira vez que cantou para ser ouvido por um famoso professor de canto, ouviu dele este comentário que não o desanimou: «O senhor tem uma voz que parece uma cana rachada».

Para conseguir melhor aspecto, disfarçava o peito moído das camisas velhas com folhas de papel branco. Quando cantava em algum casamento ou enterro, comprava uns sapatos ordinários com solas de papelão. Uma noite de chuva, ao chegar à escola de canto, pôs os sapatos a enxugar perto do fogão. Quando os foi buscar, a sola tinha desaparecido. Caruso teve de voltar descalço para casa.

Assim começou o genial cantor, que o pai queria obrigar a trabalhar numa oficina.

*

Uma noite, Caruso, já então cantor consagrado, foi cantar a Bruxelas com o êxito habitual.

De súbito, ouviu, no seu camarim, um rumor enorme, que vinha das proximidades do teatro. Abriu a janela e deparou com uma multidão que se lastimava de não ter arranjado lugar para aplaudir o *divo*. O espectáculo ia começar, com a casa esgotada, e no camarote real estava o rei da Bélgica, com a sua comitiva. Ca-

ruso não se perturbou. Da janela do camarim, cantou para aquele público entusiasmado algumas das suas árias que iria a seguir interpretar no palco.

*

Era extremamente sensível à crítica. Em Boston foi censurada uma das suas actuações. Jurou nunca mais ir aquela cidade e cumpriu o juramento. Mas era divertido e até amigo de fazer partidas. Durante uma representação da *Tosca*, um seu colega cantor esforçava-se desesperadamente por apanhar um pincel que havia caído ao lado do cavalete. Não o conseguiu, porque Caruso, por judiaria, pregara o pincel no chão ...

*

Casou aos 45 anos com uma senhora vinte anos mais nova, que ele sempre adorou. E nos banquetes de cerimónia, davam à sua esposa, como é da praxe, um lugar ao lado do dono da casa. Caruso, antes de aceitar qualquer convite, desmanchava esse hábito protocolar, afirmando: «Casei com minha mulher para ficar junto dela. A ter de ficar longe dela, prefiro ficar em casa.

Claro que todos lhe satisfizeram esse desejo.

*

Em Dezembro de 1920, alguns meses antes de morrer, Caruso cantava em Nova-York a ária do primeiro acto da ópera *Elixir de Amor*. Apesar de se lhe ter rompido um vaso sanguíneo na garganta, Caruso insistiu em cantar até ao fim.

Sua mulher, que assistia ao espectáculo, na primeira fila, percebeu que qualquer coisa de grave se estava passando e implorou ao marido que interrompesse o seu trabalho. Nada conseguiu. O *Times* de Nova York contou assim o doloroso episódio:

«Caruso já tinha ensopado de sangue o seu lenço e os colegas lhe davam outros lenços, sem que o público percebesse».

Depois de sete operações a quase consecutivos abcessos nos pulmões, não voltou a cantar. E veio a morrer, com 48 anos, num pequeno hotel de Nápoles.

Cecil B. de Mille

Este formidável cineasta foi a figura mais popular de Hollywood. Lisboa teve ocasião de ver ainda há poucos meses uma das suas melhores obras: *Os Dez Mandamentos*. Um dia, Cecil B. de Mille descobriu a possibilidade de encontrar assuntos dramáticos na Bíblia. Reacção dos directores, que logo advertiram o realizador de que nenhum filme de religião tinha dado até então qualquer lucro. Mas ele, com a sua larga visão, insistiu e o resultado foi que filme algum deu à Paramount proventos iguais ao *Dez Mandamentos*.

*

Cecil B. de Mille tinha vulgarmente, nos seus estúdios, um exército de empregados, entre artistas, figurantes, aderecistas, electricistas, etc. Uma tarde, descobriu que uma espevitada rapariga segredava qualquer coisa a um camarada.

O cineasta, com voz autoritária, gritou:

— Venha aqui, você lá do fundo!

A pequena aproximou-se a tremer e só depois de muito instada contou ao patrão o que estava dizendo a seu respeito a um dos seus colegas.

— Eu estava dizendo: Tomara já que aquele *lanzudo* se lembre de que são horas de irmos lanchar...

Depois de uma breve expressão de pasmo do grande realizador, ele mandou os seus numerosos empregados merendar e não despediu a rapariga.

*

Numa tarde, na balbúrdia no estúdio, disse a um dos seus assistentes:

— Numa das cenas deste filme, vamos meter um leopardo.

— Tenho um, muito bonito, embalsamado.

De Mille enfureceu-se: «O quê? Um leopardo embalsamado num dos meus filmes? Preciso que me arranje ràpidamente um leopardo com três anos de idade!

E o assistente descobriu no jardim zoológico um leopardo, que teve de ser cloroformizado até ao momento de ser filmado.

*

Este De Mille que não frequentou club s nocturnos nem «cabarets», não olhava a grandes despesas, desde que delas pudesse recolher qualquer resultado psicológico ou publicitário.

Uma ocasião, a fim de vestir alguns artistas que interpretavam papéis de destaque, Cecil mandou comprar uma enorme quantidade de brocado autêntico para a manufactura de mantos. Custava esse tecido duzentos dólares o metro, uma exorbitância. No estúdio houve protestos: «Como é que um espectador percebe se o brocado é verdadeiro ou se é uma imitação?

O realizador tranquilamente explicou:

— Não sabem os espectadores, mas sabem as minhas actrizes e isso é que me importa. Já pensaram na impressão que faz a uma artista usar um manto de brocado que custou três mil dólares? É caso para ela desempenhar o seu papel o melhor que souber e puder.

*

Um dia, por uma camisa de noite enfeitada com chinchila, que Glória Swason arrastava pelo chão em breves minutos, pagou 1 500 dólares. Alguns jornais

protestaram contra a prodigalidade inútil. Devido a estes protestos, a fita rendeu mais 250 000 dólares do que De Mille calculara ...

Prova-se, portanto, que o experiente cineasta estava sempre dentro da razão.

*

Quando realizou *Cleópatra*, Claudette Colbert tinha de pegar numa serpente durante a cena do suicídio.

A estrela arrepiou-se garanti do que nem por um milhão de dólares tocaria num bicho daqueles.

Cecil sorriu e apareceu junto dela com uma enorme serpente. Claudette gritou e tentou fugir. Então De Mille apresentou-lhe outra, que trazia escondida, e era muito pequenina. E logo a vedeta transigiu: «Esta sim. É uma serpente-bébé». E fez a cena que ainda hoje muitos recordam.

*

Os princípios de Cecil De Mille, foram, como os de quase todos os grandes triunfadores, modestos. Ganhava vinte dólares por semana num escritório teatral em Nova-York.

Resolveu um dia, com Samuel Goldwyn, então humilde vendedor de luvas, com um terceiro sócio, comprar os direitos de uma vila, que nessa altura tinha larga popularidade.

E partiram para o Oeste, a fim de aí proceder às filmagens. Quando chegaram ao Arizona, o local escolhido, chuvia desabaladamente. De Mille, dirigiu-se então para Los Angeles, e num local bucólico chamado Hollywood, alugou metade de uma cavalariça, à razão de vinte cinco dólares por mês.

Aí Cecil B. de Mille trabalhou. Estava descoberta Hollywood, a nova Meca do cinema, de onde têm saído tantas obras-primas. Ascensão gloriosa a deste homem notável, que ficará na história do cinema e bem pode ser cognominado o Pai de Hollywood.

Charlot Há cinquenta e seis anos, vagabundeava pelos bairros pobres de Londres um rapazote de catorze anos que aos cinco pisara pela primeira vez um palco humilde. Filho de artistas, o seu sonho fora sempre o teatro. E num dia feliz, o pequeno conseguiu, por intermédio de um actor ingressar numa companhia de certa categoria. O seu entusiasmo não conheceu limites. A sua gratidão foi até ao ponto de fazer uma proposta estranha ao seu protector. Propôs-se dar-lhe uma boa percentagem sobre os salários que viesse a auferir durante toda a sua vida. O actor sorriu. O moço delirante que propunha tal concessão chamava-se Charles Spencer Chaplin. Imaginem se o actor tivesse aceitado e o futuro Charlot cumprisse o que prometera?! ...

*

O genial criador de tantas obras-primas tem mau génio. Há tempos, na Suíça, resolveu construir uma piscina, no jardim da linda moradia que ali comprou. Deu ao arquitecto indicações da côr dos mosaicos que a deviam circundar. E como esses mosaicos sairam de um cinzento muito mais escuro que o combinado, ficou célebre a explosão de cólera do «astro» do cinema. Barafustou, vexou o pobre arquitecto, ameaçou-o de não lhe pagar.

— Com a côr dos mosaicos que você escolheu, berrava como um possesso, isto deixa de ser uma piscina, para ser uma tumba.

*

Charlot casou pela quarta vez com a simpática filha do grande dramaturgo Eugénio O'Neill, com o qual cortou relações quando se matrimoniou. Feitios antagónicos. Ela é serena, terna, cheia de humanidade. Quando Charlie (como ela o trata) entra nas suas habituais crises de violência, Oona não o interrompe. Deixa passar o mau» tempo» na sua expressão. E passando o temporal, Char-

lie tem momentos de docilidade em que até ajuda a mulher a preparar as refeições, no dia da folga da cozinheira.

*

Os filhos não ligam grande importância aos filmes do pai. Preferem Walt Disney. Qualquer dos cinco descentes, a começar em Geraldine, já com doze anos, e acabar em Vitória, de quatro, preferem uma boa merenda no campo com a mãe, a meterem-se numa sala de projecção a ver filmes do irascível Charlot, que aliás é terno e carinhoso para a sua prole.

O génio tem sempre uma maior ou menor parcela de desiquilíbrio. É por isso que o homem que o cinema fez várias vezes milionário vai muitas ocasiões de calção à cozinha (Charlot tem 68 anos) e sai de lá a dançar trazendo a comida para a mesa. As criadas riem com gosto e Chaplin fica contente.

Também não deixa de ser estranho que o impagável cómico, normalmente, jante em mangas de camisa e sem gravata, mas fazendo-se servir por um criado impecável, de casaca e utilizando uma riquíssima baixela ...

*

A esposa, talvez contaminada pelas estravagâncias de marido, é uma coleccionadora excêntrica. É raro usar *baton,* mas tem uma colecção enorme de *batons* de todas as cores e de todas as marcas. E apesar disso, só de noite, ligeiramente, se maquilha. Charlot desenha parte das suas mobílias e é irónico quando os antiquários pretendem vender-lhe objectos antigos.

— As antiguidades, costuma dizer, são coisas que, quando são novas, não valem nada ...

*

Chaplin tem um medo enorme de ser roubado e só é generoso para as associações de caridade. No Verão

anda descalço por casa e dita teatralmente as suas cartas à secretária complacente. Dizem que tem vinte mil contos. Só ele o sabe.

*

Chaplin conta frequentemente um episódio distante que vale a pena recordar. Quando o Charlot primitivo, do bigodinho e do andar atarantado, estava no auge da sua popularidade, houve um curioso concurso em certa cidade americana. Pretendia saber-se qual o artista que melhor imitava o popular cómico do cinema. Havia três prémios para os primeiros classificados. E o verdadeiro Charlot teve uma ideia graciosa. Resolveu, guardando o incógnito e usando um nome suposto, concorrer também. Apareceram centenas de concorrentes, todos ansiosos pelo prémio e pela fama que daí poderia advir.

Reunido o júri, Charlot, o autêntico Charlot, ficou classificado em quarto lugar!

Ainda hoje, quando se refere a este facto, costuma dizer:

— Foi a maior desilusão da minha vida!

Churchill

O grande estadista inglês faz parte daquele reduzido número dos que, como dizia Camões, «por obras valorosas se vão da lei da morte, libertando». Jornalista, parlamentar, combatente, prémio *Nobel*, poucas existências, na nossa época terão conquistado tão retumbante celebridade. O autor dos *slogans* famosos: *Sangue, Suor e Lágrimas*, e *Nunca tantos, deveram tanto a tão poucos*, é um manancial inexgotável de episódios saborosos, que vale a pena conhecer.

O jovem Winston sempre foi irrequieto e certa vez, aos oito anos, esteve prestes a morrer afogado, se um garoto da sua idade não o segurasse fortemente pelo casaco, arrancando-o às águas. Na fase aguda da guerra, Churchill adoeceu gravemente e a primeira experiência

da penicilina foi feita com êxito no forte organismo do Primeiro-Ministro inglês. Fleming, o inventor da Penicilina, foi o mesmo que em rapazinho salvou Churchill de morrer afogado! Caprichos do Destino.

*

A amizade de Churchill por Roosevelt, que também tinha sangue inglês, era notória. Num dos seus encontros com o falecido Presidente dos Estados Unidos, já em plena guerra, sabe-se que uma manhã, Churchill, descuidadamente, no quarto do seu hóspede, estava despido fugindo ao calor. Roosevelt inadvertidamente abriu a porta do quarto e, ao vê-lo em trajo paradisíaco, tentou recuar. Churchill, porém, sossegou-o com um sorriso, dizendo: «Pode entrar. A Inglaterra não tem segredos para os Estados Unidos».

*

E no Parlamento? Quantas colunas seriam precisas para arquivar os seus ditos? Na última época parlamentar, já em vésperas da sua retirada da vida política, dois deputados, sentados atrás da bancada de Churchill, cochichavam: «Agora é que ele começa a envelhecer. Já nem parece o mesmo. Alquebrado e meio surdo». Winston, com um sorriso malicioso, virou-se, dizendo para os seus colegas da Câmara: «Não. Vocês estão enganados. Lá surdo é que eu não estou. Oiço muito bem o que vocês estão a dizer». Os deputados ficaram vexados, como é de calcular ...

*

As suas definições são célebres. A um trabalhista que lhe pediu uma síntese de conservantismo e de socialismo, ele explicou: «O conservantismo é a arte de dividir a riqueza em partes desiguais. O socialismo é a arte de dividir a pobreza em partes iguais». A Câmara riu com gosto.

*

Outro colega do Parlamento procurou-o certo dia, já há anos, para censurar a atitude do filho de Churchill, que manifestava certas tendências avançadas, sem respeito pelas ideias conservadoras do futuro *leader* conservador.

A sua resposta, desconcertou o alviçareiro: «Se o meu filho aos 20 anos já fosse conservador, eu partia-lhe a cara. Uma pessoa, aos 20 anos, não tem nada que conservar senão a mocidade».

*

Uma vez, um oficial superior das forças britânicas, dizia orgulhoso ao *leader* conservador: «Eu fiz 68 anos e tenho a agilidade dos meus soldados. Não fumo, não bebo e tenho saúde. Sinto-me cem por cento em forma».

Resposta de Churchill: «Pois eu também tenho 68 anos, fumo, bebo, não trato da saúde e estou duzentos por cento em forma».

*

Da América costuma dizer: «É um País automático. Máquinas automáticas torram o pão, servem refrescos e mudam os discos das grafonolas. Os bifes, as verduras, o leite, são congelados. Tudo ali é refrigerado — até as próprias mulheres ...».

*

Eis alguns episódios verídicos da vida do grande parlamentar, *doublé* de escritor com personalidade, de quem, Conan Doyle, o inventor de *Sherlock Holmes*, disse: «O estilo de Churchill, é o mais belo da prosa contemporânea».

Depois da Grande Guerra, o seu livro de memórias intitulado *A crise mundial*, rendeu-lhe 100 000 libras de direitos de autor, com que adquiriu a sua casa de campo em Chartwell.

Eis o homem do célebre V da vitória, que começou a pintar aos 40 anos e hoje é um pintor apreciável. Foi ele que disse: «É um delicioso divertimento. É uma pena que se estrague no *golf* ou no *bridge* o tempo de recreio, quando está à mão todo um mundo maravilhoso de arte manual, um jardim banhado de sol e de luz, e de que, cada um de nós traz a chave no bolso do colete».

Clemenceau O *Tigre* da primeira guerra mundial levou a França à vitória. E quando, na primeira reunião de Versailles, Clemenceau exclamou, olhando os vencidos: «Suou a hora do pesado ajuste de contas!», a sua figura agigantou-se. Pitoresco como Churchill, são também inúmeros os episódios que se contam do notável estadista que salvou a sua pátria sendo quase octogenário.

Um dos episódios mais curiosos é talvez o que se passou numa das sessões em que, no após-guerra, se discutiam as bases da paz. As reuniões estiravam-se, algumas bastante monótonas, fazendo cabecear os congressistas. Um dia, depois do encerramento dos trabalhos, o representante da Itália, jurisconsulto notável, criou coragem e propôs:

— Como bom romano, tenho o hábito de dormir a sesta a seguir ao almoço. Peço por isso ao Presidente, que não marque uma hora muito cedo, para eu ter tempo de descansar antes da sessão.

O delegado da Inglaterra, levantou-se em seguida, dizendo:

— Aproveito para pedir também que os trabalhos sejam marcados de maneira a não acabarem muito tarde, porque tenho o velho hábito de repousar antes do jantar, no fim da sessão.

O Presidente parecia atarantado perante dois pedidos que não se conciliavam e foi então que Clemenceau

se levantou na mesa da presidência para concluir gravemente:

— Bem. Fixo a nossa primeira sessão para as três horas e meia. Assim o senhor representante da Itália tem tempo de dormir antes da sessão, e o senhor delegado da Grã-Bretanha poderá dormir depois da sessão.

Quanto a nós, e dirigiu-se aos representantes do Japão e dos Estados Unidos também presentes, quanto a nós, dormiremos os três durante a sessão ...

*

Certa vez, um jornal belga, mercê de uma confusão de nomes, noticiou a morte de Clemenceau. Já tinha terminado a Grande Guerra. O espirituoso estadista ditou ao seu secretário a seguinte carta, que depois assinou:

— «*Senhor director*: Li hoje no periódico que V. tão brilhantemente dirige a notícia da minha morte. Como o seu jornal está geralmente bem informado, tenho de concluir que essa notícia deve ser verdadeira. Por isso, peço-lhe o favor de anular a minha assinatura do seu diário, visto que agora já nenhuma utilidade tem para mim».

O jornal desfez-se em desculpas, atribuindo o equívoco a uma brincadeira de mau gosto. Do episódio ficou apenas a graciosa carta que publicamos.

Clemenceau fugia a entrevistas. Raramente as concedeu. António Ferro, que tentou entrevistá-lo esbarrou entre o mutismo do político francês, que bruscamente lhe disse:

— Quando tenho obras, publico-as. E como nelas digo tudo, nada me fica por dizer.

Parece que um dia, um jornalista mais obstinado, derrotado como os seus colegas, na pretenção de conseguir a desejada entrevista, lhe pediu ao menos uma

síntese, uma frase, um conceito. E lançou o tema, fazendo a pregunta:

—Qual é a sua opinião sobre o sistema capitalista?

—Na minha opinião, o mal do sistema capitalista é que oferece empregos com futuro, quando o ideal da vida, é um futuro sem empregos ...

Ficou satisfeita a curiosidade do jornalista.

*

E para terminar com uma homenagem à clarividência do grande batalhador, recordemos as palavras que escreveu, dez anos depois da primeira Grande Guerra:

«Podemos perguntar se, no caso de uma nova agressão, encontraremos o povo francês com a mesma força moral de que deu provas em 1914. Uma paz verdadeira só pode conseguir-se à custa de grandes sacrifícios. Ser forte, é o que é preciso.

A Alemanha não pára de se armar. A França não pára de se desarmar. Qual será o resultado? A França pode pagar muito caro este desleixo».

Eis as proféticas palavras que, doze anos mais tarde, tiveram triste confirmação, com a França capitulando na histórica carruagem de Compiègne.

O destino, arrebatando-o deste Mundo, poupou ao valoroso Père-la-victoire, o doloroso espectáculo.

Cristian Dior

Ninguém poderá negar a celebridade a este espantoso artista, que teve interesses comerciais em 24 países, chegando a fazer uma receita bruta de mais de cinco biliões de francos por ano.

Tendo começado pràticamente a sua vida profissional aos trinta anos de idade, até aí aparecia apenas nos meios artísticos de Paris, invariàvelmente, de gola de veludo e chapeu de coco.

Aos dezoito anos abandonou os estudos. Seu pai, burguês de posses, tentara em vão encaminhar o filho para a carreira diplomática; a vocação de Cristian não era essa. Convenceu o pai a abrir uma galeria de arte, que foi sol de pouca dura. Em 1935, o futuro ditador da moda começou o trabalhar como figurinista, vendendo com facilidade, desenhos de modas.

*

A sua primeira passagem de modelos constituiu um formidável êxito mundano. No elegante salão *Cinza e Oiro*, da Avenida Montaigne, acumula-se um autêntico *tout-Paris*. Duas horas dura a sensacional passagem. Jornais de todo o Mundo começam a ocupar-se do costureiro mágico. E, nesse ano, Dior decreta: «Aconselho a linha livre. Livre como o ar de Paris. Livre de escolher entre o estreito e o largo. Livre para usar ou não cinto».

A multidão feminina rejubilou. Cristian estava consagrado.

*

Dior, que a morte levou, quando muito havia ainda a esperar dele, era também um bom psicólogo, profundo conhecedor do sexo que lhe deu fortuna e fama.

Ditador da moda, essa deusa volúvel, que tanto atrai o chamado sexo fraco, disse um dia, mostrando grande conhecimento de causa:

«As mulheres, que estão agora a aplaudir as saias curtas, vão passar a usar os vestidos mais compridos. Hão-de submeter-se com facilidade, que eu conheço-as muito bem ...

«O joelho é uma parte do corpo que só tem vantagem em estar tapada. É um osso e, com franqueza, um osso pouco atraente».

Claro que Dior mais uma vez venceu, como vencia sempre.

*

Dos doze mil vestidos que Dior produzia, anualmente em França, setecentos milhões de francos em modelos iam para o estrangeiro.

Dior preparava as suas colecções de manhã, tomando uma chávena de chá de ortelã. Todos os vestidos que o seu bom gosto idealizava eram minuciosamente inspeccionados pelo grande costureiro que, de avental branco, sentado numa cadeira, mandava trocar um laço, tirar uma costura, etc.

Criava propositadamente alguns modelos estranhos, para conseguir protestos da Imprensa da especialidade. Um processo de publicidade como outro qualquer.

*

Uma francesa elegante é capaz de perder uma hora a procurar a tonalidade da meia que deve ser usada com determinado vestido.

Dior tinha uma grande consideração pelas milhares de parisienses (que ele considerava as mulheres mais elegantes do Mundo), que procuravam a sua casa. Nunca se aborrecia com elas, pelo contrário.

Sempre conhecedor do sexo que o celebrizou e enriqueceu, Dior dizia:

«Uma vez que poucas mulheres passam dos quarenta (?), o seu poder de fascinação pode continuar indefinidamente. A mulher não precisa realmente de *chic*, senão depois de ter perdido um pouco do fulgor juvenil, quando a sua mente começa a vaguear. É então que chega o momento do disfarce».

*

Dior tinha crises de choro, motivadas pela emoção. As passagens de modelos eram para ele dias horríveis. Refugiava-se na sala do lado e só quando ouvia

aplausos abria tìmidamente as cortinas para ver qual era o modelo que a sua assistência festejava.

«Na idade da máquina em que vivemos — dizia ele — a costura é um dos últimos refúgios do humano, do pessoal, do inimitável. Numa época sombria como a nossa, o luxo deve ser defendido palmo a palmo».

Finda a guerra, o famoso costureiro decretou, com certa poesia:

«Saímos de um período de guerra, de uniformes, de mulheres-soldados com ombros de pugilistas. Vou transformá-los em flores, de ombros suaves, colos exuberantes, cinturas finas e saias abrindo-se como corolas».

No escasso meio século que andou por este mundo, deixou um nome que ainda hoje se recorda.

De Gaulle

Naquela tarde de Agosto de 1944, milhares de pessoas estavam aglomeradas na praça fronteira à formosa Catedral de Notre-Dame. A maior parte da França fora libertada. No primeiro automóvel de um extenso cortejo, De Gaulle retribuia com continências os aplausos da multidão. Nisto, de cima dos telhados, um surdo crepitar de fuzilaria atroou os ares. Os adeptos de Vichy procuravam estabelecer o pânico. Os ajudantes do General tentaram abrigá-lo. Ele afastou-os com impaciência e avançou sòzinho, debaixo de fogo, para a igreja onde ia receber a sagração do Arcebispo de Paris. Depois, ainda debaixo de intenso tiroteio, voltou para o carro que o conduzira, indiferente ao perigo. Paris não esqueceu este magnífico procedimento.

*

De Gaulle detesta a publicidade e a ostentação. Trocou o seu belo *Cadillac*, que Eisenhower lhe oferecera, por um modesto *Citroën* onde ele mal acomoda as suas pernas gigantescas. O general *Espargo* é a sua alcunha.

Não usa condecorações nem permitiu que o Ministro da Guerra o promovesse a General de Divisão.

*

Na primeira guerra, graduado como segundo-tenente, serviu sob as ordens do então coronel Pétain, que mais tarde, já marechal, o havia de condenar à morte. Ironias do Destino!

*

E vem então o célebre hino *O Exército do Futuro*, onde De Gaulle aponta a inconsistência da linha Maginot, narcótico que adormeceu a França na guerra de 1939.

O chefe do Estado-Maior francês, general Gamelin, disse pessoalmente a De Gaulle: «As suas ideias são perigosas. Não passam de fantasias. O senhor é muito jovem e inexperiente, para saber como se conduz uma guerra. Acabe com essas tolices!».

De Galle, magoado, fez a continência e retirou-se.

Mas o Estado-Maior alemão confessou que muitas das suas ideias básicas se inspiravam no génio de De Gaulle. O general, como bom francês, aprecia um lauto almoço. Quase todos os dias chegam a Paris amigos que ele convida para almoçar. Bebe bem e come com apetite.

*

Quando em 1944, de regresso dos Estados Unidos, parou em Argel, mandou comprar bilhetes para ir, com a filha, ver *A Branca de Neve e os Sete Anões*. Quando a Branca de Neve, sob a acção do encanto, desperta para a vida, a um beijo do Príncipe Encantado, De Gaulle, virando-se para um dos seus ajudantes, exclamou encantado: «Aquela é das minhas. Só gosto de gente capaz de se reerguer!».

*

Na guerra de 1914, esteve num campo de concentração onde travou conhecimento com um capitão do exercito russo. Terminada a guerra, De Gaulle e o seu companheiro separaram-se para só se tornarem a ver em 1936, em Paris, o russo já marechal do Exército Vermelho e liquidado por Estaline no ano seguinte.

*

Os mapas que De Gaulle traçava nas toalhas de muitos restaurantes de Paris eram idênticos às cartas que o Estado-Maior alemão havia de utilizar para a sua histórica rotura das linhas francesas em 1940. Uma das poucas acções brilhantes da última guerra, ainda se deve a De Gaulle. Encontrando baixo o moral das suas tropas, o general meteu-se num tanque e determinou o ataque à posição alemã mais próxima. As perdas do inimigo foram enormes, mas De Gaulle, dispondo apenas de 200 tanques, nada podia fazer contra 2 000 tanques alemães, apoiados por bombardeiros de mergulho.

Este é o general De Gaulle, o homem que, depois da derrota da França, disse profèticamente a um microfone da B. B. C. de Londres :

— «A França perdeu uma batalha, mas não perdeu a guerra!».

O General é um iluminado. O doce País de Joana d'Arc venera-o e respeita-o. Quem sabe que histórica missão o Destino não lhe reservará ?

Edith Piaff

O maior cartaz da canção francesa ou, na opinião de Pierre Audiat, «a própria França que canta», é um alfobre de episódios dramáticos, antes que a sorte a tivesse bafejado, colocando-a em um pedestal de onde ninguém a tirou.

Edith Piaff tem 45 anos e vale a pena contar ao leitor a triste história da sua infância.

*

Nasceu na rua. Uma semana antes do Natal de 1915, na Rua de Belleville, perto de uma esquadra da polícia, a mãe lançava ao Mundo o fruto dos seus amores. Apenas dois meses depois, a mãe abandonava-a e o pai entregava-a à avó materna. Foi logo um início de vida atormentado e infeliz. Ainda para maior fatalidade, Edith cegou. A propósito dessa cegueira, muito se falou em França, na recuperação da vista da pobre pequenina.

*

Todos os médicos asseguravam que ela ficaria cega para sempre. A avó, bastante religiosa, levou a criança a Lisieux, onde ambas rezaram a S. Teresa. Cheia de fé, a dedicada avó pediu que a neta voltasse a ver no dia 25 de Agosto, dia de S. Luís, e nesse dia, às quatro horas, recuperou a vista. Espalhada a notícia do que foi considerado milagre, todos os jornais de Paris falaram no caso publicando o retrato da pequenita, com o seu verdadeiro nome: Luisa Edith Giovanna Gassion. Mas os trágicos princípios da vida de Edith continuavam.

*

O pai, acrobata de circo, levou-a, fazendo-a cantar de cidade em cidade, até à idade de quinze anos. Cantou em cafés, em praças públicas, onde calhava. O pai pouco se importava com a educação da pequena, considerando «perda de tempo» fazê-la ir à escola. Ele mesmo lhe ensinou, como pôde, a História da França, enganando-se nas datas, mas explicando pitorescamente que «dois ou três séculos de diferença não têm importância nenhuma».

*

Aos quinze anos, Edith resolveu deixar o pai, ansiosa de independência. Mais privações a esperavam. Fez dúzias de audições, sempre sem resultado. Desiludida, começou a cantar nas ruas. Vivia do dinheiro que lhe atiravam das janelas. Até que, uma vez, cantava ela na Rua Troyon, «um sujeito bem vestido» propôs-lhe cantar em um *cabaret* de Paris. Deu-lhe cinco francos e marcou-lhe um encontro para as três horas. Edith apareceu às quatro e meia, ante o furor do empresário, que lhe disse:

— Quando começas assim, o que será quando fores vedeta!

Ele exigiu que ela se apresentasse com o fato humilde que trazia na rua. Apenas com uma *écharpe* da mulher de Maurice Chevalier «para dar sorte». Encostada a uma coluna, cantou. A sala delirou. Cantou dez vezes, com aplausos gerais, entre eles os de Mistinguette e Chevalier. Estava lançada a futura vedeta: tinha achado a sua oportunidade.

*

Estrela de *music-hall* em Paris, foi contratada para os Estados Unidos. O contrato era de duas semanas. Esteve três meses. Criou *La vie en rose*, que deu volta ao Mundo. Amou o grande pugilista Marcel Cerdan, que morreu num avião que caiu nos Açores e, por ele, interpretou uma notável canção chamada *L'hymne a l'amour.*

*

Ninguém como esta cantora milionária dá às suas canções uma sensibilidade bem francesa. O empresário que a foi buscar à rua e que teve a paciência de esperar hora e meia pela jovem cançonetista, apareceu um dia assassinado nas ruas de Paris, facto que causou a Edith Piaff um dos maiores desgostos da sua vida.

Ainda hoje, rainha da canção francesa, ela diz que gostaria de cantar na rua, onde cantava o que lhe apetecia, com o céu a olhá-la e o coração a vibrar de entusiasmo.

Eisenhower Conduziu os aliados à vitória na última conflagração e o povo do seu país ergueu-o à magistratura máxima dos Estados Unidos da América do Norte, é uma pessoa que não conhece vaidades, indiferente a lisonjas. Do seu feitio o do seu estilo vamos apresentar algumas particularidades curiosas. O seu regime alimentar é, por exemplo, rigoroso. As suas ementas habituais são as seguintes:

Ao primeiro almoço, bebe uma chávena de café sem cafeína, e um copo de leite desnatado, come cem gramas de carne de vaca, uma fatia de pão integral e uma maçã.

Ao almoço, um pouco de frango, acompanhado de salada, uma fatia de pão integral, barrada de mel, e outro copo de leite desnatado.

Finalmente, a sua última refeição compõe-se de uma simples porção de caldo sem gordura, rosbife com legumes e um sorvete.

Como se vê, não pode haver nada mais frugal. Assim se alimenta o soldado-estadista que o seu povo trata carinhosamente por IKE.

*

Eisenhower não é pessoa capaz de transigências. O seu encontro com o actual Presidente do Conselho de Ministros da Rússia devia preocupá-lo bastante, porque a sua responsabilidade é enorme, as maiores que um Chefe de Estado pode ter assumido.

O Presidente americano não desdenha do poder soviético e, às vezes, por gracejo diz:

«A Rússia, pelo menos na definição do seu País, tem mais uma letra que a América do Norte. Os Estados

Unidos são conhecidos por U. S. A. e as repúblicas russas por U. R. S. S.».

*

Apreciador do «golf» e da pesca, explica essas suas predilecções, com inocente ironia:

«É mais fácil no «golf» acertar num buraco do que orientar a política a contento de todos. E custa menos a prender um peixe na pesca do que a convencer um adversário ...»

O bom-humor americano tem em Eisenhower um simpático cultor. A sua admiração por um Ministro do género do Churchill da última Guerra, vem do momento em que este teria dito, com a maior fleuma, ao chefe dos exércitos aliados:

«Hong-Kong está em perigo. Já perdemos Tobruk e os Alemães não param de bombardear Londres. Quer dizer: devemos estar quase a ganhar a guerra ...»

*

A morte de Foster Dulles representa um dos mais profundos desgostos que IKE tem sofrido. Eram inseparáveis e uma amizade de irmãos os unira sempre. Raro discutiam e um dia em que pareciam não estar de acordo acerca de determinado problema, Eisenhower interrompeu a discussão com uma gargalhada, dizendo ao seu conselheiro preferido:

«Afinal parecemos dois velhos a caturrar. O melhor é continuarmos amanhã a discussão ...»

*

Quando na última guerra, Estaline pretendia que se realizasse, com a possível rapidez, um desembarque anglo-americano na Europa. As opiniões dividiam-se acerca do local para a invasão. Churchill apoiado por Eisenhower, defendia uma ofensiva nos Balcãs, a que o

chefe russo se opunha, aconselhando de preferência um desembarque no Ocidente, que efectivamente se efectuou, obrigando a Alemanha a combater em duas frentes e precipitando a sua derrota.

Eisenhower, grande cabo de guerra, foi, com Marshall, uma das figuras principais desta grande façanha da conflagração de 1939-45.

Já depois do desembarque na Normândia, uma tarde, um grupo de oficiais dizia que o maior bem da vida era a saúde.

Eisenhower, em ar de *blague*, protestou, dizendo:

«Enganam-se. O maior bem da vida é um segredo bem guardado. Se o segredo do desembarque dos aliados nnma praia do Ocidente não tivesse sido bem guardado, de que nos valia a saúde, se ficávamos todos sem vida?».

*

Como se sabe, o Presidente dos Estados Unidos esteve há anos em Portugal e foi para nós de uma grande gentileza ao afirmar aos jornalistas que tinha passado em Lisboa alguns dos melhores dias da sua vida de «soldado pacífico.» Encantou-o esta cidade sem arranha-céus, com o Tejo a namorar as colinas. Eisenhower, que já ficou na história como vencedor da guerra, conseguirá na gratidão mundial uma posição de raro destaque, se ficar também como vencedor da paz, que é afinal o desejo de todos os povos.

Eleanora Duse

Em 1859, há portanto um século, nasceu numa carruagem da terceira classe de comboio italiano, a maior actriz de todos os tempos — Eleanora Duse. A Pátria festeja-lhe o centenário — e já correm no país, selos do correio com a efígie da genial intérprete da *Dama das Camélias*. Uma vida artística sobremodo turbulenta que a Duse refere nas suas memórias, marca o carác-

ter desta actriz a quem não faltaram admiradores, entre eles o grande poeta Gabriel d'Annunzio. Provocou-lhe tal paixão que chegou a ser escândalo universal.

*

Um episódio da sua vida sentimental: A artista casara com um compatriota que lhe dedicava afectos sem limites. Logo que a sua fama começou a proporcionar-lhe vantajosos contratos por esse mundo, Duse separou-se do marido, um simpático italiano de nome Teobaldo Checchi que viveu uma temporada em Lisboa, quando da primeira guerra mundial.

Nunca falou a ninguém, na mulher que ele amara, até morrer, como se provou nas suas disposições testamentárias, instituindo universal herdeira a sua ingrata Eleanora Duse. Perfeito drama camiliano!

*

Já em plena glória, o rei de Wurttenberg mandou, uma noite o seu ajudante ao camarim da artista, comunicando-lhe que gostaria de a cumprimentar. Duse não se comoveu com a honraria e participou ao ajudante do rei: «Agradeço muito a Sua Magestade os cumprimentos que me mandou e diga-lhe que lamento profundamente não o poder receber nesta ocasião».

O camarista insistiu e ela replicou-lhe com certa sobranceria que no seu camarim só recebia pessoas da sua maior intimidnde e embora corresse o risco de desagradar ao rei, não modificaria os seus hábitos O monarca, persistente, não se convenceu e foi ele próprio bater-lhe à porta do camarim.

— «Está aqui para lhe falar, sua magestade o rei de Wurttenberg».

— Lamento muito mas já disse ao vosso ajudante que não posso receber Vossa Magestade. Tanto mais que neste momento, me estou a vestir».

— «Nesse caso, eu espero», condescendeu o rei.

— «Parece-me inútil porque eu não saio do meu camarim enquanto Vossa Magestade aí estiver».

Esta grosseria desanimou o soberano que regressou ao camarote real, vexadíssimo como é de calcular.

*

Já que estamos falando de testas coroadas, contaremos que o rei da Suécia foi mais afortunado, talvez em virtude de lhe enviar um cartão dizendo que «não era o rei que lhe solicitava audiência, mas o mais humilde dos seus admiradores».

Nessa altura foi logo recebido, sendo tratado com a hospitalidade que ela sempre dava aos amigos íntimos.

*

O rei Eduardo VII, então Príncipe de Gales, estava a passar uns dias em Cannes e a companhia de Eleanora Duse foi ali dar uma série de representações.

O gerente da companhia, ao tomar conhecimento da presença no teatro do real visitante, correu a cumprimentá-lo, pedindo-lhe desculpa das más condições acústicas daquela casa de espectáculos.

Logo o futuro rei de Inglaterra com o seu conhecido espírito, sorriu ao gerente da empresa, dizendo-lhe: «Isso não tem importância. Para ver e ouvir a divina Duse, eu iria até de bom grado a uma estrebaria».

*

De outra vez, em S. Petersburgo, com o teatro de lotação esgotada, estando o czar e a família real com todos os seus membros e comitiva nos camarotes régios, a Duse mandou chamar o gerente e com a maior calma, participou-lhe que naquela noite não lhe apetecia trabalhar.

Calculem a cara do pobre gerente que empalideceu de morte, ao ouvir esta insólita declaração. Replicou com a voz a tremer:

— «Impossível! O czar já está no teatro. Não posso mandá-lo embora».

— «Não sei porquê? Pelo menos a esse, não tem o senhor de devolver a importância do bilhete porque ele não paga? E pôs o chapéu dispondo-se a sair.

O representante da emprêsa arrepelava-se e procurou convencer a diva, argumentando que não eram permitidos caprichos daqueles, quando na sala estava toda a família imperial.

Nada a demoveu. Retirou-se dizendo: «Arranjem-se como puderem. Para mim, as cabeças coroadas têm a mesma importância das outras pessoas. Não tenho disposição para representar esta noite e não entro no palco nem que Deus ou o diabo estivessem à minha espera.

*

Era assim Eleanora Duse, cujo centenário de nascimento, a Itália está festejando com grandes solenidades.

Estaline

A quatro dias do Natal do ano de 1879, nasceu na Georgia o filho de um pobre sapateiro que tinha fama de se entregar ao álcool. Esse rapaz de nome José foi mais tarde senhor absoluto de 200 milhões de russos, unido ao seu império a Estónia, a Lituania, a Polónia, a Bulgária, a Roménia, a Hungria e a Albânia.

*

Estaline parecia pessoa de pequena estatura mas a verdade é que tinha 1,65 de altura. O braço esquerdo era mais curto que o direito e o rosto profundamente sulcado de grandes sinais de varíola.

Os que privaram com o ditador da Rússia diziam que Estaline tinha olhos manhosos e raramente sorria.

*

A propósito do seu feitio reservado e nada sorridente, Roosevelt verificou na conferência que durante a última guerra se realizou em Teherão, que não era empresa fácil conquistar-lhe a simpatia.

Certa manhã, Roosevelt segredou a Churchill que não se zangasse com o que, a respeito do estadista inglês, o Presidente da América ía dizer ao Marechal russo.

E, assim, daí a pouco, na sala das conferências, Roosevelt disse a Estaline:

— O nosso amigo Churchill está hoje de mau humor. Naturalmente saltou da cama com o pé esquerdo ...

Estaline teve um ligeiro sorriso e o Presidente americano continuou a brincar com Churchill, aludiu aos seus charutos, ao seu feroz inglesismo e, perante o Ministro inglês que começara a ficar corado e a franzir a testa, Estaline soltou uma sonora gargalhada.

Mais tarde, Roosevelt começou a tratar Estaline por *Uncle Joe* (tio José) e as boas relações entre os dois chefes estreitaram-se. A simpatia aliciante de Roosevelt conseguira vencer a frieza do russo.

*

Um dia, um jornalista americano entrevistou o ditador moscovita e, por maldade ou por hábito, apertou-lhe a mão com tal violência que o pobre jornalista ía ficando com ossos dos dedos partidos ...

Estaline não era brilhante a falar. Apenas a sua força de vontade impressionava as pessoas que tinham necessidade de ter contactos com ele.

Em 1905, durante uma insurreição popular, Estaline numa reunião de trabalhadores, declarava:

— Para vencermos, só precisamos de três coisas: A primeira são as armas, a segunda, mais armas, e a terceira, ainda mais armas.

Mais tarde, era Laval Primeiro-Ministro da França, lembrou a Estaline que seria conveniente que a U. R. S. S tivesse uma atitude mais tolerante com os católicos. Isso, explicava Pierre Laval, ajudá-lo-ía bastante nas suas negociações com a Santa Sé. Estaline disse com rudeza: — E quantas divisões tem o Papa?

Anos depois, Pio XII, há pouco falecido, tendo sabido da frase explicava bondosamente a Churchill: — Digam-lhe que as minhas divisões estão no céu.

*

Estaline não se limitava só a fiscalizar a política. Chegava a censurar pessoalmente romance e peças teatrais.

Conta-se, a propósito, certo episódio passado com a ópera *Lady Macbeth*, que estava a fazer um êxito formidável na Rússia, esgotando lotações durante dois anos em várias cidades. Um dia, Estaline foi vê-la e não gostou. No dia seguinte, o jornal *Pravda* censurava a ópera e a festejada *Lady Macbeth* teve de ser banida dos palcos russos.

*

Quando Lenine faleceu, foi contra sua vontade que Estaline lhe sucedeu. Trotsky, mais tarde assassinado no México, era uma figura muito popular, especialmente entre a juventude.

No seu testamento, Lenine escreveu o seguinte:

«Estaline é demasiado rudo. Assim, proponho aos camaradas que encontrem uma forma de o afastar do posto de secretário-geral do Partido e de nomear outro que seja mais paciente, mais delicado e atencioso».

A vontade do criador do bolchevismo não foi seguida. O ditador russo fez o que quis na sua pátria. Deu o seu nome a várias cidades soviétiças: Stalinegrado, Stalinogorsk, Stalinabad, Stalinski, etc.

Conferiu a si mesmo o título de generalíssimo e nas escolas da União Soviética, os alunos eram obrigados a recitar: «Muito te agradecemos, camarada Estaline, a infância feliz que nos deste».

Filipe de Edimburgo

O actual príncipe consorte que num casamento de amor se ligou à soberana inglesa é, acima de tudo, oficial de Marinha e tem pelo mar uma devoção fanática.

O seu casamento não foi fácil. Bastantes escrúpulos manifestou a família real britânica, pela entrada de um príncipe grego, relativamente pouco conhecido, na primeira fila da soberania da Grã-Bretanha.

A própria rainha mãe, em véspera da comunicação oficial do noivado, há doze anos, perguntava: «Mas este casamento realizar-se-á?».

*

Filipe de Edimburgo, hoje cavaleiro da Ordem da Jarreteira, Duque de Edimburgo, Conde de Merioneth e Barão de Greenwich, teve a maior alegria quando, capitão-tenente da Marinha Real, assumiu o comando de uma fragata antiaérea.

Seu pai, irmão do rei Constantino da Grécia, fora banido dum país por uma junta revolucionária.

Assim, o pequeno Filipe teve no exílio uma educação britânica. O pai, faleceu em 1944 e a mãe entrou numa comunidade religiosa. Filipe, nostálgico, dizia várias vezes:

«Tenho, mais do que nunca, necessidade de um lar, coisa que em rigor, nunca tive».

Campeão de «crikect e de hóquei também representou Shakespeare e é dele a frase que reproduzimos:

— «Tive já o ensejo de vaguear pelos montes da Escócia e conhecer momentos de solidão e reflexão inestimáveis para qualquer pessoa que procura conservar uma visão equilibrada no meio desta espantosa actividade da vida moderna.».

*

Embora inalteràvelmente simpático, os jornalistas não são pessoas muito do seu agrado. Chama-lhes «perturbadoramente indiscretos», o que na verdade está dentro da sua profissão. Há pouco tempo, em Londres, uns fotógrafos pretendiam fotografá-lo e o Duque, ardilosamente, regou-os, com uns repuxos traiçoeiros, deixando-os enxarcados. Filipe riu desabalaladamente, gozando o imprevisto do episódio.

*

Filipe foge a etiquetas sempre que lhe é possível fazê-lo. Uma vez, em Edimburgo, convidaram-no para jantar, antes de tomar o combóio que o conduziria a Londres. Quando soube que o combóio trazia um atrazo de vinte minutos, desmentindo a tradicional pontualidade britânica, muniu-se de uma garrafa de uísque para atenuar o atraso do combóio.

Segundo ele próprio relatou, os pacatos cidadãos de Edimburgo surpreenderam-se, ao vê-lo, amistosamente abraçado ao perfeito, a caminho da estação. O *White Horse* portara-se bem ...

*

Não tem vaidades, o simpático príncipe-consorte. Sem desprezar amiudados cruzeiros marítimos, adora os filhos e nunca os contraria. Por graça, trata o prín-

cipe Carlos por rei da Inglatera e o jovem principezinho sorri, mas não se contr ria com o tratamento. Profundamente democrático, o Duque diz várias vezes:

— Nascemos todos iguais e morremos da mesma maneira. Berços ricos ou modestos, leitos luxuosos ou humildes, só as castas separam as pessoas. Nasce-se milionário como se nasce pedinte. Só o respeito mútuo poderá fazer uma humanidade feliz».

O marido de Isabel II, não ambiciona a glória de um cortesão..

Na Associação britânica para o progresso da ciência, fez uma palestra que deu brado pela forma pouco protocolar como a enunciou. Escrita em pequenos cadernos de apontamentos, durante um dos seus constantes cruzeiros, intitulou-se *A contribuição inglesa para a ciência nos últimos cem anos.*

Era uma crítica severa e esmagadora à indústria britânica, por ter deixado de modernizar-se, responsabilizando-a pelo mal económico do país. Aplausos e protestos não faltaram à coragem do insinuante príncipe.

*

Em Portugal, a sua passagem marcou um êxito invulgar de simpatia. Nunca o sorriso insinuante o abandonou, e, no Porto, a sua popularidade atingiu o auge, quando, para melhor corresponder aos aplausos da multidão, entrou com a sua real esposa num carro aberto da Polícia, conquistando, com esse gesto, a admiração do povo nortenho. Assim é, simples e afável, o marido da rainha de Inglaterra.

Gabriel d'Annunzio

A Itália, pátria da Arte, viu um dia nascer um altíssimo poeta que, pelo seu talento e pelas suas aventuras, ràpidamente se tornou imortal: Gabriel d'Annunzio.

A sua vida foi um estranho rosário onde houve de tudo: Amor, poesia, orgulho, arte, eloquência, fantasia, heroísmo ...

A dificuldade em escrever sobre o genial poeta do *Fogo*, está em seleccionar tudo quanto lhe diz respeito. Dessa tarefa enorme, vamos escolher apenas meia dúzia de factos.

*

D'Annunzio foi um amoroso insaciável e volúvel. Não têm conta as mulheres que se apaixonaram pelo seu falar fluente e brilhante e pela sublimidade dos seus versos. Entre elas, Elvira Leoni, uma formosa italiana que lhe deu o seu coração sem resguardos; Maria de Gallese, com quem D'Annunzio casou para depois a encher de desgostos; a bondosa Luísa Baccara que lhe quis até à morte, e finalmente Eleanora Duse, a grande trágica italiana que ocupou no espírito e no coração do poeta, um lugar à parte. O amor de Gabriel e Eleanora ficou célebre na história do coração. A extraordinária intérprete de Ibsen e de Shakespeare teve por ele uma paixão tão violenta que abandonou por alguns anos os palcos, quando D'Annunzio, leviano como sempre, rompeu com a sublime trágica.

*

D'Annunzio era excessivamente vaidoso. Só o seu talento podia fazer-lhe perdoar essa assombrosa vaidade. Um dia escreveu: «Nasci a bordo de um bergantin. Sou portanto um poeta filho do mar!». Rematada mentira, porque nasceu simplesmentte em casa de seus pais, num dia de Março de 1863, em Pescara, uma pequena povoação junto de um lago, com perto de 4.000 habitantes.

Aos 16 anos, quando começou a escrever poemas, já a tarantula da vaidade o mordia e essa terrível criança, mandava dizer aos seus parentes: «Eu amo a

glória, porque vocês hão-de envaidecer-se quando ouvirem falar do meu nome glorioso. Agradeço aos meus pais eu ter nascido. Sou como uma mina onde se acumula o dinamite. A explosão final será prodigiosa!»

Dizem que numa das suas casas, mandara pôr um cartão com estes dizeres:

— Gabriel d'Annunzio. O maior poeta da Itália».

*

A primeira vez que foi a Paris, já escritor célebre, não levava um cêntimo, mas em compensação ia carregado de dívidas. Mesmo assim, não desdenhou hospedar-se no Hotel Maurice, conhecido pelo Hotel dos Reis e dos Príncipes. Com cem mil francos conseguidos na Sociedade de Autores, lançou-se no turbilhão parisiense, mandando ramos de flores às senhoras elegantes e sendo, em breve, a «coqueluche de Paris». O seu génio poético deu-lhe uma rápida vitória. Barrès, Rostand, Bataille, Herrieu, com facilidade se tornaram seus amigos, dizendo com admiração que «raras pessoas sabem escrever em francês como ele».

*

O poeta estava na capital da França, quando Paris foi visitada por uma companhia de Bailes Russos.

Uma noite, no teatro do Châtelet, viu pela primeira vez Ida Rubinstein na dança Cleópatra. A beleza imaterial da bailarina cativou-o e pediu para lhe ser apresentado. O palco regorgitava de gente. Lá estavam os seus amigos Barrès e Rostand. D'Annunzio, mal a viu, com grande estupefacção dos parisienses, ajoelhou e beijou com fervor os pés da bailarina. Não resistira à formidável sensação artística que Rubinstein lhe produzira.

*

Na primeira conflagração mundial, D'Annunzio, espírito eminente latino, irritou-se ao saber que a Itália

não queria abandonar a neutralidade. É nessa altura que escreve a um Ode, incitando a sua pátria a pegar em armas. Vai a Reims e, ao ver a catedral em estilhas, beija com fervor os bocados de vitrais que encontra.

Durante a inauguração de um monumento a Garibaldi a que D'Annunzio assiste, produz um discurso inflamado de ardor patriótico. De Roma, um amigo manda-lhe um telegrama, dizendo: «Amanhã, esperamos-te na gare».

D'Annunzio acede ao convite. Esperam o poeta 80.000 pessoas que o aclamam em delírio. Diante da multidão entusiasmada, o poeta diz: «A Itália não é uma pensão de família, nem um museu, nem um jardim para viagem de núpcias. É uma nação que tem direito a viver!».

Finalmente, a Itália entra na guerra.

D'Anuunzio telegrafa a Barrès. «Meu amado irmão cantemos a *Marselhesa*. Nós temos duas pátrias que se estendem da Flandres francesa ao mar da Sicília».

Num palácio vizinho, sem que ninguém a veja, a rainha-mãe de Itália, Margarida de Sabóia, chora ao ouvir o poeta ...

Greta Garbo

Em 1905, nascia em Estocolmo, na Suécia, uma rapariguinha a quem foi dado o nome de Greta Gustafsson.

Largo futuro lhe estava reservado e a sua biografia é bem conhecida dos cinéfilos seus admiradores, que são aos milhares. Todos lamentam que a bela adormecida desaparecesse da tela. Contratos astronómicos procuram tentá-la, mas ela resiste sempre.

Rodeado de mistério, não se conhecem bem as razões porque Greta Garbo não é «entrevistável».

*

Há talvez 16 anos que não faz um filme. A solidão a que se entrega é filha dos seus sentidos, mas tudo isso

lhe dá publicidade. Nas raras ocasiões em que aparece em qualquer festa ou restaurante, interrompem-se as conversas, porque todos a querem admirar.

Sempre foi, porém, muito acanhada. Quando estudou na Academia Dramática de Estocolmo, escondia-se ao fundo da sala, apreciando do fim da plateia os actores profissionais que por vezes ali iam representar.

Apareceu um dia um director de cinema, Mauritz Stiller, e levou-a para a América do Norte. Ainda não tinha vinte anos.

*

Dizem que cultiva o espirítismo e interessa-se pela grafologia. Sucedeu-lhe um vez uma partida que talvez já tenha acontecido a outras. Na sua casa de Hollywood tinha uma piscina, privativa é claro. Julgando que não era possível ali ser vista por ninguém, entrava na água como Eva no Paraíso. Porém, um criado sueco que ela tinha ao seu serviço, descobrindo uma janela de onde se avistava secretamente a piscina, começou a vender bilhetes a alguns amigos, a um dólar por cabeça ...

Evidentemente que um dia foi descoberto, mas parece que Greta Garbo não se irritou, limitando-se a sorrir. Possìvelmente o seu temperamento nórdico deixou-a indiferente.

*

A vedeta tem fama de ter uns pés bastantes grandes. Nos filmes procurava escondê-los. Foi das primeiras actrizes a usar saltos baixos. A popularidades dos seus pés exagerados era arreliadora. Um dia, entrou numa sapataria da América o o empregado, cinéfilo fervoroso, cumulou-a de atenções. Pediu sapatos e ele trouxe-lhe uns de medida 40, que lhe ficavam folgadíssimos. Ao ver que ela nem sequer os quis calçar, por-

que os achava enormes, o empregado, decepcionado, disse-lhe:

— Queira desculpar. Eu pensei que a senhora era a actriz Greta Garbo.

A artista sorriu e contou várias vezes este episódio.

Kructhchev Depois da desaparição de Estaline, o actual chefe da U. R. S. S. é aquele que mais tem agitado o tabuleiro russo, orientando com a subtileza dos orientais, os destinos da sua pátria. Os bastidores da política moscovita são uma permanente *boite a surprise*. Béria, indispensável a Estaline, foi mais tarde depurado e Molotov que conferenciou com quase todos os Ministros dos Negócios Estrangeiros, desapareceu como Malenkov, da cena política do seu país. A luta pelo poder atinge na Rússia aspectos violentos e desconcertantes.

Sabe-se que Kructhchev acusou pùblicamente o ex-ministro Molotov de se deixar dominar pela mulher.

Marechais de nomeada passam à situação de reforma e o *Pravda* muda de opinião conforme o pensamento dos dirigentes.

*

O actual senhor do «Kremlim» cujo contacto com Eisenhower marcou um acontecimento histórico, visto pôr frente a frente os chefes das duas grandes potências, em nada se parece com o seu camarada Estaline. Rosto redondo, ar de bonacheirão, oferece «wodka» ao seu interlocutor com o mais amável dos sorrisos para depois o menosprezar em qualquer discurso, com o maior desprezo pela diplomacia. Aprecia ditos espirituosos e ironias mesmo cruéis. Dos americanos, disse um dia:

Os ocidentais com os americanos à frente, acusam-nos de sermos de gelo. É que eles têm de o fabricar

nos frigoríficos, ao passo que nós temos aí neve que a natureza nos dá à farta e que é, quando é precisa, uma grande aliada da Rússia. Perguntem ao espírito de Napoleão e de Hitler o que a neve lhes fez quando eles quiseram dominar a Rússia ...

E dá uma gargalhada burguesa, muitas vezes seguida de uma palmadinha nas costas de quem lhe escuta as larachas.

*

Em 1956, Kruchtchev disse:

— A Rússia ganhou a guerra apesar de Estaline ser em matéria militar, de uma inércia total e de uma grande negligência. Não foi Estaline, mas sim o nosso heróico exército, os seus chefes talentosos e os seus bravos soldados que nos levaram à vitória.

Passado um ano e quando na Rússia se esboça um movimento para a «restalinização» do regime, o mesmo Kruchtchev diz:

— O nosso povo e a nossa pátria ganharam a guerra debaixo da direcção de Estaline, porque Estaline teve sempre uma mão de ferro!

Com tal volubilidade de pensamento, vejam como é melindrosa a situação dos pobres diplomatas a quem o dever de ofício obriga a negociar com o ditador russo.

*

Quando da insurreição húngara que tantas vítimas causou, Kruchtchev teve em perigo o seu posto de secretário-geral do Partido, mas no sentido de evitar uma crise ministerial soviética quando todo o Mundo seguia atónito a marcha da rebelião dos operários de Budapeste, ele manteve-se e de então para cá, tem estabilizado a sua posição.

*

Kruchtchev que é, evidentemente, uma pessoa inteligente, sabe que a versatilidade dos seus comentários intrigam o Mundo. Um jornal francês diz-nos que ùltimamente, numa reunião em Moscovo, ele confidenciava a um dos seus convidados:

— Calculo que o Mundo por vezes se desoriente por me ver mudar de opinião. Em primeiro lugar, não somos obrigados a pensar sempre da mesma maneira e em segundo lugar, enquanto se desorientam com o que eu digo, dão relevo à minha figura, passam o tempo sem desvantagem para a paz universal, enquanto os sábios russos vão assombrando o Mundo com as suas descobertas sensacionais.

Ardil, estratagema ou astúcia, é assim que Kruchtchev vai entretendo o Mundo. O que está no seu espírito, certamente só ele o sabe...

Kubistchek

O nome de Juscelino Kubistchek de Oliveira fica na história do Brasil contemporâneo, entre outros motivos, por ser o homem que deu alma e realidade à nova capital do imenso país am ricano de língua portuguesa: Brasília.

Este cidadão extraordinário de origem modesta, foi tudo quanto quis na sua terra.

*

O episódio que vamos contar, define uma personalidade invulgar. A mãe do Juscelino, professora das primeiras letras, contou-o, envaidecida, a um jornalista brasileiro.

Entre os seis e os sete anos, foi o futuro Presidente com a sua progenitora a uma loja de fazendas, que estava cheia de clientes. Os pobres caixeiros dasarrumavam as prateleiras no desejo de fazer negócio,

mas boa parte das freguesas fazia o que em geral elas fazem em todos os países. Perguntavam os preços e saím sem comprar nada.

O pequeno Juscelino irritou-se e disse para a mãe: «Eu nunca seria dono de uma loja!».

— «Porquê, meu filho?».

— «Não viu? As moças remexeram tudo e não compraram nada? Não quero ser comerciante. Vou ser médico!»

E o menino, que sabia o que queria, daí a menos de vinte anos, formou-se em medicina!

*

Estivera, entretanto, no Seminàrio, onde fora escolhido, pela sua voz e presença agradável, para as leituras do Refeitório. Sempre com a mania da grandeza, chegava às vezes à cozinha da professora D. Júlia, sua mãe e gritava com ares de grande senhor: «Rapaz, traga-me «Rachis de boeuf Strogonoff!».

A mãe sorria e trazia-lhe picadinho de couve com arroz ... Ou, se ele pedia, «suprême de Volaille», vinha o invariável tutu com feijão. Na sua modesta casa da Rua de S. Francisco, não se ganhava para iguarias caras.

*

Tudo isto lá vai. Hoje, no Paláçio do Catete, onde Juscelino vive com a esposa e duas simpáticas filhas, continua a ser o homem dinâmico que sempre foi. Às seis da manhã já está a pé. Logo ao despertar, tem na mesa de cabeceira todos os jornais. Aos domingos vai à missa. O seu nervosismo é conhecido. Uma vez, em Belo Horizonte, correu as igrejas todas. Uma senhora, que assistia a essa peregrinação, vendo-o tão irrequieto disse: «Louvado seja Deus! O senhor até parece o Dr. Juscelino ...».

E era ele mesmo!

*

Sempre que pode, visita a terra onde nasceu. Enternece-o o seu quarto de infância. Ainda lá se encontra a janela onde ele fez numerosos planos e projectos de vida. Kubistchek de Oliveira não fuma, raríssimas vezes bebe vinho. Nos banquetes e recepções, não passa das águas minerais. É para admirar, porque na terra que o viu nascer, as bebidas alcoólicas são muito apreciadas. Há até um pitoresco ditado que diz: «Nesta terra só não bebem os sinos, porque têm a boca para baixo ...».

Uma velhota negra, que o viu nascer, emendou o ditado: «Os sinos e Juscelino».

*

Em pequeno chamavam-lhe «Nonô». Um dia, quando da sua tormentosa campanha eleitoral que o obrigou a muitas horas de voo e dezenas de discursos, foi à sua terra, onde teve uma recepção apoteótica,

Todos ali o estimam.

Quando Juscelino se preparava para falar, um velho negro, lá do fundo da assistência, gritou, com toda a força dos seus pulmões: «Fala Nonô!».

Comovido por ouvir o nome com que o tratavam em sua casa e no Seminário, fez um dos seus mais belos discursos.

*

Poucas consultas deu como facultativo. Mas sempre vertiginosas. Um velhote sertanejo, ao analisar o seu irrequietismo, disse-lhe no seu gracioso sotaque: O *Doutô* parece um rabo di porco. Não pára.

Por graça, diz às vezes Juscelino que Deus só não foi perfeito com fazer o dia em 24 horas. Devia ter feito o dobro.

Bastante culto, correu parte da Europa, antes de tomar posse da chefia do Estado. Almoçou com o Presidente da República Francesa; em Inglaterra conversou largamente com Anthony Eden e, já na América, tomou chá com Eisenhower. Eis o homem que breve vai abandonar as suas funções oficiais para reentrar na sua vida particular, sempre fiel ao seu notável dinamismo. Que a grande República do Sul, encontre outro grande amigo de Portugal como ele é!

Luís Mountbatten Este homem de múltiplas carreiras é das personalidades mais romanescas do nosso tempo. Filho de uma neta da rainha Vitória de Inglaterra e do príncipe Luís de Batenberg, tornou-se súbdito britânico quando subiu ao alto cargo de primeiro «lord» do Almirantado.

Duvida da sua inteligência e quando alguém o elogia, o que acontece a miude, Mountbatten desculpa-se modestamente:

«Acreditem que, se consigo algum êxito, é graças a um exaustivo trabalho. A minha inteligência é limitada ...».

Dizem os íntimos que esta auto-apreciação não corresponde à verdade.

*

Conta-se que, por acasião do seu baptizado se deu um facto que foi considerado de bom agoiro. Nascido em Junho de 1900, portando com a idade do século, o nobre petiz foi levado à pia baptismal por seu padrinho, o czar Nicolau, então senhor de todas as Rússias. Quando lhe estavam dando o nome de Luís — Luís Francis Alberto Victor Nicolau — o bébé, dizem que em sinal de protesto, arrancou, nada pragmàticamente, os óculos do nariz da sua bisavó, a rainha Vitória. A

hierática multidão que assistia à cena riu com o imprevisto ...

*

Aos doze anos, Luís de Battenberg fez a sua aprendizagem na Armada inglesa e foi depois um hábil guarda-marinha durante a primeira guerra mundial.

Continuava a esforçar-se por cumprir as obrigações do seu posto o melhor que podia, e os seus camaradas, vendo-o em constantes aflições, comentavam: «Para que há-de ele ralar-se tanto, se tem tão boas relações e pode servir-se delas».

*

Em meados de 1920, Mountbatten foi nomeado ajudante às ordens de seu primo o então príncipe de Gales e hoje Duque de Windsor, após um tormentoso romance de amor que apaixonou o Mundo ...

O príncipe, que era um abalizado jogador do pólo, obrigava o seu primo a fazer má figura, mas este, misteriosamente, mandou fazer um filme de um dos jogos e então, fazendo-o passar à câmara lenta, pôde analisar, com minucia, todos os movimentos desse desporto. E o livro que depois publicou, com o título de *Introduction to Polo*, ainda hoje é bastante lido.

*

Uma nota pouco conhecida: O nosso herói casou e foi passar a lua-de-mel à Holanda. Desse matrimónio nasceram duas filhas: Patrícia e Pamela.

A princesa Alice, irmã de Luís de Battenberg, e o marido, príncipe da Grécia, então exilado em Paris, resolveram que seu filho Filipe fosse educado como inglês, para mais tarde dar entrada, à semelhança do tio, na Marinha britânica. À família Mountbatten foi pedida protecção para o rapaz, que tinha então oito anos e

que hoje é o príncipe Filipe, marido da rainha Isabel de Inglaterra. Portugal já o conheceu e o seu simpático sorriso deixou por todo o país desvanecidas recordações.

*

Quatro vezes, durante a última guerra, Luís de Mountbatten viu os seus navios bombardeados. Quando, no segundo ano da guerra europeia, o seu navio foi torpedeado, ele recusou-se a abandoná-lo, aguentando-se a bordo sob constante tiroteio, até que pôde levá-lo a bom porto, com as ondas a varrerem-lhe já o tombadilho.

Churchill nomeou-o comandante das Operações Combinadas e assim o nobre oficial de Marinha, do Exército e do Ar ocupou o seu novo posto e comandou os célebres desembarques de Saint Nazaire, de Dieppe e do Norte da Africa.

Durante os piores dias da campanha da Birmânia, o seu médico quis que ele ficasse um mês de cama. Insultou-o o brioso e exaltado oficial, mas o doutor ministrou-lhe uma droga que o obrigaria a dormir horas seguidas. Nem mesmo assim conseguiu domá-lo. Insensível às drogas, Mountbatten trabalhou como se nada tivesse tomado.

*

Este primo da família real rompeu com imensas tradições. Dele disse um dia o prof ssor Harold Lasky, figura de relevo do Partido Trabalhista inglês: «É, sem dúvida, o mais competente dos homens que, de há muitas gerações para cá, a realeza nos tem dado. Possui energia, coragem, tacto, iniciativa e grandeza de alma. Tanto ele como sua esposa, têm enorme consciência social».

Tal é Luís de Mountbatten, ainda pleno de mocidade e cuja vida, mais cheia de episódios graves que de anedotas, tem dado à Inglaterra coloridas e lindas páginas que os ingleses não esquecem.

Mac-Arthur «Fala aqui a voz da Liberdade. Eis-me de volta. Pela graça de Deus, as nossas forças encontram-se novamente em solo filipino. A hora da vossa redenção aproxima-se. À medida que as linhas de batalha forem avançando, lutai connosco! Que nenhum coração dê sinais de fraqueza. Que todos os braços se tornem rijos como o aço. A Divina Providência nos indicará o caminho».

Assim falou, emocionado, o General Mac-Arthur ao microfone, após a invasão americana. Galões dourados, calças bem vincadas, os cabelos a fugirem-lhe da cabeça, o comandante *yankee* falava principalmente aos Filipinos, a quem prometera voltar.

A sua frase «hei-de voltar!», foi impressa em milhares de caixas de fósforos, botões, papel mata-borrão e outros artigos. O prestígio de Mac-Arthur avalia-se, pelo facto de as estações de rádio japonesas insultarem furiosamente os altos comandos americanos, à excepção de Mac-Arthur a quem tratavam com o maior respeito.

*

O discutido General prestou-se pelo seu físico, ao encargo que o destino lhe confiou.

Além dos seus méritos, tem perto de dois metros de altura. Braços e pernas enormes, camisa de gola aberta, tão inimigo de gravatas que quando um dia recebeu Truman, então Presidente dos Estados Unidos, não se engravatou, dando a impressão, a quem assistiu à entrevista, de que era ele o chefe do Estado e não o substituto de Roosevelt. Os seus comunicados de guerrra celebrizaram-se por frases bombásticas, nada vulgares em documentos desta natureza. Um exemplo:

«Às mães dos mortos, debulhadas em lágrimas, só posso dizer que o sacrifício e a auréola de Jesus Cristo desceram sobre a fronte dos seus filhos e Deus os chamará a si».

*

Mac-Arthur nasceu em 1880, filho também de um general que se notabilizou durante a impiedosa guerra civil da América. As suas medalhas são tantas que quase não lhe cabem no peito. Detesta voar, mas quando se torna necessário, não hesita. Mas previne-se com sedativos para acalmar os nervos, dizendo para os seus íntimos: «Os voos causam-me vertigens, e eu receio enjoar nos ares, que me desmoralizaria perante os meus soldados».

*

O boné que sempre usou em campanha foi alvo de várias críticas e graçolas. Certa ocasião, um correspondente de guerra que estava com Mac-Arthur, numa praia que a metralha sacudia com violência, ousou dizer ao general: «Por que não usa um capacete, em vez desse *kepi* que o põe tanto em destaque?».

O general respondeu risonho: «Não creio que o senhor esteja preocupado comigo. O seu receio é que uma bala dirigida para mim o atinja a si ...».

*

Quando rebentou a guerra com o Japão, já Mac--Arthur tinha 23 medalhas. Hoje tem mais. Coragem nunca lhe faltou. Quando recebeu pela segunda vez a *Cruz de Serviços Revelantes*, a citação dizia:

«Num campo de batalha em que todos revelavam coragem, foi a sua a que mais sobressaiu».

Herói da primeira guerra mundial, o seu desprezo pela vida foi sempre absoluto. Na segunda guerra que tanto o popularizou, fazia questão de examinar o armamento apreendido aos japoneses. Os oficiais tremiam, com receio de que alguma armadilha oculta pudesse explodir matando o valoroso comandante. Mac-Arthur ripostava de mau humor: «Que tem isso? Não faço tenção de viver eternamente». E a inspecção continuava.

*

Depois do desembarque em Corregedor o general foi o primeiro a entrar em um túnel onde havia ainda bastantes soldados japoneses escondidos. Pode considerar-se milagroso o facto de o general ter escapado a tão perigosa aventura. Em quase todas as invasões, desembarcava sempre com as tropas avançadas e nunca ninguém o viu procurar um abrigo. Mas este desprendimento já vem de longe. Em 1917, após a entrada da América na primeira conflagração, marchava ao ataque das trincheiras inimigas apenas com um pequeno chicote. Explicava: «Os rapazes ficam satisfeitos por verem que vai ao lado deles, alguém do quartel-general».

*

Mac-Arthur é rígido na sua vida particular. Passa no lar todos os momentos de que dispõe. Durante dois anos e meio que viveu na Austrália, fez todas as suas refeições em casa, cozinhadas pela própria mulher. Nunca vai a festas, nem lhe interessa o cinema.

Esta meia dúzia de episódios, que anedotas não se lhe conhecem, atesta brilhantemente o valor do velho general, hoje com 80 anos bem vividos.

Mao Tsé Tung

O nome do actual senhor da China comunista tem andado no primeiro plano da cena internacional, desde a sua misteriosa conferência com o homem que preside aos destinos da Rússia — Kruchtchev.

Raros políticos, na história moderna, subiram tão vertiginosamente ao Poder como o homem que, apenas dois anos antes da sua ascensão, ainda vivia, foragido, numa caverna de uma região montanhosa da China, que depois se lhe entregou.

Vale a pena, agora que o seu nome está em foco, recordar alguns episódios (não anedotas) desse audacioso que actualmente conta 65 anos.

*

Quando em Moscovo se comemorou o 70.º aniversário natalício de Estaline, o estadista chinês sentou-se à direita do festejado, em lugar de honra. Findos os festejos, Mao Tsé Tung, iniciou demoradas conversações com o *leader* russo, acerca das boas relações entre os dois grandes Estados. Os quinhentos milhões de chineses, ligados pelo credo comunista, entrariam ou não na órbita moscovita.

*

Mao Tsé Tung é filho de um camponês. Aos sete anos já trabalhava nos campos de arroz do pai. Aos 18 anos, dirigiu a sua primeira revolta contra o imperialismo mandchu. Entrincheirado numa escola que frequentava, enquanto a maioria dos alunos e dos professores fugia, o Chinês, com alguns atletas do colégio, empilhou mesas e cadeiras junto das portas, enfrentando com os seus companheiros da revolta um grupo de soldados a quem apanharam as espingardas. Por este episódio se pode avaliar o espírito aguerrido de Mao Tsé Tung.

*

Mao Tsé tem excelente saúde e tem uma altura que não é normal nos homens da sua raça — 1 metro e 77. Veste-se descuidadamente e dá a impressão de ser uma pessoa tímida ao conversar pela primeira vez com alguém que lhe seja apresentado. Já casou quatro vezes. A sua primeira esposa foi escolhida pelo pai, contra sua vontade. Daí, resistir sempre a viver com ela. Depois, escolheu a seu gosto uma rapariga comunista, filha

de um professor. O governador anticomunista de Hunan mandou-a decapitar, apenas por ela ser esposa de Tsé Tung. A sua terceira esposa deu-lhe vários filhos e, finalmente, a última, que fora actriz, deu-lhe uma filha.

*

O predomínio da China, com a sua formidável população, no campo comunista, é defendido por alguns dos seus camaradas. Só o futuro poderá responder a essa dúvida. Sabe-se que ele, ao assistir ao lado de Estaline aos festejos do seu aniversário, discursou, dizendo :

«Por muitos anos, o Governo soviético auxiliou constantemente a causa da libertação do povo chinês. Esses actos de amizade, nunca serão esquecidos».

Mas isto foi dito há anos. Com a volubilidade do pensamento dos Orientais, quem sabe se ainda hoje tem a mesma opinião ?

*

O senhor da China, várias vezes afirmou com certa rudeza: «Um convite que se faz a um camarada para uma revolução, é diverso do convite que se faz para um banquete ...».

Assim é, na verdade.

*

Desde 1921, Mao Tsé Tung, convertido ao marxismo, juntou-se a mais onze camaradas e formou em Changai, uma reunião secreta, o novo partido comunista chinês.

Mas nesse tempó, ainda Chang Kai Check ganhava as suas batalhas. Hoje, arredado na Formosa, aguarda os acontecimentos.

Agora, o senhor da China continental tem uma situação que lhe permite discutir de cabeça erguida com Kruchtchev.

E, certamente, recordará aquele dia de há nove anos, em que na enorme praça em frente do histórico Palácio Imperial de Pequim, se reuniram duzentos mil chineses, aclamando entusiàsticamente o seu chefe aos grito de:

— Mao Tsé Tung, wan sui!
— Mao Tsé Tung, wan sui!

Marconi Foi em 1894. Marconi tinha então vinte anos. Ao fim de meses de sucessivos mologros, certa noite premiu um botão. Soou uma campainha numa sala a dez metros de distância. Marconi, louco de alegria, abraçou a mãe, participando-lhe que tinha finalmente resolvido o problema de transmitir sons sem o emprego de fios.

Quando Marconi nasceu, uma velha criada que servia em casa de seus pais, disse:

— Mas que grandes orelhas que este menino tem!

E a mãe, numa previsão profética, respondeu à governanta.

— Com essas orelhas, há-de ouvir as vozes mais ligeiras do ar.

E assim foi.

*

Marconi era muito susceptível. Um dia em Londres, estava a trabalhar no palácio real, a expensas da rainha Vitória, que pretendia ter comunicações radiotelegráficas entre a sua residência de verão e o «yacht» onde seu filho, mais tarde Eduardo VII — convalescia de um ferimento numa perna.

A rainha passou junto do sábio, que a cumprimentou respeitosamente, saudação a que a soberana não correspondeu.

Marconi, amuado, participou que desistia das suas experiências e que abandonava o palácio.

— Arranjem outro electricista, ordenou a rainha Vitória.

— Infelízmente, Majestade, não temos um Marconi inglês — respondeu o fnncionário.

E a rainha, com o sentido prático tão proverbial dos ingleses, disse calmamente:

— Nesse caso, digam ao sr. Marconi que venha almoçar comigo amanhã.

E a tempestade desfez-se.

*

Marconi era um escravo da sua ciência. Um dia, Edison, outro génio, convidou-o para almoçar no seu laboratório de Nova Jersey. Os dois absorveram-se de tal forma na conversa que nem pensavam mais no almoço. O assistente de Marconi, sentindo o tempo a passar e certamente cheio de apetite, lembrou o adiantado da hora ao que o sábio lhe respondeu:

— A dieta é boa para nos conservar esbeltos ...

Possìvelmente, o assistente teve de almoçar sòzinho, deixando os dois cientistas entregues às suas locubrações.

*

Estava a trabalhar em novos aparelhos de rádio, para dar maior segurança aos navios, no alto mar, quando se deu, em 1912, o pavoroso naufrágio do *Titanic.*

Aí se provou como era acertada a sua opinião de que todos os navios deviam possuir instalações radiotelegráficas.

Graças à rádio, ainda puderam ir em socorro do *Titanic*, navios que salvaram 700 passageiros e tripulantes.

Nessa ocasião, foi-lhe oferecida uma medalha de ouro, a Inglaterra deu-lhe o título de *sir*, e a Itália fê-lo marquês:

*

Um dia, em Chicago, houve uma esposição que Marconi visitou, detendo-se junto de uma instalação de rádio-amador e fez largos elogios a um transmissor que estava a ser completado.

O rapaz que o conheceu, disse-lhe muito modestamente:

— Isto não deve ter grande importância *sir* Marconi. Eu sou um simples amador.

— Também eu não passo de um simples amador — respondeu Marconi, sorrindo.

Na verdade, o sábio era em grande parte um autodidata, pois nunca frequentara uma escola superior.

Passava horas sentado no chão a brincar com os filhos. A sua paixão eram os combóios eléctricos. Um dia, um pneumático do seu carro rebentou. Marconi, apesar das suas fantásticas possibilidades, não fazia a mais pequena ideia da maneira de mudar um pneu. Vendo que não passava outro automóvel, sentou-se na estrada e levou quinze minutos a ler um folheto: *A arte de mudar um pneumático.* Por fim lá conseguiu resolver o problema e chegou, sem novos precalços a Southampton com toda a família.

*

A certa altura da sua vida, os banqueiros italianos negaram-lhe o auxílio prometido. Tudo corria mal. Companhias alemãs e americanas desrespeitavam-lhe as patentes. E uma grande estação radiotelegráfica fora destruída por um terrível incêndio. Marconi, pouco depois de receber a notícia do desastre, sentou-se ao piano, tocou uma sonata de Beethoven e disse para a esposa:

— Tudo se há-de arranjar. Vou trabalhar como nunca. Hei-de provar que a telegrafia sem fios é comercialmente vantajosa.

Realmente, em 1909, a sua fama e riqueza progrediam. Nesse ano foi-lhe conferido o *Prémio Nobel.*

Eis o homem que em Outubro de 1931, de uma cidade italiana e accionando uma alavanca, iluminou no Rio de Janeiro, o monumento de Cristo. Ao morrer, em 1937, o importante jornal inglês *Times* escreveu:

«Quando os princípios do século XX forem estudados por historiadores ainda por nascer, Marconi talvez seja considerado a personalidade suprema da nossa época.

Mark Twain

O grande humorista americano, cujas edições atingiram sempre milhares de exemplares, não podia deixar de figurar nesta pequena antologia de episódios e ditos de espírito.

O humorista é em geral, um irreverente. A malícia e a ironia são os seus principais bordões. Mark Twain humorista de categoria, não podia fugir à regra. Conta-se que uma vez uma revista americana lhe pedira um artigo acerca da supremacia masculina. Mark Twain recusou-se a escrever, explicando: «Para quê? O homem neste Mundo, não vale nada». Espanto do director da revista. E ele argumentou: «Ora veja: quando nasce um homem, a primeira coisa que se pergunta é como está passando a mãe. Um homem casa-se e o povo exclama: A noiva vai linda! Um homem morre e os amigos dizem: Quanto teria ele deixado à viúva? Já vê, meu caro director, que o Mundo é das mulheres...».

*

Um jovem escritor perguntou-lhe em certa ocasião o que era necessário para escrever com êxito.

Resposta do humorista: «Não há nada mais fácil. Eu dou-lhe um conselho. Pegue num pedaço de papel, numa caneta e escreva».

— Mas o pior é ter as ideias — replicou o interlocutor.

— Ah! As ideias, essas não lhas dou, porque preciso delas para mim ...

E acabou-se a entrevista.

*

Outro escritor, ansioso por conquistar a celebridade, queixava-se ao espirituoso americano, que os seus insucessos estavam a fazer-lhe perder a paciência.

— É o grande defeito dessa virtude. — sentenciou Twain — É que a paciência é uma virtude, que em geral se perde na altura em que mais precisamos dela.

*

Só certa vez, em Londres, o escritor embatucou com uma frase que, afinal, redundava em elogio.

Apresentado numa reunião de um clube londrino a um *gentleman* inglês, este disse-lhe à queima-roupa:

— Dava de bom grado dez libras, só para não ter lido o seu *Huckleberry finn.*

Mark Twain embezerrou perante o inesperado do remoque, e o *gentleman* replicou, sorrindo:

— É que assim teria de novo o prazer de o ler pela primeira vez.

*

Interrogado acerca do processo de fazer graça, Twain dizia:

— Quando quero fazer graça, procuro dizer só a verdade, porque a verdade é a coisa mais engraçada que há no Mundo.

*

Quantas *blagues* se terão perdido do genial humorista, que chamava à Botânica «a ciência de insultar as plantas em latim»?

Nuvens de biógrafos não largavam o célebre escritor, na ânsia de um detalhe novo, um pormenor inédito, que pudesse interessar aos seus milhões de admiradores. Twain divertia-se com as perguntas, num País em que a vida das pessoas notáveis é devassada sem cerimónia.

Um jornalista insistia em querer saber o que mais teria influido na vida do popular escritor.

Mark Twain, com gravidade, elucidou-o:

— Quando eu contava 12 anos, tinha a mania de espetar pregos nas paredes, para pregar retratos ou quadros. E o péssimo hábito de meter os pregos na boca. Acho que o que mais influiu na minha vida foi nunca ter engolido nenhum!

O humorista gozou a cara do entrevistador, que se apressou a relatar, com êxito, a desconcertante resposta de Twain.

*

Talvez no desejo de conquistar autógrafos, o correio particular do escritor era volumoso. Às cartas que pediam a sua opinião sobre qualquer assunto, respondia Mark Twain com cartas dactilografadas dizendo apenas: «Prezado senhor (ou senhora). É possível que tenha razão».

Era uma resposta cortês, até com a vantagem de poder aplicar-se a qualquer missiva, mesmo sem a ter lido ...

*

Numa reunião em Nova York, havendo uma senhora cujas pernas eram notàvelmente mal feitas, o humorista dizia a um amigo:

— Aquela senhora não deve ser inteligente. Uma mulher que tenha as pernas tortas deve usar um decote bem grande, para desviar a atenção ...

*

A exiguidade da secção não comporta mais episódios. Os seus livros correm Mundo. Ainda hoje, na América, as bibliotecas particulares conservam os volumes do glorioso escritor em lugar de destaque.

Mais de uma vez, fiel às suas ironias, Twain dizia: «Eu gosto imenso do homem que tem a franqueza de me dizer na cara aquilo que pensa ... uma vez que eu esteja de acordo com ele».

Marshall Este valoroso oficial americano, que deixou o seu nome ligado a um plano que deu certo desofogo à Europa depauperada pela última guerra, foi sempre uma pessoa plena de energia. Aos 68 anos, ainda se levantava às 6 e 30 da manhã, dando um passeio de meia hora a cavalo. Não fuma e bebe pouquíssimo. Ser secretário de Estado é a função mais absorvente dos Estados Unidos.

*

A sua memória é pasmosa e o seu cérebro dá a impressão de um arquivo.

Um dia, na comissão de Verbas e Orçamentos, sem levar um único apontamento, fez a seguinte afirmação: «Das 240.559 espingardas de que necessitamos 167.789 já foram recebidas, faltando portanto 72.770».

Tudo ficou surpreendido. O General, porém, sabe poupar o cérebro. Nunca se detém em coisas inúteis. Durante a guerra tinha de memória um número espantoso de pormenores relativos não só às forças do Exército americano, mas também às forças do inimigo.

*

Uma tarde, discutindo, em frente de um mapa, com oficiais superiores, a distribuição de 53 divisões japo-

nesas, disse: «Este sinal indica a presença de uma divisão blindada, mas neste momento só há no local três brigadas de tanques».

Era assim o prestigioso General. Em 1927, faleceu a sua primeira mulher, que fora uma companheira exemplar e bastante o auxiliara nos difíceis anos da guerra. O General todos os dias convidava pessoas para almoçar. A secretária telefonava à esposa o número de convidados e à hora aprazada tudo estava cuidadosamente preparado para a recepção.

*

Quando o General completou 63 anos, o secretário da guerra dirigiu-lhe o seguinte elogio: «A minha longa experiência ensinou-me a classificar os homens públicos em duas categorias: à primeira, pertencem os que procuram servir nos postos; à segunda, os que procuram servir-se dos postos. O General Marshall está à frente do primeiro grupo. É dos homens mais desinteressados que tenho conhecido».

*

Marshall tratava sempre com consideração todos os seus companheiros, indiferente às patentes que tivessem. Quando chegava às linhas da frente, depois de uma visita de inspecção às tropas, chamava muitas vezes ao telefone inúmeras esposas dos militares para lhes dar notícias dos seus maridos.

Muitas vezes levava no seu avião soldados em gozo de licença. Claro que, com estas qualidades era estimadíssimo.

*

Um dos seus problemas mais graves, foi o de manter relações com a Rússia. Nunca lhe faltou coragem e quando Molotov, hoje caído em desgraça, discutiu,

em 1942, a abertura da segunda frente, Marshall fez ver ao Ministro russo a impossibilidade de tentar a invasão nesse momento, por falta de navios suficientes. Lembrou-lhe quanto estava custando à América, o envio de navios à República Soviética pela rota de Murmansk. E a sua opinião venceu.

*

Marshall detesta a publicidade. Um repórter seguiu-o seis meses na China e quando pensou arrancar-lhe uma entrevista, que seria sensacional, o General apenas lhe disse: «A situação é séria e crítica».

*

Marshall furta-se a todos os contactos com a Imprensa. Diz amiúde: «A ausência total da publicidade não me trará nenhum prejuízo».

A História há-de consagrá-lo mais pelos seus actos que pelas suas palavras.

Harry Truman, ainda em vida do Presidente Roosevelt, declarou mais de uma vez, que considerou o General Marshall como «o maior dos americanos vivos». E Winston Churchill, não obstante a resistência de Marshall ao plano do estadista britânico que defendia a invasão da Europa pelos Balcans, chamou-lhe «o verdadeiro organizador da vitória».

Maurice Chevalier Este cançonetista malicioso que dominou Paris e que, com a simpatia da Mistinguette, criou canções cujo espírito não tem rival em todo o Mundo, conserva ainda, aos setenta anos, um *charme* que se pode classificar de notável. E ainda no internacional Entrudo dos Estoris, Chevalier foi uma figura de destaque que

todos desejavam ansiosamente ver e aplaudir. E, se é certo que há muitos anos o êxito o persegue, também é certo que a idade o não assusta. Os milhões continuam a encher-lhe a bolsa. Numa das suas pitorescas apreciações diz que «as mulheres são como os seguros de vida. Quanto mais velhos somos, mais caras nos saem».

Vê-se, pois, que neste capítulo, Chevalier não alimenta ilusões. A respeito de uma vedeta italiana, célebre pelas suas saliências plásticas, o criador da *Valentine*, gracejou: O verdadeiro tipo do *gentleman* é aquele que se refere a Gina Lolobrígida sem fazer gestos ilucidativos ...

*

A última vez que Chevalier trabalhou em Lisboa, houve um grande desarranjo na luz eléctrica e o São Luís esteve às escuras por largo tempo.

O cançonetista que não se atrapalha fàcilmente, esteve entretendo o público e, na escuridão, cantou alguns dos seus números. Claro que o público aplaudiu-o com entusiasmo, embora sem poder ver os gestos e as expressões que dão às suas cançonetas maliciosas um sabor especial.

Mais tarde, Chevalier, sorrindo, comentava:

— Tenho cantado à luz de velas, de candeeiros de acetileno e de petróleo, a lâmpadas eléctricas de todas as potências, mas às escuras foi a primeira vez ...

*

Este rapazinho que nasceu há setenta anos num bairro populoso de Paris — Menilmontant — começou a sua vida por ser aprendiz de gravador, mas breve foi despedido da oficina, verificada a sua pouca aplicação ao emprego.

Pretendeu dedicar-se ao circo. Em um dos ensaios partiu uma perna. Desistiu. Pensou então em ser cantor. Mas, percebendo que não tinha voz, tornou a desistir.

*

A sua vocação, porém, não o largava. E começou a fazer cançonetas em que a voz do cantor não era precisa.

Nos seus primeiros contactos com o público, usava umas calças bastante largas, estilo *clown* e pintava o nariz de vermelho.

Um dia, Polairé, conhecida como a mulher mais feia de Paris, disse-lhe:

— Tu não és desengraçado, Maurício. Para que te fazes tão feio para entrares em cena?

— É que se eu não aparecer com o nariz besuntado, ninguém se ri com o que eu digo.

— Enganas-te. Se vestires um *smoking*, por exemplo, ainda agradas mais.

Chevalier afirma que este conselho foi o melhor que recebeu em toda a sua vida. O *smoking* nunca mais o largou.

*

Não pensem que o apreciado cançonetista que tem tirado da vida os prazeres que ela nos pode dar, tenha sido devoto de *Baco*, apesar dos muitos banquetes para que foi disputado.

Ele, mostrando o seu horror pela embriaguez, declara que em toda a sua vida só seis vezes abusou do álcool. É na verdade um autêntico *record*.

*

Uma noite entrou no seu camarim um dos admiradores que mais o procuravam e, ou por lisonja, ignorância ou analfabetismo, participou a Chevalier que o seu nome figurava em letras colossais, feito com lâmpadas, na Torre Eiffel.

O cançonetista achou estranho e pensou que seria uma surpresa da empresa que o tinha contratado, fa-

zendo uma colossal publicidade do artista que nessa ocasião deslumbrava Paris.

Na noite seguinte, antes de entrar para o teatro, já a capital da França mergulhava na escuridão e Chevalier olhou para a torre onde na verdade, uma formidável correnteza de lâmpadas formavam um nome. Apenas em vez de se ler Chevalier, lia-se *Citroën*...

Era um reclame a uma conhecida marca de automóveis.

*

Para terminar, dois judiciosos conceitos do *ás* da cançoneta francesa :

«Quando um actor olha para a fotografia de um antigo passaporte e depois, em frente de um espelho e tem certa dificuldade em reconhecer que é o mesmo, deve, de *motu próprio*, deixar de fazer papéis principais. Há qualquer coisa de dramático num artista que não sabe envelhecer. Canto agora uma nova canção intitulada :

Je suis heureux de ne plus être jeune. (Sou feliz de já não ser novo).

Apesar de eu não acreditar em palavras vãs, porque ninguém é feliz por já não ser novo, canto sempre esta moderna canção com o meu eterno bom humor e o meu melhor sorriso».

*

Falando do sexo frágil, diz-nos nas suas memórias :

— «Olhar para uma linda rapariga ou ir atrás dela são coisas completamente diferentes. Desde que um homem não esteja morto ou paralítico, deve olhar sempre para as mulheres bonitas. Daí, até andar quilómetros atrás da primeira mulher formosa que nos apareça no caminho, vai uma distância enorme».

Assim sentencia Chevalier e com razão. Muito havia a dizer deste privilegiado da sorte de quem Mistinguette

disse, ferindo um pouco a sua vaidade, que o seu melhor desejo seria ter o seu nome na esquina de uma rua de Paris.

É possível que o futuro lhe faça a vontade.

Mazantini Não só os sábios e literatos alcançaram celebridade. Este célebre espanhol, filho de um oficial do Exército emigrado depois da revolução de 1848, deixou nome na história do seu país e até em Portugal, que várias vezes isitou.

Numa das últimas ocasiões que esteve entre nós, foi recebido no Paço Real, onde apareceu com a comenda da Conceição, com que fôra agraciado pelo rei D. Carlos. Ao palácio fôra oferecer o estoque com que na Guatemala matara o seu último touro. Uma dedicatória a outro, sob a lâmina de Toledo, marcava a simpatia que o popular «diestro» dedicava ao monarca português.

*

Mazantini teve uma vida acidentada. Aos 21 anos, era chefe da estação ferroviária de Cáceres. Foi nesta altura que se convenceu de que em Espanha só duas profissões poderiam dar dinheiro a ganhar. Cantor ou toureiro. E como não tinha voz, Mazantini escolheu a aparatosa arte de Montes, em que a morte anda sempre rondando o profissional. Breve alcançou a fama. As suas magistrais estocadas deram-lhe uma reputação universal. Quando em 1882, embarcou de Lisboa para Montevideu, ia ganhar cem duros por corrida. Quando de lá voltou, já cobrava 500 duros, isto é, cinco vezes mais.

*

A primeira vez que toureou em Portugal foi em 1855, na extinta Praça do Campo de Santana, numa corrida de beneficência patrocinada pela Duquesa de

Palmela e pela rainha D. Maria Pia. Exagerado como todos os espanhóis, Mazantini que nessa tarde apreciara o bom sol lusitano, disse aos íntimos:

— O lindo sol de Portugal é que eu nunca tourearia, porque era colhido com certeza.

*

Nesse tempo nos principais restaurantes, os porteiros não deixavam entrar quem não fosse de gravata. O toureiro não usava. Mazantini uma tarde dispunha-se a entrar num restaurante para os lad s da Trindade onde lhe foi proibida a entrada, pela falta daquele adorno masculino. O toureiro sorriu e regressou ao hotel onde colocou um *plastron* carregado de pérolas e brilhantes, tornando assim vestido ao restaurante. Desta vez, Mazantini pôde entrar, com um rasgado cumprimento do porteiro ...

Mazantini tinha uma paixão pela esposa, que vivia em susto permanente devido à arriscada profissão do marido. E dizia-lhe: «Quando cortares a colecta, farei com ela uma pulseira que usarei como símbolo da minha ventura».

Mas a crueldade do destino quis que o famoso «diestro», ao regressar da Guatemala, tivesse a dolorosa notícia do falecimento da esposa. Mazantini cortou a «colecta» e com ela fez a pulseira que a mulher lhe pedira, colocando-a no seu pulso gelado. Toda a Espanha lamentou a dor do seu querido toureiro, que possuia a comenda de mérito militar por serviços prestados aos soldados feridos por ocasião de um atentado ao rei Afonso XIII e também a ordem de Isabel a Católica.

*

Um dia perguntaram-lhe que impressão lhe causava uma colhida. Ele explicou:

— No momento, nenhuma. Não há tempo para pensar nisso. As dores vêm todas depois. O pau de uma

rês, corta como uma navalha de barba. Mazantini tinha dez cicatrizes, provenientes de outras tantas colhidas.

Uma delas, que poderia ser grave, deu-se em Sevilha, quando um espectador «espirituoso» dirigia da barreira chufas ao «diestro». Este irritou-se e olhou para o gracioso. Entretanto, o touro perfurava o ventre do toureiro. Foi essa uma das colhidas mais perigosas.

*

Mazantini, já fora da sua movimentada profissão, propôs-se a deputado pelo círculo da Andaluzia onde era idolatrado. E assim terminou a sua gloriosa carreira, em que durante um quarto de século, lidou 3.500 touros.

*

Para terminar, um episódio bastante curioso da sua vida. Um dia foi desafiado para um duelo. Mazantini, pouco habituado a estas aventuras, não descançou enquanto não chegou à fala com o antagonista e disse-lhe serenamente:

— Este duelo não lhe convém, de maneira nenhuma ...

— Perdão, o senhor ofendeu-me.

— Concordo, mas suponha que, por uma fatalidade, eu o mato ...

O outro reflectiu, mas não chegou a responder, porque o toureiro, fluente, nem lhe deu tempo para tal, continuando:

— Já vê. Logo as más línguas diriam que fora uma grande estocada de Mazantini. Era deprimente para si.

— Isso nunca sucederia!

— Talvez, mas suponhamos que acontecia o contrário. Suponhamos que era o senhor que me matava a mim ...

— Nem outra coisa o senhor merecia pela sua impertinência!

— Repare que isso também não lhe convinha. Toda a gente havia de comentar que o grande Mazantini tinha sido colhido mortalmente ...

Mistinguett Mistinguett, que encheu a Cidade Luz com o seu casticismo parisiense, o seu *charme*, a beleza das suas pernas famosas, seguras em milhões, não podia ser apontada como paradigna de modéstia. No auge da sua carreira, inquieta e fulgurante, declarou, ousadamente, a um jornalista:

— Tenho a impressão de que os anos me consumirão e não chegarei a ver uma artista que me substitua!

A verdade, contudo, é que Mistinguett tinha razão: Ainda hoje, já desaparecida a gloriosa vedeta, Paris ainda procura aquela que não tornou a encontrar.

*

Jeanne Bourgeois, que assim se chamava a capitosa estrela de mil revistas espumantes e frívolas, explicava amiude, a razão do novo nome artístico. No tempo em que estudava violino, na Ópera — dizia ela — viajava todos os dias, no comboio que a levava a Paris. Usava então, vestidos exóticos e chapéus de abas caidas, como as raparigas inglesas. Um seu amigo, homem de teatro, passou a chamar-lhe *miss Helyette*. E, num dia de inspiração, lembrando-se de uma ária muito em voga, *Finguette*, ele explicou à futura cançonetista:

— Se um dia chegares a representar em público, dada a tua silhueta inglesa, deverás anteceder de *miss*. Talvez *miss Finguett*, ou melhor, *Mistinguett*.

Assim foi lançado o nome mágico, que, durante anos, inebriou a França e o Mundo.

*

Um pormenor curioso: nos seus tempos áureos, Mistinguett, gastava três pares de meias por dia. O seu prestígio era enorme. Conta-se que, uma tarde, chegou ela a um Banco, depois de já ter fechado. O porteiro impediu-lhe a passagem, dizendo:

— O Banco fecha às quatro horas!

— Queira anunciar *mademoiselle* Mistinguett!

E logo o porteiro curvando-se, reverente:

— Desculpe-me! Perdoe-me por não a ter reconhecido!... Queira ter a bondade de entrar!

A artista tinha ali, o seu crédito, considerável soma de dólares e francos belgas. O empregado perguntou-lhe se desejaria converter tudo em moeda francesa. A estrela protestou:

— De forma alguma! Eu conservo em dólares tudo quanto ganho em dólares, em francos belgas tudo quanto ganho em francos belgas e em flores, tudo quanto ganho em francos!...

*

A sua popularidade foi inultrapassável em todos os continentes. Na América do Norte, onde foi recebida como uma rainha, puseram, misteriosamente à sua disposição, um magnífico *Rolls-Royce* — e ela soube quem era o seu possuidor.

No ano seguinte, em Deauville, um milionário americano cumprimentava-a, respeitosamente, sempre que a via. Percebeu, depois, que era o dono do *Rolls-Royce*, o qual nunca lhe aparecera na América, temendo que ela visse no seu gesto, uma segunda intenção. Puro cavalheirismo de um americano, rendido aos encantos e ao esplendor da famosa artista.

*

Mistinguett não apreciava o teatro declamado. E explicava:

— Quando aparece um cenário e vejo os móveis muito arrumados e as personagens muito tristes, apetece-me chorar. O teatro declamado é fúnebre. O público pode admirar muito as grandes trágicas, mas não as estima como nos estima a nós. Tem-lhes respeito, mas não lhes tem amor! A actriz que lembra ao espectador os seus desgostos de família, a mulher rabugenta, a sogra terrível, os filhos chorões não lhe é simpática!...

*

Mistinguett morreu tranquilamente, dobrado já o cabo dos oitenta anos. Até ao último momento, foi inteligente e espirituosa.

Maurice Chevalier, outro grande da canção francesa, foi um dos seus apaixonados. Numa saborosa entrevista, o repórter, com a curiosidade própria da profissão, perguntou à estrela o que pensava do célebre criador da *Valentine*.

Ela respondeu sem grandes hesitações:

— Há muito que não lhe falo, embora ele me telefone muitas vezes. É um rapaz gentil, mas pretencioso, com duas grandes ambições: entrar para a Academia Francesa (dizem que já chegou a informar-se do preço de um uniforme de académico) e conseguir da Perfeitura de Paris que o seu nome seja dado a uma rua. Mas é bom rapaz!

Assim falou Mistinguett de Chevalier, que ainda hoje, no último quartel da vida, ganha alegremente os seus milhões.

Óscar Wilde Este escritor, que ficou célebre na literatura inglesa, era uma pessoa estranha que deu brado em Londres. Filho de uma poetisa e de um médico, pode gabar-se de ter sido aos 30 anos, o árbitro das elegâncias mundanas da sua terra. As senhoras mais distintas consultavam o escritor a respeito dos seus vestidos e das suas jóias.

A sua petulância deixou fama. Certa dama da aristocracia britânica que audaciosamente roubava quinze anos à idade, ouviu um dia este cruel comentário do irreverente ironista:

— Pela aparência que tem, e pela idade que diz ter, a senhora podia ser mãe de si mesma!

*

A sua peça, *Leque de Lady Windermere*, alcançou um êxito enorme. Na noite da estreia, Wilde, com a sua habitual indiferença, fumava tranquilamente o seu cigarro, manifestando pouco interesse pelo que se passava em cena. Mas no final do acto, os aplausos não paravam. Foram buscar o autor para aparecer no palco. Muito contrariado, ao receber a consagração da sua obra, declarou ao público que o ovacionava:

— Não é talvez muito correcto fumar diante de vós, mas não é também muito correcto perturbarem-me quando eu fumo ...

*

Aos 26 anos, este fleugmático inglês, alto, loiro, de olhos azuis, percorreu a América do Norte, onde efectuou perto de duzentas conferências, todas coroadas do maior êxito. A sua elegância não ficou atrás da sua eloquência; e uma tarde, deu-lhe a estravagância para exibir um fato de *pobre*, feito em um dos alfaiates mais caros, que mandou romper a um mendigo, a quem pagou para ficar com a propriedade necessária!

*

Uma das suas muitas ironias:

«Dizem que nos outros planetas, a vida não é possível. E neste em que vivemos, é?».

Outra do mesmo estilo e com a mesma marca:

«As mulheres levam quarenta anos a chegar aos trinta».

*

Este cultivador do paradoxo, que percorria as ruas de Londres com um girassol na mão, sentenciava:

«A sociedade, como nós a constituimos, jamais terá um lugar para mim ou alguma coisa a oferecer. Mas a Natureza com a sua doce chuva caindo indiferentemente sobre a cabeça dos justos e dos injustos, terá cavernas nas rochas para me resguardar e vales tranquilos onde poderei chorar em paz.

Ela fará as noites estreladas para que eu possa caminhar sem tropeços e enviará a brisa sobre as minhas pègadas a fim de que não me procurem pelo rastro».

Só um artista de fina sensibilidade podia ter escrito estas palavras. Foram escritas no cárcere onde esteve preso, envolvido num escândalo que impressionou a Inglaterra.

*

Perguntaram-lhe um dia quais eram, em sua opinião, as pessoas com qualidades para serem devidamente apreciadas. Respondeu:

— Só há duas categorias de pessoas interessantes: as que o não são absolutamente nada e as que o são muitíssimo.

*

O grande esteta inglês foi, na literatura, o maior responsável pelo incremento do paradoxo. Maurois disse

com espírito que os ingleses, depois de Óscar Wilde, acharam o segrêdo de fazer do paradoxo um lugar comum.

*

Wilde, que apenas viveu 44 anos, soube morrer com a elegância que sempre teve. Em Paris, já no seu leito da morte, tendo a seu lado o amigo Robert Ross, companheiro dedicado, pediu uma taça de champanhe e, ao ser-lhe servida, procurou saboreá-la o melhor que pôde, dizendo dolorosamente:

— Sinto que estou morrendo além das minhas posses ...

E assim voou para a Eternidade, a alma de Óscar Fingall Wills Wilde, que em 1856 nascera em Dublin, e cuja existência não chegou a meio século.

Pasteur

O imortal Pasteur, vencendo perconceitos e bacilos, modificou o curso da medicina. A secção de hoje também é mais de episódios que de anedotas. Pasteur vivia apenas para o seu laboratório. O ano de 1822 ficará célebre, por ter nascido um pequenino Luís que havia mais tarde de ser o orgulho da França.

De proveniência humilde — seu pai era curtidor de peles e seu avô, servo de uma casa abastada da província — nada indicava nos primeiros vinte anos da sua vida o que ele mais tarde viria a ser.

Era símples, um jovem trabalhader que, estudando Química, não conseguiu mais que um vago «suficiente» em um colégio de Besançon ...

*

Já a caminho da celebridade, Pasteur começou a ser massacrado com perguntas de cultos e incultos. E a um interpelante que teimava em saber como seria possível

reconhecer num campo as ervas daninhas e as inofensivas, o sábio respondeu:

— Para distinguir as ervas daninhas das outras, basta muito simplesmente arrancar todas. As que tornarem a nascer, são as daninhas.

Não sabemos se o curioso se deu por satisfeito ...

*

Pasteur não morreu novo. Viveu 73 anos. Já perto do fim da vida, a vista começava a atraiçoá-lo, e ele contava, sorridente, certo episódio que lhe acontecera numa aldeia francesa. Aliás, parece ter sucedido um caso idêntico a Ibsen, o grande escritor nórdico.

Ao atravessar uma povoação desconhecida, quis saber o nome da terra, mas a tabuleta indicativa estava a uma altura onde não chegavam os seus olhos. E a um aldeão que passava, perguntou:

— Ó homenzinho, o que é que diz aquela tabuleta?

E o homenzinho desculpou-se tristemente:

— Ó meu caro senhor, eu *também* não sei ler ...

*

Depois das suas experiências vitoriosas, a sua celebridade alastrou pelo Mundo inteiro. Da Rússia vieram a França, atraídos pela fama do sábio, 19 mujiques que tinham sido mordidos por um cão hodrófobo. Figuras estranhas, a única palavra que sabiam dizer em francês era «Pasteur». A população francesa vibrou de misericórdia pelos infelizes russos.

Pasteur vacinou-os, eles salvaram-se e a sua consagração foi apoteótica.

O czar da Rússia mandou ao sábio a cruz de diamantes de Santa Ana e um valioso donativo para dar início à construção do Instituto com o seu nome.

*

Ao completar 70 anos, a Sorbonne recebeu-o solenemente e a emoção foi enorme, quando a Academia o viu entrar pelo braço do Presidente da República. Em seu nome, foi o filho que leu as lindas palavras que vamos reproduzir e que se podem considerar como uma mensagem dirigida à mocidade:

«Nunca vos deixeis contaminar por um cepticismo estéril, nem desanimar pela tristeza de certas horas sombrias. Procurai viver na paz serena dos laboratórios ou dos livros. Dizei a vós mesmos: Que fiz pela minha instrução? Que tenho feito pelo meu país?

Podia falar assim, o batalhador incansável que lutara com a desconfiança dos médicos, desde o dia em que salvou as vinhas da França, pelo processo que depois se aplicou ao leite e que ainda hoje se conhece pela «pasteurização», até ao seu êxito finalmente incontestável.

*

No túmulo de Pasteur pode ler-se esta inscrição:

«Feliz aquele que leva em si um Deus, um ideal de beleza que lhe sirva de guia. Ideal da ciência, ideal da arte, ideal da Pátria, ideal das virtudes evangélicas. Eis aí as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes acções. Em todas se reflecte, iluminando-as, a luz do Infinito».

Princesa Margarida

Esta encantadora princesa da Inglaterra, cujo *flirt* com o herói Peter Townsend fez gastar toneladas de papel e que, segundo parece, ainda não atingiu o epílogo do romance, é a menina bonita dos Britânicos. Diferente de seu tio que renunciou ao trono para se consorciar com uma divorciada, ela sufocou os

impulsos do seu coração, renunciando ao amor de um divorciado.

Na histórica reunião do Castelo de Balmoral, Margaret Rose anuiu corajosamente aos argumentos de sua irmã. Claro que não lhe faltam admiradores, o que não admira, porque Margarida irradia simpatia.

Na noite de 21 de Agosto de 1930, o povo de Glamis, na Escócia, dançou até alta madrugada, as gaitas de foles vibravam de alegria, porque nascera, após muitas gerações em branco, um descendente real na Escócia. Era a princesa Margarida. A actual soberana da Inglaterra tinha quatro anos. Jorge V ocupava o trono e o príncipe de Galles era o futuro Eduardo VIII. Como se sabe os amores do filho mais velho de Jorge V com a americana Simpson, modificaram a natural linha reinante. A ladina Margarida nunca pensara ver a irmã coroada rainha de Inglaterra.

*

Sempre irrequieta, conta-se que aos quatros anos, assistindo a um almoço em que o ar solene e protocolar dos convidados a aborreciam, meteu se debaixo da mesa e começou a fazer cócegas aos circunstantes. Houve risinhos amarelos e, mais tarde, já com seis anos, nova travessura lhe valeu um castigo. Fecharam a buliçosa criança dentro de um quarto, mas a mãe, indulgente, foi buscá-la, dizendo-lhe :

— A menina não vai continuar de castigo, porque de hoje em diante vai ser muito boazinha, não é verdade ?

Ao que a princesinha respondeu ràpidamente :

— Não vou, não senhora. Hei-de fazer sempre travessuras ...

Confessemos que começou cedo a ter personalidade.

*

Admiradora e amiga do grande cómico Danny Kaye, estava um dia num *garden-party* no palácio real. A compostura era a natural dos Britânicos. Mas, de repente, o rei e a rainha ouviram perto uma barulheira pouco diplomática. No meio de um grupo de convidados que se divertiam ruidosamente, Margaret imitava alegremente o Danny Kaye.

*

Em uma festa elegante efectuada na embaixada americana, diante de 300 convidados, a endiabrada princesa dançou o *can-can* com indumentária própria! Claro que foi um êxito. De outra vez, quando a família real estava nas célebres corridas de cavalos do Ascot, foram-lhe dadas ordens rigorosas para que não saísse do Castelo de Windsor. Simplesmente, Margaret, que tinha então 17 anos, não se conformou e apareceu, perante os monarcas estupefactos, na tribuna real, vestindo um trajo pouco condizente com aquela parada de elegâncias, mas a sua expressão de alegria e felicidade quebrou a possibilidade de qualquer reprimenda.

*

Margarida adora dançar e não hesita em estar até às quatro horas da manhã, bailando num *nigth-club* onde em geral só toma laranjadas. Tem acentuada preferência pelos romances populares e quando não sai do palácio, rodeia-se de pessoas amigas que lhe levam os últimos discos. A simplicidade é um dos seus principais encantos. Ainda no tempo do pai, ao ver as guardas de honra e tantas cerimónias tão tradicionais no seu país, dizia melancòlimante a Jorge VI:

— Que pena não ser possível viajar sem tantas pompas!

*

É madrinha de várias organizações e faz visitas semanais a estabelecimentos hospitalares onde o seu sorriso aparece como uma espécie de bálsamo. Nuns festejos populares realizados em Eastbourne, resolveu fazer um discurso. Fê-lo com tal bom humor que um assistente comentou:

— Dava a impressão que estava a troçar da forma como as pessoas reais inauguram festejos deste género.

Mas ninguém levou a mal e a sua popularidade aumentou. O seu espírito alegre está sempre presente e quando há necessidade, sabe desempenhar qualquer missão com verdadeira diplomacia.

*

Ao completar 25 anos, data em que ficara livre para casar com quem escolhesse, um poderoso grupo obrigou-a a renunciar à sua união com o piloto Townsend. Sua irmã, a rainha Isabel II, seu cunhado, o Duque de Edimburgo, sua tia, irmã de Jorge VI, e o Arcebispo de Cantuária fizeram sentir à graciosa princesa, os seus deveres para com a Nação e a preservação da fé na sua Igreja.

Margaret tinha seis anos quando seu tio renunciou ao trono. Era conveniente a monarquia inglesa refazer-se desse rude golpe.

E Margaret, que só subiria ao trono por morte dos seus sobrinhos Carlos e Ana — condescendeu.

Rainha Vitória

A rainha Vitória de Inglaterra, Imperatriz das Indias, deixou no espírito do povo inglês uma saudade sem limites.

Quando morreu, toda a Grã Bretanha se cobriu de luto. Em Londres, não era possível comprar um metro de fazenda preta. Da Alemanha vieram centenas de peças de crepe e, no imponente funeral, os navios de guerra formavam alas à passagem do iate *Amélia* que transportava o corpo da saudosa rainha.

*

Baixinha e anafada, pouco lhe importava que as suas opiniões não tivessem o acordo dos outros. Achava a música de Wagner completamente incompreensível e quando uma dama da côrte lhe replicou que aquela seria a música do futuro, a rainha terminou a conversa, dizendo:

«O futuro é uma coisa que me aborrece e desejava não ouvir falar mais nesse assunto.

*

De uma pontualidade rigorosamente britânica, a rainha Vitória era pessoa de hábitos burgueses. Às nove e meia da manhã, saía numa pequena carruagem que ela mesmo guiava. E, então, parava à porta de casinhas modestas, inquirindo da saúde dos donos.

Grande era a sua alegria se, no seu caminho, encontrava o clássico tocador de realejo com o tradicional macaquinho. Parava a carruagem, mantendo largo diálogo com o tocador, preocupando-se com a saúde do símio.

Todas estas atitudes a popularizaram.

*

Certa vez, protestou, encolerizada, quando o seu Ministro das Finanças pretendeu aumentar os impostos sobre a cerveja. Como o imposto iria agravar o preço da bebida tão da preferência dos seus súbditos, revoltou-se e o imposto não se consumou.

*

Nada a intimidava, tratando-se de dar largas à sua opinião. Mais de uma vez a viram, num serviço religioso, fazer um sinal com o leque ao sacerdote para o avisar de que o sermão já ía comprido ...

Um embaixador fez, certo dia, um comentário, não desprestigioso, mas pitoresco, aos hábitos da Imperatriz das Indias.

Ao saber do caso, a rainha encolheu os ombros, dizendo:

«Não me interessa. O que realmente me importa, não é o que ele pensa de mim. É o que eu penso dele».

*

Durante o seu longo reinado, a Espanha conheceu três monarcas e a Itália quatro reis. Em 1897, ao celebrar-se o 60.º aniversário da sua subida ao trono, pelas ruas de Londres, desfilaram regimentos escoceses, irlandeses, australianos, canadianos, indianos, etc., numa parada do que representava nesse tempo, o poderio britânico, mais tarde abalado por vários acontecimentos.

Ao começar a guerra dos Boers, que tantos prejuízos deu aos ingleses, a rainha, já octogenária, ía ao embarque dos regimentos, que partiam para a frente da batalha, visitava os feridos nos hospitais e escrevia cartas encorajando soldados e generais.

*

Quando a rainha adoeceu com gravidade, o príncipe de Gales foi chamado com urgência. O irmão do príncipe, o Duque de Connaught, que se encontrava na Alemanha, participou ao Imperador Guilherme II que a rainha estava moribunda. Apesar das frias relações que nesse momento havia entre a Inglaterra e a Ale-

manha, por causa de um telegrama do Kaiser, felicitando o Presidente dos Boers, por ter repelido um ataque inglês, Guilherme II não resistiu à tentação de ir a Londres ver, pela última vez, sua avó.

O Kaiser demorou-se uns dias após o funeral e na Alemanha causou estupefacção o facto do Imperador ter condecorado com a Ordem da Aguia Negra um Marechal inglês, vencedor dos Boers, ele que anteriormente felicitara os Boers pelos seus êxitos militares contra os britânicos.!

*

Ao subir a bordo do seu iate, o rei ao ver a bandeira a meio pau, perguntou ao comandante a razão desse facto:

— A rainha morreu, senhor — respondeu o oficial, estranhando a pergunta.

— Mas o rei vive — replicou Eduardo VII, e mandou içar o pavilhão.

*

Após o desaparecimento de tão estimada soberana, em cujo reinado apareceram pela primeira vez deputados trabalhistas, que ela recebeu carinhosamente no castelo de Windsor, houve um certo sobressalto na vida política da Inglaterra.

Com *sir* William Harcourt, velho estadista britânico, almoçava um dia, um jovem oficial que também se preocupava com o infausto acontecimento. E perguntou ao estadista:

— E agora? O que irá a acontecer?

— Não nos alarmemos. A experiência de uma longa vida, ensina-me que nunca acontece nada ...

O jovem oficial que ouviu esta resposta com um sorriso, era Winston Churchil.

Roosevelt Roosevelt, na intimidade, era uma pessoa simples. O facto de ter nascido filho de pais ricos, em nada influiu para modificar a sua tendência acentuadamente popular.

Ele mesmo dizia: «O homem que não faz senão gabar-se dos seus antepassados confessa pertencer a uma família que vale mais morta do que viva».

O seu espírito liberal manifesta-se amplamente no episódio que vamos contar e que poucos conhecem. Num dos teatros de Nova York representava-se com grande êxito uma fantasia em que aparecia caricaturado o saudoso Presidente por um artista fìsicamente parecido com Roosevelt. Chegado o facto ao seu conhecimento, da Casa Branca foi expedido um cartão, pedindo ao artista que fosse falar com o Chefe do Estado.

Alarme do actor, receoso de qualquer aborrecimento. E na tarde da entrevista, com o melhor dos seus sorrisos, Roosevelt disse ao seu imitador, enfiado:

— Sei que está a fazer a minha caricatura num dos nossos teatros. Segundo informações de um dos meus secretários, sei que o senhor aparece em cena com uns óculos de um tipo que eu nunca usei. Vou oferecer-lhe uns óculos meus para que, assim, a minha caricatura seja ainda mais perfeita.

Este episódio define o homem. A liberdade na América não é uma palavra vã.

*

Aos 26 anos já era um advogado célebre, e em Novembro de 1931, a América, dando-lhe 23 milhões de votos, elegeu-o primeiro cidadão da grande República.

Aos 39 anos, a paralisia ataca-o; mas para aqueles que o acusavam de ser novo de mais e saudável de

menos para suportar as responsabilidades da Presidência, Roosevelt, numa reunião eleitoral, exclamou :

— Aqui está o doente inválido! Já hoje fiz quinze discursos e vou proferir o décimo sexto. Que dizem a isto ?

*

Aos 22 anos, conheceu aquela que havia de ser sua esposa e que tinha então 19 anos. Prima afastada, filha de um irmão do presidente Teodoro Roosevelt, nasceu entre os dois um amor irresistível. A mãe ofereceu-lhe um longo cruzeiro pelas Índias, porque o achava ainda novo para se consorciar. De nada valeu. No regresso, disse-lhe :

— Minha mãe, agora vou casar com Eleanora.

Teodoro Roosevelt assistiu ao casamento e o jovem Franklin, beijando a esposa, disse-lhe sorridente :

— Agora preciso acabar depressa o meu curso. Quem sabe, se ainda hei-de vir a ser presidente, como o teu tio ?

Daí a anos, o Destino confirmou a profecia, dita a brincar naquela tarde de núpcias. E o casal Roosevelt foi um exemplo.

*

A esposa adorava orquídeas e logo Franklin lhe dizia com galanteria :

— És a única mulher que eu conheço capaz de ostentar uma orquídea! Em geral, é a orquídea que ostenta a mulher.

*

Conta-se que o Presidente, amigo de conviver, convidou um dia, amigos, relativamente humildes, para jantarem com ele na Casa Branca. Estes lisongeados pelo convite, mas recoosos de alguma infracção da etiqueta, resolveram imitar Roosevelt em tudo, para evitar qual-

quer *gaffe*. O jantar correu bem até à altura do café. Cheias as chávenas, o Presidente despejou parte do líquido num pires. Estranheza dos convidados, que, apesar disso, o imitaram. Em seguida, Roosevelt misturou no café do pires um pouco de leite e açúcar. Todos fizeram o mesmo. Apenas a decepção veio depois, quando viram o Presidente abaixar-se e pôr o pires no chão, para o gato da casa!

Era assim, simples e despretensioso, esse homem extraordinário que aos 26 anos já era advogado célebre, num país onde tantos advogados procuram a celebridade sem a conseguir.

Santos Dumont

Santos Dumont, foi o brasileiro célebre que com o seu engenho, as suas experiências e a sua ousadia, provou ao Mundo que o homem podia voar.

Há sessenta anos, numa tarde serena de Setembro, Paris teve conhecimento de que um jovem brasileiro, de meios de fortuna, se preparava para voar sobre a cidade. 30 000 dólares custara a singular aeronave ao seu inventor.

Tinha 25 metros de comprimento, estava cheio de hidrogénio e era accionado por um motor a gasolina, de três cavalos!

Os especialistas não encobriam o seu pavor pela façanha do arrojado rapaz. Garantiam o incêndio do hidrogénio e a morte horrorosa do aeronauta. Mas Santos Dumont teimou. E, perante uma multidão enorme que se aglomerava no jardim zoológico da capital da França, o destemido aviador elevara se triunfante nos ares. A multidão aplaudia, emocionada. Nunca se tinha visto um ser humano dirigir-se por si mesmo no ar! Mas poucos minutos durou a acção audaciosa e Santos Dumont salvou-se por milagre.

E dizia, risonho e calmo: «Desta vez, salvei-me. Veremos o que me acontecerá das outras vezes ...».

*

O homem que primeiro voou com um motor a gasolina, era franzino e pesava pouco mais de cinquenta quilos. Muito elegante, verdadeiro *gentleman*. Paris admirava-o

Quando pretendia verificar como suportava grandes altitudes subia o Monte Branco.

Na sua primeira ascensão, levava uma galinha corada, um pouco de *roast-beef*, *champagne*, sorvetes e bolos. Encantava-se, dizendo:

«Não há nada mais agradável que lanchar por cima das nuvens!»

*

Júlio Verne, que ele lera e relera em pequeno, era o seu deslumbramento.

Depois da primeira tentativa a que aludimos, tentou-o um prémio de 25 000 dólares a quem fizesse um voo à volta da Torre Eiffel. A seguir a um pequeno desastre, em que novamente ia perdendo a vida, tornou a elevar-se na conquista do prémio, que conseguiu, distribuindo-o pelos pobres de Paris.

*

Certa vez, convenceu uma rapariga destemida a subir sózinha no seu balão. E industriou-a: «Conduza o balão para o campo onde vai haver uma partida de pólo entre Ingleses e Americanos. Mesmo que perca os sentidos por medo, chegará ao solo, sem risco de vida».

Quando o dirigível se aproximou do campo, todos esperavam Santos Dumont. Calcule-se a estupefacção dos parisienses, quando em vez do corajoso brasileiro, viram uma senhora, de largo chapéu preso a uma *écharpe!*

Desceu, viu o jogo e voltou, descuidadamente, no balão, para Neuilly. Parece ter sido esta senhora —

mademoiselle Acosta — a primeira que andou sózinha num dirigível.

Censuraram Santos Dumont por tê-la exposto, ao que ela ripostou convictamente: «Não há o mais pequeno perigo. Voar é uma coisa tão simples, que qualquer menina da escola pode aprender».

*

Pensava que num futuro mais próximo ou distante, os veículos aéreos serviriam para o transporte rápido de passageiros e correspondência.

Jornais, noticiando os seus desastres, chamavam-lhe irònicamente o «Santos Desmonta»; mas, em 1906, deu ao Mundo, a primeira demonstração pública do voo, num aparelho mais pesado que o ar. Um dos monoplanos que construiu, em bambu e seda, pesava 60 quilos! Baptizou-o com o nome de *Libélula*. Em 1909, bateu um novo *record*, voando oito quilómetros, a uma velocidade de 95 quilómetros à hora ... Vejamos como em meio século, o sonho do bravo pioneiro do Ar se desenvolveu.

*

Ao rebentar a primeira guerra mundial, Santos Dumont sofreu grande golpe. Viu a sua invenção espalhar a morte entre os homens. Na sua casa, próximo de Paris, teve grandes ataques de neurastenia. Veio o armistício, e cada desastre de aviação, fazia-lhe ver que ofertara ao Mundo uma invenção infernal.

A obsessão tornou-se tão alarmante, que, quando se deu o desastre de um dirigível, com elevado número de mortes, tentou suicidar-se.

*

Em 1932, uma revolução sangrenta pôs o seu Brasil a ferro e fogo. Viu passar pelos ares aparelhos usados

em funções de destruição. Como ia longe o dia em que ganhara um avultado prémio, dando a volta à Torre Eiffel!

Até que num dia fatal, o atrós Destino cumpriu-se. Um seu sobrinho, ao entrar no seu quarto, encontrou-o sem vida. Não resistira à desvirtuação do seu sonho pacífico.

Lamentável foi que o pai da Aviação não assistisse à actual navegação aérea, com milhares de passageiros cruzando os céus e unindo o Mundo em poucas horas!

Spaak Este belga corpulento que a N. A. T. O. recentemente elegeu seu secretário-geral, veio provar que as nações, como os homens, não se medem aos palmos.

Político de uma pequena nação da Europa, o seu prestígio nos agrupamentos internacionais tem aumentado sempre. Tem certas semelhanças com Churchill. A mesma fronte vasta e saliente, o mesmo franzir de sobrolhos, o lábio inferior agressivo e até o mesmo jeito de erguer os braços. A sua coragem é proverbial. Falando directamente com Vichinsck, na Assembleia das Nações, disse-lhe enérgicamente:

— A vossa política é uma política de intimidação. O Mundo vive inquieto, porque em cada um dos países aqui representados, a Rússia mantém uma quinta coluna, comparada com a qual a quinta coluna de Hitler era apenas um pelotão de escuteiros!

*

Foster Dulles disse dele: «Spaak conseguiu fazer que nos esquecessemos da sua nacionalidade. Para nós, ele não é belga, mas europeu». Spaak diz dever os seus êxitos á paciência e ao desejo de encontrar um denominador comum. É infinitamente mais importante,

explica ele, acentuar o que os povos tem em comum, do que realçar aquilo em que eles são diferentes.

Seu pai era director da Ópera Real de Bruxelas e sua mãe, filha de um *leader* do partido liberal da Bélgica.

Aos 17 anos alista-se no exército para defender a sua Pátria, assolada pela primeira conflagração mundial. Feito prisioneiro dos alemães, passou dois anos num campo de concentração. Aos 32 anos foi eleito deputado e, de então para cá a sua carreira política foi fulgurante.

*

Numa tarde de Março de 1935, Spaak telefonou á sua progenitora: «Mamã se o seu telefone não funcionar bem, quixe-se a mim, que acabo de ser nomeado Ministro das Comunicações!».

*

Tinha então 37 anos. Daí a cinco anos, já Ministro dos Negócios Estrangeiros, foi procurado numa triste manhã de Maio de 1940 pelo Embaixador da Alemanha que lhe ia anunciar a invasão do seu país. Spaak não deu tempo a que o ministro alemão lesse a declaração de guerra. Interrompeu-o, profetizando a futura derrota do regime de Hitler e as trágicas consequências que daí adviriam.

*

Spaak teve sempre a paixão do ténis, sendo considerado um tenista de categoria. Um dia que o rei da Suécia visitou o seu país, jogou com o monarca uma partida de ténis. Como os repórteres lhe perguntassem quem tinha saído vencedor, Spaak levou os dedos aos lábios e respondeu: «Por favor meus senhores. É segredo diplomático!».

*

As suas maneiras simples e democráticas fazem dele nma figura popular em toda a parte.

Spaak foi para o exílio com outros membros do governo. Os quatro anos que viveu em Londres e as quatro viagens que fez aos Estados Unidos prepararam o estadista para as suas actividades do após-guerra.

Quando o qualificam de insubstituível, protesta veemente: «Homem insubstituível ou infalível é coisa que não existe numa democracia. Tenho cometido vários erros, mas por sorte, sempre que errei, verifiquei que a maioria dos meus concidadãos, cometeu o mesmo erro».

*

Tem pelo seu *chauffeur*, uma ternura familiar. Quando em 1944 regressou à Bélgica, o *chauffeur* manifestou-lhe o seu regozijo, dizendo-lhe: «Até que enfim que voltou. Não foi fácil para mim, sustentar três mulheres».

Espanto de Spaak e explicação do seu motorista: «Sim. A senhora sua mãe, sua esposa e a minha mulher».

Durante os anos da ocupação, era o Bom Alberto, o *chauffeur*, que arranjava provisões para a família dele e do patrão.

Nesta meia dúzia de episódios, fica definido o homem que actualmente tem de agradar a gregos e troianos no espinhoso cargo que presentemente ocupa.

Toscanini

Quando Toscanini completou 80 anos, um jornalista perguntou a seu filho o que é que o grande maestro considerava a sua realização mais importante. Seu filho, Walter, respondeu:

— O mais importante na vida de meu pai é sempre

o que ele está a fazer nesse momento, quer se trate de reger uma orquestra ou de descascar uma laranja.

Aos 80 anos, o mais célebre regente do Mundo, ainda juntava novos direitos à consagração desse glorioso título. A fama de Toscanini estende-se a todo o Mundo. Houve uma sua admiradora que voou 3 200 quilómetros, da Patagónia a Buenos Aires, para o ver dirigir um concerto, durante o qual esteve sempre de pé, pois a lotação esgotara-se ràpidamente.

*

O famoso maestro foi um dos homens que mais dinheiro ganharam em toda a história da execução musical. Por ocasião da reabertura do Scala, de Milão, há dez anos, os bilhetes atingiram o preço fabuloso de 15 000 liras, o que equivale à despesa mensal de uma família da classe média em Itália. Por aqui se calcula o entusiasmo da audição. E Toscanini rejeitou contratos principescos de Hollywood, onde chegaram a oferecer-lhe 250 000 dólares por um só filme, embora tendo regido de graça uma peça de Verdi, num filme de propaganda do governo americano.

*

A publicidade foi-lhe sempre desagradável. O seu maior horror são as chamadas ao palco, quando termina os seus concertos. E, então, pede em voz baixa aos seus músicos que se retirem, de forma que ele não seja forçado a vir agradecer novas chamadas.

*

Numa longínqua noite de 1886, ía representar-se a *Aida*, no Rio de Janeiro. A companhia de ópera italiana não quis ser regida por um maestro brasileiro e o público, ofendido, pateou os maestros italianos que

queriam impôr-lhe. Alguém se lembrou de um jovem violoncelista que durante a viagem ensaiava os cantores. Ao ver subir ao estrado da regência um maestro quase imberbe, o público ficou silencioso. Empunhando a batuta, Toscanini fechou a partitura que tinha na estante e, de cór, regeu primorosamente a difícil obra de Verdi. A plateia delirou.

*

Um dia, um tocador de oboé, num intervalo de um concerto, procurou Toscanini, confessando o seu embaraço porque a tecla do seu mi-bemol não funcionava bem. O maestro sossegou-o: «Não se preocupe. No resto da sua parte, não há mais nenhum mi-bemol». E não havia!

Ainda há poucos anos, ao tentar identificar determinada peça de música de câmara, sentou-se ao piano e tocou de cór todo o segundo movimento. Havia 62 anos que não punha a vista naquela partitura.

*

O ouvido de Toscanini era assombroso. Músicos que trabalharam debaixo da sua direcção desistiram de tentar fazer-lhe passar despercebida qualquer falta. A um deles disse:

— No concerto de quinta-feira passada, o senhor deixou passar em branco uma pausa no quinto compasso. Já no ano passado o senhor cometeu o mesmo erro. Julga que eu não ouvi?

Chega a parecer inacreditável, mas todos os seus biógrafos são unânimes em confirmar o prodígio da sua memória.

*

Num ensaio, uma famosa prima-dona foi repreendida por Toscanini. Respondeu-lhe a vaidosa artista

que ela era a *estrela* da companhia. Retorquiu-lhe o maestro:

— Minha senhora, as *estrelas* estão no céu. Cá na terra só há cantores bons e maus e, com franqueza, a senhora pertence ao número dos maus ...

*

Ao menor deslize da sua orquestra Toscanini ficava como louco, partia a batuta e chegava a atirar furiosamente o relógio ao chão, espatifando-o. Um dia, os seus músicos ofereceram-lhe um relógio ordinário, com a seguinte inscrição: «Para os ensaios». Toscanini achou graça.

*

Entretanto, esse tirano da orquestra era um homem de coração e o seu maior prazer era praticar a caridade. Quando a Itália esteve em guerra, o maestro mandou 30 mil pares de sapatos para os seus compatriotas infelizes. E muito embora, admitindo que nenhum outro regente de orquestra o igualara, era vulgar ouvi-lo dizer:

— Não é verdade que eu seja o melhor regente de orquestra do Mundo. A infelicidade é que eu sou o único bom.

Walt Disney O homem que um simples rato — o *Mickey Mouse* — tornou milionário tem uma carreira alucinante. Quem diria que o rapazinho franzino que aos nove anos vendia jornais para ganhar a vida, havia de se tornar mundialmente célebre, com os seus geniais desenhos animados? Autêntico feiticeiro da arte, o seu poder criador atinge os paroxismos da fantasia. Espanta-se como o cérebro de um homem pode atingir semelhante altitude.

*

Certo dia, um escritor inglês, admirador incondicional de Disney, perguntou-lhe como podia chegar a tais subtilezas. Ele respondeu, com o seu eterno sorriso de bom humor:

— Eu faço os desenhos apenas para me divertir. Depois vêm os professores e explicam o que eles querem dizer, inclusive a mim mesmo ...

*

Aos 15 anos vendia laranjas nos comboios da linha Chicago-Kansas e foi carteiro, mas como a sua aparência de jovem o prejudicava nos empregos, caracterizou-se com rugas e um bigode postiço, ficando assim com o aspecto de um homem idoso! Portanto, já aos 15 anos a sua tendência era para a fantasia. E tentou o teatro, mas a sua imitação de Charlot pouco lhe rendeu. A bengala, o bigodinho e o côco só se celebrizaram no corpo de Charles Chaplin, outro gigante do *écran*.

*

E então, lembrou-se do curso de desenho que tirou na Academia das Belas-Artes de Chicago e empregou-se numa agência de anúncios ilustrados. Desenhou, nessa altura, uma galinha monumental, pondo dezenas de ovos, depois de comerem determinado alimento. Ganhava 50 dólares por mês.

*

A grande guerra de 1914 incendiava a Europa. A América intervém. Aos 16 anos, Walt Disney parte para França como condutor de ambulâncias. E desenha nos veículos figuras tão extravagantes que os sol-

dados franceses riem-se, dizendo: «Estes americanos, não têm o juízo todo!

*

Terminada a guerra, Walt regressou à sua terra e ensaia os primeiros desenhos animados. Cria um escritório de reduzido pessoal: ele, um irmão e uma jovem que escreve à máquina e faz as limpezas da casa. Mas Walt precisa de mais uma empregada. E a jovem fala a uma amiga, dizendo: «Tenho um emprego para ti, mas tu comprometes-te a não seduzires o patrão, porque eu já o namoro». Esta rapariga seria mais tarde Lilian Disney, a mulher do incomparável cineasta.

*

A história do futuro *Rato Mickey* é engraçada. Um ratinho aparecia a brincar no escritório e a comer as migalhas que lhe deitavam. Disney, pacientemente, conseguiu que ele trepasse tranquilamente à sua secretária e a deixar-se fechar numa das suas gavetas. Os primeiros filmes de *Mickey Mouse* apareceram quando ainda não havia cinema sonoro. O filme marcou uma época. Dentro de um ano, o estúdio de Walt Disney tinha doze edifícios.

*

Nenhum homem falou melhor ao coração das crianças do que Disney com as suas historietas fantasistas. Entretanto, com sinceridade ou não, ele diz ignorar a psicologia infantil e acrescenta que faz os seus desenhos para ele próprio se divertir. E explica: «Procuro falar à alma das crianças que desejam pensar que são adultos, e aos adultos que se comprazem em se sentir que são de novo crianças».

*

Disney, que presenteou a infância de todo o Mundo com a sua admirável *Branca de Neve*, construiu uma cidade de sonho, a pequena distância de Hollywood. Gastou 40 000 contos, transformando em realidade a maior ilusão da sua vida.

Ao inaugurar a sua policroma cidade, o criador do *Bambi* convidou seu pai a visitá-la. O distante vendedor de jornais de Chicago é hoje um dos homens mais ricos da América, riqueza feita por mérito próprio. O velho Disney olhou, entre maravilhado e absorto a obra do filho, sem que nada grandemente o impressionasse. E, por fim, considerando aquele magífico conjunto arquitectónico, interrogou:

— Mas ouve lá, Walt, eu não percebo que diabo de utilidade pode ter tudo isto?

A fortuna do criador do *Rato Mickey* avoluma-se. A sua glória já não pode subir mais alto. Em 55 anos da vida e no campo da arte, poucos se poderão orgulhar de atingir semelhante altitude.

ÍNDICE

I PARTE

Personalidades portuguesas:

II PARTE

Personalidades estrangeiras:

Pág.